

The background of the cover features a man from behind, with a large, detailed tattoo of a skull on his back. A woman with long, wavy hair is leaning over him, kissing him on the cheek. The scene is set against a dark, industrial-looking background with some sparks or embers floating around. The overall tone is dark and romantic.

A OBSESSÃO DO Herdeiro

AUSTEN KNIGHT

JESSICA D. SANTOS



A
OBSESSÃO
DO
Herdeiro
A U S T E N K N I G H T

Copyright © 2023 Jessica D. Santos

Capa: @designerttenorio

Revisão: Andrea Moreira

Imagens: AdobeStock

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é **mera coincidência.**

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem a autorização da autora. Ressalva para trechos curtos usados como citações em divulgações e resenhas, com autoria devidamente identificada. **A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/1998 e punido pelo artigo 184 do código penal.**

[Sinopse](#)

[Nota](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

SINOPSE



Austen James Knight, herdeiro da temida máfia inglesa.

Aos vinte e cinco anos, é manipulador, cruel e possessivo, conhecido por sua determinação em conquistar o que deseja, custe o que custar. Seu destino é assumir o legado de seu pai, o poderoso Killz, e fará o que for preciso para garantir o seu reinado sem obstáculos e não vai permitir que nada o impeça de alcançar seu lugar no topo.

No entanto, tudo muda quando o caminho de Austen se cruza com o de Mía Rivera, a filha de seu maior inimigo. Determinado a quebrá-la, ele se vê desafiado por uma jovem corajosa que não teme confrontá-lo, despertando sentimentos de obsessão em seu coração frio e calculista.

Ele jurou subjugar a filha do seu inimigo, mas assim como as regras foram feitas para serem quebradas, as promessas também podem se desfazer.

Aos vinte anos, Mía luta para encontrar seu lugar em um mundo dominado pela ganância e pela crueldade, e ela descobre que nem tudo é o que parece quando se trata de Austen. Em meio a um jogo de poder e sedução, onde cada movimento é estrategicamente calculado, eles se veem envolvidos em uma trama perigosa onde o ódio e o amor se entrelaçam.

Será que o destino selado de Austen como o rei da máfia será alterado pela determinação e força de Mía, a rainha improvável desse perigoso jogo de xadrez?

Em um embate entre paixão e rivalidade, apenas um deles sairá vitorioso, enquanto o coração dita suas próprias regras.

Para todas as leitoras que gostariam de ter um romance com Austen James Knight, mas que na vida real correria dele assim que ouvisse “eu mato qualquer um que me afastar de você”.



Começo esta nota pedindo gentilmente que não a ignore. É fundamental a leitura, sobretudo se você é uma mafiosa Knight e possui experiência no clã.

Ao mergulhar nestas páginas, sugiro que deixe de lado as personalidades dos pais da nova geração. Aqui, há elementos inovadores que podem não lhe agradar de imediato, mas não se trata de comparação com os livros dos pais ou tios de Austen. Nosso protagonista, não tão virtuoso assim, reivindica sua própria narrativa, e garanto a vocês que ele ditou cada palavra destas linhas. Eu não tive controle! Tentei seguir meu caminho, mas Austen ecoava em minha mente: não é assim que eu quero, será do meu jeito. E aconteceu... Rendi-me a ele e a todas as imperfeições.

Este livro me transportou do céu ao inferno. Austen ocupa o topo da lista dos meus maiores desafios já enfrentados na escrita. Eu me debatia entre expressar minhas próprias vontades ou permitir que ele guiasse a narrativa, e ao ceder à direção que ele e Mía escolheram, tudo se encaixou perfeitamente. A história se materializou à sua maneira peculiar, mas no final deu tudo certo.

Portanto, se você é um novo leitor, seja bem-vindo ao universo dos Knight, uma máfia inglesa construída por mim. Para os veteranos, o convite é o mesmo, pois "No sangue da máfia" inaugura uma nova era entre os Knight, surpreendendo a todos.

Obs.: Não leia este livro se não gosta de mocinho possessivo que vai querer fazer você socar a cara dele várias vezes.

Gatilhos: Prática de bondage (o livro não é de BDSM). Sexo explícito. Tentativa de estupro. Violência física e verbal. Tortura detalhada. Manipulação. Abandono materno.

- Se você gostar do livro, não esqueça de deixar a sua avaliação após o final da leitura. É muito importante para que outros leitores possam ver e deixar as deles também. Incentivar é inspirador! Muito obrigada!

Meu e-mail - autorajessicasantos@gmail.com

Instagram (me sigam lá para saber das novidades de primeira mão!):

[@autorajessicasantos](https://www.instagram.com/autorajessicasantos)

LEIA OUVINDO MÚSICAS!

[PLAYLIST DO LIVRO](#)



Há alguns anos

A música “Felices los 4”, do cantor Maluma, ecoa nas dependências do Las Chicas, enquanto as dançarinas deslizam sedutoramente pelo pole dance, vestindo lingerie vermelha com cintas-ligas e saltos altos, recebendo aplausos entusiasmados dos clientes. Atualmente, o Las Chicas é o único estabelecimento de entretenimento permitido pelos Knight. Desconheço os detalhes do acordo firmado entre meu pai e a família governante da Inglaterra, mas o fato é que Damián tem total liberdade de ação. Pelo menos duas vezes por semana, alguns membros da família Knight, Austen e Dylan, fazem questão de frequentar o local para se divertirem ou visitarem o meu

pai. Aqui, os primos já são bem conhecidos e muitas garotas da casa disputam a chance de ir para a cama com eles, pois são inseparáveis até mesmo na hora de se envolverem com alguma mulher.

Dois indivíduos peculiares, que são belos e possuem inúmeras tatuagens espalhadas pelo corpo. Dizem que Dylan é o mais sensato dos dois, talvez por ser o mais velho. Às vezes, quando Austen não vem com Dylan, traz consigo um rottweiler. Seria até hilário se o cão não fosse treinado para obedecer aos seus comandos, atacando e matando quem seu dono quiser. Por sorte, faz meses que ele não traz o cachorro para cá.

Quando o assunto entre eles e Damián é sério, são conduzidos ao escritório e só deixam a sala com malas; certamente é a parte do que eles lucram nos negócios, afinal, todos sabem que os rumores sobre o papai ter de pagar aos Knight são verdadeiros.

— Mía, saia daqui imediatamente! Se o chefe te encontrar no salão, seremos punidas. — A voz de Rosalia, uma das garotas do Las Chicas, me assusta.

Rapidamente me afasto da cortina. Sim, eu estava bisbilhotando o salão, que está cheio de homens de todos os tipos, todos fascinados com a nova apresentação das meninas, que está um verdadeiro espetáculo.

— Você não disse que ele está ocupado com os Knight? Por isso coloquei essa roupa, assim passo despercebida — murmuro, olhando para meu moletom enorme preto com capuz que cobre metade do meu rosto.

— Sabe que este lugar não é para você, garota! — repreende-me a colombiana, massageando as têmporas.

— E é para você? Você acha que merece vender seu corpo para esses homens nojentos, Rosalia? — Avalio seu corpo coberto por um vestido tão curto, que chega a mostrar parte da sua calcinha vermelha, sem contar o decote que mal cobre os seios.

— Quer saber de uma coisa, enfrente a fúria de seu pai sozinha. Não quero estar aqui quando ele te vir! — Ela ignora a minha pergunta, seu rosto ficando vermelho de raiva.

Desde que me mudei para a Inglaterra, aos dez anos de idade, sei que este lugar, onde as garotas dançam e se prostituem, é um território proibido para mim.

Meu pai teme que algum homem poderoso se interesse por mim. Mas quem iria notar uma adolescente sem graça? É uma bobagem do Damián tentar me manter escondida do mundo, achando que assim pode me proteger da maldade humana. No mundo em que vivemos, ninguém está livre de ser alvo da crueldade. É olho por olho, dente por dente.

Talvez seja por isso que meu pai nunca permitiu que o filho e sobrinho de Killz me vissem. Mesmo assim, é ridículo ter que passar a maior parte do meu tempo presa no meu quarto, sem poder fazer nada. Se dependesse de

Damián, eu seria uma daquelas garotas que não sabe nada da vida, que ainda precisa de um adulto para segurar sua mão ao atravessar a rua.

— Você está certa, estou voltando para a minha cela — murmuro, mordendo os lábios ao imaginar como me sentiria péssima se elas fossem punidas por minha atitude de rebeldia.

— É melhor assim. Em breve, os clientes passarão por aqui e levarão as garotas para os quartos — ela diz, aliviada.

— Tudo bem.

— Por favor, vá direto para o seu quarto — pede, tocando meu ombro e olhando em meus olhos.

— Eu vou. — Balanço a cabeça e ela sorri.

— Mais tarde, eu peço a Leah para levar algo para você comer — promete, e se afasta, ultrapassando as cortinas.

O que Damián tanto conversa com Austen e Dylan? Eu pensei que eles tinham vindo se divertir esta noite. Mais cedo, ouvi as meninas comentando que estavam animadas para descobrir quem eles escolheriam, antes de serem levadas por Arturo, o homem de confiança do papai.

Respirando fundo, observo o extenso corredor com uma iluminação avermelhada e ajeito meu cabelo sob o capuz, decidindo seguir na direção oposta ao meu quarto.

Com os batimentos cardíacos acelerados e as mãos suadas tamanho meu nervosismo, eu me aproximo do escritório de Damián. A cada passo que dou, minhas pernas tremem mais, enquanto meu coração parece querer sair pela garganta.

Foi uma péssima ideia ter feito isso, mas não consegui resistir. Mesmo com a porta fechada, consigo ouvir vozes ameaçadoras.

— *Essa porra só funciona por causa do meu pai, Damián! Se você tentar bancar o espertinho, vamos foder o seu rabo e de todos esses idiotas que se dizem leais a você.*

Meus olhos se arregalam de espanto.

— *Se ao menos você me deixasse falar, não estaria tão exaltado, Austen! É por isso que prefiro lidar com o Dylan, ele me ouve* — retruca Damián.

Meu Deus, tenho certeza de que o motivo da discussão é dinheiro.

— *Dane-se a sua preferência! Estávamos esperando cinco malotes neste mês e você me aparece com apenas quatro? Acha que somos como suas putas baratas que aceitam qualquer coisa?*

O filho do chefe da máfia inglesa está descontente, e eu também, odeio quando as meninas são ofendidas.

— *Leve-as e volte daqui a dois dias para buscar a outra* — Damián

pede, aparentemente nervoso.

— *São apenas dois dias, Austen, relaxa.* — O primo parece que tenta acalmá-lo.

— *Se aceitarmos as condições dele, em breve, ele estará no comando de tudo e nós seremos seus subordinados.* — Austen menospreza.

— *Eu sempre cumprio o acordo que tenho com seu pai, nunca deixei de pagar. Não permitirei que você me trate como se eu fosse um de seus soldados* — diz papai, enfaticamente.

— *Trato as pessoas como elas merecem, Damián, e neste momento, você está merecendo que eu descarregue a minha arma na sua boca.*

Suas palavras me fazem tremer, mesmo assim me aproximo e toco a maçaneta.

— *Me mate e vocês nunca mais receberão o restante.*

Não, papai, não piore as coisas.

Fecho meus olhos e franzo os lábios ao ouvir a risada de Austen, uma daquelas que ele dá quando está cercado pelas mulheres daqui.

— *Morto ou vivo, você continuará sendo um inútil, Damián. Tem até amanhã para providenciar o restante do pagamento. Eu sei que o puteiro dá uma grana, velho, sei também que as drogas rendem muito mais. Portanto, assegure-se de ter a quantia amanhã, ou meu pai ficará sabendo que você está descumprindo o combinado ao traficar no nosso território.*

Engulo em seco. Ele não está brincando, sua voz soa gelada e determinada.

— Meu pai certamente vai querer me punir, mas não é nada que um homem como eu, que foi treinado, não possa suportar. Já você, ele vai mandar seus soldados arrancarem a cabeça de um por um neste lugar, e a única pessoa culpada será você.

Encorajada, abro a porta de uma vez, sem pensar nas consequências.

— Quem você pensa que é para ameaçar o meu pai na sua própria casa? — pergunto, de forma intimidante, demonstrando fúria em meus olhos.

Os três homens me encaram em silêncio. Meu pai está pálido, enquanto Dylan, visivelmente surpreso ao lado do primo, que está sentado com a postura de uma pessoa que acha que é o dono do mundo. Noto a arma repousando em sua perna esquerda e os malotes no chão, ao seu lado.

O cretino bonito joga a cabeça para trás e solta uma risada sombria, revelando seus caninos afiados. Até os dentes do idiota são atraentes.

— Mía, saia daqui. Agora — ordena meu pai, furioso.

— Oh, então, Damián... Essa é a sua ratinha, quer dizer, sua filha...

Austen guarda a arma sob sua jaqueta de couro preto e ri baixinho,

tentando ver meu rosto, mas o capuz que cobre parte dele o impede de ver claramente, apenas meu nariz e boca estão visíveis. Eu consigo ver tudo, enquanto eles só vêm uma pequena parte do meu rosto.

— Mía, saia já! — grita Damián, nervoso, ignorando Austen.

— Se ela passar por aquela porta, será atingida por uma bala na nuca.

Congelo imediatamente.

— Austen, não machucamos crianças! — intervém o primo, quando o vê se levantar e caminhar em minha direção.

— Não se intrometa com a minha filha, Knight — diz meu pai, que está prestes a vir até mim, quando Austen o ameaça com o olhar.

— Coloquem a bunda na cadeira e não se intrometam onde não foram chamados. — O desgraçado aponta para meu pai e depois para Dylan, que passa a mão no cabelo e recua.

— Eu nunca tinha visto sua filha, Damián. Pelos boatos que circulavam pelos corredores deste lugar horrível que você chama de negócio, eu a imaginava como uma garotinha.

Meu coração dispara de medo conforme Austen vai se aproximando lentamente. Sua expressão, fria e dura, e seu sorriso largo me fazem lembrar um psicopata pronto para capturar sua presa.

— Mas ela é apenas uma criança — Damián afirma.

— Crianças não se intrometem onde não são chamadas, muito menos frequentam lugares como este. — Dou um passo para trás ao notar seus olhos verdes escurecendo. — O gato comeu sua língua, garota?

Quando me encosto na porta, ele ri baixinho.

— Deixe minha filha ir, Austen. A conversa é entre nós dois. Por favor.

Nunca tinha visto meu pai implorar.

— Assim que a menina entrou na sala e interrompeu a nossa reunião, se tornou uma testemunha. Eu não quero que ninguém saiba o que foi falado aqui, Damián — Austen diz, enquanto tira as armas do coldre e aponta para a minha cabeça e meu peito. — Tire o capuz, garota, quero ver o seu rosto — ele ordena, como se fosse meu dono.

— Austen... — meu pai tenta intervir, com a voz trêmula.

— T-tudo bem... eu tiro — gaguejo, sentindo meus olhos arderem e minhas mãos tremerem. Lentamente, retiro o capuz e meu cabelo longo cai em minhas costas como uma cascata negra. Quando algumas mechas caem na frente do meu rosto, eu as afasto. Em meio ao silêncio, percebo um pigarreio, mas não me atrevo a descobrir sua origem.

— Quantos anos você tem, garota? — pergunta Austen, mantendo suas armas apontadas para mim enquanto analisa meu rosto.

— Não é da sua conta, idiota — respondo, impaciente com sua ousadia e reunindo coragem não sei de onde.

— Ela é corajosa — diz Dylan, tentando esconder um sorriso.

— Não por muito tempo. Não me faça repetir, rata. — Ele pressiona o cano gelado da arma na minha testa.

— Ela tem dezessete anos! — meu pai intervém, mas o sujeito insiste.

— Quero ouvir dela. — Austen desliza a arma lentamente da minha testa até meus lábios.

— Dezessete — murmuro com raiva, cerrando os punhos.

— Agora estou satisfeito. — Austen pisca para mim de forma repugnante. — Sabe, Mía, seu pai e eu temos um acordo, e seria péssimo se alguém descobrisse. — Agora aponta a arma para a minha orelha, causando um leve desconforto.

— Ai, está machucando — reclamo, mesmo que esteja só incomodando.

— A lealdade é um dos valores mais importantes para a família Knight, mesmo que seu povo não compreenda isso. Para que possa viver mais alguns anos, preciso que mantenha a boca fechada, entendeu? — Ele acaricia a minha orelha com a arma enquanto aproxima a outra do meu olho.

Maldito.

Minha raiva é tão intensa que não deixo o medo me dominar.

— Estamos de acordo, mocinha? — pergunta Austen, num tom baixo e ameaçador.

— Por que diabos eu entregaria meu pai, seu idiota? — Solto as palavras, fazendo-o rir.

— Que atrevida você é, ratinha — constata. Ele estala a língua, fica sério e aproxima o rosto do meu. — É da natureza humana trair, e eu não posso arriscar a minha pele.

Quando seu hálito atinge a minha boca, eu fecho os olhos.

— Você fala por experiência própria, não é mesmo? Quem trai o pai, pode trair qualquer um. — Eu empurro seus ombros e me afasto na primeira oportunidade.

A sala está em silêncio, apenas a respiração pesada de Austen preenche o ambiente.

— Ainda vamos nos encontrar muitas vezes, querida, mas agora tenho mais o que fazer. — Ele olha para o primo que está com os malotes nas mãos. — Vamos embora, Dylan — instrui enquanto guarda as armas.

— Vamos — concorda o primo, impaciente.

— Amanhã a mala, Damián — Austen lembra ao meu pai, e então se volta para mim. — E você, garotinha, me ligue quando fizer dezoito anos,

quero ser o primeiro cliente que você vai ter neste prostíbulo. — Pisca para mim e sai, deixando o primo cuidar do dinheiro sozinho.

Que repugnante. Esse imbecil desrespeitou meu pai e ainda deixou claro suas intenções indecentes. Jamais permitirei que Austen James Knight me transforme em seu brinquedinho.



Meu pai me ensinou que temos que nos sentar à mesa com nossos inimigos para poder mantê-los por perto, e é isso que tenho feito com o Rivera e o seu povo, os malditos mexicanos com quem dividimos o nosso território. Killz e Damián não se denominam inimigos. Meu pai tem muita consideração por esse homem, desconfio que por trás do respeito mútuo existe um segredo.

Não é possível que o perspicaz Killz James Knight deixaria que estranhos se infiltrassem em nosso território e estabelecessem seus negócios bem debaixo do seu nariz e ficasse impune. Na nossa família, nem tudo gira em torno do dinheiro, temos os nossos valores, e a última vez que tentaram tomar nosso território, não sobrou um para contar história.

Se dependesse de mim, já teríamos os expulsado, mas como sempre, a última palavra é do meu pai, uma vez que é o chefe. Agora, ele não permitir que ninguém toque em Damián Rivera ou em sua família...

Killz diz que estamos saindo no lucro com o Rivera, já que ele nos paga uma porcentagem de tudo que recebe.

De tempos em tempos passamos para recolher a nossa parte. Há quase uma década, temos nos dado muito bem com o montante que recebemos deles, o Las Chicas é um puteiro muito lucrativo, todos os dias a casa está lotada de velhos e jovens safados, muitos casados, em busca de putaria.

Muitos frequentam o local em Brentford por ser uma área suburbana, que fica a quase uma hora de Londres. Naquele lugar, podem se divertir o quanto quiserem que nunca serão pegos, é um local bem reservado. O sonho de qualquer homem casado que deseja se aventurar com mulheres e voltar para casa como se nada tivesse acontecido.

— Austen, o Dylan vai buscar o dinheiro no Las Chicas — informa meu pai, apoiando o taco no cotovelo e observando meu primo se posicionar na mesa de sinuca para fazer a sua jogada.

Estamos em casa, há uma hora jogando sinuca. Eu estranhei receber uma ligação do meu pai nos convocando para uma partida, uma vez que nosso dia será corrido com a chegada de novos armamentos e tendo que passar no bordel de Damián para recolher a grana.

Killz nunca dá ponto sem nó, eu o conheço muito bem e sei que ele quer algo, só não estou entendendo o motivo de tanta enrolação, já que é uma pessoa muito direta.

— Existe alguma razão especial para isso? — Ergo a sobrancelha, notando Dylan passar a mão em seu cabelo preto.

— A filha de Damián está voltando para Londres e eu não quero você perto dela, prometi a ele que te manteria longe. — O seu tom sério ao mencionar Mía faz um arrepio percorrer a minha nuca.

— Ainda esse assunto? Já faz três anos! — Fecho a expressão, me recordando do maldito dia em que pensei que o velho ficaria de boca fechada. O medo da sua filha se tornar meu alvo foi maior do que o nosso segredinho.

O mexicano contou ao meu pai que estava traficando, mesmo que no acordo deles estivesse claro que não deveria fazer isso. Por sorte, ou azar, Killz e ele combinaram que esse negócio ficaria apenas nas áreas de Brentford, e que se os traficantes dele viessem para o centro seriam mortos e a paz entre eles estaria terminada.

Os dois ficaram bem, uma semana depois meus informantes me avisaram que a garota havia sido mandada para outro lugar pelo pai. Para onde a levaram foi um lugar bem escondido, fiquei sem notícias dela, até agora.

Já eu, nessa história toda, tive o que mereci. Levei um sermão antes de ser castigado. Para mostrar quem manda, meu pai colocou três soldados dele para me darem uma surra em um dos galpões, fiquei por duas semanas de cama em meu apartamento e quase perdi um dos meus dentes.

Até ficar completamente recuperado, precisei de quase um mês, e como Killz pensa em tudo, me proibiu de pisar em casa para que a minha mãe não me visse, já que iria contra a atitude dele, mesmo sabendo que dentro da máfia existem códigos de conduta e eu quebrei um deles ao tentar ganhar vantagem. Aubrey não o entenderia, afinal, uma mãe sempre vai passar por cima de qualquer regra por causa de um filho.

Não fiquei com raiva do meu pai, pois desde o momento em que decidi agir pelas costas dele, sabia que estava traindo a organização e a família. Damián ter me apunhalado pelas costas só aumentou minha repulsa pelos Rivera, e mesmo agora, três anos depois, continuo carregando esse rancor. Mas isso não me impede de viver enfiado no puteiro dele, me saciando com algumas das suas vadias.

— Eu costumo cumprir com a minha palavra, Austen. O Damián não

quer você perto da filha dele, e me pediu para que você não fosse — fala Killz, decidido.

— O que eu vou fazer com aquela garota? Sequestrar? Só vi a menina uma vez e dei um susto nela, apenas isso. Vocês agem como se eu fosse um psicopata apaixonado. — Aperto os lábios, irritado.

— Nunca se sabe. De você, espero tudo — retruca.

— Ele pode ir comigo, tio, garanto que o Austen não é mais aquele cara inconsequente de vinte e dois anos — se intromete Dylan, ao meu favor.

Claro que não, agora sou pior.

— O Dylan vai cuidar do meu rabo como se eu fosse a porra de um cão na coleira? — Ranjo os dentes, puto com isso.

— No momento, sim — murmura meu pai, se posicionando na mesa de sinuca.

— O senhor não confia em mim? — Jogo o taco na mesa e cruzo os braços, encarando Killz enquanto ele faz a sua melhor jogada.

— Quer mesmo ter essa conversa? — Ele vira o rosto na minha direção, com o semblante duro.

— Até minutos atrás estávamos bem, bastou os Rivera se tornar o assunto que tudo foi para o ralo. — Alterno o olhar entre meu pai e Dylan.

— É só fazer o que estou mandando e continuaremos bem. — Ele coça a barba grisalha.

— Tenho vinte e cinco anos, Killz, sei muito bem o que vai acontecer se não seguir as suas ordens. — Ergo o queixo.

— Então vá com o Dylan, mas se eu souber de algum deslize seu, eu te envio para fora da Inglaterra, sem passagem de volta. — Aponta o taco na minha direção.

— Sim, senhor. — Balanço a cabeça, escondendo o sorriso.

O que poderia acontecer entre mim e a ratinha? Eu a achei muito bonita, mas não atraente o suficiente para que chamasse a minha atenção, e se naquele dia eu disse que queria foder com ela na frente do Damián, foi só para amedrontá-la e mostrar àquele mexicano quem mandava.

— Levem soldados com vocês e deixem o Hades em casa — ordena Killz. — Onde já se viu... aquelas pessoas têm medo até de um cão — resmunga, e eu e Dylan rimos baixinho.

— Não é qualquer cão, pai, o Hades pode fazer uma bagunça com apenas um comando meu — lembro-o, orgulhoso do meu rottweiler.

— Pois é, por isso mesmo. — Se cansa de jogar e coloca o taco na mesa. — Estão liberados. Vão ao Las Chicas e não fiquem para se divertir, temos muito trabalho hoje, e foder uma das garotas de lá não está na lista.

— Pode deixar, chefe — diz Dylan, pegando a jaqueta que estava pendurada na cadeira e vestindo em seguida.

— Depois que deixarem os malotes na empresa para a lavagem, preciso que encontrem Axl no galpão do leste para conferirem as armas que chegarão daqui a algumas horas. — Meu pai olha o seu relógio no pulso e depois para nós dois.

— O.k. — concordo, arrumando as duas armas no coldre, antes de pegar meu capacete e as luvas no canto da sala.

— Vamos? — indaga meu primo, já com o capacete dele nas mãos.

Saímos da sala de lazer da mansão da casa dos meus pais e rumamos até nossas motos. Alguns dos nossos soldados, já de prontidão, seguem nossos passos para fora da propriedade e, em poucos segundos, um carro se coloca à nossa frente e outro atrás, fazendo nossa segurança.

— Cinquenta mil libras para quem chegar primeiro. — Subo a viseira do capacete e sinto o vento frio em meus dedos.

O clima em Londres é geralmente nublado, mas essa manhã vai chover, o céu está muito fechado.

— Não fode, Austen, quase cinquenta minutos de estrada! — grita ele.

— Isso é medo de perder o seu dinheiro ou o quê? — provoco-o, sorrindo.

— Só aceito se aumentar esse valor — desafia, fazendo o motor da sua Street Triple 765 vermelha roncar.

— Cinquenta mil.

Tem muito chão daqui até lá, mas estamos acostumados a tirar racha nessas estradas, seja em nossos carros ou motos.

— Fechado.

Ele é o primeiro a ultrapassar o carro à nossa frente, logo faço mesmo. Dylan e eu seguimos em alta velocidade até a estrada de Brentford, ignorando os soldados que tentam nos alcançar, mas nunca conseguem.



A chuva nos pegou no meio do caminho.

Quase bati contra um caminhão, mas venci o racha e o meu primo me deve uma boa grana.

É, para viver a vida perigosamente tem que ter culhões. Mas quem gosta de ter uma vida pacata? Eu odeio. Meu negócio é a adrenalina correndo nas veias, viver cada dia como se fosse o último.

— Você tem vinte e quatro horas para mandar o dinheiro para a minha conta — aviso ao Dylan, quando estacionamos em uma das vagas do Las Chicas, sob o olhar dos soldados de Damián que estão disfarçados de seguranças na porta.

— Vá se foder, Austen, você roubou e quase perdeu a vida por isso. — Bufa, colocando o capacete debaixo do braço.

— Foda-se, aposta é aposta, eu venci e você perdeu. Aceite — retruco, piscando para ele, que me ignora e passa na frente. — Vocês, fiquem aqui. — Olho para trás e ordeno aos nossos soldados.

— Sim, senhor — fala um deles, e todos entendem o meu recado.

— Ficou bravinho, Dy? Tem que aprender a perder — zombo, alcançando-o na entrada do bordel.

— Fale por si.

— O tio Ezra não está te dando mais dinheiro? Deveria ter me falado, assim eu te emprestaria algumas libras.

— Sabe muito bem que desde os dezoito não recebo nada do meu pai, não tenho mais idade para ser sustentado por ele, Austen. Sou um homem de trinta e um anos. — Assim que entramos no puteiro de Damián, ouvimos uma música alta tocando no lado esquerdo, onde fica o salão com o palco.

— Verdade, às vezes esqueço que você já está na casa dos trinta. — Me coloco ao seu lado.

— Knight. — Uma voz soa atrás de nós.

Nos viramos ao mesmo tempo e damos de cara com um dos soldados de confiança de Damián, o Arturo, ele é mais velho do que nós dois poucos anos.

— Arturo. — Eu o cumprimento com um meneio de cabeça e Dylan faz o mesmo.

— O Damián está esperando o Dylan — murmura, coçando a nuca. Parece que meu pai não avisou a minha vinda.

— Nos leve até Damián, Arturo — pede meu primo, dando passos na direção dele.

— O chefe estava esperando apenas você, Dylan. — O mexicano engole em seco ao me encarar.

— Sou o presente surpresa. Agora, nos leve até o seu patrão. — Abro um sorriso cínico.

— C-certo. Ele está no salão vendo as meninas ensaiarem. — Pigarreia, e sem querer olhar em meus olhos, ele nos dá as costas. — Me sigam — pede.

As risadas das garotas e aplausos vão ficando mais altas à medida que nos aproximamos. Arturo empurra as portas duplas e é o primeiro a entrar no salão, logo Dylan e eu o fazemos também.

— Chefe, os Knight estão aqui — avisa o fiel cão do homem, que me odeia tanto quanto eu a ele.

Poxa, sou tão filho da puta assim para que a minha presença faça todos ficarem em silêncio? Acho que sim, porque as mulheres do palco se calam e a música é desligada no mesmo instante, assim como Damián Rivera, que está sentado a uma mesa com o punho fechado e olhando fixamente em minha direção.

— Sou tão feio assim para ficarem assustadas com a minha presença, garotas? — Sorridente, abro os braços e observo cada uma delas, a maioria agora sorri, menos as duas últimas no lado direito.

Com o cenho franzido, estico o pescoço e analiso uma garota no meio delas. Essa não usa saltos, está com meia de bailarina e um collant preto, diferente das outras, que estão de lingerie.

Será uma novata tímida? Ela é miúda e tem coxas deliciosas de olhar.

— O que faz aqui, Austen? — O tom severo de Damián alcança meus ouvidos.

— O que faço todos os meses? — Desvio a minha atenção da garota desconhecida e examino o rosto furioso do velho. — Não é educado tratar os amigos de uma forma tão rude. — Faço-me de sonso ao ir até ele, sendo seguido pelo meu primo.

— Não somos amigos. — Damián deixa claro, e eu rio baixinho.

— Claro que não somos. — Arrasto uma das cadeiras e me sento, dessa vez dando atenção às meninas no palco e encontrando a novata de costas como se fosse um bicho do mato. — Está prostituindo crianças agora, ou a sua garota esqueceu de crescer, Damián? — provoco-o, mesmo sabendo que ele não faria isso, eu acho.

— Os anos passam e você continua se achando o dono do mundo, não é, Austen Knight? — Quando a voz que não ouvia há muitos anos soa no salão, eu finjo não ter sido pego de surpresa.

Eu esperava tudo, menos me deparar com Mía Rivera em cima de um palco, ainda mais diferente do que vi anos atrás. A filha de Damián se vira e me encara com aqueles olhos escuros.

Essa Mía de agora tem o corpo de uma mulher mais velha, principalmente o rosto, não que tenha mudado tanto, mas agora não se parece mais com uma adolescente, e sim uma gostosa de vinte anos.

— Digo o mesmo da sua altura, não cresceu nadinha. Talvez a língua tenha crescido alguns centímetros, vejo que continua atrevida — devolvo, estudando cada centímetro dela.

Começo por seus pés descalços na maldita meia-calça de bailarina, que agora parece sexy, e vou subindo por suas pernas torneadas. Faço uma trilha pelo collant, e é óbvio que dou uma olhadinha no tecido que marca sua boceta pequena.

Lambendo os lábios, noto que o seu cabelo está mais comprido e brilhoso. Uma delícia. A cadela virou um mulherão, e neste exato momento, está me fuzilando com os olhos como se fossem duas metralhadoras.

— Terminou? — Ela coloca a mão na cintura, completamente ousada e com o nariz empinado.

— As coisas só terminam quando eu quero. — Observo os seus peitos, que também ganharam mais volume, subirem e descerem.

Uh, eu a deixei com a respiração pesada.

— Babaca.

Ouçó-a rosar, enquanto arruma o cabelo nervosamente no coque.

— Daqui estou ouvindo o seu rosnado. Felizmente, não gosto de pinscher, tenho um rottweiler. — Pisco para ela, que me mostra o dedo do meio. Eu gargalho, me deliciando com a nossa troca.

— Parem com essa merda, agora — interfere Damián, batendo na mesa.

Algumas dançarinas ficam cabisbaixas, enquanto outras estão se segurando para não dar risada.

— Ele começou, pai — se defende Mía, batendo os pés como uma

mimada.

— Depois converso com vocês. Vocês dois, no meu escritório. Agora.
— O homem aponta para mim e Dylan.

— Primeiro os mais velhos. — Levanto-me.

— Austen — murmura meu primo.

Eu diria que Dylan é muito passivo, mas ele é filho do tio Ezra, então não tenho tanta certeza, sendo filho de quem é. É um lobo em pele de cordeiro, quem sabe.

— Mía, o ensaio acabou, vá para o seu quarto — ordena Damián, passando por mim.

Espero que ele e Dylan sigam na frente antes de me virar e mandar um beijo no ar para as garotas, que se derretem. Menos Mía, essa revira os olhos, me arrancando a porra de um sorriso.



Nunca estive em meus planos passar anos longe de casa, não que a Inglaterra seja meu lar, porque o meu verdadeiro lar é o meu pai, não importa em que lugar do mundo estejamos. Basta estarmos juntos para saber que estou bem e segura, porque sei que Damián sempre irá me proteger de tudo e todos. E por ser tão protetor, com a ajuda do chefe da máfia inglesa, ele conseguiu que eu fosse aceita em Juilliard, uma escola de música e artes cênicas, em Nova Iorque.

Sempre fui fascinada pela dança, confesso que a maioria das minhas escapadas até o salão do Las Chicas não era para ver as coisas proibidas para uma garota menor de idade, e sim, a dança. O ensaio das garotas, o show, a arte que tinham em dominar seus movimentos com saltos enormes, sempre se saindo tão bem.

Os anos em que estive na Juilliard foram os melhores, consegui realizar uma parte do meu sonho, e agora que estou de volta, anseio mostrar o que aprendi para as meninas, e quem sabe, elas poderão adaptar para as apresentações que fazem. Eu ficaria muito orgulhosa disso.

Não me vejo no palco do Las Chicas, me expondo para o público da casa. Até posso ensaiar com elas, mas jamais farei parte dos shows. Não tenho estômago para encarar tanto assédio, admiro cada uma das dançarinas do Las Chicas por serem tão fortes.

— Mía, não sei se foi uma boa ideia você voltar para casa — diz Damián, analisando meu rosto enquanto o seu demonstra preocupação.

Ele está assim desde ontem, nem mesmo abriu o Las Chicas para que os primos Knight não aparecessem. Eu acho impressionante como um homem tão destemido, se sente oprimido por um desgraçado que tem idade para ser o seu filho. Austen é como um pelo encravado na bunda, incomoda pra caralho.

— Pai, por favor, o senhor vai enlouquecer se ficar pensando só em mim! — Toco a mão dele e encaro seus olhos cheios de lágrimas.

— Você é meu tudo, *hija*, meu mundo.

— E você é o meu, *papá*.

Damián Rivera só demonstra seus sentimentos quando estamos a sós, ele se desarma por inteiro. Ele é o meu melhor amigo, e eu sou a melhor amiga dele.

— Eu pedi tanto ao Killz que o filho dele não viesse para que ele não te visse, mas...

— Pai — respiro fundo —, é impossível que Austen e eu não nos encontremos. Estamos no território dos Knight, essa é a casa deles, não a nossa.

Ele abaixa a cabeça e meneia.

— Sei que sim, mas se aquele garoto tocar em você, sou capaz de matá-lo. — Ergue o rosto e mostra o quanto está determinado.

— *¿Estás loco, papá?* Quer arrumar outro inimigo? Já não basta o...

— Nem termine — me interrompe, doloroso.

— O.k.

Suspiro, olhando ao nosso redor e vendo que não há ninguém no salão, apenas eu e ele, sentados à mesa com uma garrafa de tequila quase pela metade.

— Ontem à noite não dormi, estive pensando em algo e, talvez seja melhor assim. — Pigarreja, colocando a bebida no copo e ingerindo o líquido em um só gole.

— Em quê? — Franzo o cenho.

— Acho melhor você voltar para Nova Iorque, ficar por tempo indeterminado.

Meu corpo treme com a sua proposta.

Não. É claro que não aceito isso.

Os anos que passei em Nova Iorque não foram ruins, fiz amigos, beijei alguns garotos e vivi algumas aventuras, mas meus pensamentos nunca abandonaram Londres. Como eu poderia viver em paz, sabendo que Austen Knight jamais aceitará a aliança dos nossos pais? Aquele herdeiro mimado e arrogante é obcecado pela ideia de nos expulsar do seu território. Ele já tomou isso como uma missão, tenho certeza de que só irá descansar quando obtiver sucesso, e de forma alguma vou deixar a Inglaterra por conta dele novamente.

— Não! Eu não aceito isso, pai. Passei três anos longe por causa

daquele infeliz — digo, raivosa. — Ele sabe que a sua fraqueza sou eu, e usa isso para te atingir! Cadê o Damián Rivera que não deixa se abalar por nada? Você já passou pelo pior e superou. — Meus olhos ardem.

— Mía, você é a coisa mais importante que tenho na vida, não me importo com os negócios, muito menos comigo. Apenas com a sua segurança. E se Austen está disposto a te machucar, sou capaz de mandá-lo para o inferno — murmura.

— *Papá*, acha que eu não sei me defender? Não sou mais uma garotinha de dezessete anos. Vivendo em Nova Iorque, aprendi muitas coisas, amadureci o suficiente, e não será aquele idiota que vai tirar isso de mim. — Toco no braço dele e olho para o seu rosto contorcido. — Não quero que você entre em guerra com a família Knight por minha causa, não quero carregar outro fardo! O senhor acha que eu não me sinto culpada pelo que te aconteceu no passado? — Minha garganta pesa e arde, assim como meus olhos.

— Eu confio em você, *hija*, mas naquele *cabrón*, não. E nunca me diga que é um fardo. Se alguém tem culpa pelo que aconteceu comigo no passado, sou eu mesmo. Você era um bebê inocente e não pediu para vir a esse mundo — me repreende.

— É por se sentir culpado que é capaz de dar até a sua vida por mim? — murmuro, soluçando ao vê-lo vulnerável.

— O que sinto é um amor incondicional por minha filha, Mía. Quando você for mãe, vai entender o que estou falando — retruca, chateado. — A partir do momento em que nos tornamos pais, nossos filhos sempre veem em primeiro lugar. Nós doamos cada segundo por eles e, por te amar, prefiro te ver longe e feliz, do que perto daquele garoto, vivendo um inferno que não é para ser seu.

— E por que não vamos todos embora daqui? O senhor não disse que não se importa com os negócios? Podemos viver em Bogotá, lá você não tem a sua madrinha? — sugiro, esperançosa. — Vamos largar tudo. Deixaremos o território dos Knight para que o Austen finalmente nos deixe em paz. — Sorrio, com as lágrimas deslizando por minhas bochechas.

— Mía, Bogotá é um sonho distante para nós, o Casillas tem pessoas dele por lá. — Comprime os lábios, pensativo.

— Não vejo a hora de receber a notícia da morte daquele verme. Espero que ele pague por tudo que te fez. — Fecho um punho.

— Eu fiz primeiro, *hija*. Eu o traí, mas a única coisa que não me arrependo é ter tido você. — Sorri para mim.

— Mas eu sou uma das razões por sua vida ter mudado. — Sinto o gosto amargo ao me lembrar de tudo que ele me contou.

— Eu engravidei a mulher do meu don, Mía, já sabia das consequências. — Suspira, cabisbaixo.

— Mulher, não. Uma prostituta que nem teve consideração por você e nos abandonou! — corrijo-o, sendo levada para os meus doze anos de idade, quando descobri sobre o passado do meu pai e da minha genitora.

— Filha...

— Não sei como o senhor consegue ser tão passivo — interrompo-o, com raiva.

Meu pai é primo do don Hector Casillas e eu sou fruto de uma traição. Damián era braço direito do Casillas, como um segundo chefe no cartel, porém, se envolveu com a prostituta preferida do chefe. Ele a engravidou e eu nasci escondida, mas a minha “mãe” ficou comigo apenas por alguns dias, porque quando o romance deles foi descoberto e os primos entraram em guerra, a minha genitora conseguiu o perdão do Hector, depois de quase ter sido morta com a surra que levou, entregando o homem que era pai da sua filha.

Como ela pôde trair Damián? Nós três fugiríamos, ficaríamos juntos, mas Diana foi uma safada traidora, acabou entregando meu pai para se salvar.

Poderíamos ser uma família, mas ela optou por continuar vivendo no luxo ao lado de um desgraçado, que estava sempre rodeado de mulheres, que adorava fazê-las de objeto depois de apanharem muito.

A última vez que soube de Diana foi aos meus dezoito anos, meu pai me contou que ela finalmente se tornou a mulher do chefe do cartel. A esposa dele veio a falecer e ela conseguiu o que tanto almejava.

Talvez esse meu pensamento soe cruel, mas ficaria mais satisfeita se a notícia vinda de Damián fosse sobre a morte daquela maldita, que além de ter me abandonado, traiu o homem que ela dizia amar para salvar o próprio rabo. Meu pai só está vivo por ter sido forte quando foi torturado pelos homens do Casillas, que arrancaram seus testículos como castigo por ter comido a vadia favorita do chefe. Segundo me foi dito, Hector deixou que o primo vivesse com a dor de saber que não pode mais produzir, que terá que se contentar em ter apenas uma filha bastarda.

Algumas pessoas, quando são abandonadas por suas mães, estão dispostas a perdoar independentemente de qualquer coisa, mas eu nunca vou dar o meu perdão para a mulher que destruiu nossas vidas.

Hoje, eu e papai poderíamos estar mortos, mas graças a sua força e a alguns homens do Hector que ficaram do nosso lado, nasceu o Las Chicas, um negócio comandado por Damián.

Meu pai não é um santo, mas ele nunca poderá ser igualado ao Casillas, um homem cruel.

— Mía, você nem sempre sabe de tudo. Eu a mantereí afastada desse mundo o máximo que eu conseguir — garante, determinado.

— É impossível, eu nasci de uma prostituta, que hoje é oficialmente a

esposa troféu de um dos narcos mais perigosos do México, e o meu pai é um narcotraficante. Como posso viver uma vida normal? — Encolho os ombros.

— Você sabe muito bem o que estou querendo dizer, não tente bancar a espertinha. — Semicerra os olhos.

— Sim, sim, entendi, mas não é o senhor que sempre me diz que não podemos fugir daquilo que somos? — Ergo a sobrancelha.

— Mía Rivera, não me teste — brinca, e eu gargalho.

— Sim, senhor *papá*! — Sorrio.

— Vá dormir, já são duas da madrugada. — Ele olha para o relógio pendurado na parede ao nosso lado.

— Quer dizer que não vai mais me mandar para longe, né? Por favor, pai, eu sei me cuidar muito bem. Se Austen mexer comigo, posso dar uma surra nele, sou treinada também. — Mordo o lábio e ele estuda minha expressão.

— Vou pensar no assunto — promete.

— Pai, não faz nem uma semana que voltei, estava morrendo de saudade. — Minha voz embarga.

— Eu tenho uma solução para você, mas primeiro vou conversar com Killz. — Pisca para mim.

— O que é? — sondo-o, desconfiada.

— Vou tentar um novo acordo com ele. Ver se consigo um emprego para você nos negócios dele, mas ele vai ter que garantir a sua segurança e manter o filho dele distante — revela, mas isso não me anima muito.

Quem é capaz de manter Austen Knight longe de algo? Aquele homem é implacável, mas não vou dizer isso ao Damián, ele pode mudar de ideia e me mandar partir de Londres sem pensar duas vezes.

— É uma boa ideia. — Sorrio, contendo o nervosismo.

— Cada irmão dele têm um negócio, acho que o cassino pode ser ideal, soube que ele não frequenta tanto.

— Faça como o senhor achar melhor.

— Amanhã ligo para Killz. — Sorri.

— Tudo bem. Pai, posso te fazer uma pergunta? — Encosto-me na cadeira.

— Claro. — Ele balança a cabeça enquanto enche o copo com tequila.

— Eu sei que o senhor já me contou que alguns homens do Hector ficaram do seu lado porque gostavam mais de você como chefe, mas como te seguiram por tantos lugares? Porque sabemos que eles tinham família e as trouxeram, e para se sustentar, precisam de dinheiro... Onde você arrumou tanto dinheiro assim? — pergunto, vendo-o tomar a bebida de uma vez só e

bater o copo na mesa com força.

— Querida, eu tinha muito dinheiro guardado. Por ser braço direito do Casillas, recebia o suficiente para construir um pequeno império — confessa, com a voz suave. — De onde pensou que vinha meu dinheiro? — se ofende.

— Por instante, pensei que além de ter pegado a prostituta do Casillas, você o roubou também. — Meu tom sai baixo e sua risada fria se sobressai.

— Mía, se eu tivesse roubado Hector, ele não teria mandado arrancar meus testículos, teria arrancado minhas mãos e meus olhos, para nunca mais pegar nada dele, muito menos olhar. Entre o dinheiro e as mulheres, Casillas sempre vai querer o que lhe traz mais lucro.

E óbvio que é o dinheiro.

— Verdade. — Engulo em seco. — Me perdoe por ter pensado bobagem.

— Vá dormir — pede, carinhoso.

— Posso te fazer outra pergunta?

— Faça.

— E os Knight? Eu nunca entendi muito bem a razão do Killz ter cedido com facilidade uma parte do território dele para nós, em troca de uma porcentagem do lucro dos negócios.

A minha pergunta parece não ter vindo em uma boa hora, pois papai se fecha como antes.

— Vá para o seu quarto descansar. Amanhã você vai com algumas meninas comprar roupas, preciso que acompanhe para administrar o dinheiro — muda de assunto.

— Eu vou.

Desisto de ter a resposta dele e salto da cadeira, em seguida eu o abraço e recebo um beijo na testa.

— Boa noite, *hija*.

— Boa noite, *papá*.

Afasto-me dele e sigo para as portas duplas do salão, sentindo que meus passos estão sendo observados.

Meu pai não seria capaz de mentir para mim, não é? Não, ele não seria. Somos melhores amigos.

Entro em meu quarto e tranco a porta, me deito na cama tentando não ficar muito pensativa, mas é impossível conter um turbilhão de pensamentos.

O que Damián pode esconder de mim? Será que essa aliança com Killz Knight pode ter algo por trás? Papai me disse que não me conta tudo, então,

possivelmente, há muitas coisas para serem descobertas.

Um mafioso tão astuto como Killz não faria favores para outro, muito menos para o homem que tem um cartel em seu território. E o problema dos Knight não é dinheiro, eles têm mais do que meu pai.

04



AUSTEN

Meu pai e Damián estão trancados no escritório há mais de meia hora, foi o que Aubrey me disse minutos atrás, quando cheguei à procura dele para falar sobre um problema que tivemos com uma das cargas que veio da Itália, a mando do pai da tia Giulia, a esposa do tio Spencer.

O que o Rivera está fazendo na casa dos meus pais? Killz jamais trouxe os negócios para casa, essa é uma regra que minha mãe colocou e o chefe da família acatou. Que porra de nível de amizade esses dois têm? E desde quando são amigos e eu não sei? Estranho, muito estranho.

O nosso lar é sagrado, não são todos que entram aqui, sempre ouvi isso dos meus pais, principalmente na época em que vinha nas férias da universidade com Dylan e eu tentava trazer garotas escondidas para uma festinha particular.

— Você vai fazer um buraco no chão se continuar assim.

Ouçô a voz da minha irmã atrás de mim.

— Você não estava dormindo? — Viro-me para ela e a encontro com uma roupa colada e muito curta. — E que porra de short é esse? — resmungo, notando o seu sorriso.

— Estava, passado. Daqui estou ouvindo a voz do machismo. — Revira os olhos que são como os do nosso pai.

— Machismo uma porra, Kitty! Você vai treinar com um bando de macho no galpão e quer me dizer que estou sendo machista? O que o nosso pai vai dizer sobre isso? — eu a repreendo.

Ela me ignora ao arrumar o top preto que só cobre os peitos, e o short que mal chega no meio das coxas.

— O papai não vai dizer nada. Meu corpo, minhas regras. E em relação aos soldados, todos me respeitam. — Katherine estuda-me com aquela postura autoritária que herdou do nosso pai.

— Claro que te respeitam, você é a filha do chefe — retruco, ouvindo

sua risada em seguida.

— Não apenas por isso, Austen. Se um deles ousar mexer comigo sem meu consentimento, ele sabe que vai receber uma bala no meio da testa. — Faz um gesto de arma com a mão e pisca para mim. — Eu posso parecer delicadinha, mas sou um monstro quando quero. — Sorri de um jeito frio.

— Que medo — brinco, mas no fundo sinto orgulho da minha irmã gêmea.

— É bom que tenha mesmo, irmãozinho. — Ela ri baixinho, passando a mão no rabo de cavalo firme. — E outra, nunca mais fale das minhas roupas, você sabe que a maioria dos homens é safado, é claro que não aguentam ver um rabo de saia, ainda mais sendo gostosa como eu, mas deixe que olhem, o que é bonito deve ser apreciado. — Dá uma voltinha, se exibindo.

— Tenho dó do cara que será o seu marido. — Abro um sorriso e ela também.

— Ele será o mais sortudo desse mundo — garante.

— Azarado — corrijo-a e faço uma careta.

— Você é meu irmão, deve me colocar no pedestal! — reclama, semicerrando os olhos.

— Você não me coloca, vou te colocar? — Arqueio a sobrancelha.

— Sou a sua garotinha, irmã mais nova, normalmente, os mais velhos têm que proteger o mais novo. — Ela faz drama, sentando-se no sofá e cruzando as pernas torneadas de tanto treino.

— Não gosto de seguir regras. — Me acomodo em uma das poltronas e olho na direção do corredor que dá para o escritório do nosso pai.

— Claro que não, é nosso rebelde sem causa — alfineta.

— Kitty, Kitty, não me provoque. Eu sei seus segredinhos, e Killz adoraria saber para sair arrancando algumas cabeças. — Olho para ela, que faz um biquinho ridículo e finge tranquilidade, mas está com o rosto pálido.

— O que você poderia saber de mim tão grave assim? — desafia-me, mesmo com medo da minha revelação.

— Hm, muitas coisas. — Estalo a língua. — Uma delas é que você está saindo com Dean há meses, e os treinos no galpão são apenas uma farsa. Você acha que o nosso pai iria gostar de saber que o pupilo de Alec está se enfiando nas pernas da filha dele? — Faço uma expressão inocente.

Minha irmã fica vermelha, só não sei se é de raiva ou vergonha.

— Austen...

— Sei também que no final dos “treinos”, o Dean e você vão para o apartamento dele e ficam lá por horas e mais horas — eu a interrompo.

— Como sabe disso tudo? — Pigarreia, nervosa.

— Você é a minha irmãzinha, preciso cuidar da sua integridade. — Fixo o olhar em seu rosto e noto que está ainda mais pálida. — Normalmente, as garotas da máfia precisam se casar virgens, não que isso seja uma regra, claro. Só sei que o nosso pai obrigaria o Dean a se casar com você se soubesse desse casinho de vocês.

— Austen, não ouse abrir a sua boca, por favor — implora, como nunca vi antes.

— O meu silêncio em troca de favores. — Comprimo os lábios, e ela assente.

— Tudo o que precisar, mas o papai não pode saber sobre mim e Dean — declara, nervosa.

— Dessa boca linda aqui não sairá nada se fizer o que eu pedir.

— O que precisa?

— Nosso pai acha que você é um anjinho, então, se por acaso ele te flagrar ouvindo atrás da porta não vai fazer nada. Já eu... ele arrancaria o meu couro. — Franzo os lábios.

— Vá direto ao ponto, Austen. — Irrita-se.

— Damián Rivera está aqui, eles estão trancados no escritório. Quero que você escute o que estão falando e depois me conte.

Katherine arregala os olhos com o meu pedido.

— O quê? Nem fodendo. É coisa deles, se o papai quisesse que soubéssemos, teria nos chamado! — A indignação dela me arranca uma risada sincera.

— Katherine Knight, temos um acordo, mantenha a sua palavra. — Levanto-me, e ela também.

— O.k., farei isso. — Suspira.

— Se for pega, não me dedure. Você é ótima em enganar o Killz com esse rostinho de menina inocente. — Pisco para ela, que joga uma almofada em mim.

— Te odeio, Austen.

— Entre na fila, irmãzinha. — Passo por ela e recebo um soco no braço. — Quase quebrou meus ossos — zombo, saindo da sala e ouvindo seu xingamento.

Não foi certo chantagear a minha irmã, mas a única solução para saber o que meu pai e Damián conversam é a Katherine. Killz nunca desconfiará das intenções da Kitty, ela é a princesinha dele, e eu, bem, nem preciso dizer o que represento para ele.

Me aproximo da cozinha e vejo minha mãe conversando com a cozinheira que está na frente da pia, enquanto ela corta algo na ilha.

— Ainda por aqui, filho? — indaga ela, ao sentir a minha presença.

— Sim. Estou esperando meu pai terminar a reunião dele — aviso, cruzando os braços.

— Quer algo para comer? — Olha-me por cima do ombro.

— Não, obrigado.

Sorrindo, me encosto no batente da porta e observo a cena, me lembrando da minha época de criança, quando corria ao encontro dela para me safar dos sermões do meu pai quando Katherine e eu brigávamos. No final, o único culpado era eu, porque Killz sempre ficava do lado da minha gêmea.

— Estou fazendo o seu prato preferido para o jantar — comenta, fazendo-se de despretensiosa.

— Hm, isso é um convite para jantar aqui, senhora Knight? — Vou até ela e dou um beijo em sua bochecha.

— É claro! E nem é um convite, é uma ordem, Austen. — Me cutuca com o cotovelo e eu rio. — Não gosto quando vai para o seu apartamento, basta passar alguns dias lá para ficar magrinho — resmunga, e eu gargalho com seu tom.

— Mãe, não seja exagerada! Olhe para mim. — Afasto-me dela e levanto a minha camisa, mostrando meu abdômen trincado. — Estou até forte demais. — Pisco para ela, que joga um pedaço de legume em mim.

— Menino, se comporte, a Brit está aqui! — repreende-me, logo Britney parece tossir, rindo.

— Pelo amor de Deus! A Brit me conhece desde a época em que eu mijava na cama. — Dou de ombros e as mulheres riem, concordando.

— Pois é — diz Britney, risonha.

— A Britney Spears só me vê como um filho — acrescento, brincalhão, ao me lembrar da vez que a Katherine perguntou se ela era Britney, como a cantora “Britney Spears”.

— Isso mesmo, senhora Aubrey. — O rosto branco da mulher que é mais velha do que a minha mãe fica vermelho.

— Sem essa de senhora, Brit, por favor!

Aubrey odeia ser chamada de senhora pelos nossos funcionários da casa, os únicos que se dirigem a ela como senhora são os soldados.

— Mãe, eu adoraria jantar aqui, mas essa noite não posso. — Suspiro, me encostando na ilha. — Tenho muito trabalho hoje, não sei que horas deixo o galpão. E o Dylan está ajudando tio Ezra no cassino esses dias.

— O Dean não pode ficar no seu lugar? — Ela parece chateada.

— O pupilo do Alec está fora da cidade, e mesmo se não tivesse, não

posso largar minhas obrigações por causa de um jantar, a senhora sabe disso. — Batuco os dedos no mármore. — Vamos deixar para outro dia.

— Certo — anui, desanimada.

— Mas guarde um pouco para mim, assim que eu terminar o serviço, passo aqui para comer.

— Posso levar lá para você — sugere.

Sorrio, negando com um meneio de cabeça.

— Não precisa. — Toco em seu braço e ela se vira para mim. — Depois meu pai se pergunta por que sou assim, tão... cheio de vontades — brinco, e ela sorri amorosa.

— Você é meu filho, Austen. — Ela enxuga a mão no pano e toca o meu rosto. — Nunca vou deixar de te dar carinho, não me importo se já é um homem formado ou a vida que levamos no submundo.

— Se o meu pai ouvir isso, ele ficará puto.

— Mãe é mãe. Não é por ter o sangue da máfia correndo em suas veias que vou agir com frieza. — Olha em meus olhos.

— Hoje você está determinada a tentar amolecer meu coração. — Pigarreio, me afastando dela.

— Uma mãe não precisa disso — retruca.

— Quanta confiança. — Arqueio a sobrancelha.

— Uma mulher deve ser confiante, sempre.

Por que isso me faz lembrar da ratinha? Mía Rivera é uma cadela arrogante. Sei que ela tem medo de mim, mas me enfrenta como ninguém, mesmo sabendo que pode haver consequências.

— Posso saber o que está fazendo meu filho sorrir sozinho? — A voz da minha mãe soa divertida, me puxando dos meus pensamentos.

— Eu estava? — Fecho a expressão, limpando a minha jaqueta que nem está suja.

— Sim. — Gargalha. — É alguma garota secreta? Finalmente vai me dar netos? — Me enche de perguntas.

— Não existe garota, muito menos netos. Ter filhos significa casamento, e eu tenho alergia a essa palavra. — Faço uma careta.

— Aham. O seu tio Spencer também tinha, mas bastou a Giulia aparecer na vida dele para que o maior mulherengo dos Knight se rendesse aos encantos da italiana.

— Mãe, se um dia eu me casar, pode ter certeza de que será contra a minha vontade. E tio Spencer foi muito trouxa em ter aceitado se casar contra a vontade. — Reviro os olhos. — Killz adora um casamento, ainda bem que ele não ativou o modo casamenteiro dele. Se tem alguém que ele

precisa casar antes que dê neto a vocês é a Katherine, ela está...

Minha mãe começa a tossir e ficar vermelha, só entendo a sua reação ao olhar para trás e notar meu pai com a minha irmã.

— Por que a sua irmã precisa se casar, Austen? — pergunta nosso pai, com o semblante fechado.

— Amor, vou fazer um...

— Agora não, Aubrey — Killz a interrompe. Noto que Katherine está pálida, quase tremendo. — Me responda, filho. — Seu tom manso não me engana.

Ele é conhecido como calmo e apreciador da prática da boa vizinhança, mas no fundo somos iguais, autoritários, possessivos e sedentos por violência. Se ele souber que Kitty está transando com um soldado, certamente irá matar Dean com as próprias mãos, e Alec irá perder o pupilo dele.

— Estava falando com a minha mãe que a Kitty vai estar perto dos trinta daqui a alguns anos, então precisa encontrar um marido logo — minto, percebendo a respiração de alívio da minha irmã gêmea.

— Acho que você deveria pensar na possibilidade de se casar também, irmãozinho — revida Katherine, com um sorriso nervoso e disfarçando ao abraçar nosso pai pela cintura.

— Concordo com a sua irmã, Austen, uma hora você precisa sossegar — interfere Killz, avaliando-me por muito tempo.

Nem fodendo, coroa.

— Quem sabe daqui a quinze anos? — respondo.

— O bom do casamento é na juventude, e se torna mais gostoso com o passar dos anos — diz minha mãe.

Meu pai larga Katherine e vai até ela.

— Até a sua mãe está de acordo. — Ele abraça a mulher e beija os lábios dela.

— Puta merda, pai — resmungo ao vê-lo descer a mão na cintura dela e apertar.

— Oh meu Deus, vamos sair daqui, Austen! — Katherine faz um gesto com a mão para mim, e eu entendo que essa é a oportunidade que temos para conversar sem nossos pais por perto.

Saímos da cozinha e minha irmã me segura pelo braço, me puxando para o seu quarto. Entramos e ela tranca a porta, em seguida, passa a mão por seu cabelo enquanto anda de um lado a outro.

— Acho bom você se sentar para ouvir o que tenho para dizer. — Morde os lábios.

— É tão grave assim? — Franzo o cenho, me sentando em sua cama.

— Não tanto quanto seria se o papai descobrisse que Dean e eu estamos saindo. — Engole em seco.

— Katherine, foco. — Bufo, impaciente.

— Me dá um segundo. — Respira fundo e pisca algumas vezes.

— O papai vai casar o Dylan com a Mía, algo assim. — Ela se senta na poltrona cor-de-rosa e joga a cabeça para trás.

A minha primeira reação é gargalhar a ponto de sentir dor na barriga.

— Por isso eu disse “algo assim”, Austen. — Ela me encara.

— Claramente você ouviu errado, nunca que nosso pai casaria um Knight com aquela rata...

— Gostosa, né? — corrige-me, dando um sorrisinho de lado. — O Dylan me contou que ela é linda e te coloca em seu lugar como nenhuma fez antes. — O modo como se orgulha parece até que ela e Mía são melhores amigas, sendo que nunca se viram.

— Bonita ela é, mas gostosa não sei, nunca provei, mas aposto que é frígida. — Me deito na cama dela e descanso os braços debaixo da cabeça ao observar o teto. — Me conte direito o que ouviu, Kitty, essa história de casamento está mal contada, você deve ter interpretado errado.

— Ciúmes, irmãozinho?

— Ah, vá para o caralho, Katherine. Acha mesmo que um casamento entre nosso primo e aquela latina me incomodaria? — Irrito-me com a sua provocação. — Só tenho dó do Dylan, apenas isso.

— Aham, sei. Mas nem precisa ter ciúmes, não é você e o Dy que dividem suas mulheres? Certamente a Mía não seria uma exceção, não é?

Na mesma hora, eu me sento e olho para o seu rosto com a expressão fechada.

— Perdeu o juízo? Quando eu tiver a minha mulher de verdade, não vou dividir com ninguém, muito menos com alguém do nosso sangue, porra. — Trinco o maxilar. — Putas são putas, esposas são esposas. Casamento é sagrado, sabe disso.

— Hm, desde quando você curte monogamia? Lembro muito bem da sua conversa com Dylan, os dois dizendo que iriam se casar com a mesma mulher para treparem com ela juntos. Cheguei até a pensar que vocês dois eram bissexuais e queriam se pegar. — Encolhe os ombros.

— Vou fingir que não ouvi essa merda pelo seu bem.

— Seria muito sexy vocês dois, mas são primos. — Ela faz uma careta.

— Olha, esquece o nosso acordo, não quero saber de nada. Você é maluca! — Pego o seu travesseiro e lanço no rosto dela.

— Você seria o passivo ou ativo?

— Eu gosto de foder bocetas, irmã, e o único cu que como são de mulheres. Homens não faz o meu estilo. — A minha resposta é dura, assim consigo fazê-la se calar. — Se soltar mais uma piadinha idiota, corto a sua garganta e faço parecer que foi um suicídio.

— Céus, que escroto! Você não teria essa coragem.

— Acha mesmo? Quer ouvir qual seria a minha versão para convencer nossos pais de que você se suicidou, mesmo parecendo estar tão feliz? — Dou passos na direção dela, que se encolhe.

— Saia do meu quarto, Austen! — pede, apontando para a porta, mas a ignoro e seguro em seu rosto com força.

— A próxima vez que insinuar envolvimento entre mim e nosso primo, eu te mato. — Aperto o seu queixo entre meus dedos. — Curtimos foder as vadias juntos, mas não um ao outro. — Solto o seu rosto com brusquidão.

— Saia daqui antes que eu chame o papai! — Treme, de olhos arregalados.

— Quer chamar agora? Aproveito e conto a ele que a menininha dele se comporta como uma puta, fodendo com o futuro braço direito dele — ameaço friamente, afastando-me dela e arrumando a minha jaqueta.

Sem ouvir mais a voz de Katherine, deixo o seu quarto.

05

AUSTEN



Há três semanas Katherine não fala direito comigo. Desde aquele episódio na casa dos meus pais ela tem me ignorado, apenas é gentil na frente da nossa família, e quando todos estão longe, nem olha para o meu rosto. Reconheço que errei com ela, se não a tivesse chantageado para ouvir atrás da porta a conversa com Damián, talvez estivéssemos bem. Eu fiz uma merda das grandes com Kitty, mas não quero pedir desculpas, ela também provocou com as insinuações entre mim e Dylan.

Como ela pôde dar a entender que eu tinha algo mais com Dylan? Uma coisa é fodermos a mesma boceta, outra é comer o cu um do outro. Katherine tem sorte por eu não abrir a boca, tenho certeza de que o nosso pai acabaria com o romancezinho dela e Dean, e quem sabe, seria castigada pela primeira vez. Mas não sou esse tipo de irmão, embora muitos esperem sempre o pior de mim. Jamais entregaria Kitty ao Killz, não serei eu a estragar o vínculo que eles têm.

Dizem que os pais sempre têm o filho preferido, mesmo amando todos, e de fato é verdade. Nosso pai é mais apegado a Katherine, e a nossa mãe, a mim.

— Me dê outra cerveja — peço à garçonete, que passa seminua perto da minha mesa, segurando uma bandeja. Ela está me atendendo há três horas, que foi quando cheguei ao bordel.

O show das dançarinas aconteceu há algum tempo, os velhos safados só faltaram inundar o salão com tanta baba escorrendo pelo canto da boca, até parece que nunca viram mulheres nuas. Hoje, não vim comer nenhuma boceta, apenas encher a cara, e agora estou quase bêbado bem no local onde tenho inimigos.

Uma burrice do caralho, Austen Knight.

— Disseram que não é para te dar mais bebidas, senhor Knight. — A morena para de andar e me encara, envergonhada.

Desde quando as garotas do Las Chicas me chamam de senhor?

— Sou cliente como qualquer um nessa espelunca! Quem foi que deu essa ordem de merda a você? — Minha fala embola, mas mantenho a postura séria.

— A Mía — a garçonete entrega.

— Só pode ser uma piada muito sem graça. — Rio baixinho, procurando a filha de Damián no salão, mas não a encontrando.

— Sinto muito, mas ela é filha do chefe, não posso passar por cima da ordem dela — diz a mulher, afastando-se e indo servir a mesa ao lado.

Quem aquela menina pensa que é para me impedir de beber?

Puto, observo com mais atenção os cantos do Las Chicas e noto que há câmeras, bem discretas. Elas são do mesmo modelo dos galpões. São importadas, muito difíceis de serem encontradas, então devo acreditar que o meu pai é tão próximo de Damián a ponto de fornecer as mesmas câmeras que usamos? Será que Katherine ouviu direito e Dylan irá se casar com a latina? Poderia haver a possibilidade do meu primo e Mía serem prometidos desde a chegada dos Rivera na Inglaterra? Faz sentido. Meu pai não é bonzinho assim, ele pediu algo em troca a Damián Rivera.

Recordo-me de Dylan dizer que tio Ezra não o ajuda financeiramente desde os dezoito anos. Seria um plano diabólico para atrair meu primo para um casamento quando as coisas comesçassem a apertar para o lado dele? Não me surpreenderia se a falta de auxílio do Ezra seja uma estratégia para convencer o filho a se casar com a mexicana.

Quando tio Axl se casou com tia Alessa, foi obrigado. E o tio Spencer, quase da mesma maneira, mas com um empurrãozinho do irmão mais velho.

O que meu pai tem contra os homens solteiros dessa família? Deveríamos ter a opção de escolher nossas mulheres... Se bem que a história do Axl e Alessa é contada até hoje. E o Spencer, o mulherengo de todos, se apaixonou pela italiana atrevida que disse que ele seria o marido dele, no final, acabou sendo mesmo.

São acontecimentos como esses que me fazem questionar o que Mía e Dylan teriam em comum para um casamento arranjado. Os homens Knight gostam de adrenalina, provocações, e esses dois nem mesmo combinam. Seria como um casal frígido que fode e goza por sacrifício. Meu primo nunca reparou na filha de Damián, ao menos é o que eu acho.

— Gatinha, me dê mais uma cerveja, a minha terminou — peço para outra garçonete que passa por mim.

— A cerveja que você estava tomando acabou — mente descaradamente ao apontar para as dez garrafas vazias na minha mesa.

— A bebida acabou, a Mía não me deixa ser atendido. Qual a próxima desculpa desse puteiro? — Levanto-me da cadeira chamando a atenção de um grupo de velhos babões que estão cheirando pó nos peitos das prostitutas enquanto elas fingem que estão adorando serem tocadas pelos imundos.

— Com licença, senhor — pede a ruiva de farmácia, abaixando a cabeça.

— Mía Rivera, cadê você, ratinha? — chamo-a tão alto, que a minha voz se sobressai na música e todos param para me observar. — Por acaso estamos brincando de esconde-esconde e eu não sei? — Meu tom continua firme, e os meus passos em direção ao bar também.

Se ela não está no salão, está me vendo pelas câmeras, tenho certeza de que essa minha teoria está certa.

Aproximo-me do balcão onde tem três mulheres servindo alguns clientes e me encosto, olhando para as portas duplas por onde os funcionários passam, e para a cortina vermelha ao lado do bar, que tem uma movimentação estranha.

A rata estaria se escondendo de mim atrás das cortinas?

Em silêncio, sento-me em uma das cadeiras altas e bato com a mão no balcão em pura encenação. Vou ter a minha resposta agora, sei que vou.

— Linda, me veja uma garrafa de Oxford Rye, por favor. — Faço um gesto com a mão para a atendente que vem ao meu encontro com um sorriso sexy.

— Infelizmente, não temos mais esse uísque. — Comprime os lábios.

— Se eu pedir uma boceta para comer, vai estar indisponível também? — Ranjo os dentes, impaciente. — Que porra está acontecendo aqui? — Minha veia pulsa no pescoço e a mulher empalidece.

— Leah, deixe esse senhor comigo, vá atender aos outros. — A voz que tanto queria ouvir surge ao meu lado, nem preciso me virar para saber quem é.

— Ora, ora, Mía Rivera... Essa noite vai ser a minha babá? — desdenho, deslizando os dedos na madeira do balcão.

— Já está na hora de você ir. São quase duas da madrugada, você está aqui fazendo escândalo, manchando a nossa imagem. — Ela se coloca ao meu lado, então a olho por cima do ombro.

—Belo vestido, está parecendo aquelas camponesas, mas em uma versão gostosinha. — Examino o vestido branco de mangas longas com estampas cor-de-rosa, que quase chega aos seus pés.

— Não mude de assunto, Knight.

— Aposto que o seu papai não está, duvido que ele deixaria a princesinha perto de mim. — Viro-me para ela e toco em seu nariz empinado, em seguida aperto de leve.

— Tem razão, ele não está, mas isso não é da sua conta. — Bate em minha mão e afasta o rosto.

— Só saio dessa espelunca quando eu quiser, sou cliente como todos os

outros. — Eu a ignoro.

— Se não sair, vou ser obrigada a chamar os seguranças para te colocarem para fora — ameaça, baixo.

— Jura? — Ergo a sobrancelha, divertido.

— Vou te dar dois minutos para ir embora — adverte, determinada.

— Eu deveria ter medo desse tom e dos seus cães vira-latas? — Gargalho.

—Deveria.

—Não vou embora. — Decido, saltando da cadeira e dando as costas para ela.

— Vai ficar fazendo o quê, já que não vou deixar que te liberem bebidas? — Mía vem atrás de mim.

— A sua inocência me comove, doce Rivera. Já que não vão me liberar a cerveja, vou passar a madrugada fodendo alguma gostosa. — Procuro pelo salão alguma mulher que me agrada, mas todas parecem estar acompanhadas, o bordel está cheio.

— Aqui não permitimos que os clientes durmam com as nossas garotas quando estão bêbados — avisa, surgindo na minha frente a uma velocidade impressionante. — Sugiro que vá embora. — Quando toca em meus braços, eu encaro os seus olhos.

—Não me lembro dessa regra, e olha que sou cliente assíduo. — Comprimo os lábios.

—Você está bêbado, vá para casa — insiste, preocupada demais.

— Desde quando se preocupa comigo? — Encosto meu rosto no seu e olho a sua boca pequena e carnuda. — Não me diga que está com ciúme de mim. Você não pode ter ciúmes do primo do seu futuro marido, ratinha. — Coloco as mãos em seus quadris e deixo escapar uma risada baixa.

— Meu Deus! Você realmente está muito bêbado. — Ela afasta minhas mãos do seu corpo e me segura no braço. — Não sei que merda estou prestes a fazer, mas sei que vou me arrepender... eu poderia até aproveitar que está embriagado e mandar te darem uma surra.

— Você quer ser a minha babá e blá-blá-blá. — Faço-me ainda mais de bêbado para ver até onde ela vai chegar.

— Vem comigo, idiota — resmunga, me puxando novamente para o balcão. — Leah, qualquer problema me chama, tá bom? — A atendente concorda e nos analisa por um tempo, antes de Mía me arrastar para trás da cortina vermelha.

— Está me levando para o seu quarto? — pergunto, ao entrarmos em um corredor que nunca passei durante todos esses anos vindo aqui.

— Cala a boca, *cabrón*. — Ela me xinga na língua dela e eu entendo,

porque estudei algumas coisas básicas anos atrás.

— Isso é um sim?

Mía rola os olhos e solta meu braço.

— Você fica mais insuportável quando está bêbado. Sinceramente, espero que nem lembre de hoje — murmura.

Sorrio, porque não estou tão alcoolizado, tenho plena consciência dos meus atos e dos dela.

No meio do caminho nos deparamos com dois homens de Damián, eles demonstram confusão ao me ver com a filha do chefe. Os dois vêm até nós e deixam suas armas à mostra, como se eu fosse temer isso. Se estão armados, estou muito mais, e basta um movimento para que Mía esteja em meus braços para ser usada como refém. Imagino o quanto Damián ficaria puto com seus funcionários inúteis, ele os mataria sem pensar duas vezes.

Triste fim.

— Senhorita Rivera, o que o Knight está fazendo nessa área restrita? — pergunta o homem que parece ser o mais velho, com um sotaque carregado. — O seu pai vai saber disso. — Ele masca um chiclete de modo irritante e tem um corte de cabelo malfeito.

Será que pega mulher? O cara usa um corte estranho, uma franja e as laterais raspadas. Ele parou nos anos oitenta? E para complementar, as sobrancelhas têm dois traços. Coisa feia do caralho.

— Desconhecido, não, quase da família, franjinha — falo enrolado de propósito e Mía me cutuca com força, me arrancando um gemido.

— Você me chamou do quê, *cabrón*? — O Franjinha se enfurece, sacando a arma e apontando para mim, mas o seu parceiro, que pelo menos não tem o mesmo estilo, o segura.

— Fez em qual salão esse corte? Deveria pedir o seu dinheiro de volta, está horrível — desdenho e o Franjinha fica puto.

— Mantém essa boca fechada, Austen! — reclama Mía, baixinho.

— Senhorita Rivera, não podemos liberar a sua passagem para a casa se estiver acompanhada do Knight, são ordens do patrão — diz o outro funcionário de Damián. Esse é mais calmo e sabe falar inglês melhor.

— Esse homem está bêbado, Javier, não vai fazer nada — responde a garota, me segurando pelo braço.

— Eu estou? — Arqueio a sobrancelha, sorrindo.

— Esse cara não está bêbado, Mía, ele está bem consciente — retruca Javier, analisando-me. — Sei reconhecer um homem alcoolizado. — Ele se aproxima de mim.

— Mas ele...

— Está te enganando, menina. Você acha que conhece o mundo, mas não sabe de nada. Se esse otário estivesse bêbado mesmo, nós saberíamos — intervém o Franjinha.

Me fodi. Meu plano para ser levado ao quarto dela acaba de falhar.

— Austen. — Mía fica de frente para mim e me examina, furiosa.

— Sim, ratinha? — Comprimo os lábios, escondendo o sorriso ao vê-la ficar com o rosto vermelho de raiva.

— Você está fingindo que está bêbado? — indaga, estudando-me.

— Mas quem disse que estou? Você deduziu isso e queria me levar para seu quarto.

Bem cínico, passo a mão em minha jaqueta e arrumo a minha postura.

— Seu filho da...

— Dê o fora daqui, garoto. O patrão não vai gostar de saber que está cercando a filha dele — interrompe Javier, com a expressão fechada.

— Calminha aí, cara. — Levanto os braços. — A Mía não é mais uma adolescente, pode decidir se vai ou não me levar para o quarto dela. — Meu tom sai malicioso.

— Que idiota! — Irada, a garota fecha os punhos e tenta me socar no rosto, mas sou mais rápido e a seguro para não ser atingido. — Javier e Ignacio, coloquem esse desgraçado para fora! — ordena, entre dentes.

— Se me tocarem, vão se arrepender — aviso, apontando para os dois que nem se abalam. Ambos me seguram pelos braços e empurram minhas costas na parede.

— Mía, quando o seu pai não está, é a nossa obrigação cuidar de você. Então, se não quiser presenciar essa cena, é melhor sair — avisa o Franjinha, que está louco para me socar.

— Dois contra um? Covardia — zombo, deixando que pensem que estão em vantagem.

— Não precisam usar a viol...

A garota se cala quando me dão o primeiro soco no estômago, depois no maxilar. Essa porra dói, mas também me estimula a ponto de me fazer gargalhar como se fosse um lunático.

Filhos da puta, deveriam ter me ouvido.

Javier é bom com os punhos, ele me soca outra vez no estômago e eu me contorço em um gemido. Ignacio me segura pela jaqueta e arrasta meu corpo pela parede até me jogar no chão.

Rindo, eu o observo se agachar e esmurrar meu rosto em vários locais. Aparece um corte em meu supercílio, e a merda arde, mas a dor me fortalece e eu deixo que eles brinquem mais um pouco.

Mía assiste a tudo pedindo que eles parem, mas eles não a ouvem em nenhum momento. Um dos socos atinge minha boca, que lateja pra caralho, sinto a porra do sangue entre meus dentes e em minha língua. Recebo chutes na costela e ainda sou obrigado a ouvi-los dar risada, uma pena para eles que vou rir por último, e muito melhor.

— Parem já, é uma ordem! — Mía entra na minha frente, distraindo os homens de Damián, então aproveito para me sentar e tirar minhas duas armas do coldre.

— Saia da frente, Mía, não queremos usar a força com você — diz um deles.

Regra número 1: nunca se distraia quando estiver lutando com o seu oponente, ele pode te matar em um piscar de olhos.

A voz do Alec soa em minha cabeça ao me lembrar da época em que Dylan e eu éramos levados para treinar.

Javier e Ignacio estão em uma discussão com a filha do chefe e nem me notam levantar, os idiotas estão de costas para mim. O primeiro que ataco é o Franjinha, dou uma coronhada na nuca dele e chuto suas pernas para que caia ajoelhado, se contorcendo. Antes que o seu parceiro tome iniciativa, aponto a arma para a cabeça dele.

— Porra, vocês socam como duas garotinhas, até meus primos que são crianças batem melhor e mais forte. — Cuspo o sangue acumulado em minha boca no rosto de Ignacio e o chuto com minhas botas pesadas. O fodido grita de dor ao se deitar no chão.

— Austen, vá embora antes que os outros venham e fique tudo pior — pede Rivera, mas nem olho para o seu rosto.

Estou muito puto, muito mesmo. A porra da boca ardendo, o corpo doendo e latejando, ouvir a voz dela é a última coisa que quero neste momento.

— Eu disse que não era para me tocar. — Me movo até a cabeça de Ignacio e piso com força, quase espremendo seu crânio. — Mas decidiram bancar os fodões. — Meu tom sai baixo e ameaçador. Javier tenta pegar a sua arma também, mas balanço a cabeça. — Um movimento e eu estouro os seus miolos e o dele. — Aponto a arma para o corpo do seu parceiro, que ainda tem minha bota em sua cabeça e geme como uma putinha barata.

— Austen... — A ratinha tenta me controlar, só que ela não sabe que é impossível alguém me segurar em um momento de adrenalina.

— Cala a porra da boca e aprende a sustentar as suas atitudes, Mía! — grito com ela. Eu a encaro e vejo seus olhos vermelhos. — E você, só comece algo se for conseguir terminar. — Abaixo meu olhar por alguns segundos e disparo um tiro na perna do Ignacio. — Javier, Javier, você é um bom homem, o seu único erro foi ter se deixado levar pelo seu amigo e ter me tocado como se eu fosse um cliente qualquer desse puteiro. — Meu

semblante suaviza e o do homem também, ele acha que vou perdoar a surra que me deu.

Quem sabe em outra vida.

— Depois dessa noite, com certeza vou ganhar de brinde dois inimigos, só que não tenho tempo para tantas inimizades. — Coloco o dedo no gatilho e miro no peito de Javier, disparo quatro vezes enquanto Mía grita. Acerto um último na testa e o sangue dele suja meu rosto. — Ignacio, a sua sorte é que vou deixar você viver, mas apenas para comunicar o seu patrão que ninguém nesse lixo de bordel pode me tocar. Não importa se aqui é a “casa” de vocês. — Chuto a costela dele e vejo sua perna sangrar.

— Ahhhhh — grita o homem ao receber mais chutes.

Ergo o rosto e vejo Mía se aproximando de mim.

— Os tiros foram ouvidos, saia daqui agora! — Ela me empurra pelos ombros e eu noto que está tremendo, mas não de medo. — Você precisa me ouvir. — Segura em meu rosto, sujando seus dedos de sangue.

— Deixe que venham — rosno, olhando em seus olhos.

— Você veio essa noite para causar essa confusão, né? Está satisfeito? Matou um homem e deixou outro ferido. — Solta meu rosto.

— Eles pediram por isso. — Guardo minhas armas despreocupadamente.

— Por que você é tão problemático, Knight? Por acaso quer iniciar uma guerra entre nossas famílias? — grita, nervosa ao ouvir passos pesados se aproximando. — Estão vindo, saia daqui! — pede, indo até o Franjinha para o ajudar.

— Não fiz nada de errado. — Ignoro-a, me encostando na parede e vendo Ignacio tentar se levantar com a ajuda dela. — Se vocês quiserem fugir, podem ir. — Enfio a mão no meu bolso da frente da minha calça e tiro um cigarro.

— Você é um desequilibrado! — acusa, conseguindo levantar o funcionário do pai com muita dificuldade.

— É um elogio vindo de você.

— Como consegue agir com tanta frieza depois do que fez? — Sua voz está embargada.

— Fui treinado para isso.

Coloco o cigarro na boca assim que noto alguns homens se aproximando de nós altamente armados, eles só não disparam porque me reconhecem. Dois deles passam por mim e vão até Javier, que está rodeado por uma poça de sangue, e os outros socorrem Ignacio.

— Se conseguirem reunir os miolos dele e levar a um cirurgião, talvez dê tempo de salvá-lo — brinco, examinando o homem morto. — Alguém tem

um isqueiro? Não trouxe o meu. — Sorrio para eles.

Um deles vem em minha direção apontando a arma e falando na língua deles que não entendo muito, mas é impedido pelos colegas. Mía fala com eles em espanhol e os homens parecem acatar as ordens dela, porque a garota aponta para o morto e o frouxo que está sendo carregado pelos amigos.

— Não vou repetir, Austen, vá embora — pede Mía, com os olhos lacrimejados.

— Só vou porque está implorando, Rivera. — Me desencosto da parede, com as armas apontadas para mim. — Relaxem, meus amigos, e não esqueçam de limpar essa sujeira, o patrão de vocês é um pouco exigente. — Dou as costas para eles e sigo pelo mesmo caminho que Mía me trouxe.

Ninguém vem atrás de mim ou faz um disparo. Eles sabem que não podem tocar em mim. Ser um Knight me traz muitos privilégios, um deles é ser intocável.

Espero que Killz não fique furioso. Eu só queria conhecer o quarto da filha do nosso amigo, apenas isso. Não tenho culpa se eles me atacaram, tive que revidar.

Porra, eu deveria ter feito teatro, sou um ótimo ator.

Sorrindo, passo pelas cortinas vermelhas e vejo que o salão está em silêncio. Ora essa, cadê os clientes? Com certeza devem ter se assustado com o barulho dos tiros.



Dias atrás acabei matando um capanga do Rivera no bordel, e meu pai não veio me procurar para cobrar uma explicação pelo que fiz. Tenho quase certeza de que ele está apenas aguardando o momento certo para me encurralar. Ontem, minha mãe me convidou para jantar na casa deles, mas não podia aparecer com o rosto cheio de hematomas. Além de preocupá-la, seria bombardeado com uma série de perguntas, e detesto ser pressionado.

— Você está um desastre, Austen — comenta Dylan, chamando minha atenção ao terminar de fumar seu cigarro. — Aposto que o tio Killz ainda não viu seu rosto todo machucado. Ele teria deixado pior do que já está. — Ri baixinho enquanto levo meu baseado até a boca.

Estamos agora no escritório do galpão. Cheguei cedo para checar uma carga que será enviada por via marítima, a pedido do tio Axl.

— Não exagere — falo, enquanto a fumaça escapa pelo meu nariz e boca.

— Sabe, você é corajoso por continuar se metendo em confusão pelas costas do seu pai, ele vai ficar furioso quando souber que matou um dos homens do Damián. — Dylan coça a nuca.

— Eles começaram, o que fiz foi por legítima defesa.

— Conta outra, Austen, te conheço muito bem. Não somos apenas primos, sou o seu melhor amigo, sei que você é teimoso, ninguém consegue te segurar quando está procurando encrenca — acusa.

— Você está me julgando sem saber. É a primeira vez que sou inocente. — Jogo a cabeça para trás e fecho os olhos, mas antes descarto o que restou do baseado no cinzeiro.

— Se fazer de coitadinho não combina nada com a sua personalidade.

— Nunca imaginei que o meu melhor amigo fosse duvidar da minha índole. — Abro um sorrisinho.

— Ah, vá para o inferno com esse seu joguinho de manipulação! Comigo não cola essa pose de bom moço — resmunga, bagunçando o seu cabelo.

— Foda-se, porra. O único que adora bancar o bonzinho aqui é você, não eu, Dylan.

— Não fique nervosinho, você não vai querer outros hematomas em cima dos que já tem — retruca, e eu gargalho.

— Está me ameaçando, idiota? — Ergo a sobrancelha e viro o rosto para encará-lo.

— Estou? — desdenha.

— Vá se foder. — Bufo.

— Acho que devemos voltar ao trabalho. Logo tio Axl aparece, e se ele sentir esse cheiro de maconha no escritório, estaremos fodidos. — Meu primo olha na direção da porta.

— Está com medo, Dy? — provoco-o.

— Não é medo. Viemos para o galpão trabalhar, não fumar maconha, sabe que nossos pais não vão concordar com essa merda se souberem. — Ele respira fundo.

— Somos adultos, cuidamos do nosso próprio rabo. Eles não podem agir como se fôssemos crianças.

— Bem, o seu comportamento ultimamente tem mostrado o contrário. Estou quase falando para a tia Brey comprar um berço com cercado para o bebê dela não fugir. — Ele comprime os lábios.

— Vou fingir que não ouvi essa merda.

— Faça o que bem entender, mas sabe que é verdade. Que caralho deu na sua cabeça para procurar briga no bordel do Rivera? Você sabe que o acordo que eles têm com seu pai os deixa intocáveis. — Sua expressão se fecha.

— Por acaso você sabe algum detalhe do acordo que eu não sei? — Pigarreio e me remexo na poltrona.

— É claro que não, de onde tirou essa ideia? — Ele parece ofendido.

— Logo você vai saber.

— Desde quando fica fazendo rodeios comigo? — Me examina, puto.

— Kitty disse que ouviu Damián e o meu pai falando sobre um possível casamento entre você e a filha dele.

Estudo o rosto do meu primo quando ele empalidece. Ele também está surpreso, realmente não sabia de nada. Passar tantos anos ao lado de Dylan me fez conhecê-lo melhor do que os seus próprios pais, assim como ele me conhece.

— Você foi longe demais com as suas paranoias com os Rivera, tente outro tipo de brincadeira, essa não cola. — Ele ri, nervoso.

— Acha que eu gosto da ideia do meu primo se casar com a filha do Damián? — Minha voz sai áspera.

— Bem, não tenho problemas com isso, mas eu...

— Por acaso está querendo foder Mía e não me contou? — Minha mandíbula se contrai.

Dylan belisca a ponte do nariz e sorri de lado.

— Seja sincero, a garota se tornou um mulherão, não seria uma má ideia passar algumas horas entre as pernas dela, ouvindo alguns gemidos saindo daquela boquinha pequena. — Os seus olhos cintilam malícia, e o meu, certamente ira.

— Nem pense em tocar nela, porra. Aquela cadela é inimiga, não serve para nós.

Minhas entranhas retorcem de raiva, mas se alguém conseguisse me enxergar por dentro, diria que é outra coisa

— Fale por você, Austen. — Seu tom é atrevido. — Uma boceta sempre vai ser uma boceta. Acha mesmo que eu recusaria foder uma gostosa daquela se ela me desse espaço? — Ele passa a língua entre os lábios.

— Foda-se! Se quiser, pode comer ela, eu não achei o meu pau no lixo. — Tensiono o maxilar, puto da vida.

— Se quiser, podemos dividir a vadia. Mas se a Mía for virgem, eu quero ser o primeiro. Adoro virgens.

Por que eu sinto que essa conversa do filho da puta já está soando como algum tipo de teste? Grande pau no cu.

De punhos fechados, soco a madeira da mesa.

— Dividir o caralho! Nem eu, muito menos você, irá comer a filha do Damián. Se quisermos foder alguma mulher, vamos caçar no bordel deles ou em outro lugar — aviso, em um tom de ameaça.

— Se você não odiasse tanto os Rivera, eu diria que está se comportando como um macho possessivo com uma mulher que nem é sua. — Ele ri baixo, cruzando os braços.

— Lógico que não. Não podemos nos envolver com a Mía, mas podemos usar a garota para tirar os Rivera e o seu povo da Inglaterra. Ela pode ser a fraqueza do pai, e não vai ser comendo a boceta dela que iremos conseguir isso.

— Seria mais divertido se tivesse sexo envolvido, mas como você está com medo de se viciar na garota... por mim, tudo bem. — Encolhe os ombros.

— Mía é terreno proibido, mas se depois que ela estiver quebrada ainda

quiser algo com um Knight, pode recolher os cacos dela para você. — Deixo escapar uma risada sem humor.

— Você não vale nada. Ainda bem que somos melhores amigos, não inimigos.

— Apenas deixe o seu pau dentro da calça quando se tratar da Rivera e seremos amigos até um de nós morrer.

— Está todo preocupado com a boceta virgem da filha de Damián, mas não me disse como vai usá-la. — Ergue a sobancelha.

— Vou tentar ser amigo dela.

— Você? — Dylan gargalha a ponto de ficar vermelho.

— Sim.

— Austen James Knight, o maior comedor de bocetas de Londres, sendo amigo da filha do inimigo? Porra, primo, tenta reescrever esse seu roteiro de cinema, está péssimo. Não vai rolar — me repreende, ficando sério.

— Na época da faculdade, quando as minhas notas estavam péssimas, fui obrigado a fazer algumas aulas extras de teatro, sabia? Aprendi algumas coisas naquelas aulas chatas... e... saudade da parte em que eu comia mãe e filha. A professora e a aluna em horários diferentes. — Gargalho ao me lembrar do tempo em que estudávamos em Rhode Island, na Universidade Brown.

— E você quase se ferrou nessa história ao foder as duas.

— Como eu poderia saber que eram mãe e filha se nunca mencionaram isso? — Rolo os olhos.

— Pela cor dos cabelos e olhos? — Franze o cenho.

— Seria pura idiotice pensar dessa maneira, Dylan. Se for assim, todos que tivessem cor dos olhos e cabelos iguais teriam parentesco. Isso é passado, vamos focar no presente. Eu odeio quando você se faz de santo, sendo que na época em que era o capitão do time de hóquei, quase comeu a filha tarada do seu treinador no vestiário. — Bufo.

— O.k. Não vamos lembrar do passado. — Se ajeita na cadeira. Dylan odeia lembrar desse dia, eu tive que ajudá-lo a fugir da garota que queria fazer um boquete nele, mesmo correndo o risco de serem pegos pelo pai dela. — Como pretende tramar pelas costas do chefe da família, pensando que ele não vai descobrir? Caralho, Austen, não há nada que Killz James Knight não saiba!

— Até hoje ele não descobriu que fomos expulsos da Brown porque estávamos fodendo a reitora na sala dela. — Sorrindo, recordo-me do episódio, enquanto ele solta um palavrão.

— Essa foi a maior loucura que cometemos, tenho vergonha das merdas que fazíamos. — Dylan suspira, mas a sua expressão não é de

arrependimento, muito pelo contrário.

— Não seja ingrato. Éramos populares, todas as garotas abriam as pernas para nós. O melhor que aconteceu nessa época foi que acabei descobrindo como ganhar uma grana extra participando das lutas clandestinas.

— Não estou sendo ingrato, só não me orgulho das nossas atitudes — murmura.

— Porra, você se tornou um velho chato antes da hora. Eu não me arrependo de nada do que faço. — Fecho os olhos. — Como eu poderia me esquecer dos bons tempos? Se lembra da senhora William chupando meu pau, enquanto você fodia ela por trás e ela gritava como uma cadela no cio, dizendo que nos daria as melhores notas por...

Alguém abre a porta do escritório e eu me calo ao sentir o perfume de Katherine.

— Me poupe esses detalhes nojentos.

Ela entra na sala.

— Você estava ouvindo atrás da porta? Nem sabe para que ela serve, né? — desdenho, enfiando as mãos no bolso da minha jaqueta.

— Nunca vi gêmeos tão unidos como vocês dois. — A risada de Dylan faz com que eu e a minha irmã o olhe ao mesmo tempo, com a expressão fechada.

— Austen não sabe o que é união, Dy, ele só se importa com o umbigo dele. — Katherine me encara com rancor.

— Estou sentindo um clima pesado entre vocês dois — comenta nosso primo, nos avaliando.

— Pergunte a ele o que fez comigo e vai me dar razão. — Ela encara Dylan e respira fundo.

— Com esses olhares assassinos que vocês estão trocando, prefiro não saber de nada — diz ele, sorrindo.

— Como sempre do lado errado, Dylan — reclama ela, colocando a mão na cintura e batendo os pés como uma mimada.

— Não estou do lado de ninguém, só acho que não devo me meter no problema de vocês. — Ele levanta as mãos.

— O que você veio fazer aqui mesmo, Kitty? Conversa de adulto, criança não se mete — digo, e Katherine me fulmina com os olhos.

— Temos a mesma idade, babaca, você só é alguns minutos mais velho do que eu. E não aja como se estivéssemos bem, porque não me esqueci da sua atitude escrota — retruca, passando as mãos na sua minissaia.

— Se você cuidasse da minha vida como cuida das suas roupas, eu estaria no céu. Que porra de saia curta é essa, Katherine? O que veio fazer

aqui no galpão cheio de homens com esse pedaço de pano? — reclamo, puto.

Nosso primo cruza os braços, seguindo o meu olhar.

— Tenho vinte e cinco anos, Austen, posso andar até pelada se eu quiser e você não teria nada a ver com isso — desafia-me, jogando o cabelo longo para trás.

Eu devia mencionar o Dean, mas é um segredo dela, e mesmo que tenhamos nos desentendido, não vou jogar a merda no ventilador, por mais que nosso primo seja de confiança.

— Pois ande e verá o que acontece. — Rosno.

Ela me ignora, indo até Dylan e o abraçando por trás.

— Kitty, é uma pena que sejamos primos, porque você é uma... gracinha. — Ele beija as mãos dela, que se derrete. — E não ligue para o seu irmão, ele é muito possessivo, não sabe dividir as pessoas que ama ou as que ele diz odiar — me provoca, porque sabe que sou muito cuidadoso com a minha irmã.

— Não ligo para esse babaca, ele acha que pode mandar em tudo e em todos. — Ela beija o pescoço do nosso primo e ele me encara com um maldito sorrisinho. — Hm, que perfume gostoso — elogia e eu fecho o punho.

— Desde quando estão cometendo incesto? — inquiri, indo até o aparador de mesa para pegar uma bebida.

— Só estamos aquecendo, ainda não chegamos lá — responde Dylan, corajoso.

Minha irmã diz algo no ouvido dele que o faz rir baixinho.

— Encoste o seu pau rodado na minha irmã que eu o arranco e ainda te faço engolir — ameaço, e a sala é preenchida por gargalhadas.

— Eu te disse que ele vira uma fera quando nos vê assim. — Minha irmã solta Dylan e vem até mim. Ela tenta me abraçar, mas recua ao dar alguns goles no uísque. — Por que você é tão chato, Austen? Sabe muito bem que Dylan não faz meu tipo, e ele é filho do tio Ezra, seria muito nojento. — Bufo, me abraçando pela cintura contra a minha vontade e olhando em meus olhos. — Assim como você pode ser um ótimo ator, posso ser atriz. — Sorri para mim docilmente. — E o que fez comigo não vai ficar assim, em breve terá notícias minhas. — Passa a mão em meu braço, em um falso carinho.

— Pois tente. — Afasto-a do meu corpo.

— Dylan, como é o nome da filha do Damián mesmo? — Ela me dá as costas e observa nosso primo, que está confuso. — Ah, lembrei, Mía! — Kitty estala os dedos, animada. — Hoje vou ao Las Chicas fazer uma visita a ela, o papai e eu estávamos conversando e eu disse que estava me sentindo tão sozinha... Acreditam que ele me convenceu a conhecer a filha do

Damián?

Um nó surge em minha garganta.

— Sêrio? — Dylan está surpreso.

— Claro, primo. O papai me disse que a Mía chegou recentemente de Nova Iorque e precisa de uma amiga. — A risadinha de Kitty é maliciosa.

— Puta merda, já estou vendo o caos. — Dylan olha para mim.

— Irmão, será que enquanto a Mía não está oficialmente comprometida, eu e ela podemos ir a algumas boates? Ou talvez, apresentar a ela a algum soldado...

— Kitty, Kitty, guarde os seus planos ardilosos para você. — Dylan estuda a minha expressão e logo está abraçando a prima para que ela se cale.

— Poxa, Dy, eu amo dividir meus projetos com vocês — resmunga, dengosa.

— Projetos que incluem Mía Rivera é proibido no ambiente dos Knight — ele brinca com ela.

— E quem disse isso? — Se atreve a perguntar ao me olhar por cima do ombro do nosso primo.

— Austen Knight, o sucessor de Killz.

Katherine dá risada ao ouvir Dylan.

— Meu irmão não é o dono da garota, e se o que eu ouvi for certo mesmo, o homem dela será você, não ele.

Se nossos olhares fossem armas, ambos estaríamos mortos.

— Katherine, dê o fora daqui antes que eu arranque a sua cabeça por fantasiar demais. — Aponto para a porta e ela se afasta do Dylan.

— Dy, só tome cuidado para o seu primo não roubar a sua noiva no altar, ele é capaz de tudo, até de matar quem é do sangue dele — aconselha Katherine.

— Kitty, já chega, não o provoque — pede Dylan.

O meu sangue ferve como se estivesse sendo frito no óleo.

— Relaxa, primo, não estou aqui para brigar, vim trazer o Hades para passear um pouco, já que o dono dele sequer se lembra dele — fala, em seguida se retira do escritório sem olhar para trás.

— Ela faz de tudo para tirar a minha paz. — Afundo a mão no cabelo e fecho os olhos.

— Mas em uma coisa a Kitty tem razão, você abandonou o Hades na casa dos meus tios.

— Não tenho tempo para ele, Dylan, e o meu apartamento não é lugar

bom para ele morar. Ele está bem na mansão aos cuidados da minha mãe — murmuro.

Ganhei o Hades na adolescência, éramos inseparáveis até certo tempo, mas há quase um ano que não saio com ele ou o treino. O rottweiler é muito fiel a mim, basta alguns comandos para que ele faça o que eu quiser, até mesmo esfaquear a garganta de alguém.

— O.k. Austen, vamos logo terminar o nosso serviço antes que Axl apareça.

Concordo e seguimos para a porta, mas quem encontramos parada em frente a ela é alguém que eu menos esperava ver por aqui, já que ele cuida apenas dos negócios legais da família.

— Tio. — Daqui escuto Dylan engolir em seco com a presença intimidadora do chefe da família, vestido com um terno caro feito sob medida.

— Pai. — Pigarreio, observando o semblante frio de Killz avaliando o meu rosto.

Ele sabe de tudo.

— Dylan, pode ir, preciso falar com Austen. — Meu pai dessa vez me encara duramente.

Nervoso, ele passa os dedos por seu cabelo grisalho que estava arrumado para trás, depois respira fundo.

— O.k. Estou indo. — O filho do tio Ezra sai em passadas largas e me deixa com o meu pai furioso, que entra na sala e bate a porta com força.

— Senta aí, moleque! — Aponta para a cadeira.

Sem questionar, eu me sento, com os dentes cerrados.

— Posso saber a razão de estar me chamando de moleque? — sondo-o, sem me conter.

— Achou que eu não ia descobrir da sua festinha no Las Chicas? — Seu tom é bravo, revoltado.

— Não sei do que está falando — minto na cara dura.

Ele não se importa se sou do seu sangue ou não, apenas saca a sua arma das costas e se aproxima de mim, apontando-a em minha cabeça.

— Não teste a minha paciência, Austen. — Ele a engatilha, se esquecendo de quem sou filho e como fui muito bem treinado para não temer a qualquer ameaça. — Admita que matou um dos homens de Damián, deixou outro machucado e ainda levou uma surra.

— Fui atacado e revidei.

Meu pai não engole as minhas palavras, mas guarda a arma no lugar dela.

— Não, corrigindo, você procurou e achou! Nós não agimos assim, Austen, não saímos derramando sangue por qualquer besteira! — Seu tom acusatório não me abala.

— Eles me atacaram primeiro, o senhor que eu fizesse o quê? Que permitisse que me batessem até a morte? — Encolho os ombros e relaxo na cadeira.

— Que agisse como o futuro chefe da família Knight, mas pelo visto, você não está pronto para ocupar o meu lugar. Se eu deixar o comando da organização em suas mãos, todos iremos morrer.

Pela primeira vez na vida, o seu tom de decepção me atinge.

— Você não tem apenas um filho, coloque a sua filha preferida para mandar em tudo. Ela é capaz, acredite.

Ele segura em meu rosto com uma mão, examinando o corte em meu supercílio e no canto da minha boca.

— Você está proibido de pisar no bordel do Damián e se aproximar da filha dele. Se eu souber que esteve lá, te dou uma surra na frente de todos e acabo com essa sua postura de dono do mundo. — A expressão dura e implacável do meu pai demonstra que ele não está brincando, ele nunca brinca. — E se eu quiser colocar a sua irmã como minha sucessora, coloco. Você gosta de me desafiar, e eu gosto dessa sua ousadia, filho, vamos usar no momento certo, e isso inclui ser o meu sucessor. — Solta meu rosto. — Se você tem esse gênio ruim, o meu é pior, se acha que com essas atitudes de moleque vai te fazer fugir do seu destino, está enganado. Te dou quantas surras forem necessárias para que aprenda a agir como um verdadeiro chefe. — Ele se afasta.

— Sim, senhor. — Balanço a cabeça, sério.

— Há bocetas em outros lugares, não ouse passar por cima da minha ordem. Se me desobedecer, te transformo em soldado da Maeve, na Irlanda, ou da Viktoria, na Rússia, lá as suas regalias estarão acabadas — avisa.

— Você não ousaria... — Travo a mandíbula, me levantando.

— Acredite, filho, se for para manter a nossa família em paz, sou capaz de qualquer coisa. — Encara-me com frieza. — Não entre no meu caminho, que eu não entro no seu.

— Você está me tratando como uma porra qualquer, eu sou um Knight! — vocífero.

— Sim, você é, mas se pensa que vou permitir que comece uma guerra por causa dos seus caprichos, está enganado! Você pode ser um homem formado, mas enquanto eu estiver de pé, quem manda sou eu. — Engulo em seco e balanço a cabeça. — Eu só permito que passe por cima das minhas ordens quando eu estiver a sete palmos debaixo da terra, ou quando merecer ocupar o meu cargo.

— Será como desejar, senhor Knight. — Bato continência, em desdém.

— Espero mesmo que seja. Não teste a minha paciência, ela está no limite com você. E mais tarde passe em casa para buscar o Hades, ele é seu. A sua mãe não é babá daquele projeto de monstinho que quase arrancou a mão dela quando foi alimentá-lo. — Ele me olha uma última vez antes de deixar o escritório sem olhar para trás.

Furioso, jogo tudo que está na mesa no chão. Sufocado pela fúria que queima dentro de mim, soco a parede mais próxima e meus punhos ardem, queimam, e meus dedos estalam como se os meus ossos estivessem sendo partidos ao meio.

— Malditos Rivera. Malditos.

Soco a parede mais uma vez, fazendo da minha dor a minha fonte de energia como a porra de um masoquista que se alimenta dela para se fortalecer.

O meu pai se esquece que eu não sou mais um garotinho em treinamento. Me tornei um homem há muito tempo, e ninguém pode me domar, muito menos controlar o meu gênio.

Quem está de fora acredita que Killz gosta de estar nessa situação, dividindo o nosso território com aqueles ratos. Vou descobrir o que Damián ofereceu ao meu pai para ele estar tão amigável. Um suposto casamento não é o suficiente. Nunca será.



Não gosto de preocupar o meu pai, mas o que aconteceu entre Austen e os homens de confiança dele escapou das minhas mãos. Não há como ocultar uma morte, não quando todos os funcionários do Las Chicas sabem. Damián nem respirou direito da viagem que fez até a Colômbia, que segundo ele, foi às escondidas resolver alguns negócios para que não caíssem nos ouvidos errados.

A sanidade do meu pai foi parar no buraco ao saber o que Austen fez em sua ausência, mas usou o seu autocontrole para não dar início a uma carnificina. E mesmo que isso não fosse apagar o que aconteceu, muito menos trazer o Javier de volta, papai enviou uma grana para os filhos dele em Bogotá para que pudessem se manter por um bom tempo, e ainda resolveu todos os trâmites para que o Javier tivesse um enterro digno.

O filho de Killz está oficialmente proibido de colocar os pés aqui. Killz deu a sua palavra para Damián que Austen não virá mais e acredito que dessa vez o homem está falando sério. Pude perceber o tamanho da sua fúria quando veio conversar com meu pai. Óbvio que eles conversaram no escritório, mas não me contive em tentar ouvi-los.

Não ouvi a conversa toda e nem vi o chefe dos Knight, mas pelo seu tom brando, percebi que ele tem pulso firme, e se há alguém que pode segurar aquele cavalo selvagem que é o filho dele, é o Killz. Finalmente iremos viver dias de paz e não vou mais ser obrigada a ter que aturar os primos Knight na casa. Com o novo acordo entre meu pai e o Killz, ele me permitiu transitar pelo salão enquanto os clientes não dão as caras, assim não fico tão entediada e ajudo as garotas com a organização antes de abrirem as portas.

— Ainda estou surpresa em Damián te deixar trabalhar no salão. — A voz da Leah surge atrás de mim e eu continuo limpando o balcão.

— Também estou, mas o que queria era ensaiar com as meninas. — Olho-a por cima do ombro.

— Sabe que ele é superprotetor, não vai permitir que fique dançando...

— Isso é bobagem, Leah, o papai tem que entender que eu não sou mais uma criança, tenho vinte anos, posso tomar as minhas próprias decisões. — Suspiro, largando o pano no balcão e me virando para ela, que está arrumando algumas garrafas no bar embutido na parede.

— Querida, se o meu pai fosse como o Damián, me sentiria no céu e agradeceria todos os dias. Infelizmente, o meu genitor era um filho da puta abusivo que queria comer a própria filha. — Ela me encara, com os olhos cheios de lágrimas.

— Sinto muito — murmuro, sentindo minha garganta queimar.

— Não sinta, Mía, porque a única coisa que sinto é alívio por aquele homem ter saído da minha vida. — Encolhe os ombros.

— Ainda me lembro do dia em que chegou aqui, pensando que era um emprego comum, e depois de alguns meses já tinha se tornado um membro da família. — Sorrio para ela, que retribui.

— Mas é um emprego como qualquer outro, a diferença é que esse eu vejo peitos todos os dias — brinca, se referindo às dançarinas. — Mas não estou reclamando, até gosto de viver entre as garotas. — Pisca para mim.

Leah é lésbica, soube que ela e a Rosa estão namorando há seis meses. Quem diria que essas duas se dariam tão bem a ponto de se tornarem um casal. Mas fico feliz por elas, são lindas juntas e, acima de tudo, uma cuida da outra.

— Pelo amor de *Dios*. — Ouvimos a voz de Rosa em uma mistura de inglês com espanhol. — Essa menina que o Damián trouxe com ele não tem vocação pra puta, ela vai dar muito prejuízo. — Olhamos em sua direção e ela se aproxima com o rosto vermelho de raiva.

Ah, quase me esqueci da pequena surpresa do meu pai. Mas como me lembrar com todo esse caos? Ele nunca volta com as mãos vazias, e dessa vez trouxe uma garota para trabalhar no bordel. Papai me contou por cima, só disse que trouxe uma menina de dezoito anos para ficar no Las Chicas, mas que a estadia dela não estava sendo obrigatória, só estava fazendo um favor para um velho amigo.

Pobre garota... Dezoito anos. Infelizmente, não podemos mandar em nossos destinos.

— Se acalma, Rosa. O que aconteceu? — indago, dando atenção a ela, que se senta na banquetta e leva as mãos ao cabelo pintado de ruivo.

— Você viu a garota que o seu pai trouxe, né? Ele simplesmente deixou a menina em um dos quartos e me disse para treiná-la, mas aquela criatura é muito lenta. — Choramanga. — Perguntei se sabia colocar uma camisinha em um pau, acredita que ela ficou vermelha e disse que nunca nem beijou de língua? Como o chefe quer que essa garota esteja pronta daqui a uma semana para trepar com os clientes?

Arregalo os olhos com a revelação.

— Rosa! — reclama Leah.

— A Mía já tem vinte anos, querida, acha que ela ainda não transou? A garota esteve em Nova Iorque, deve ter dado horrores. — Rosa e sua língua descontrolada. — Ou não deu? — Ela me estuda por alguns instantes.

— Meu Deus, Rosa... — Começo a suar frio com o assunto e meu rosto arde.

— Mía, tem alguém querendo te ver.

Somos interrompidas por Arturo, então olhamos em sua direção, com ele está um homem alto, de cavanhaque, corte de cabelo com as laterais raspadas e na parte de cima ondulado. Ele usa uma calça jeans escura e um moletom preto largo, mas as suas mãos entregam que o homem é tatuado.

Ele é lindo. Tem uma expressão dura e o maxilar marcado, um homem de muita presença que nunca vi em toda a minha vida.

— Não conheço esse senhor, Arturo — aviso, desconfiada, mas calo-me ao ver uma mulher entrar.

Ela se parece com uma boneca de tão linda e delicada. O rosto em formato oval, cabelo escuro e longo, os olhos verdes bem claros... são tão bonitos, é o que mais chama atenção nela. De alguma maneira, a desconhecida me lembra alguém.

Além de chamar muito atenção com a sua beleza marcante, o seu look é típico de uma patricinha que para o trânsito. Ela veste uma jaqueta cropped rosa, uma blusa branca curta e a saia apertada da mesma cor da jaqueta. Mais um pouquinho ela seria a verdadeira Barbie.

— Dean, você fala do meu irmão, mas é tão teimoso quanto ele. Eu disse que não precisava vir na frente, sei me cuidar! — reclama a mulher, colocando a mão na cintura e se esquecendo que tem pessoas observando-a.

— Katherine, eu sei o quanto você é geniosa, mas o seu pai confia a sua segurança a mim. — Ele a lembra, segurando-a no braço.

— O que essas pessoas poderiam me fazer, Dean? Pelo amor de Deus, não seja paranoico como o Austen, que acha que todo mundo é inimigo dele.

Meu corpo congela com a revelação da não tão desconhecida assim. Essa é a filha do Killz, a irmã gêmea do demônio. Como não notei a semelhança? Mas como eu poderia me lembrar daquele abutre a essa altura do campeonato?

— É o meu dever te proteger. — O homem toca na cintura dela e o Arturo se afasta deles. — Não importa se estamos entre “amigos” do seu pai, vou sempre...

— Querido, estamos sendo observados.

A irmã de Austen sorri para o homem e se afasta dele um tanto desconcertada. Ela dá as costas para ele e vem ao meu encontro em passos lentos. O seu caminhar é confiante, Katherine anda pelo salão como se estivesse desfilando em uma passarela, enquanto os olhos do tal Dean secam descaradamente a bunda dela.

— Será que é surtada como o irmão? — murmura Rosa, tentando não falar alto, mas a irmã de Austen parece ouvir, porque ri ao parar na nossa frente.

— A única coisa que Austen e eu temos em comum é os pais, amor — retruca, estendendo a mão para mim. Mesmo sem reação, aceito o seu cumprimento. — Acredito que já saiba o meu nome, mas vou me apresentar assim mesmo. Katherine Knight, o resto você já deve estar informada. — Solta a minha mão e olha ao redor.

— Eu sou a Mía Rivera. — Pigarreio, notando que ela avalia o salão com curiosidade.

— Sei quem é você. Está muito famosa no meio dos Knight — comenta, em seguida acena para Leah e Rosa como se ela fosse uma celebridade, talvez ache que seja.

— Famosa? — Sorrio, sem entender.

— Muito, pode acreditar. — Pisca para mim.

— E quem tem me dado tanta fama assim? — Ergo a sobrancelha.

— O meu querido irmão. — Comprime os lábios pintados com um gloss rosa. — Será que podemos nos sentar em algum lugar? — Estuda meu rosto e depois o meu corpo sem disfarçar. — Você é realmente bonita, agora entendo a obsessão que ele criou.

Não entendo o que ela quer dizer, e pelo jeito não vai se explicar.

— Vou voltar ao serviço, Leah, você vem comigo? Preciso de ajuda com aquele assunto — chama Rosa, eu sei que é para nos dar privacidade.

Leah e Rosa pedem licença e saem do salão. Logo após, encontro uma mesa para nos sentarmos. O tal Dean fica de pé a alguns metros de distância, como se fosse a nossa sombra.

— Dean, pode esperar lá fora, por favor? Aproveita e leva esse senhor também. — Ela aponta para Arturo, que arregala os olhos com a sua atitude. — Preciso falar a sós com a Mía.

— O.k. — O segurança dela concorda, mas o homem de confiança do meu pai, não.

— Arturo, pode ir, qualquer coisa te chamo — digo para ele, que balança a cabeça.

— Não se preocupe, senhor, eu não mordo. Somente o meu irmão, mas ele não está aqui — diz Katherine, sorridente ao ver o homem sair pela

mesma porta que ela entrou com o seu acompanhante.

— A que devo a honra da sua visita? — Descanso as mãos no colo e encaro o rosto da irmã de Austen que segue me analisando.

— Estava entediada e decidi vir até Brentford fazer amizades. — Cruza as pernas.

— Você está brincando, não é? — Um riso nervoso me escapa.

— Parece? — Seu tom é sério.

— Não sei. Somos desconhecidas, e de repente, você me diz que veio até um local de entretenimento adulto para fazer amizades. — Encolho os ombros.

— Desculpe ter falado no plural, quando deveria ser no singular. — Observa as próprias unhas pintadas de rosa, depois a mim. — Vim te conhecer, Mía. Os nossos pais são amigos de longa data, nada mais justo que sejamos também.

— Mas eles não são amigos, fazem negócios — corrijo-a, que revira os olhos.

— O meu pai não costuma levar pessoas que não sejam amigas dele para casa, o nosso lar é sagrado, Mía. — Ela gira os anéis finos em seus dedos e ergue os olhos para mim.

— Katherine, desculpe ser tão direta e espero que não soe arrogante da minha parte, mas poderia falar o que quer, por favor? O que faz alguém como você se deslocar do seu paraíso para vir até Brentford, tentar uma amizade comigo? Nem mesmo nos conhecemos. — Encosto-me na cadeira e ela me dá um sorriso imenso.

— Eu quero te conhecer melhor, Mía. Ouço tanto falar de você, que fiquei curiosa — confessa.

— Assim, do nada? Não sei o que você quer comigo, mas não estou aqui para ser a sua bonequinha latina, princesa. — Cruzo os braços.

Em vez de ela se ofender, suas íris brilham de um modo estranho e ela me olha do mesmo jeito que o irmão.

Eu devo me preocupar?

— Já sou bem grandinha para brincar de boneca, Mía, agora estou praticando montaria com um cavalo muito potente. Falta isso aqui para que eu me torne uma amazona. — Faz um gesto com os dedos, e não sei por que, mas ela não está falando sobre cavalos, suas palavras têm duplo sentido.

— Que bom, mas deixe de rodeio, preciso trabalhar, não posso perder o meu tempo aqui sentada sem saber das suas intenções. — Pigarreio, vendo-a rir em diversão.

— Sabe, agora estou começando a juntar as peças. É o seu atrevimento que o desafia, mas como todos os homens Knight são cabeças-duras e só se

rendem a uma mulher depois de muita merda feita, com o Austen não poderia ser diferente — murmura, examinando-me como se estivesse procurando algo. — Ele quer você e não está sabendo pedir.

— Ele que te mandou vir aqui falar essas coisas para tentar me assustar? Se foi, diga a ele que não vai conseguir. — Fecho a expressão.

— Ainda não percebeu que o meu irmãozinho está criando uma obsessão por você? — Desliza os dedos pela mesa.

— Você está errada, Katherine, o seu irmão não sente nada por mim, aliás, sente sim, raiva. Ele odeia os Rivera e eu sou uma.

— Meu bem, não vou dizer que isso é normal, mas os homens da minha família têm o mesmo *modus operandi*. Primeiro eles odeiam, depois amam. — Limpa uma sujeira invisível em sua jaqueta. — Meu irmão é meio complicado. Mesmo sendo um babaca algumas vezes, tem um coração bom, só não demonstra. — Faz uma careta, e dessa vez sou eu que dou risada.

— Coração? E ele tem um? Matou cruelmente um dos nossos e ainda agiu como se nada tivesse acontecido — recrimino. — Ele tirou a vida do Javier na minha frente! — Meus olhos enchem de lágrimas.

— Mía, você sabe em que mundo vivemos? — Seu tom é frio.

— Claro que sim — murmuro.

— Mas parece que não. — Respira fundo, como se estivesse impaciente. — O Austen errou, sabemos, mas ele também se defendeu. No nosso mundo é matar ou morrer, e ele apenas escolheu viver. Para que isso acontecesse, um teve que pagar por isso.

— Não tente defender o mau caráter do seu irmão, Katherine. Ele tem a mania de querer que todos se joguem aos seus pés, obedecendo as suas vontades. Ele é mimado, um arrogante de merda que se acha o dono do mundo — digo, entre dentes.

— Dono do mundo ele não pode ser, se bem que com aquela ousadia não duvido nada. Mas quando estiver pronto, irá ocupar o lugar do nosso pai e será ele a ficar à frente dos negócios.

— Veio aqui falar do seu irmão, por que mentiu para mim dizendo querer a minha amizade? — Um gosto amargo preenche minha boca.

— Não vim defender o Austen, estou puta com ele, mas não retiro nada do que falei sobre ele.

— O seu irmão tem um comportamento doentio. Ele é insano. Não há como ficar do lado dele. Ele age como se fosse um passarinho preso em uma gaiola e quando é libertado, quer...

— Mía, o Austen é muito cobrado por nosso pai. Papai quer moldar o filho ao seu gosto para ser o seu sucessor — sou interrompida por ela. — Mas ele ainda não entendeu que não há como mudar a natureza de alguém, principalmente se for a do meu irmão, que mesmo sendo difícil, carrega uma

personalidade muito forte.

— E acha que é assim que vai me conquistar para sermos amigas, passando a mão na cabeça de um homem adulto que age como um sem lei? — indago, com uma certa dureza na voz.

— Você tem irmãos?

Nego ao balançar a cabeça.

— Se tivesse, me entenderia. O Austen é mais do que o meu irmão, é a minha alma gêmea. — Sorri, fraco.

— Você o protege como uma leoa. Acha que essa amizade vai acontecer?

— Que ele nunca saiba disso. Por enquanto, eu o odeio por ter sido babaca comigo. E mais uma coisinha, as melhores amizades começam assim, gatinha. Não fuja de mim, sou ótima em caçar as minhas presas. — Pisca para mim.

— Meu Deus, você tem o mesmo humor que o seu irmão.

— Isso não posso negar! — A maneira como ela ri me faz acompanhá-la. — Vamos começar de novo. — Estende a mão para mim. — Katherine Knight, sua futura melhor amiga. — Soa possessiva.

Só pode ser de família essa possessividade.

— Mía Rivera. — Dou risada ao nos cumprimentarmos.

— Então, Mía, posso vir aqui mais vezes para que possamos conversar, ou talvez marcar para sairmos? — sonda-me, sorridente.

— É uma boa ideia, odeio dias tediosos.

— Querida, eu sou a sua melhor aposta. Sei de tudo e mais um pouco, posso te contar alguns segredinhos sujos do meu irmão para usar contra ele. Podemos treinar no galpão da minha família, ir ao Speed correr ou assistir ao pessoal. — Ela lista os seus planos. — Sei fazer chapinha, arrumar namorados para você, se quiser, claro. A única coisa que não sei fazer é comida, mas podemos ir ao restaurante.

— Você é muito intensa, garota, vai com calma — peço, tirando a má impressão que tinha dela de minutos atrás.

— O Dean diz o mesmo, mas ele adora. — Joga o cabelo para o outro lado do ombro.

— Você namora com o soldado do seu pai? — A pergunta sai no automático.

— Namorar é uma palavra muito forte. — Suspira e me lança um sorrisinho. — Temos vivido uma aventura escondida da minha família. O Dean vai ser braço direito do meu pai, e tem oito anos a mais do que eu — diz em um cochicho. — Ele é maravilhoso, mas só é um pouco ciumento, bem, isso não é um problema para mim, são nossas pequenas brigas que

tornam as reconciliações marcantes. — Morde os lábios

— O.k. Se é segredo, por que está me contando?

— Quando eu disse que seremos amigas, não estava mentindo. Preciso te confiar algum segredo meu, assim poderá confiar em mim também. — Encolhe os ombros.

— Acabo de perceber que vocês da família Knight não são normais. — Esfrego a ponta do nariz.

— Você ainda não viu nada — garante.

— E nem quero. — Sorrio — Quer tomar um drinque? — convido-a.

— Drinque? — Se diverte. — Querida, eu só tenho esse rostinho de patricinha. Vamos tomar uma cerveja, de preferência, na garrafa.

— Você é surpreendente. — Gargalhamos.

— Claro que sou, o sangue Knight corre em minhas veias. — Bate no braço.

Rindo, levanto-me e ela também.

— Se quiser, chame o seu...

— Segurança — acrescenta. — Não, deixe-o lá fora um pouquinho, assim me valoriza mais e corre mais atrás de mim. — Me dá as costas e segue para o balcão.

— Você é terrível.

— Eu sou. — Ela se senta na banqueta.

— Preferência de cerveja? — Entro no bar e a observo por cima do ombro.

— Não sendo uma marca vagabunda, qualquer uma.

— O.k., Katherine.

— É Kitty para os íntimos!

Anuo, sorrindo. É, talvez seremos amigas.



Representar o papel de alguém desequilibrado é parte da minha perversa estratégia para expulsar os Rivera do nosso território. Meu pai está me tratando como um rato que corre em círculos para escapar de uma armadilha, mas o que ele e ninguém sabe, nem mesmo o meu melhor amigo, é que cada passo meu é intencional, seja na direção certa ou errada.

Em breve, pretendo ocupar a posição de chefe na máfia inglesa, no entanto, não tenho intenção alguma de envolver Damián nos meus negócios quando estiver no poder.

Killz acredita que não aprendi nada com ele, mas está enganado. Ele me ensinou que a maior arma de um homem não é uma pistola engatilhada, mas sim a sua mente, afinal, ela pode ser o nosso sucesso ou nossa destruição, dependendo de como a usamos. E por mais que pensem que minhas ações são objeto de reprovação, eu sei o que estou fazendo. Cada pessoa no mundo nasce com um dom, e considero o meu um tesouro. Ter a habilidade de manipulação não é para qualquer um, e nisso eu sou mestre.

Se a expulsão dos Rivera da Inglaterra não surtiu efeito conforme minha ideia inicial, parto para uma nova estratégia e outra, e mais outra, até alcançar o objetivo desejado.

Foi intencional a eliminação de um dos homens de Damián, pois eu imaginava que ao regressar de sua misteriosa viagem, ele viria atrás de mim querendo um confronto, resultando no enfrentamento com meu pai e dando fim a aliança entre eles. Mas eu me enganei, o velho é perspicaz, agiu cautelosamente.

Todo esse tempo frequentando o bordel foi com o objetivo de fazê-los acreditar que eu sou apenas um idiota inofensivo, preocupado em transar com as prostitutas. O verdadeiro motivo sempre foi estudar cada um daqueles latinos para descobrir suas estratégias, suas fraquezas e, no meio do caminho, acabei encontrando um dos segredinhos sujos do líder deles – um laboratório no porão, onde seus químicos produzem drogas para o tráfico.

Duvido que a filha prodígio esteja completamente ciente de tudo que seu papai faz. Além de traficante, ele explora mulheres inocentes, que são obrigadas a se prostituírem na Colômbia. Aqui as garotas trabalham legalmente, elas nem devem imaginar a verdadeira face do chefe delas.

O que um pai não faz para manter a imagem de bom homem para uma filha? Porque Damián é considerado um santo para ela.

Mía não possui meios de conhecer os segredos sombrios de seu pai, que se assemelha a Conan Russel, meu avô, o indivíduo infame que ainda é repudiado por nós. Esse homem foi responsável pela morte de meus avós paternos e, mesmo assim, habilmente conquistou a confiança de Killz, aproveitando-se do amor do genro por minha mãe, fazendo com que acreditassem que os verdadeiros vilões eram os Ivanov. Quando, na verdade, eles eram apenas suas testas de ferro, buscando alcançar seus objetivos.

A relação entre Damián e sua filha me faz lembrar a da minha mãe e meu avô, mas se depender de mim, sua máscara não durará por muito tempo. Eu anseio pelo momento em que Mía se despedaçará ao saber a verdade sobre o homem por quem ela daria até a sua própria vida para defender.

Ao contrário de Killz, que queria usar minha mãe para eliminar os assassinos de meus avós, eu sei que Mía é inocente, mas para mim, o que importa não é sua inocência, e sim o fato de ela carregar seu sangue.

Ela é uma Rivera, uma inimiga sem motivos aparentes.

Meu objetivo é desestruturar pai e filha até o ponto em que não consigam reunir os pedaços que sobraem. Para isso, é preciso replanejar, me transformar em um novo personagem nesse jogo de gato e rato. Meu progresso tornou-se obsoleto, não posso me comportar como antes, e sou grato ao Killz por ter me abordado naquele dia no galpão e ter exigido que eu me afastasse dos Rivera.

Ele acreditará que cada movimento meu está sendo feito de acordo com suas exigências, e vou permitir que continue assim por um longo tempo.

Para ocupar a cadeira de líder da organização é preciso que as ruas de nossos territórios estejam limpas. Vou eliminar todos os ratos imundos, um por um. Eles cairão no momento e na hora certa.

Desejo ter pai e filha sob meu domínio, e para isso não posso mudar da água para o vinho de repente, eles ficarão desconfiados e atrair suspeitas nunca é bom.

A minha transformação será gradual para alinhar as minhas metas.

Como o líder da família Knight irá reagir ao descobrir que, pela primeira vez na vida, ele não está um passo à frente? Talvez a idade esteja começando a limitá-lo.

Mesmo que eu não goste de admitir, sou exatamente como ele, mas com traços de várias personalidades. E uma delas, embora eu não reconheça, é a habilidade de manipulação, que herdei de Conan, um homem que nunca tive

a oportunidade de conhecer, mas sobre quem ouvi falar durante muito tempo.

— Você está agindo de forma estranha — comenta Dylan, ao meu lado, supervisionando as novas remessas de armas que chegaram ao galpão.

— Discordo.

Coloco um cigarro na boca e dou uma tragada, observando meu primo testar a submetralhadora Thompson no alvo que está a alguns metros de distância de nós.

— Faz uma semana desde que o tio Killz te proibiu de ir ao Las Chicas e você realmente obedeceu às ordens dele. — Ele me analisa por cima do ombro.

— Cansei de trepar com as prostitutas do Damián, quero algo novo. — Sorrio internamente enquanto solto a fumaça do cigarro pelo nariz e pela boca.

— Não era você quem pretendia se aproximar da Mía? Como vai conseguir isso sem vê-la? — Ele entrega a submetralhadora para um dos soldados que está fazendo anotações em uma prancheta.

— Você acha que frequentar o bordel e se envolver com as mulheres de lá vai me aproximar da filha de Damián? Preciso me aproximar dela aos poucos, não posso assustar a garota com a minha intensidade.

Dou mais uma tragada e observo a fileira de armas espalhadas na imensa mesa, enquanto os soldados transitam, levando caixotes de madeira destinados à exportação para a Irlanda, a pedido da Maeve, sogra do tio Carter.

— A calmaria não é a sua praia — ele diz, semicerrando os olhos.

— Às vezes, achamos que conhecemos alguém por termos convivido uma vida inteira, quando na verdade não conhecemos nem metade da nossa própria natureza, quem dirá a dos outros. — Meu tom se torna sombrio e macabro.

— Você está tramando algo, não vai me dizer o que é? — insiste, seguindo-me ao me ver afastar da mesa com as armas.

— Você saberá na hora certa. — Puxo a porta do galpão e saio, sentindo o frio da noite, mesmo que esteja bem agasalhado.

— Desde quando temos segredos? — Ele se coloca ao meu lado e toca meu ombro.

— Não temos, Dy, apenas não é o momento adequado para te contar. — Paro de andar e fixo meus olhos nos seus olhos verde-claros. — Se estiver disposto a me ajudar, preciso que me faça um favor esta noite.

Seu rosto se torna sério.

— Estou aqui para te apoiar, primo, minha lealdade é toda sua.

Isso é excelente.

— Vou me lembrar disso quando assumir a liderança da organização. Você será meu braço direito — prometo, e seus olhos brilham com ambição. — Governaremos juntos, meu amigo. — Dou tapinhas em seu ombro, sorrindo.

— Qual o plano? — Seu sorriso aparece nos cantos da boca.

— Seja meus olhos no Las Chicas, vigie todos os passos da Mía, de todos os funcionários. Sem exceção. — Ele me ouve atentamente. — Tente encontrar uma companheira fixa para se envolver naquele lugar. A desculpa para você ir lá mais vezes será essa, eles não irão suspeitar de nada, apenas acharão que você está viciado na garota. Se possível, encontre uma garota mais “inocente”, que possa te passar informações em troca de algumas libras — eu o instruo.

— Porra, Austen, e se a mulher se apaixonar? Não estou a fim de lidar com os sentimentos de uma prostituta. — Faz uma careta e passa a mão em sua barba por fazer.

— É só uma prostituta, Dylan, elas sabem o que envolve o trabalho delas.

— Se tivéssemos a mesma idade, eu diria que fomos trocados ao nascer, que você é o filho do meu pai — debocha.

— Dylan James Knight, você é um lobo disfarçado de cordeiro. — Aperto seu ombro. — Não tente nos enganar com essa pose de herói para dar orgulho à nossa família. Se você tiver algum segredo obscuro, estou aqui para te apoiar — murmuro, piscando para ele.

— Não há nada escondido. — Sua risada é breve e baixa.

— Sempre há, mas isso é algo pessoal. — Observo ao redor, vendo os soldados levando os caixotes lacrados até o caminhão.

As armas serão transportadas por caminhões com logos adulterados até o nosso porto privado. Para todos os efeitos, estamos enviando os contêineres com produtos vegetais de uma fazenda localizada no Sul da Inglaterra até a Irlanda.

Teremos novamente um negócio bem-sucedido em mãos, meu pai tem estabelecido acordos com alguns membros da guarda costeira, com o objetivo de evitar fiscalização nos navios que carregam nossas mercadorias, ou fazem relatórios falsos, garantindo assim que não sejamos alvos das autoridades.

— Prometo cumprir o que me pede. Caso haja qualquer novidade, avisarei. — Ele pigarreia.

— Ficarei aguardando. Obrigado — agradeço.

— Você não precisa passar na casa dos seus pais para pegar o Hades? Deixe que eu cuido do restante das coisas aqui — diz ele, dando a impressão

de que quer se livrar de mim.

Hades. Essa foi a única exigência do meu pai que não foi atendida. Não busquei o rottweiler na casa deles, mas farei isso esta noite. No futuro, vou precisar dele. É um cão treinado, com habilidades incríveis. Ele pode ser minha melhor arma no momento certo, então quanto antes o tiver em mãos, melhor. Assim, poderei treiná-lo com mais frequência.

— É verdade — assinto.

— Pode ir, eu cuido de tudo. Quando terminar, passarei em casa antes de ir ao Las Chicas.

— O.k. Mantenha-me informado. — Dou um último tapinha em seu ombro antes de me dirigir ao Porsche Taycan preto.

Entro no automóvel e verifico o horário no relógio, são nove horas da noite, certamente eles já jantaram. Pelo menos, não chegarei em um momento que possa atrapalhar o jantar deles.

Certifico-me de estar usando o cinto de segurança e, em seguida, coloco o carro em movimento, acelerando o veículo ao máximo enquanto os pneus cantam.



Durante o percurso até a mansão, dei uma nova olhada na pasta preta contendo o relatório que me enviaram por e-mail, três dias atrás. O investigador que costuma realizar alguns serviços para minha família me apresentou recentemente a chave para desmascarar Damián. Fico me questionando se meu pai realmente sabe que o tal “amigo” dele possui um laboratório no porão, e decidiu trazer o negócio das drogas para o nosso lado, sem nos informar para manter em segredo.

Nossa organização nunca trabalhou com tráfico de drogas, sempre estivemos envolvidos em corridas ilegais, venda de armas, peças de carros extremamente caras, o cassino e a empresa legalizada dos Knight, que serve como fachada. Atualmente, estamos explorando outros negócios, como boates, hotéis de luxo e lutas clandestinas em um de nossos galpões, mas

drogas? Nunca vendemos uma sequer, ou pelo menos é isso que o nosso chefe da máfia inglesa quer que acreditemos. Afinal, não traficar mulheres ou drogas é uma regra antiga, quando nem mesmo eu havia nascido.

“A garota Rivera está aqui entre nós.”

Recebo essa mensagem no meu celular quando entro na propriedade dos meus pais, após os soldados liberarem a minha passagem. Nos últimos dias, tenho encontrado aliados em lugares improváveis. Já me disseram que todos têm um preço, e é verdade. Consegui trazer alguém para o meu lado que jamais imaginei que poderia se unir a mim. Apesar de nossa relação complicada às vezes, sei que essa pessoa será leal a mim.

Saio do carro e percebo imediatamente um veículo diferente ao lado do da minha irmã. Acredito que seja o carro da Mía, mas é estranho que não haja nenhum cão de guarda do pai dela.

Será que é um sinal de sorte para mim? Acredito que sim.

Entro na casa, e vejo que no suporte de casacos na parede do hall de entrada não tem espaço para mais nenhum, então decido não tirar o meu casaco, mas um dos casacos ali me chama a atenção, principalmente por conta do aroma marcante do perfume.

É o cheiro dela.

Eu reconheço o aroma dos meus pais, da Kitty, e, infelizmente, até mesmo o da ratinha, que eu memorizei desde o primeiro encontro que tivemos no escritório do pai dela, quando ela tentou ser uma super-heroína.

O casaco de cor creme está na última fileira. Com um sorriso divertido nos lábios, eu seguro uma das mangas e aproximo a peça do meu nariz, inspirando o perfume.

Baunilha. Essa desgraçada deve ter uma pele macia e perfumada. Será que ela se arrepiaria com o toque das minhas mãos ásperas? Ficaria excitada com os meus dedos percorrendo sua pele delicada?

Por alguns segundos, eu fecho os olhos e inalo novamente o seu aroma, sentindo-me como um animal sedento pela sua presa. Minha mente obscena me transporta para um cenário que nunca vi antes, onde Mía Rivera está curvada diante de mim, enquanto surro sua bunda com o meu cinto e a penetro por trás, ouvindo-a gritar o meu nome e implorar para que eu a coma com força.

A cena me deixa de pau babando e ereto. Não vou mentir dizendo que não fico excitado ao pensar na filha do Rivera. Mulher é mulher, não importa se seja uma inimiga. Acho que esse fato torna mais emocionante minha fantasia em conquistar a garotinha do mexicano safado.

Incluir o sexo com ela talvez não seja tão ruim assim, seria mais interessante. Ela é atraente, e posso moldá-la se for inexperiente na cama, mas se não for, melhor ainda, teremos momentos satisfatórios do mesmo modo.

Uma virgem.

Será que ela nunca teve relações com um homem? Eu duvido, ela esteve por três anos em Nova Iorque, longe dos olhos do Damián, deve ter tido experiências sexuais por lá e conhecido muitos homens, afinal, ela é deliciosa de se olhar, imagine para outras coisas.

Uma tosse repentina me traz de volta à realidade, então rapidamente solto o casaco de Mía e fixo meu olhar na direção de onde ouvi o som. É o maldito do Dean, com um sorriso irônico no rosto.

— Sempre achei você estranho, mas testemunhar essa cena... tenho certeza agora. — Ele comprime os lábios, segurando o riso.

— Se abrir a boca para alguém, amanhã você acorda sem a língua — ameaço, com uma expressão séria.

— Sim, chefe — responde com seriedade, mas aposto que está se segurando para não revidar.

— O que está fazendo aqui? Arrumou culhões para pedir ao meu pai a Kitty em...

— Caralho, Austen, quer que te escutem? — me interrompe, vermelho de raiva. — Vim a pedido do chefe, vou acompanhar a senhorita Rivera até sua casa daqui a pouco.

— E o que Mía está fazendo aqui? Você ouviu algo? — questiono, me aproximando dele.

— Sua irmã e ela estão próximas há uma semana — revela.

— Porra, você não me informou dessa merda, idiota. — Encaro-o com raiva, contendo meu tom para que não nos escutem.

— Você não está me pagando para falar sobre a amizade das garotas — ele retruca, dando um tapa no meu ombro.

— Que tipo de braço direito você será para o meu pai? Não sabe desempenhar suas funções corretamente, passa informações incompletas, você demorou dias para me contar isso. — Fico irritado e insatisfeito.

— Agora está sabendo. — Ele vira as costas e sai da mansão.

Dean é completamente inútil.

Dois dias atrás, tivemos uma conversa no galpão de treino e subimos juntos no ringue para treinar. Eu o persuadi a se unir a mim, prometendo pagar-lhe muito bem para me ajudar com os Rivera, mas ele não me conta uma informação crucial?

Só não vou atrás dele porque estou bem-humorado. Minha irmãzinha está me proporcionando o que eu tanto desejo, sem que eu precise fazer qualquer esforço. Depois que tudo estiver em seus devidos lugares, Kitty não poderá dizer que a usei, porque foi ela quem decidiu se tornar amiga da filha de Damián, não a influenciei em momento algum. Isso é maravilhoso,

estou sendo recompensado antes do tempo previsto.

Sorrio malicioso e de bom humor enquanto me dirijo à sala, ouvindo a mistura de vozes da minha família e da convidada.

— Estão dando uma festa sem me convidar?

As bochechas e o nariz da garota estão vermelhos por conta do frio, mesmo com o aquecedor ligado na casa.

Observo meus pais sentados no sofá um ao lado do outro, assim como as novas amigas, mas não me agrada ver Hades confortavelmente perto de Mía. Ele não gosta de estranhos, raramente permite tanta proximidade, e meu rottweiler está com a cabeça apoiada na perna da garota, dormindo. Eu nunca deveria tê-lo deixado na casa dos meus pais, isso acontece por ficar muito tempo sem uma boa aventura, como costumávamos ter em nossas visitas ao Las Chicas.

Com o maxilar tensionado, disfarço meu ódio com um sorriso forçado para minha família.

— Filho, você veio! — Minha mãe se levanta e vem até mim, me abraçando com saudade.

— Sim. — Vejo Mía me ignorar e afagar a cabeça do meu rottweiler sem medo de perder a mão.

— Ele é muito fofo, estou surpresa. O Hades, quando está em má companhia, pode se tornar um monstrinho. — A atrevida me lança um olhar desafiador, enquanto a minha família nos assiste calados. — Não estou certa, garotão? — Ela toca no focinho dele e sorri com uma doçura irritante para o cão, que abre os olhos e late para ela como a porra de um adestrado.

— Desde quando Hades se tornou tão molenga? — questiono, beijando a testa da minha mãe.

Afasto-me da senhora Knight e faço um comando com os dedos na boca para o cão, que em vez de me obedecer, se derrete com o toque da latina e se espalha no carpete.

— O que vocês fizeram com o Hades? — Tento outro comando, com o qual ele já estaria na minha frente, mas não adianta.

— São meses sem dar importância para o cachorro, Austen, ele não vai te obedecer rapidamente — se manifesta meu pai, avaliando-me.

— Concordo, filho — fala minha mãe.

— Esta noite vim buscá-lo — aviso, me aproximando do rottweiler que está desfrutando do carinho da Rivera.

— Acredito que em casa seja mais espaçoso para Hades viver. Apesar de seu apartamento ser enorme, não é aconselhável deixá-lo lá. Ele se sentirá sozinho quando você sair e não puder levá-lo — Katherine se manifesta, sorrindo.

— Minha área de serviço é ampla o suficiente para ele ficar lá. — Ignoro suas boas intenções e me agacho na frente dele, encarando seus olhos negros ferozes. — Vamos para sua nova casa, garoto. — Seguro a coleira de prata feita sob medida que comprei para ele há um ano.

Pela primeira vez, Hades late para mim como se eu fosse uma ameaça. O rottweiler solta um rosnado profundo, mostrando seus dentes afiados. O som ressoa pela sala, evidenciando que o animal está em alerta e pronto para proteger seu território. Mesmo ciente do perigo, mantenho minhas mãos nele enquanto sua baba molha o carpete.

Mía fica paralisada e com o rosto pálido, já a minha irmã arregala os olhos, incrédula pela agressividade de Hades comigo.

— Austen, se afaste dele! — pede minha mãe, com a voz trêmula.

— Deixe-o, Aubrey, ele sabe o que está fazendo — intromete-se Killz.

Concordo com ele ao manter meu olhar fixo em Hades que está latindo ferozmente.

Com um suspiro tranquilo, começo a assobiar suavemente, quase como se estivesse cantarolando uma melodia. Eu costumava fazer isso desde que ele era apenas um filhote.

Todos ficam em silêncio e sinto três pares de olhos focados em mim.

Continuo assobiando suavemente, acariciando a pelagem dele de forma despreocupada, enquanto ele parece hipnotizado pela melodia. Aos poucos, seu rosnado vai diminuindo até que finalmente Hades se acalma.

— O que aconteceu com você, garoto? — Acaricio sua cabeça ao vê-lo mais tranquilo.

— Preciso de um copo de água, minha alma quase saiu do corpo! — diz Katherine, apavorada.

— Eu também, por favor — acrescenta Mía, gaguejando.

— Venham comigo, meninas — chama Aubrey.

Elas obedecem, seguindo até minha mãe.

Me afasto de Hades, levanto e dou um comando para ele, o mesmo que usava quando o treinava para ser um soldado. Dessa vez, ele obedece, sentando-se diante de mim.

— Você foi corajoso, Austen. Mesmo sabendo que poderia ser atacado, você se manteve firme. — Ouço meu pai dizer, levantando-se.

— Não foi pra isso que fui treinado desde a infância? Ter resistência, independentemente de qualquer coisa? — Olho para ele por cima do ombro quando ele se coloca ao meu lado.

— Sim, é verdade.

— O que Rivera está fazendo aqui? Vocês a convidaram para jantar? —

Pressiono os lábios, mantendo uma falsa tranquilidade.

— Sim. Sua irmã e ela estão mais próximas, se conheceram há alguns dias no Las Chicas.

— Essa sua relação com o pai dela está indo longe, não é? — murmuro.

— Ela está seguindo do jeito que eu quero, e será assim por um bom tempo.

Sorrio internamente, aumentando a minha desconfiança.

— O maior erro do esperto é achar que pode fazer qualquer um de tolo. — Dá tapinhas nas minhas costas, encarando o meu rosto com aqueles olhos cheios de mistério.

— Devo concordar com o senhor. — Sento-me na poltrona próxima e chamo Hades com um estalar de dedos.

— Soube que está obedecendo às minhas ordens de não se envolver nos negócios de Damián. — Ele volta a se sentar no sofá.

— Conheço os meus limites. — Acaricio a cabeça do Hades e observo a expressão satisfeita do meu pai.

— É bom ouvir isso, mas não quero falar com você como se fôssemos dois inimigos na defensiva. — Passa as mãos em seu sobretudo preto.

— Não percebi que estávamos agindo como inimigos. — Ergo a sobrancelha, arrancando uma risada dele.

— Eu te criei bem, garoto — se orgulha.

— Austen, por favor — corrijo-o.

Meu pai ri.

— Deveria ter chegado mais cedo, sua mãe gostaria que você estivesse aqui para o jantar. — Muda de assunto.

— Vim do galpão, estava trabalhando, hoje enviamos as mercadorias para a Maeve — comunico-lhe.

— Sim, estou sabendo, fui informado. — Balança a cabeça. — Já comeu? — questiona-me, curioso.

— Mais cedo, sim — murmuro, notando as três mulheres surgirem na sala.

— Quer jantar? — pergunta ele, surpreendendo-me.

— Como em casa, obrigado — agradeço-lhe, levantando-me.

— Filho, tem certeza de que não quer comer? — intercede minha mãe, preocupada.

— Não se preocupe, mãe, não vim para jantar, apenas para buscar Hades. E estou cansado do trabalho, preciso relaxar por algumas horas,

amanhã tenho que estar no galpão mais cedo — explico, sentindo o olhar de Mía em mim, queimando minha pele.

— Senhor Knight, será que já poderiam me acompanhar até minha casa? Está ficando tarde — manifesta-se a garota, sem querer me olhar.

Eu poderia oferecer a minha escolta, mas com certeza teria recusado. Se bem que eu faria o mesmo, não sou muito bom em aceitar caridades.

— É claro, Mía, apenas aguarde um momento. — A gentileza de Killz é admirável.

Tenho quase certeza de que ele está preparando o terreno antes de unir Mía ao meu primo. Ele deseja ser tão acolhedor a ponto de fazer a garota aceitar esse casamento sem questionar.

Mesmo sendo observados, ergo meus olhos para os da garota e nos encaramos por breves segundos. Meu pai analisa os meus movimentos e isso não me intimida. Examino Mía dos pés à cabeça, lentamente, calculando até mesmo sua respiração, que se torna pesada sob minha avaliação.

Katherine limpa a garganta, e a tímida amiga abaixa a cabeça. Dou uma risadinha ao perceber que eu a afeto.

— Boa noite para vocês — desejo-lhes, em seguida chamo Hades para que me siga.

Peço que me perdoe, Dylan, mas não posso permitir que meu pai case você com a filha do Rivera. Vocês se casarem arruinará meus planos. Se for preciso, estou disposto a me esforçar em uma aliança. Além de ajudar meu primo, também me beneficiarei ao ter controle sobre Mía. Ela será minha para fazer o que eu quiser, especialmente para acabar com Damián.

De toda forma, ela carregará nosso sobrenome, e é justo que, como primogênito e futuro líder da máfia inglesa, eu lhe conceda esse direito. Será uma satisfação orgulhar meu pai com essa atitude, pelo menos, é isso que o deixarei acreditar. Este sacrifício certamente trará bons resultados para mim no futuro.



Dylan me chamou para vir ao cassino, segundo ele, obteve uma informação com uma das garotas do Las Chicas na noite passada que é do meu interesse. Gostei de ele ter marcado aqui, preciso ter muito cuidado para não levantar suspeitas.

Parado no estacionamento do cassino, ainda na minha moto ninja preta, tiro o capacete e, olhando pelo retrovisor, observo meus soldados dentro do carro, como pedi. Não posso confiar neles a ponto de permitir que fiquem perto o suficiente quando eu for conversar com Dylan. Meu pai ainda é o chefe, continua no comando, basta pressionar aqueles idiotas para que eles entreguem tudo.

Antes de descer da moto, arrumo minhas armas nos coldres, em seguida, seguro o capacete com a mão esquerda e me dirijo à porta do cassino, onde estão dois seguranças enormes, liberando a passagem para os clientes do local.

— Boa noite — eu os cumprimento.

Os seguranças me reconhecem e abrem o caminho para mim sem a necessidade de me revistar. Empurro as portas duplas de vidro, no salão bem iluminado já encontro alguns clientes circulando e os caça-níqueis repletos de apostadores se divertindo.

A música de Elvis Presley ressoa pelos quatro cantos do lugar em um volume moderado, me sinto tão contagiado pelo ritmo que até relaxo.

Analiso cuidadosamente o ambiente ao meu redor e, à medida que olho mais adiante, vejo mesas de blackjack, baccarat e pôquer. A noite está seguindo o mesmo padrão de sempre, cheia de pessoas. O meu interesse não está nos jogos, prefiro aproveitar o bar, tomar algumas bebidas e observar os jogadores ganhando ou perdendo.

Este lugar pode não ser a famosa Cidade do Pecado, mas o negócio do tio Ezra atrai uma grande quantidade de jogadores. A diversão é garantida, especialmente a adrenalina, que nunca falta.

Decido ir ao bar mais próximo e do outro lado do balcão vejo Dylan, distraído conversando com uma das atendentes, que é muito linda por sinal. Ela sorri para ele de forma derretida e toca seu ombro de vez em quando.

Dylan tem um bom gosto, assim como eu. A mulher é negra, tem cabelo cacheado, alta e com algumas curvas generosas. Ao me aproximar o suficiente para observá-la melhor, confirmo minhas impressões. Ela deve ser a razão pela qual ele não me atendeu mais cedo, quando liguei para avisar que estava a caminho. Mas não posso julgá-lo, eu faria o mesmo se estivesse na companhia de uma beldade dessas.

— Hum-hum. — Pigarreio, tocando o meu anel de prata no balcão e chamando a atenção de alguns clientes sentados nas banquetas, ao meu lado esquerdo e direito. — O seu pai está contratando aqui? Eu também gostaria de uma vaga, parece ser mais tranquilo e interessante. — Sorrio de forma maliciosa, observando meu primo me lançar um sorriso cínico e, em seguida, dizer algo baixinho no ouvido da mulher charmosa, que se afasta para atender a um cliente.

— Ele te demitiria em menos de vinte e quatro horas, você é playboyzinho demais para trabalhar no cassino — provoca, apoiando os cotovelos no balcão e me encarando.

— Olha quem fala, você deveria olhar para o próprio rabo — desdenho, sentando-me na banqueta.

— Eu olho todos os dias. Quer alguma bebida? — pergunta, se afastando e dobrando as mangas de sua camisa branca até os cotovelos, mostrando algumas tatuagens. Assim como eu, meu primo também as tem, a diferença é que o corpo dele é coberto delas.

— Agora não. Desde quando é barman? — Arqueio a sobancelha.

— Não sou, só estava dando uma força para a Allysson enquanto você não chegava. — Descaradamente olha para a atendente, que pisca para ele ao ouvir o seu nome ser mencionado.

— Qual é a de vocês? — indago, interessado.

— Vamos sair depois que ela terminar o turno — comenta, sem tirar os olhos da garota que serve um casal.

— O que você não faz para comer uma boceta, né? Tantas pessoas neste lugar e fez questão de dar “uma força” justamente para a mulher que quer foder. — Meu tom sai baixo para que só ele escute.

Dylan inclina a cabeça para trás gargalhando.

— Eu sei como conquistar uma garota, ao contrário de você, que gosta de se fazer de difícil — alfineta, com a maior audácia.

— Agora você sabe, porque a maioria das mulheres que comemos juntos fui eu que que consegui para nós — retruco. — Está a fim de dividir a sua garota? Se ela quiser, é claro. Preciso relaxar, esses dias têm sido tensos.

— Sabe que não tenho problema com isso, vou perguntar a ela se quer passar a noite com a gente. — Ele se afasta, indo até a garota.

Duvido que ela vá jogar fora a oportunidade de ter os dois ao mesmo tempo.

Num instante em que a música “Poker Face” de Lady Gaga toca, me viro no banquinho e percebo alguns jogadores comemorando uma vitória em uma das máquinas próximas. Entre tantas pessoas, meus olhos se fixam em algo que me chama a atenção, chego até a pensar que talvez esteja alucinando – mesmo sem ter bebido nada hoje.

Estou vendo a Mía, com uniforme de garçonne do cassino. Que diabos está acontecendo? O que passa pela minha cabeça ao acreditar que vi a Mía passando a alguns metros à frente, com um vestido que quase mostra seu útero e um decote que aperta seus seios? Seu corpo está mais exposto do que escondido, atraindo muitos olhares masculinos.

Volto a observar a mulher por mais algum tempo e... Não existe apenas uma mulher com o cabelo daquela cor... Mas o brilho dos fios dela é inconfundível.

A garçonne permanece de costas e segura uma daquelas bandejas que ficam na frente do corpo, presa com uma alça de pescoço. Observo lentamente a garçonne dos pés à cabeça. Ela tem uma bunda empinada, apertada no seu vestido curto e azul, e usa saltos altíssimos.

Damián nunca permitiria que sua princesa se vestisse assim, se fosse o caso, ela estaria trabalhando em um bordel, como uma de suas prostitutas.

— Ela concordou, sairemos às duas da madrugada — informa Dylan, mas eu o ignoro.

Não consigo me virar para ele, meu olhar está fixo na mulher ainda mais distante, de costas, com longo cabelo preto.

Ela parece desorientada, e eu estou ansioso para orientá-la. Acredito que seja uma nova contratada e ainda não saiba exatamente como as coisas funcionam por aqui. Levanto-me da banquetta, pronto para encontrar a mulher, mas paraliso ao vê-la olhar para trás. Quando nossos olhos se encontram, ela engole em seco e seu rosto fica pálido.

Mía Rivera.

Eu não estou delirando.

Seus olhos só deixam os meus porque dois homens se aproximam dela e um deles toca em seu quadril, deslizando lentamente a mão até chegar a sua cintura.

— Mía Rivera desfilando com um pedaço de pano no cassino do Ezra é a coisa que você queria me mostrar? — Aperto meu maxilar ao perceber que a garota está sendo assediada pelos desgraçados, que a tocam sem o seu consentimento.

— Era — admite.

— O que ela está fazendo aqui? — Brado, sentindo uma espécie de fúria ser injetada em minhas veias ao ver Mía se afastar dos homens.

— Seu pai conseguiu um emprego para ela aqui, é o segundo dia dela, mas parece que ela não vai se adaptar ao...

Nem espero que complete, em passos largos, movo-me em sua direção. Minha expressão ameaçadora afasta os homens, mas isso ainda não é suficiente, eles ainda compartilham o mesmo ar que ela. Os desgraçados deveriam ter enfiado o rabo entre as pernas e ido embora imediatamente.

— Algum problema por aqui? — Coloco-me ao lado dela. Quando envolvo sua cintura com o braço, seu corpo se tensiona. — Não gosto de repetir as mesmas palavras, cavalheiros. — Uso um tom moderado e intimidador.

Viro o rosto para encarar a garota, mas acabo batendo meu nariz em seu cabelo macio e cheiroso. Um perfume de baunilha paira no ar, o mesmo cheiro do maldito casaco que ela usava naquele dia.

A desgraçada é cheirosa, não posso negar.

— Só viemos pegar um cigarro com a garçonete — responde um deles.

Então analiso seriamente cada um deles, e depois a bandeja de Mía, que contém apenas taças de bebidas.

— Aqui não encontro cigarros, como podem ter visto. — Sorrio de forma sádica. — Procurem em outro lugar. — Olho para eles com expressão severa no rosto. Mía tenta se afastar de mim, mas seguro seus quadris com firmeza para que ela fique.

— A garçonete é sua namorada, ou mulher, por acaso? — o segundo homem, mais jovem, talvez com a mesma idade que eu, arrisca a perguntar.

— Saíam daqui, a festa de vocês já acabou. — Ignoro a pergunta do homem.

Eles caem na risada.

— Somos clientes fiéis, acha mesmo que o dono irá nos perder por causa do seu ciúme por essa garçonete vestida de forma provocante? — O mesmo idiota intrometido aponta para o corpo de Mía com malícia.

Preciso fechar os olhos, respirar fundo e estalar o pescoço. Não posso perder o controle na presença de tantas pessoas, mas minha vontade é sacar minhas armas e derramar o sangue deles diante de tantas testemunhas.

— Detesto precisar recorrer à violência, mas vocês estão pedindo por isso. — Dou um passo à frente e encaro o homem, observando sua respiração falhar.

— Austen, me solta. Eu sei me defender e não posso perder meu emprego por causa desses dois imbecis. Conheço bem a mente suja de

homens como eles!

Me surpreendo com a voz baixa de Mía ao pé do meu ouvido.

— Aqui não é qualquer lugar, Mía, eles têm que conhecer as regras. — Eu a solto e agarro a gola da camisa do cretino, cujo nome não sei e nem quero saber.

— E quais seriam? — afronta. Este é corajoso, já seu amigo não, pois tenta alertá-lo.

Com um riso baixo e ameaçador, seguro o pescoço do covarde e sussurro em seu ouvido.

— Você tem dez segundos para sair do cassino, e vai fazer isso com seu amigo sem olhar para trás, sem olhar para a garota ao meu lado, entendeu? E agradeça por esta noite não terminar com você sem língua por falar demais, sem mãos por tocá-la e sem olhos por olhar e desejar o que nunca poderá ter. — O corpo do homem estremece e sinto olhares sobre nós. — É o seguinte, não estou exatamente no meu melhor dia. Se continuar sendo engraçadinho, vou rasgar sua garganta com a mão e derramar seu sangue imundo na frente de todos que nos observam. — Aperto seu pescoço e ele se engasga.

— E-eu en-entendi... Es-estamos saindo! M-me perdoe...

— Peça perdão a ela, não a mim. — Dou-lhe um tapa no rosto e a garota ao meu lado solta um gemido de surpresa. — Vamos, diga as palavras mágicas.

Massageando o rosto e com uma expressão apavorada, o homem abaixa a cabeça e murmura quase inaudível:

— Me perdoe, senhorita, não quis ser rude.

— Já basta, saiam daqui imediatamente! — Rosno baixinho.

O homem é arrastado rapidamente pelo seu amigo e eles saem apressados do cassino conforme ordenei, sem se virarem para trás.

— Depois dessa cena lamentável, acredito que terei que trocar de roupa, vou ser demitida! Você agiu como se eu fosse um poste para fazer xixi e me marcar como se eu fosse sua! — reclama, furiosa, enquanto encaro seus olhos negros, que considero encantadores.

Ingrata.

— Claro que você vai trocar de roupa, você não vai trabalhar aqui! — Pego a bandeja das mãos dela e a empurro contra um dos soldados do meu tio quando ele se aproxima.

— Austen, você está chamando a atenção dos clientes. Seu tio não vai ficar feliz com isso — diz o homem alto, careca e tatuado.

— Eu dou um jeito nisso — respondo, e o soldado se afasta com a bandeja.

— O que você estava dizendo mesmo, Knight? — Gargalha a insolente Mía.

— Você não vai trabalhar aqui, ainda mais usando esse vestido que mostra até a sua calcinha! — Indignado, tiro a minha jaqueta e ignoro completamente as minhas armas no coldre. — Coloque isso — ordeno, fazendo-a apertar os lábios em negação.

— Você não manda em mim. — Ela cruza os braços e dá as costas para mim, desaforada, rebolando enquanto caminha, atraindo alguns olhares até a sala dos funcionários.

O que deu na cabeça do meu pai para colocar a Mía neste lugar e fazê-la usar esse pedaço de pano? Como ele expõe a futura nora dele dessa maneira? A minha *esposinha* não vai ficar sendo exibida para esse bando de machos.

Visto a minha jaqueta e avanço até a porta por onde a mulher irritante passou.

— Vou acabar achando que está obcecado por mim, Austen Knight, agora me segue para todo lugar.

Ecoa em meus ouvidos o tom zombeteiro dela assim que entro no espaço de descanso dos funcionários do cassino.

De costas, ela tenta descer o zíper do vestido. Minha primeira reação é fechar a porta atrás de mim e, em seguida, vasculhar cada canto do local para verificar se há mais pessoas ali presentes.

— Não se sinta especial, garota. Esse cassino é do meu tio, você sabe muito bem disso — retruco após um tempo.

— Tente convencer a si mesmo com essa resposta. Além disso, não era necessário trancar a porta. — Faz um barulho irritante com a boca. — O que você quer? Vai ficar aí me olhando tirar a roupa? — Ela desce o zíper da roupa sem se importar com a minha presença.

Eu me encosto na parede e cruzo os braços, sem acreditar que ela vai ficar nua na minha frente.

— Não seria mais adequado se trocar no banheiro? — Aponto para a porta próxima a ela.

— Você agindo como um certinho? Fico surpresa, afinal, você tem a fama de ser o maior conquistador da Inglaterra, não aguenta ver uma mulher atraente na sua frente que já quer comer — rebate, lançando-me um olhar desafiador.

Com um riso contido, me aproximo dela e paro na sua frente, analisando-a dos pés à cabeça.

— Certinho, eu? E, por favor, Mía, não se ache tão irresistível a ponto de se declarar como algo que me interessa. — Divirto-me, sussurrando para ela.

— Ufa, fico mais aliviada em saber que não desperto o seu interesse. Seria um tanto doentio me considerar sua inimiga e desejar me foder, não é? — Sua expressão endurece, e seus olhos brilham de raiva.

— Está implorando pela minha atenção ou um pedido de desculpas? — Ergo a sobrancelha.

— Oh, por favor, Knight, não espero nada de você além de decepção. — Ela tenta se afastar, mas eu a seguro pelo braço.

— Você machuca o meu coração assim, ratinha. — Deslizo suavemente os dedos por sua pele, sentindo sua maciez.

— E você tem um? E não me chame de ratinha, seu cafajeste! — Ela bate na minha mão, tentando me fazer soltá-la, mas sou resistente.

— Deveria? — Meus olhos seguem seus lábios e, lentamente, encontro os seus olhos.

— Você pode me soltar, por favor? Não era para você me tocar, não te dei permissão para essa intimidade comigo. E depois do que você fez com o Javier, nem mesmo deveria olhar para seu rosto. — Ela consegue se afastar de mim.

— Você é muito rancorosa, Rivera. — Me sento em um dos sofás.

— Olha quem fala, o herdeiro mimado que vivia no Las Chicas tentando nos intimidar, porque é um bebê chorão e não aceita o acordo entre nossos pais. — Ela tira o vestido sem nenhuma timidez.

É um plano para me fazer perder completamente a razão? Porque nem mesmo tenho uma resposta para a sua provocação.

Não deveria ser agora que eu revelaria a ela que se eu fosse o líder da organização, seu pai e seus seguidores estariam mortos?

A safada está quase nua diante de mim, apenas a boceta coberta. Seus seios são pequenos, mas encaixam perfeitamente em minhas mãos. E os mamilos em tom marrom-claro estão durinhos, convidativos para serem chupados enquanto ela cavalga em cima de mim.

Ela é magra, isso já era evidente, mas agora consigo observar cada detalhe melhor. Cintura fina, pernas não são tão definidas, mas isso é mero detalhe quando meu membro está pulsando tão intensamente.

Com um sorriso diabólico, respiro fundo e a excitação corre pelas minhas veias, sou tomado por uma adrenalina.

Ao perceber que ela planejou tudo de forma intencional, meu ar fica preso na garganta. Ela morde a maldita boca de maneira sedutora e brinca com o cabelo de forma descontraída. Em seguida, segura nas alças finas da calcinha vermelha de renda, que se destaca em sua pele.

— Nem o seu cachorro babou tanto naquele dia enquanto latia para você, Austen — diz, enquanto dá passos em minha direção e balança os

quadris como se estivesse dançando para mim.

Pela primeira vez, tenho que admitir que Mía está me afetando, não apenas psicologicamente, estou duro e pulsante na cueca.

— O gato comeu sua língua? — Ela para na minha frente.

Mexendo-me no sofá, balanço a cabeça e solto um palavrão. Ela o ouve e dá uma risada divertida.

— Esse é o seu jeito de me pedir para te foder, rata? — Ergo o rosto, encontrando meu olhar com o dela.

— Você soa tão repetitivo, sabia? A verdade é que você está louco para me jogar nesse sofá e enfiar o seu pau em mim enquanto segura meu cabelo com força e — inclina-se e apoia as mãos nas minhas coxas, enquanto seu rosto fica a poucos centímetros do meu — mete fundo, mais fundo, a ponto de me deixar com a voz rouca de tanto gritar seu nome e com a boceta assada.

A cretina me faz imaginar a cena diversas vezes.

Também sei fazê-la queimar.

— Se eu tocar na sua boceta, ela estará molhada para mim?

Sua respiração é intensa, mas ela não perde sua postura firme.

— Por que não descobre por si mesmo? — Segura meus ombros desta vez e me empurra para trás, em seguida, coloca as pernas em ambos os lados dos meus quadris e se senta no meu colo.

Corajosa, ela segura minha mão e a leva até as suas pernas. Minha curiosidade está fora de controle, então afasto a peça íntima para o lado e deslizo meus dedos dentro da sua calcinha, tocando a sua vagina.

Ela não está apenas molhada, está completamente encharcada. Meus dedos mergulham facilmente na sua excitação.

— Estou ou não molhada? — Empurra os quadris para a frente e solta um gemido enquanto eu a dedilho. — N-não v-vai me responder, Austen? — Ela geme novamente e me leva à beira do precipício ao dizer meu nome.

— Está sim, inferno... — Rosno entre dentes, fechando os olhos, recusando-me aceitar a minha derrota.

— Você realmente vai masturbar a sua inimiga? E toda aquela história de que não sou interessante para você? — Ela me cutuca como um diabo maldoso, ao mesmo tempo em que geme, adorando me ver ceder ao seu desejo.

— Cale a boca, porra! Você me provocou, agora vai ter que aguentar.

Adoraria acariciar seus seios, mas tenho preferência pelo seu pescoço. Eu envolvo meus dedos ao redor dele e trago sua boca para a minha, silenciando-a de uma vez por todas, enquanto a estimulo com os meus dedos e ela se movimenta de forma provocante.

Agressivamente, minha língua abre seus lábios e nossos dentes se chocam antes de iniciarmos um beijo intenso, molhado e fervoroso. A gente se beija com vigor, como dois animais selvagens. É uma merda excitante, quase doentia, pois ela me morde a ponto de me fazer sangrar, e eu, em resposta, a penetro sem me preocupar se há um hímen a romper ou não.

Mía solta gemidos e choramingos, enquanto nossas bocas se separam, e o sangue que ela tirou de mim aparece em seus lábios.

— Deve ser terrível estar prestes a gozar para o homem que você odeia, não é? — Movimento meus dedos para cima e para baixo em seu clitóris escorregadio.

— Nestas ocasiões, não costumo guardar ressentimentos. — A determinação em sua voz me deixa excitado.

— O que seu pai acharia se soubesse que a queridinha dele está quase se entregando para mim, o Knight que ele tanto despreza? — Um sorriso de satisfação e arrogância se desenha em meus lábios ao perceber que quanto mais mergulho em seu interior, mais ouço o som que denota sua excitação.

— V-você é um canalha, Austen, não envolva meu pai nessa situação. — Ela solta um pequeno gemido e, em busca de seu próprio prazer, remexe seu corpo.

— Shhh, agora goze para mim, consigo sentir a sua boceta apertando meus dedos. — Minha ereção se contorce dentro da cueca. — Prometo não contar a ninguém nosso segredinho sujo, Mía. Mas você vai ter que retribuir o orgasmo que vou te proporcionar, daqui a pouco quero você de joelhos na minha frente, me chupando. Você sabe fazer isso, não é mesmo?

Ela não responde, ignora minhas palavras, mas adora que eu esteja masturbando-a.

Ouçó um som vindo da porta, mas eu o ignoro e continuo fodendo Mía com a minha mão, apreciando seus gemidos deliciosos.

— Austen, o Dylan me disse que você e a garota iam se machucar, então tive que abrir a porta com a chave reserv...

Congelo ao ouvir a voz do meu tio Ezra atrás de nós.

Assustada, Mía se encolhe na minha frente e meu entusiasmo rapidamente desaparece.

— Eu não vi nada, estou de costas. Puta que pariu! — O irmão do meu pai xinga.

Minha única preocupação é pegar minha jaqueta e cobrir a Mía, que está com rosto vermelho de vergonha.

— Não sabe bater na porta? — pergunto para o meu tio.

Mía sai correndo para o banheiro depois de pegar suas roupas no chão.

— Eu bati, mas você estava tão ocupado que nem se deu ao trabalho de

responder — ele retruca, bravo.

— Não pense nem por um segundo em contar aos outros o que viu aqui. — Levanto-me e o encaro, que arqueia a sobancelha.

— Não tenho nada a ver com isso, fique tranquilo. Mas tome cuidado para não se apaixonar nessa brincadeira de gato e rato — ele aconselha, seriamente.

— Virou guru do amor, Ezra? Não preciso de conselhos amorosos — eu o repreendo. Mesmo ouvindo o barulho dos saltos da garota, não volto atrás no que falo.

— Senhor Ezra, podemos conversar? Eu preciso me explicar sobre o que...

— Não precisa, Mía, eu conheço meu sobrinho, ele é o único culpado aqui. — Pelo olhar assassino dele, se eu não fosse do seu sangue, ele me mataria agora mesmo.

— Obrigada. — O tom dela está magoado, mesmo que ela tenha dito que não esperava nada de mim.

Eu me viro para encará-la e sou surpreendido com minha jaqueta sendo jogada brutalmente em meu rosto.

— Nunca mais olhe na minha cara, ou eu arranco suas duas bolas, idiota! — ela me xinga, furiosa.

— Mía, você pode ir para casa. Amanhã você pode voltar, o emprego ainda é seu.

— Ela foi dispensada — declaro, passando a mão pelo meu cabelo.

— Quem disse isso? — O homem me desafia.

— Fui eu — respondo, cerrando a mandíbula.

— Este cassino é meu. Quem manda aqui sou eu. Você pode sair, por favor? Preciso conversar com meu sobrinho.

A garota obedece imediatamente.

Ezra se aproxima e segura meu ombro.

— Que porra é essa, Austen? Há poucos minutos você estava com os dedos dentro da garota, e se eu chegasse mais tarde, pegaria vocês transando no meu sofá. — Suas narinas se inflamam. — Antes de decidir se quer tratar a filha de Damián como sua inimiga, descubra se esses seus sentimentos por ela são realmente de raiva ou desejo, amor, ou seja lá o que for. Fui claro?

— Não há amor, só desejo, Ezra. Eu a quero para fazer o que eu quiser, então peço que fale para o meu pai que o Dylan não vai se casar com a Mía.

— Quando decidiu isso? E que história é essa de casamento? — Parece não entender.

— Ouvi dizer que vocês vão casar o Dylan com a filha do Damián.

— Foi isso que seu pai te disse? Acho que os planos dele estão indo longe demais — resmunga.

— O que você quer dizer com isso? — Faço uma expressão de confusão.

— Esses são assuntos dele, não me envolvo. Agora saia do meu cassino, já estou sabendo do show que você deu lá fora. — Ele dá um tapa no meu ombro e sai da sala.

O que meu pai está planejando pelas minhas costas? Ou meu tio está fingindo que não sabe de nada? É óbvio que ele sabe, Killz e os irmãos são unidos em tudo.

Meu celular toca no bolso, tiro ele de lá e vejo o número do Dean na tela.

— Fale.

— *Daqui a quinze dias o Damián vai fazer uma festa no Las Chicas, ouvi dizer que é uma festa de máscaras. Acredito que ele está armando algo grande para esse dia* — Dean informa do outro lado da linha.

— Como ficou sabendo disso? — Passo os dedos pela minha nuca.

— *Consegui persuadir uma das garotas do bordel, ofereci uma quantia considerável para obter informações sobre o local.*

— Tudo bem. Espero que você apenas tenha subornado. Enquanto estiver dormindo com a Kitty, não deve se envolver com nenhuma outra. Minha irmã merece respeito.

— *É claro que não traio a Katherine, Austen* — diz, ofendido.

— É melhor mesmo, se quiser continuar vivo por mais alguns anos — ameaço.

A porta se abre e Dylan entra na sala.

O maldito do Dean desliga na minha cara. Guardo o celular e puxo o cabelo para trás, percebendo que Dylan está me encarando demais.

— O que você fez para deixar a Mía chorando pelo salão? — Ele cruza os braços.

— Preocupado com as lágrimas dela, Dy? — Me aproximo dele.

— Sim, estou. Ela não é uma pessoa má, Austen.

— E qual é o tipo de garota que você acha que ela é? — Ergo meus olhos para ele, deixando escapar um tom ciumento e possessivo. — Me diga, primo. — Sorrio com um certo amargor.

— A Mía não merece esse comportamento idiota seu, mesmo que você esteja tentando descobrir a *sua* verdade. — Solta as palavras e se afasta de mim.

— Não estou entendendo você, Dylan. Até poucos minutos atrás

estávamos bem e agora você aparece todo nervoso? O que aconteceu, estava prestando mais atenção na Rivera e decidiu ser o protetor dela para ser recompensado com uma boa trepada? — Avanzo nele e o seguro pelo colarinho da camisa.

— Tire suas mãos de mim. — Segurando meus punhos, sua voz sai num rosnado.

— Me conte, Dy, você quer transar com a Mía primeiro, depois de mim ou vamos comer ela ao mesmo tempo?

Seus olhos ficam escuros de raiva.

— Ela é bonita, mas não me interessa. Agora tire o caralho das suas patas de cima de mim, Austen. Não queira que eu mande a consideração que sinto por você para o inferno e soque a sua cara até que fique irreconhecível. — Range os dentes como uma fera enjaulada. — Uma coisa é combinarmos em dividir uma mulher, outra é me envolver com uma que você claramente está obcecado.

— Não fale o que não sabe. Desde quando brigamos por causa de mulheres? — Eu o solto.

— Você estava fazendo isso sozinho. O que te deu na cabeça para sentir ciúme de mim com a Mía? Eu não a quero, já deveria ter percebido isso.

— Vamos esquecer isso, Dylan. Me diga o que tem para mim — peço, nervoso com a sua observação.

— Damián vai organizar algum tipo de evento, uma festa, algo assim, não sei exatamente. Uma das prostitutas me contou, ela estava muito bêbada para me falar os detalhes, mas deu a entender que o chefe dela quer promover uma nova droga que chegou para eles — revela.

— Eles devem ter desenvolvido uma nova droga e querem distribuir amostras para os clientes — presumo, mesmo sem ter certeza.

— Não podemos afirmar, mas isso foi o que consegui arrancar da mulher depois de alguns copos de uísque, antes de ela dormir no meu ombro.

— Pelo menos ela te deu uma informação útil.

— Sim — concorda.

— Você pode passar lá esta noite? — investigo.

— Não nos comprometemos em sair com a Allysson?

— Vamos deixar para a próxima, tenho que resolver algumas pendências.

— Tudo bem. Se mudar de ideia, me ligue e mandarei a localização.

— Não vou — murmuro, sentando-me no sofá e fechando os olhos.

Que noite fodida. Basta ter um Rivera envolvido para tudo dar errado. Inferno.



Teremos um evento de máscaras no Las Chicas. Não considero que seja um baile, os clientes podem vir com qualquer estilo de roupa, a única regra é que venham usando suas máscaras.

Ao longo dos anos, nunca vi meu pai oferecer esse tipo de evento aos clientes do bordel. No entanto, segundo ele, está planejando algo maior, que envolve mais homens para o estabelecimento de entretenimento. Empresários renomados que têm receio de frequentar o local por medo de boatos estarão presentes.

Ouvi falar que estão chegando novos produtos similares ao ecstasy, ou até mais fortes, para venda, e que Damián aproveitará a clientela para oferecer algumas amostras a eles.

Meu pai está muito entusiasmado com essa festa, até mesmo dando um bônus aos funcionários para incentivá-los a fazer os clientes gastarem muito nesse dia. Acredito que essa seja uma estratégia inteligente para vender drogas e lucrar ainda mais. É essa a minha percepção ao vê-lo tão empenhado.

Não estou muito feliz com essa ocasião, pois vão distribuir as drogas como se fosse algo corriqueiro, o que eu não concordo, embora não possa interferir. Muitas pessoas nesse dia farão uso dessas substâncias, e quem sabe quais loucuras cometerão sob o seu efeito.

Meu pai deixou bem claro que não sou bem-vinda, mais uma vez tentando me manter trancada no meu quarto sob a desculpa de garantir o meu bem-estar e evitar meu envolvimento nesse aspecto pesado da vida dele. Ele me ama, cuida de mim, reconheço tudo isso, mas de que adianta me proteger de certas coisas e falhar em outras?

Um exemplo disso é o dia em que jantei na casa de Killz James Knight a pedido de meu pai. Ele queria me conhecer antes de me indicar para trabalhar no cassino de seu irmão, e Damián permitiu que seu desejo fosse realizado. Só não me senti tão desconfortável naquela mansão porque

conhecia a Kitty e ela ficou ao meu lado o tempo todo.

Não compreendi muito bem a razão pela qual o líder da máfia inglesa queria me conhecer, mas ele me bombardeou com perguntas básicas, que achei estranho alguém como ele querer saber tanto sobre minha vida. Seus olhos sombrios e frios me analisavam e, em certos momentos, tive a sensação de estar diante de seu próprio filho, Killz parecia ler minha alma. Cheguei até a acreditar que estávamos passando por um tipo de entrevista de emprego, o homem quase perguntou meu tipo sanguíneo.

O pai de Katherine só parou com o interrogatório porque mãe e filha interferiram de forma bem-humorada, dizendo que ele quase estava me fazendo fugir da casa deles com tantas perguntas. O clima só amenizou após o jantar, ele não me fez mais questionamentos nem me olhou de forma analítica, como da primeira vez que nos vimos. Bem, pelo menos Killz não perguntou sobre seu próprio filho, pois com certeza ficaria sem respostas.

Minha visita à mansão dos Knight não foi estritamente por obrigação. Papai ligou para o Sr. Killz e garantiu que eu estaria presente, mas o que realmente me fez aceitar o convite foi o fato de estar desenvolvendo uma amizade com a Kitty e ter uma certa curiosidade em conhecer pessoalmente os pais dela e do Austen. Queria ver com meus próprios olhos o casal responsável por trazer ao mundo o arrogante do Austen e, ao conhecê-los, pude entender o motivo de ele ser tão convencido e achar que pode ter todos aos seus pés.

Até agora, não tive a oportunidade de ver o outro lado de Austen Knight, um lado bom, que pode ou não existir. Mas ao estar diante de seu pai, descobri de quem ele herdou esse comportamento de superioridade. Eles são exatamente iguais, a única diferença é que um sabe como agir, e o outro não.

Tal pai, tal filho.

E a mãe, Aubrey, é tranquila. Podemos dizer que ela é a calma da daquela casa. Pelo que pude observar, o filho é o preferido dela, e ela não faz questão de esconder isso de ninguém, muito menos do marido.

Tenho prazer em observar as coisas, e pude perceber que essa é uma família encantadora, embora tenham suas diferenças. Eles têm a disposição para lutar com garra e, ao mesmo tempo, repreender quando necessário. Eu tive uma confirmação disso anteontem, no cassino.

Ezra poderia ter tomado partido do sobrinho, afinal, eu sou uma desconhecida para ele. No entanto, o homem não poupou o Austen. Ezra foi firme, enfrentou a situação diante de mim e ainda permitiu manter meu emprego. No entanto, depois do que aconteceu com aqueles clientes abusivos, passei um dia refletindo sobre a situação e percebi que não conseguiria lidar bem com homens assediadores tocando meu corpo.

Saí do emprego, não por causa da arrogância de Austen, mas por mim mesma, buscando manter minha saúde mental intacta e evitar confusões nos

negócios dos Knight. Se outros idiotas tentassem me assediar, eu certamente usaria as habilidades que adquiri nos treinos para me defender, e a cena não seria bonita. Posso aparentar fragilidade, mas minha força é capaz de surpreender muitos, e tenho pena daqueles que me subestimam, principalmente uma pessoa que se sente no direito de ser meu algoz apenas para obter poder.

Austen me deseja, não apenas como inimiga, mas como mulher, mesmo que eu tente lutar contra isso. Seu toque em meu corpo, seu beijo selvagem em minha boca, todos esses pequenos detalhes o entregam.

Katherine está certa. Ele é obcecado por mim. A ponto de afastar todos os outros homens ao meu redor, para que apenas ele possa estar por perto. Que tipo de pessoa defende seu inimigo? Austen ameaçou cortar a garganta daqueles homens se eles me olhassem. Outra pessoa no lugar dele teria permitido que eu ficasse lá, à mercê daqueles homens.

Ele me confunde e me irrita. Me envolve e depois age de maneira desagradável. Mas isso até que é bom, vou deixá-lo pensar que sou sua ratinha, permitir que ele ache que sou ingênua, melhor assim. Em breve, vou mostrar a ele o quão astuta posso ser.

A sufocante proteção de Damián apenas se converte em munição para que eu me torne uma mulher mais ardilosa a cada dia que passa.

Um forte impacto na minha porta afasta os meus pensamentos e eu me levanto da cama.

— Mía, Katherine Knight está no salão esperando por você.

É Arturo.

Mais cedo, Kitty me enviou uma mensagem me convidando para treinarmos no galpão. Aceitei imediatamente, preciso de outras distrações e ela me parece uma ótima pessoa para isso. Já estou pronta, só estava esperando que ela me buscasse, como combinamos.

— Certo, Arturo, avise-a que estou indo — peço, caminhando até o espelho para verificar meu cabelo e roupa pela última vez.

Meu cabelo está preso em um rabo de cavalo bem firme, soltá-lo não seria adequado para quem vai treinar. Vendo que estou ótima, pego a minha bolsa com uma muda de roupa e visto meu casaco, saio do quarto e sigo para o salão.

A irmã de Austen está sentada a uma das mesas próximas à porta de saída, de costas para o Dean, que está distante dela, com o semblante fechado como se algo tivesse acontecido. Eu passo pelo bar e vejo Rosalia com as outras garotas limpando. Aceno para elas com um sorriso e recebo um beijo no ar de Leah.

— Agora você tem novas amizades e não quer mais saber das amigas do bordel — brinca Rosalia, sacudindo o pano em sua mão e levando uma bronca de Leah.

— Ei, Rosa, deixa a Mía. Ela precisa sair e se divertir. O Las Chicas não pode ser sua prisão — repreende a namorada de Rosa.

Eu me aproximo do balcão com expressão chateada.

— Vou fingir que não ouvi essa besteira, Rosa — resmungo, e ela revira os olhos. — Estou todos os dias com vocês. Eu e Katherine nem sempre saímos. Essa semana passei mais tempo ajudando vocês no que posso. — Suspiro. — Seria isso ciúmes, por acaso? Você sabe que conheço vocês a vida inteira, e jamais teria preferência. Eu conheço a Kitty há pouco tempo, mas vocês são como minhas irmãs mais velhas desde quando eu era ainda uma criança pequena — digo, fazendo um biquinho, e Rosalia se derrete.

— Sabemos disso, só não fique tão colada nesses Knight, eles podem nos roubar você. — Ela faz uma careta e Leah a abraça.

— Quanto ciúme, querida. A Mía ainda é nossa amiga, e novas amizades não vão mudar isso — diz Leah, de forma sensata.

— É verdade! — Rimos.

— Mía, vamos logo! — A voz de Katherine se destaca em meio às nossas risadas.

— Vai lá com a patricinha — fala Rosalia, com uma pontinha de ciúme.

— Meninas, cuidem-se, até mais tarde. — Me afasto delas e vou até Kitty, que já está de pé.

Ela veste roupas semelhantes às minhas, porém com diferença nas cores. Já o Dean mantém seu hábito de vestir roupas pretas, o que lhe confere um ar de homem perigoso e reservado.

— Uau, você está simplesmente incrível, garota! — elogia Katherine, sem o menor constrangimento ao me analisar dos pés à cabeça. — Hoje, o galpão vai ficar alagado com tanto homem babando em cima de duas gostosas — acrescenta ela, colocando a mão na cintura e examinando meu tênis preto e meu conjunto de legging e top verde-escuro.

— Katherine... — chama Dean, quase rosnando de raiva.

— Sem estresse, meu querido, estava apenas falando sem más intenções — responde ela, beijando o braço dele e soltando um risinho, quase me fazendo rir ao vê-lo cerrar o maxilar e franzir os olhos.

— Estresse, Katherine? Que homem gostaria de ouvir sua mulher falar que vai deixar outros babando? — retruca ele, sem se importar com minha presença.

— Eu não sou sua mulher, Dean! Estamos apenas saindo, é só isso — devolve ela, vermelha de raiva.

— Deus, às vezes me pergunto o que fiz para me envolver com alguém como você. Uma mulher mimada e inconsequente que acredita que pode

brincar comigo — declara Dean, tocando na ferida dela e a fazendo afastar-se ainda mais furiosa. — Sou um homem experiente, Katherine, não pense que pode me transformar em uma mera boneca da sua coleção — Aponta o dedo para ela com veemência, logo em seguida vira as costas e sai do Las Chicas, caminhando rapidamente.

— Idiota de merda! — reclama, com a voz embargada. — Ele que começa e depois se acha no direito de me cobrar algo. — Respira fundo, quase chorando.

— Aconteceu algo entre vocês? — Ouso perguntar, já que em momento algum vi Dean começar um atrito com ela, mas não vou expor isso.

— Ontem, ele me disse que o papai recebeu um convite do seu pai para vir à festa que vai acontecer daqui a alguns dias. — Ela comprime os lábios, mostrando-se enciumada. — Acredita que ele disse para mim que viria no lugar do chefe porque é trabalho dele? Desde quando se misturar em um evento cheio de mulheres nuas e gostosas é trabalho, Mia? — Cruza os braços.

— Bem, eu não deveria me envolver em um assunto de vocês, mas por um lado você tem razão... — mordo os lábios — e se realmente for o trabalho dele? Ele não pode chegar no seu pai e falar que não pode vir porque a filha dele está com ciúme. — Rio baixinho.

— Não estou com ciúme. — Ela nem olha em meus olhos.

— Não tem como não dizer que você e Austen são irmãos — resmungo, vendo-a sorrir.

— Falando no meu irmãozinho, não vai me contar o que aconteceu entre vocês no cassino do tio Ezra? O Dylan é fiel ao amigo, não me contou nada, a única coisa que sei é que o meu tio o colocou para fora do cassino. — Katherine me encara com curiosidade.

— Prefiro não contar. — Ajeito a bolsa em meu ombro.

— O.k. Você é muito fechada ainda, precisamos trabalhar isso. — Seu tom é de desagrado. — Mas tudo bem, confiança se conquista, e eu vou fazer isso ou não me chamo Katherine Knight. — Ela vem ao meu encontro e me segura no braço. — Vamos logo, essa hora é melhor para treinar, tem poucos soldados no galpão porque hoje é dia de receber cargas e precisam sempre de muitos homens.

—Vamos.— Assinto, observando-a sorrir satisfeita.

— Você está trazendo alguma roupa extra que dê para sair? — inquire, me puxando para fora do Las Chicas.

— Sim, como me pediu. Para onde vamos depois do treino? — Arqueio a sobrancelha ao passarmos por alguns homens do meu pai, que me cumprimentam com um balançar de cabeça.

— Pedi à mamãe para providenciar uma loja para nós depois do galpão

— comenta, tranquilamente, ao nos guiar até o Rolls Royce preto, um carro luxuoso e chamativo.

— Como assim providenciar uma loja? — Franzo o cenho, examinando o seu sorriso surgir no canto da boca.

— Minha mãe e minhas tias costumam fechar as lojas quando vão fazer compras juntas ou sozinhas, assim é mais seguro, e eu acho que podemos fazer o mesmo — revela, olhando para Dean, que abre a porta do carro para nós.

— Você vai fechar uma loja? — Fico boquiaberta.

Não que eu não tenha vivido em volta do luxo, o que papai me proporcionou sempre foram as melhores coisas, mas nunca cheguei a ter uma loja fechada para que eu pudesse comprar.

— Já fechei. A dona da loja está no aguardo às sete da noite — avisa, quando entramos no veículo.

— Nem sei o que falar sobre isso. — Dou uma risada nervosa ao colocar a bolsa em meu colo para arrumar o meu cinto de segurança.

— Deixe para fazer comentários quando estivermos escolhendo nossas roupas. — Ela vira o rosto para mim e pisca em minha direção.

Dean entra no carro e em momento algum se dirige a Katherine, apenas olha para trás para ver se estamos acomodadas e põe o carro em movimento, logo se distanciando do Las Chicas.

— É para alguma ocasião especial? — sondo-a, notando que Dean nos observa pelo espelho.

— Hoje iremos a uma das boates que o papai inaugurou três meses atrás — comunica.

De repente, o carro faz uma freada violenta e o meu coração acelera.

— Meu Deus! — Coloco a mão no peito, nervosa.

Dean e Kitty são fogo e gasolina. Ambos ciumentos e possessivos.

— Ainda bem que você é maior de idade, querida, faremos a noite uma criança. Treinaremos, depois vamos nos arrumar para ir até a loja, precisamos ficar gostosas pra mais tarde.

Olho para as mãos de Dean no volante e vejo seus dedos ficarem brancos, ele está puto com ela, que com certeza sabe disso e quer dar o troco nele.

— Preciso avisar ao meu pai sobre isso — falo a ela, que me encara com uma careta.

— Por favor, Mía, Damián sabe que você é uma mulher adulta, vinte anos não é dois anos de idade. — Rola os olhos.

— Sim, eu sei, mas ele vai ficar preocupado — murmuro.

— O.k. Não vou te julgar, farei o mesmo com o meu, que deve ser pior do que o seu.

Descanso a cabeça no encosto do banco e viro o rosto para o lado, vendo as paisagens verdes serem substituídas por prédios e estradas pavimentadas.

Já fui a algumas boates em Nova Iorque, essa dos Knight não pode ser muito diferente das de lá, ou talvez eu possa me surpreender, é uma boate onde os donos são mafiosos, e não pessoas comuns.

11



AUSTEN

Após dias estressantes, me permiti relaxar ontem à noite ao receber um convite do Dylan para que pudéssemos foder duas clientes do cassino juntos. As mulheres gostaram dele, então meu primo chamou as duas para um sexo grupal. Como eu estava em casa, eles vieram até mim e ficamos no meu apartamento fodendo a madrugada inteira.

Antes que começássemos a nossa brincadeira, descobrimos que Diana e Grace são melhores amigas, e bissexuais, estão sempre se aventurando uma ao lado da outra. Elas nos surpreenderam quando se beijaram e fizeram sexo oral na nossa frente. As garotas foram perfeitas – fogosas e safadas, do jeito que gostamos. Não deixaram nada a desejar.

Observo meu reflexo no espelho, enquanto deslizo meus dedos pelo meu cabelo molhado e encaro por alguns segundos as olheiras que ganhei ao passar a noite trepando. Avalio meu peitoral com algumas gotículas de água do banho, depois estudo o lado esquerdo do meu pescoço, os dois locais que Diana ou Grace me deixaram um maldito arranhão.

Putá que pariu. Odeio ser marcado, principalmente quando se trata de mulheres que não significam nada para mim, apenas sexo sujo.

— Porra... — murmuro, firmando a toalha em meu quadril para poder sair do banheiro e buscar uma bolsa de gelo para colocar no hematoma.

— Precisando de companhia para o banho? — Uma voz feminina soa atrás de mim. Ergo o rosto, e através do espelho, encaro a mulher ruiva de cabelo curto, nua, encostada no batente da porta. — Eu teria batido na porta se ela estivesse fechada. — Morde os lábios sedutoramente e sorri para mim.

Essa é a Grace ou Emily? Só lembro dos nomes, não sei quem é quem.

— Linda, já tomei banho, daqui a alguns minutos preciso sair para trabalhar. — Franzo os lábios em desgosto, ainda puto por terem me marcado. — Nasci gostoso, não herdeiro. — Faço uma expressão de coitado,

e ela gargalha ao vir em minha direção, balançando o quadril.

— Quem não conhece você ou a sua família na Inglaterra, Austen? — Ela se põe na minha frente e toca em meus ombros, massageando a minha pele com a ponta dos dedos. — A Emily e eu sabemos o quanto os Knight são poderosos, nem adianta tentar me enganar com essa conversa. — Uma mão desce por minha barriga e vai de encontro ao meu pau.

— Você é bem-informada, não é? — Rio baixinho, ao vê-la encarar os meus olhos com os seus pretos.

— É meio óbvio saber quem são, não? Eu e a minha amiga estávamos loucas para sair com vocês, mas sabemos que são muito seletivos, escolhem as garotas que vão dividir. — Aperta meu membro por cima da toalha e lambe os lábios. — Foi pura coincidência estarmos no cassino ontem, e o Dylan se interessou pela minha amiga...

— Devo achar que armaram para sair com a gente? — Franzo o cenho, divertindo-me.

Pobre coitada se acha que pode criar uma situação em que somos as vítimas. Dylan e eu já passamos muito por isso, várias mulheres que saímos pensavam que poderiam nos enganar ao criar encontros inesperados para treparmos.

— Seria um crime correr atrás do seu sonho? Porque se for, serei presa. — A mulher puxa a toalha do meu quadril e joga na pia ao lado.

— Não é um crime, gosto de pessoas esforçadas. — Ela se ajoelha e mantém os seus olhos nos meus.

— Eu sou muito esforçada, Austen. — Acaricia minhas coxas com as unhas pontudas e eu fico arrepiado.

— Estou vendo. — Minha voz sai em um gemido ao ter meu pau entre seus dedos macios.

— Tem preferência de como gostaria de ser chupado? — Tira sua atenção do meu rosto e foca em meu membro já duro em sua mão.

— Dê o seu melhor, gosto sempre que me deem tudo de si. Mas nenhuma mulher coloca meu pau na boca sem camisinha, docinho. — Sorrio de lado, sacana.

— E-eu achei que isso era ontem, porque não nos conhecíamos. — Desanima, se levantando.

— Engano seu, linda, somos completos estranhos. Nunca fodo ou recebo boquete sem preservativo. — Afasto-me dela, com o tesão desaparecendo.

— Achei que vocês fossem exigentes apenas em não nos beijar. — A mulher inclui o Dylan.

Não beijamos putas. Sexo, seja oral ou não, sempre com camisinha.

— Se quiser me fazer gozar com a sua boca, pegue uma camisinha no armário, caso contrário, não vai chupar meu pau — aviso, pegando a toalha e me cobrindo.

— Você é um idiota arrogante, o que ouvi não é mentira! — Se enfurece e não é a primeira.

— Gatinha, se você está acostumada a ter relações com estranhos sem se cuidar é problema seu, mas não coloco minha boca e o meu pau em qualquer lugar. Tenho que me prevenir de doenças. — Dou as costas para ela e arrumo meu cabelo na frente do espelho antes que seque.

— Que babaca! — Bate os pés no chão, irritada.

— Quando você e a sua amiga saírem, peço que deixem a minha porta intacta, essa já é a décima que troco. — Suspiro, avaliando o semblante furioso da garota que está vermelha de ódio.

— Ontem vocês foram legais, por que agora está agindo como um cretino? — Insiste em querer a minha atenção.

— Para se comer boceta, é preciso conquistar, e foi o que eu fiz. — Encolho os ombros.

— Filho da p...

— Um conselho, não se estresse tanto, evite um envelhecimento precoce. — Viro-me para ela, que está com os olhos vermelhos. — E não chore por mim, não vale a pena. — Bufo, sem acreditar no seu choro.

A mulher disse que está acostumada a se aventurar com a melhor amiga. Elas são experientes. Acha mesmo que vou acreditar em um choro de alguém que está habituada a viver trepando com vários? Provavelmente estava pensando que sou otário.

— Espero que você...

— Eu vou ser feliz, não se preocupe — interrompo-a e pisco para ela, que se demorar mais um pouquinho avança em mim para me socar. — Precisa de dinheiro para o Uber? — Passo por ela e sigo para o quarto de hóspedes onde dormimos.

Está na hora do Dylan acordar, não estou a fim de oferecer café da manhã para ninguém, muito menos ser alvo de pragas.

— Não quero nada seu! — A garota me segue, furiosa.

Gemidos e gritos. São sete da manhã e o meu primo já está transando. Contendo a risada, foco na mulher que se pudesse me estrangulava.

— Vai embora a pé? Não recomendo.

Olho-a por cima do ombro antes de empurrar a porta do quarto e ter a visão do Dylan nu, montado atrás da Emily, desferindo chicotadas na bunda da mulher com o cinto dela, enquanto a fode forte, fazendo com que a cama bata na parede. Eles estão presos em uma bolha de excitação que nem vão se

preocupar com a nossa presença ou nos notar.

— Uau... — A safada ao meu lado tenta passar por mim para se juntar aos dois, mas eu a seguro pelo pulso.

— Eles não te convidaram, vamos deixá-lo se divertirem. — Puxo Grace para longe do quarto.

— Você não manda em mim, me solte! — exclama, furiosa.

— Se está debaixo do meu teto, mando sim. — Aponto para ela. — Vamos esperar a sua amiga e o meu primo terminarem, caso contrário, te coloco para fora daqui do jeito que está, e não será agradável, muito menos confortável para você — aviso, deixando-a pálida.

— Tudo bem. — Assente, mais calma.

— Vou até o meu quarto, espere aqui.

Dou as costas para a mulher e vou até o meu quarto do outro lado do corredor, ouvindo o xingamento de Grace. Se Dylan e a amiga dela quisessem companhia, teriam nos chamado. Uma coisa é ser convidado, outra é ser intruso.



— Estou exausto pra caralho. — Meu primo se joga no sofá com os braços abertos e sorri satisfeito.

As garotas se foram há alguns minutos. Emily com o rosto alegre por ter sido comida novamente por Dylan, e a amiga antipática com raiva de mim por não ter dado espaço para os seus chiliques. Tem horas que nem suporto os dramas da minha irmã, vou aguentar de uma qualquer que quer atenção? Jamais.

— Até eu ficaria depois de ter um sexo matinal, mas não gosto da ideia de ter um macho pelado no meu sofá. — Encaro o safado, que está com os olhos fechados e vestido apenas com uma boxer.

— Vá se foder, Austen, estou vestido — resmungo, rindo.

— De cueca, porra! Uma coisa é ver o outro pelado na hora que estamos fodendo alguém, outra é...

Meu celular começa a tocar no bolso da calça e é o nome do meu pai que aparece na tela.

— Quem é? — pergunta Dylan, notando que estou olhando demais para o aparelho.

— Meu pai. — Suspiro e o atendo.

— *Bom dia, Austen. Preciso de um favor seu.* — Dispara sem me dar a oportunidade de respirar.

— Bom dia, pai. Do que se trata? — indago, me levantando.

— *Hoje, a sua irmã vai com uma amiga até uma de nossas boates, e mesmo que a Kitty tenha o Dean para fazer a segurança dela, não confio muito que ele consiga dar conta das duas, sabe que a Katherine é fogo.*

Eu que o diga. Se ele soubesse o que a filha apronta... ou já sabe, por isso está pedindo reforço.

— E que amiga é essa? A minha irmã não tem amigas. O senhor não tem outros soldados para ajudar o Dean? Essa noite estou ocupado para ser babá — murmuro, passando a mão em minha nuca.

— *Passe o celular para o Dylan, vou pedir a ele.*

— Como é? — Rio, sem acreditar.

Por acaso estamos sendo vigiados nessa porra? Começo a olhar ao redor da minha sala para ver se encontro alguma câmera escondida.

— *Não estou te monitorando, Austen, o seu tio me disse que ontem vocês saíram com duas mulheres, imagino que ainda estejam juntos* — informa, sem paciência.

— O.k. — Dou um sorriso falso. — Dy, o meu pai quer falar com você. — Entrego o celular a ele.

— Estou ouvindo, tio Killz.

Rolo os olhos ao perceber que Dylan facilmente poderia ser filho do meu pai, tão obediente e adestrado.

— Sim, ouvi por alto. — Ele afasta o celular da orelha e toca na tela, em seguida a voz do meu pai soa no viva-voz.

— *A sua prima vai estar em companhia de uma amiga em nossas boates, preciso que você vá até lá ajudar o Dean. Se fosse somente a Kitty, estaria tudo bem, mas não é, a garota que vai com ela é alguém importante.* — Dylan e eu nos entreolhamos, curiosos.

— Entendi. Filha de algum político ou empresário? — sonda meu primo.

— *Apenas siga as minhas instruções, sobrinho. Quando chegar lá, você*

vai conhecer a pessoa.

Ele está soando misterioso, isso não é bom.

— O.k. Farei o que está me pedindo. — Decide Dylan, e eu não esperava algo diferente.

— *Agora pode tirar do viva-voz, o Austen já ouviu.*

Caralho.

— O que o senhor não sabe, tio? — Ele gargalha, ainda em ligação com meu pai.

— *A cor da cueca de vocês, o resto, sei de tudo. E em detalhes, até mesmo que foram expulsos da universidade por terem fodido a reitora, seus filhos da mãe!*

Dylan fica branco como papel, já eu, caio na gargalhada. Sempre soube que ele sabia, mas não deixo de refletir as palavras dele sobre saber de tudo.

— Isso já tem anos e ninguém sabe, somente você e nós — me intrometo.

— *E os donos da universidade que precisei pagar uma fortuna para que não levassem esse assunto adiante* — resmunga. — *Dylan, esteja pronto no horário, preciso que você chegue antes da sua prima e da amiga dela.*

— Farei isso — promete Dylan, sério.

— *Nada de confusão na minha boate, garoto* — diz meu pai, mas parece que é direcionado para mim em tom de ameaça.

Ele encerra a ligação sem esperar o Dylan se defender. Meu primo se levanta e me observa por alguns segundos.

— Você vem comigo, eu tenho certeza de que essa amiga da Kitty é a Mía Rivera.

Mía. Eu estava tentando não lembrar dessa diaba. Que por sinal, não deu mais as caras no cassino para trabalhar. Ela desistiu tão fácil. Uma pena.

— Se fosse ela, Killz teria dito, Dylan.

— Eu acho que você realmente não conhece o seu pai. — Sorri, provocante.

— Está sabendo de algo que não sei? — Cruzo os braços.

— Queria saber, mas não precisa ser muito inteligente para associar essa amiga importante da sua irmã com a Mía, é a única que tem ficado próxima dela — comenta.

— Você vai na frente, se for ela, me avisa.

— E o que faz você acreditar que vou te avisar? — Bufa.

— Porque é o meu melhor amigo e sabe que preciso conquistar a confiança da garota? — Ergo a sobrancelha.

— E você acha que depois do que fez com ela no cassino a Mía já esqueceu? Austen, a filha do Damián não é como as outras que podemos descartar em um estalar de dedos, muito menos conquistar.

— Concordo com você. — Respiro fundo. — Eu vou com você.

— Ótimo. Vou passar em Chelsea para visitar minha mãe e minha irmã, mas chego na cidade antes do horário — informa. — Bem, se for verdade que a Mía e Kitty estarão juntas, te recomendo um psicólogo depois dessa noite. — Ele ri baixinho.

— Não fode, cara. — Dou uma risada nervosa ao tomar meu celular da mão dele.

— Elas poderiam ter escolhido um shopping, restaurante... por que escolheram justamente uma das nossas boates? Imagino o inferno que vai ser com tantos homens em cima delas.

— Vai ser interessante. Prepare alguns dos seus homens, vou fazer o mesmo com os meus. — Aperto os lábios.

— O seu pai disse para não arrumarmos confusão.

— Não vamos — garanto.

— Vou tentar confiar em você. — Me analisa, desconfiado.

— Não tente, primo.

Dylan me xinga e aproveita que tem uma almofada por perto e me lança no rosto.

— Não arrume problemas para mim — ameaça.

— Dy, dê o fora do meu apartamento, sua regalia aqui já passou. Não quero ficar olhando para esse rabo seco passeando pela minha sala. — Faço uma careta.

— Vou tomar um banho primeiro — diz, me dando as costas.

— Use o banheiro de hóspedes.

Ele me ignora e se retira da sala sem olhar para trás.

Mía e Katherine em uma boate onde só tem filhos da putas tarados. Maldição.



Dean tem se mostrado um informante muito ruim nos últimos dias. Em nenhum momento, o soldado me contou sobre Kitty e a filha de Damián em uma de nossas boates, mesmo quando eu liguei para perguntar se havia alguma novidade. Será que ele acha que pode brincar comigo? Vou mostrar a esse traidor o que acontece quando tenta me enganar.

O dia passou e a noite chegou, mas aquele ratinho traidor não me procurou para me contar sobre a diversão das garotas esta noite. Mesmo sendo protegido de Alec, desta vez nem mesmo o melhor amigo do meu pai poderá salvá-lo de mim.

— Estou achando você muito calado. — Dylan chama minha atenção, enquanto eu o observo estacionar o Jaguar XJ em uma das vagas da boate.

Vimos todos juntos em um único carro, e nossos soldados estão logo atrás, fazendo escolta. A ordem é para que eles se espalhem lá dentro, evitando chamar muita atenção para nós.

Embora as pessoas que estão lá dentro nos reconheçam e saibam quem somos, também há alguns convidados dos nossos clientes, e a última coisa que desejamos é ser o centro das atenções. Espero sinceramente que Mía e Katherine colaborem para que não sejamos obrigados a resolver problemas da maneira mais drástica.

— É apenas uma suposição sua — murmuro, observando a movimentação dos clientes em fila na porta principal, onde dois seguranças estão responsáveis por liberar a entrada.

— Estou cansado de repetir que te conheço, primo. — Dylan encara meu rosto assim que o motor do carro é desligado e ele retira a chave da ignição.

— Dean estava trabalhando pra mim, mas parece que ele está me passando apenas as informações que lhe convém — revelo, apertando os lábios.

— Então, você e Dean? — Seu tom é surpreso.

— Ofereci uma quantia considerável a ele. — Encolho os ombros. — No entanto, esse sujeito está me enganando, achando que pode me enrolar. — Fecho os punhos.

— Você é a pessoa mais vingativa que eu conheço, Austen, e pelo seu olhar, algo ruim está por vir. O que planeja fazer com ele?

— Na nossa organização, traição é paga com a vida, Dylan. — Olho para o meu primo sombriamente, mas estranho ao vê-lo empalidecer.

— Você realmente vai matar o namorado da sua irmã? A Kitty nunca vai te perdoar. — Ele coloca a chave do carro no bolso do casaco.

— Como você sabe que a Katherine e o Dean estão envolvidos? — Semicerro os olhos, desconfiado.

— Hoje é noite de revelações? Você não é o único com segredos. — Ele sai do carro e eu faço o mesmo.

— Apenas me diga como soube disso, não contei a ninguém e pensei que fosse o único a ter essa informação — questiono, observando seu sorriso surgir no canto da boca.

— Austen, sou mais perspicaz do que imagina. E no dia em que o Dean esteve no Las Chicas, você acredita que ele recusou uma das garotas? Quem dispensaria um bom sexo? Ela praticamente se ofereceu para ele na sala, na frente de todos, mas ele parecia estar fugindo, como se estivesse com medo de algo. Foi aí que juntei as peças e confirmei que minha prima e Dean estão se envolvendo. — Dylan ri, se divertindo. — E uma coisa é certa, se um homem rejeita qualquer mulher, é porque há alguém muito importante em sua vida.

— Nem sempre — resmungo.

— Seu tom parece ofendido. — Ele me provoca ao se aproximar e tocar meu ombro. — Por acaso você estava abdicando alguma boceta por causa da Mía?

— Dylan, meu sincero foda-se para você. — Eu o empurro e sigo em direção à boate, ouvindo as risadinhas infantis do meu primo atrás de mim.

— Vamos lá, Austen, não precisa ficar chateado.

Ele me alcança e juntos caminhamos até o lado oposto da fila, onde poderemos entrar rapidamente.

— Se a Mía tivesse algum efeito sobre mim, eu não teria transado com aquelas duas ontem à noite — respondo em tom baixo, mas algumas pessoas que passam por nós ouvem.

— Tudo bem, vou ficar quieto antes que você se irrite. — Ele levanta as mãos, com semblante sério, mas o ignoro e aceno para um dos seguranças que logo nos reconhece e se aproxima.

— Senhor Austen. Dylan — o segurança careca e alto nos cumprimenta.

— Como está a movimentação hoje? — eu pergunto.

— Por enquanto tranquilo, mas todos os dias estamos cheios e hoje teremos um DJ novo, então acredito que a casa ficará ainda mais lotada — o funcionário informa.

— Katherine Knight está aqui?

Minha pergunta é intencional, mesmo que eu já saiba a resposta.

— Sim, senhor. Ela veio acompanhada de um segurança e uma outra jovem. Eles estão na área VIP. Se quiser encontrá-la sem precisar passar por tantas pessoas, me acompanhe.

— Nós queremos, sim — informo.

Dylan e eu seguimos o segurança até a lateral do prédio da boate, passando por um beco com pouca iluminação. No caminho, encontramos alguns funcionários rondando por ali.

O segurança abre a porta prateada de emergência e nos permite sermos os primeiros a entrar no local.

— Vocês vieram para curtir esta noite, ou querem que preparemos o escritório para uma reunião? — pergunta o homem que segue na nossa frente.

O som abafado ecoa no ambiente a cada passo que damos em direção ao salão.

— Diversão. — É Dylan quem responde por nós dois.

— Isso — concordo, apesar de estar ciente de que está longe de ser o caso.

Um Knight não consegue ser invisível em lugar algum. Assim que Dylan e eu entramos no salão, sentimos o peso dos olhares ao nosso redor.

— Nosso plano de passar despercebidos falhou — murmura meu primo ao meu lado.

As luzes coloridas piscam de acordo com a música alta tocada pelo DJ. Os bares e sofás estão lotados. Este lugar não é como os outros, desde a decoração até o comportamento das pessoas. É uma boate de luxo, diferenciada. Aqui, existem diversas áreas onde os espaços são separados de acordo com a posição de cada pessoa, sejam políticos, empresários, herdeiros, assim por diante. Mas também há uma área onde todos podem se encontrar, se assim desejarem, o salão principal, onde Dylan e eu estamos sendo alvos de olhares curiosos. Eles não estão acostumados a ver tantos Knight no mesmo lugar, e muito menos em um único dia.

— Deixem que nos observem — digo, deslizando minha mão pelo meu cabelo e analisando cada rosto presente, em seguida, foco no segurança que ainda está lá. — Você pode retornar ao seu posto, nós seguimos daqui. Muito obrigado.

Há seguranças imponentes e vigilantes posicionados em cantos estratégicos, deixando claro que a lei dos Knight prevalece ali.

— Kitty deve estar naquela área VIP, apenas os Knight ou convidados têm permissão para entrar naquele setor.

Dylan aponta para cima e vejo Dean de costas para o parapeito de vidro. Ele está tão distraído que, se eu quisesse poderia acabar com a vida medíocre dele daqui mesmo.

Caminhamos pelo salão, cumprimentando discretamente alguns conhecidos. Entramos no elevador e eu aperto o botão para o nosso andar, aproveitando o pouco tempo que tenho para verificar minhas armas no coldre.

As portas estão prestes a se abrirem e minha vontade de atirar em Dean só aumenta, mas posso esperar, nunca é tarde.

— Austen, sei que você está com raiva de Dean, mas não vamos dar motivos para o tio Killz falar. Esta noite ele pode estar nos testando, ou apenas a você. — Meu primo toca meu braço.

— Talvez esteja testando você, afinal, não é com você que meu pai quer casar a Rivera? — As portas do elevador se abrem e nos deparamos com três garçons passando por ali.

— Ou pode ser você, já pensou nisso?

Meus pés travam com a sugestão de Dylan, preciso olhar por cima do ombro para sorrir com desprezo.

— Ele jamais faria isso, sabe que não suporto os Rivera. — Lambo os lábios, fazendo uma careta.

— Na nossa família, geralmente esse “ódio” é outra coisa. — Ele passa por mim, mas antes pisca.

— Nem fodendo.

Nunca vai acontecer. Se um dia eu decidir colocar um anel no dedo da Mía Rivera, será por puro benefício, não por obrigação.

Eu tento alcançar os passos do Dylan, e à medida que me aproximo, consigo ouvir risadas altas. Não são apenas Mía e Kitty, nem apenas o Dean de homem. Entre as risadas e vozes, há dois estranhos.

— Dylan, que surpresa! — exclama Katherine, animada.

Eu me aproximo lentamente para não ser notado tão rapidamente, mas Dean me vê e fica em silêncio, me observando.

Eu sabia. Eles estão acompanhados.

A Mía está sentada de costas em um dos sofás, e com ela há uma garota ruiva e um homem moreno. A mulher não está tão próxima quanto o cara, que praticamente está respirando no pescoço da Rivera. Ela está tão distraída que sequer olha para trás. Minha irmã está abraçada com nosso

primo, que nem se importa em olhar ao redor. Mas isso é o de menos. Eu estou mais concentrado em outra coisa.

A latina está com o cabelo solto, que cai em suas costas como uma cortina negra e brilhante. Tudo ao meu redor parece desaparecer, principalmente a música abafada que está tocando no ambiente, quando ela solta uma gargalhada como nunca vi antes. Um homem que não conheço, olha para ela derretido, quase como se quisesse devorá-la diante de todos.

Com um sorriso frio, eu tiro meu casaco, deixando minhas armas e facas visíveis, e o penduro no suporte ao sentir meu corpo esquentar subitamente. Dean estuda meus movimentos e se aproxima de mim, momento em que todos notam minha presença.

— Austen, o que você faz aqui? — pergunta Katherine, surpresa.

— A mesma coisa que você, minha irmãzinha — respondo, enquanto o casal de desconhecidos me analisa com curiosidade, exceto Mía, que permanece rígida, olhando para a frente.

— Austen, sem confusão, por favor, esses dois não são do nosso mundo — diz o soldado num tom baixo.

— Fique tranquilo, Dean, está tudo sob controle. — Mantenho uma expressão séria enquanto observo o rosto do homem ao lado da filha de Damián.

— Seu rosto está dizendo exatamente o contrário — Dean afirma, tocando meu braço.

— Garçom, por favor, traga uma garrafa de tequila e dois copos — solicito, olhando para um dos garçons e ignorando o soldado. — Cuide da minha irmã, não de mim. — Dou um tapa no ombro dele e me dirijo a um dos sofás.

Sento-me no sofá em frente a Mía e ao casal. Sem fazer cerimônia, tiro minhas armas e facas das costas e coloco os objetos na mesa. Os estranhos ficam surpresos, mas não emitem nenhum som.

Mía não quer manter contato visual comigo de jeito nenhum, seu corpo está protegido pelos seus braços finos, que escondem os detalhes de seu vestido azul-escuro com alguns brilhos, mas consigo perceber que é curto, mostrando suas pernas brilhantes e bem hidratadas.

— Hope e Cole, esse é meu irmão mais velho Austen, e aquele é Dylan, nosso primo. — Kitty aponta para mim e depois para o filho do tio Ezra. — Irmão e Dy, esses são os amigos de Mía que vieram de Nova Iorque para passar alguns dias em Londres.

— Boa noite. — Aceno para eles com um sorriso falso.

— Boa noite! — A garota ruiva de olhos claros responde animada, enquanto o homem apenas balança a cabeça.

Sem preocupação, tiro da bainha uma das facas, percebendo que Mía

está me observando. Giro a ponta afiada da faca na mesa com um dedo, em seguida, ergo o rosto para Mía, que ainda está grudada em Cole.

Não faço ideia o que minha irmã fez com aquela nova amiga, mas não me agrada muito. Ela usa um batom vermelho intenso e a maquiagem a deixou com uma aparência mais envelhecida, esses produtos em seu rosto tiram sua verdadeira essência. Não que Mía esteja feia, ela ficou muito atraente, mas esses produtos estão sobrecarregando sua beleza natural, eu prefiro vê-la usando algo suave, sem toda essa maquiagem no rosto.

Ela me encara nos olhos e eu faço o mesmo. Todos percebem os nossos olhares, exceto Cole, ele está muito ocupado flertando com o que não é seu.

O franguinho precisa entender que sou um tanto possessivo com as minhas coisas. Sou como aquelas crianças egoístas que só querem o brinquedo para si.

— Qual é a sua profissão, Cole? — pergunto, interrompendo Mía antes que ela tome qualquer iniciativa, enquanto giro a faca mais rapidamente.

— Hã? — O amigo da Rivera parece confuso.

Eu seguro a faca pelo cabo, lançando a ele um sorriso arrogante.

— O que você faz da vida? — insisto, recebendo olhares tensos de Dean e Dylan.

— Sou dançarino profissional, mas pretendo começar a estudar medicina este ano — ele revela, orgulhoso. — E você, qual é a sua? — ele devolve a pergunta, avaliando as minhas armas.

Balanço a cabeça, rindo. O garçom chega com a minha bebida e, então, desvio minha atenção do franguinho exibido e encho o meu copo com tequila, virando tudo de uma vez garganta abaixo.

— Cole, vamos dançar — diz Mía, levantando-se e segurando a mão do amiguinho.

O vestido realça sua beleza, ele se ajusta perfeitamente em suas pernas e sua bunda está empinada. Deliciosa de ver. Descaradamente, escrutino seu corpo, mesmo ciente de que estou sendo observado por todos ao redor.

— É uma falta de educação interromper a conversa dos outros, Rivera. — Bato o copo na mesa e sorrio para ela, que fica pálida quando percebe a frieza emanando de meus olhos.

— Esta noite posso ser todo seu, gatinha, mas primeiro deixe-me terminar minha conversa com nosso amigo — diz Cole, piscando para Mía, que engole em seco.

— Dylan, você pode me dizer o que está acontecendo? — pergunta Kitty.

— É coisa do seu irmão, Katherine — responde nosso primo.

— Kitty, leve Hope para dançar e conhecer melhor nossa boate. —

Sirvo outra dose de tequila e bebo tudo de uma vez.

— Austen... — Minha irmã range os dentes.

— Estou tranquilo, Kitty — declaro, observando-a suavizar a expressão. — Dylan e Dean, acompanhem as senhoritas — solicito, sentindo os olhares curiosos e alguns assustados direcionados a mim.

— Austen, não se esqueça do pedido de seu pai — lembra-me Dylan.

— Vocês estão agindo como se eu fosse algum desequilibrado. — Rio, deslizando os dedos sobre uma das armas. — Divirtam-se, só preciso esclarecer algumas coisas com a senhorita Rivera e o Cole. — Pressiono os lábios.

— Katherine, ainda não conheci completamente o lugar — intervém Hope, a garota está um tanto assustada.

— Vocês não vão a lugar algum, pois quem está saindo sou eu. — Mía solta a mão do sujeito engomado e está prestes a nos dar as costas.

— Tenho ótima pontaria, sou habilidoso em arremessar facas. Se der mais um passo, cortarei a mão e garganta do seu amigo. — Não consigo conter minha ameaça.

— Austen! — exclama minha irmã, incrédula.

— Será melhor Cole e eu irmos embora. Amanhã precisamos visitar outros amigos, Mía. — A ruiva gagueja e caminha em direção ao amigo, que está sem palavras e com o rosto pálido.

— Aguardem um momento. — Pego uma das facas e a giro entre os dedos, enquanto os convidados da Mía estremecem ao me encarar. Acredito que estejam pensando que sou excêntrico. — Cole, minha profissão é atualmente a mais admirada na sociedade. Basta fazer uma pesquisa na internet e tudo o que encontrar de vil é verdadeiro.

Hope afasta-se de Mía como se ela tivesse uma doença.

— Eu te disse que este lugar era estranho, Hope — Cole diz em voz alta e olha ao redor, apavorado. — Vamos embora daqui — murmura, puxando a amiga e saindo da sala rapidamente.

Não era ele quem estava animado minutos atrás com a Mía? O que aconteceu com aquela arrogância? Que sujeitinho covarde.

— O que diabos você fez, Austen? Perdeu o juízo, eles são meus amigos! — Mía avança em minha direção com uma determinação militar e apropria-se de uma das minhas facas.

— Essa situação vai esquentar — comenta Dylan.

— Eu fiz o quê? — Finjo falta de entendimento, mesmo observando-a retirar a faca de sua proteção. — Pretende me matar na frente de tantas testemunhas? — zombo, percebendo seus olhos escurecerem.

— Seria melhor deixar esses dois conversarem, dispensar os garçons

para que não transitem por aqui nas próximas horas — aconselha Dean, falando com sensatez.

— Eles vão se matar! — exclama Katherine, preocupada.

— Não vão — afirma Dylan.

— Se algo der errado, vou culpá-los — declara Kitty, sendo levada para fora da sala contra sua vontade, acompanhada pelos dois homens.

— Qual é o seu problema, Knight? Agora meus amigos vão ficar com medo de mim! — Mía grita quando ficamos sozinhos.

— Não grite, estou bem na sua frente. — Massageio minhas têmporas e fecho os olhos, apoiando a mão na mesa.

— Você não manda em mim!

— E quem... Caralho, Rivera! — murmuro ao sentir minha carne ser perfurada pela lâmina afiada.

Mía acaba de enterrar a faca na minha mão.

— Essa foi a última vez que fez isso comigo. — Ameaça girar a faca e meu sangue se espalha pela mesa, sujando meus dedos.

— Filha da puta! — digo, entre dentes.

Ela se aproxima do meu rosto.

— Não posso negar. — Sorri com frieza e encosta sua boca na minha.

Vingativo, puxo seu lábio inferior com os dentes e mordo. Ela tirou sangue da minha mão, e eu tirei da boca dela.

— Hm... — Geme com dor, tentando se afastar, mas eu arranco a faca da minha mão e, num movimento, seguro-a pelo pescoço e a arrasto até o sofá.

— Acha que consegue fazer algum mal para mim, ratinha?

Sorrio, com os dedos em volta de seu pescoço, mesmo com minha carne sangrando em sua pele e pulsando como se estivessem cravando espinhos.

— O-o que vai fazer? Vai me bater? — Tosse.

— Não agrido mulheres. — Afrouxo o aperto em seu pescoço e me sento sobre ela.

— E o que você está fazendo agora? — pergunta, voltando a ser insolente.

— Te ensinando. — Apoio seu corpo no sofá e olho em seus olhos.

— Me ensinando? — zomba, fazendo uma careta.

— Sim, você me fez sangrar e agora eu quero me vingar da dor maldita que você me fez sentir. — Aproximo nossos rostos e ela respira profundamente.

— Não pensei que você fosse tão fraco, Knight.

Dirijo meu olhar primeiro para sua boca sangrando, depois para seu pescoço sujo com meu sangue.

— Eu não sou, Rivera, só estou admirando nossa obra de arte. — Solto seu pescoço e ela respira aliviada.

— Você é doente — diz as palavras com desprezo.

— Talvez eu esteja ficando por você — confesso, imobilizando seus pulsos.

— O quê? — Sua expressão é de pura confusão.

— Da próxima vez que permitir que outro homem se aproxime do que me pertence, vou matá-lo e cortar em pedacinhos para te dar de presente. — Me inclino em direção a ela e sussurro em seu ouvido. — Esta noite deveria ser de paz, mas você provoca esse efeito em mim, fazendo-me mudar da água para o vinho. — Desço meu rosto até seu pescoço e saboreio sua pele, sentindo o gosto do meu próprio sangue.

— Às vezes, tenho medo de você — ela murmura, tremendo.

— Você não deveria ter. — Mordo sua pele e libero seus pulsos.

— E por que não? — Me empurra pelo ombro.

— Porque uma mulher não deve temer seu homem. — Seguro firmemente seu queixo.

— Você...

— Nós iremos nos casar. — Eu me afasto dela e tiro minha camisa para estancar o sangue.

— Não mesmo. — Ela ri.

— Você será minha mulher, Mía — aviso, antes do previsto.

— Apenas três ou dois copos de tequila e você já está bêbado? — Ela ri, em choque.

— Isso é insuficiente para me embriagar — digo, apertando o tecido ao redor da minha mão.

— Eu estou saindo, tire essa ideia de casamento da sua cabeça. — Ela se levanta, nervosa.

— Estou te oferecendo a oportunidade de se tornar uma Knight e ter um casamento interessante, mas se você recusar, posso te sequestrar e te obrigar a se casar comigo só com a roupa do corpo. — Pego a garrafa de tequila e viro na boca.

— Vou embora — ela decide, ainda atordoada.

— A nossa festa ainda nem começou, Mía.

— Ela já acabou, Austen. — Ela me encara, indignada, e logo me dá as

costas e sai da sala.

Deixo a bebida na mesa e a sigo rapidamente, conseguindo alcançá-la antes de entrar no elevador. Se é um espetáculo que ela quer, é isso que terá.

— Você não vai a lugar algum. — Seguro seu braço, fazendo com que seu corpo se choque contra o meu.

— Quem você pensa que é? — Bate em meu ombro, rindo de sua própria fúria enquanto seguro seu rosto.

— Seu futuro marido. — Enfrentamos um ao outro com o olhar.

— Você enlouqueceu. — Ri, surpresa ao notar que estou falando sério.

— Quase isso. — Olho para sua boca inchada e machucada.

— Me solte! — Ela se debate.

— Espero que esteja usando algo por baixo desse vestido, não gosto da ideia de ter que matar os funcionários que monitoram as câmeras só por terem visto a sua calcinha.

Ela não compreende o que estou dizendo até ser abruptamente colocada em meu ombro e conduzida de volta para a sala.

— Austen! — exclama, socando minhas costas.

— Sem escândalo — bato em sua bunda —, deixe esses gritos para quando eu estiver te fodendo por trás, enquanto você dança para mim e em meu pau. — Tranco a porta e a coloco no chão.

— Você precisa se tratar. — Mía anda de um lado para o outro.

— Shhh. — Vou caminhando lentamente em sua direção e ela fixa o olhar em meu abdômen.

— O que você quer de mim? — Ela dá alguns passos para trás.

— Você me dá o que eu quiser? — pergunto com duplo sentido.

— Jamais. — Aperta os lábios e faz uma careta de dor.

— Eu não devia ter vindo esta noite, sabia? — comento enquanto a alcanço e a seguro pela cintura. — Mas Dylan me convenceu — adiciono, capturando sua atenção.

— Você arruinou minha noite por que estava entediado? — acusa, então percebo que ela está observando minha boca.

— O que você prefere? A verdade ou uma mentira? — Espalmo minhas mãos em seus quadris.

— Sempre a verdade. — Suspira, pensativa.

— Eu não imaginava que você estivesse acompanhada por um homem, e quando vi aquele filho da puta perto de você, fiquei com ciúme, porra. Por pouco não arranquei as mãos dele por tocar em você, e os olhos dele por te admirar — confesso, surpreendendo a nós dois ao admitir em voz alta meus

sentimentos.

— Austen... — murmura, com a respiração entrecortada.

— Eu quero você, Mía.

— Quer? — questiona, tocando meus ombros.

— Sim.

Não dou tempo para que ela faça mais perguntas, agarro sua boca e a levanto em meus braços.



Foi uma surpresa reencontrar Hope e Cole, principalmente na fila da boate dos Knight. Desde que eu retornei de Nova Iorque, não tive mais contato com eles. Embora eles tivessem o meu número, nunca me ligaram para conversarmos. Se eles fossem meus inimigos, eu estaria morta agora, pois eu não os vi primeiro. Foi Hope que me reconheceu quando eu estava prestes a entrar na boate, acompanhada da filha do proprietário. Ela me chamou e imediatamente eu os reconheci, juntamente com seu primo Cole, no meio de todas aquelas pessoas. Eu os apresentei para Katherine, que gentilmente os convidou para se juntar a nós no camarote.

Cole e Hope vieram visitar alguns amigos de longa data aqui em Londres, mas de acordo com os primos, eles adoram aproveitar a vida noturna e queriam conhecer a boate mais famosa da Inglaterra. Quando eles descobriram que Kitty era uma das proprietárias, ficaram extremamente empolgados com a notícia.

Da mesma forma que eles pensam que eu sou filha de um empresário, Katherine Knight se apresentou como filha do homem mais poderoso do país, meus colegas até brincaram com ela sobre as histórias de que sua família é mafiosa. Porém a Kitty levou tudo na esportiva e disse para eles não acreditarem em todas as invenções, mas confessou que adoraria que seu pai fosse o chefe da máfia, para sentir-se uma princesinha mafiosa.

Nossa diversão não durou muito, apesar de termos conversado bastante e bebido um pouco. Só não tivemos a chance de dançar, pois o Austen chegou e acabou com qualquer possibilidade de continuarmos nossa noite em paz.

Cole e eu estávamos flertando após ele admitir que desde o primeiro encontro em Nova Iorque ele queria me beijar. No entanto, nunca houve oportunidade de tentar se aproximar de mim e, justamente quando eu planejava esquecer tudo ao meu redor e dar a chance que Cole queria, o irmão de Kitty apareceu.

E, Austen sendo Austen, estragou tudo, assustando meus amigos. Ameaçou-os, desmentiu a versão de Kitty, que eram apenas boatos sobre a família Knight fazer parte da máfia, ao exhibir suas armas, e então me tratou como se estivéssemos comprometidos, como se eu estivesse cometendo adultério por estar próxima de outro homem.

Não sei o que é pior: ter esfaqueado a mão de Austen num ato de coragem, passar horas me arrumando e ficar linda apenas para ter o sangue daquele idiota sujando meu pescoço, ou estar neste exato momento aos beijos com ele depois de toda a confusão que ele causou.

Eu o chamo de doente pelas suas atitudes, mas estou me colocando na mesma situação. Quem fere o outro e logo depois se agarra como se as nossas vidas dependessem disso? Somos dois insanos, envenenados pela loucura um do outro.

Não deveria ter esse tipo de sentimento, mas Austen Knight me incendeia com toda a sua insanidade, mesmo que eu tente negar e repudiar. É uma conexão obscura que consome cada gota do meu sangue, do meu ser. É inexplicável.

As mãos possessivas de Austen passeiam por meu corpo como se ele fosse dono de cada centímetro dele, enquanto nos conduz até o sofá e se senta nele comigo em seu colo.

A cada toque e beijo, todas as razões para odiá-lo desaparecem. É como se o mundo inteiro desaparecesse, e só existíssemos nós dois. Seus lábios sugam os meus com violência. Sua língua molhada subjuga a minha soberanamente em um beijo feroz.

Nossas respirações se misturam incessantemente, e mesmo que eu precise buscar ar para os meus pulmões, me entrego nos braços de Austen sem medo das consequências. Me deixar ser envolvida pelo Knight se assemelha a estar no meio de um oceano rodeada por tubarões famintos, ou dançando balé descalça sobre espinhos.

Ele larga a minha boca e me encara com os seus olhos brilhantes, mas ao mesmo tempo acompanhado daquela camada sombria.

— Você está linda esta noite, mas nunca mais ouse colocar batom nesses lábios. O único vermelho que combina em você é o meu sangue ou o seu, mas eu não quero te ver sangrar. — Olha para o meu pescoço que está com o seu sangue já seco, depois para boca inchada por sua mordida. Eu ergo a sobrancelha, disfarçando o meu suspiro. — Eu prefiro quando você está natural, sem nenhuma maquiagem. — Toca em meu rosto com suavidade, com uma estranha calma.

— Isso deveria ser um elogio? — Contenho o sorriso ao avaliar as tatuagens espalhadas por seu peitoral e abdômen. Não deixo de perceber a marca de arranhões em alguns lugares do seu corpo.

— Vindo de mim, sim. — Um brilho perverso atravessa o seu olhar ao

notar que estou o admirando demais. — Ainda mais depois de ter me esfaqueado. — Ergue a mão machucada envolvida por sua camisa.

— Essa é a hora que devo agradecer? Você mereceu aquela facada — zombo, ouvindo a sua risada baixa e grave.

— Deixe para agradecer quando eu te fizer gozar com a minha boca esta noite. E a próxima vez que tentar me machucar, use mais força. — Ele rouba de mim o meu raciocínio e palavras ao alcançar o meu pescoço.

Não pergunte sobre as marcas... Não pergunte.

Não é da minha conta.

— Austen...

Um calor percorre por minha coluna e eu me contorço em seu pau, que está ficando duro com a minha movimentação em seu colo.

— Sim, bird? — Seus dentes marcam a minha pele com agressividade.

Um novo apelido, que pelo menos não é “ratinha”. Gemendo baixinho, seguro-o nos ombros e o empurro para trás. Sou surpreendida por sua risadinha maldosa perto do meu ouvido.

— Essas marcas em seu pescoço e em outras partes... quando foram feitas? — sondo-o, com a minha garganta seca.

Ele franze o cenho, sem entender a minha pergunta.

— Ontem — admite sem vacilar.

— Você transou?

Óbvio que devem ter feito sexo, Austen não é homem de ficar somente nos beijinhos, mas quero ouvir dele.

— Claro, Mía, mas por quê? — Suas mãos tocam em meus quadris.

— Isso muda tudo. — Afasto suas mãos do meu corpo e ele bufa.

— O que muda? Não temos um relacionamento, não aja como se isso fosse uma traição. — Sua mandíbula se aperta e ele vira o rosto para o outro lado.

— Claro que não é. Sei que não temos nada, mas como se sentiria se soubesse que transei com outro homem ontem, e agora estou prestes a fazer o mesmo com você? — Basta isso para que eu desperte o lado possessivo dele. Seus olhos semicerram, mas ele não se manifesta, me escuta em silêncio, completamente pensativo. — Não sou como as mulheres que aceitam fazer sexo com você e depois serem descartadas como se não valessem nada, Austen. Eu adoro quando me toca, beija, fala sacanagens, mas isso não quer dizer que eu vá aceitar qualquer coisa vindo de você. O que me garante que se eu me entregar a você esta noite, amanhã não estará com outras no Las Chicas ou até mesmo fora de lá?

— Mía...

Toco em seus lábios com o dedo indicador para que fique em silêncio.

— Me escute primeiro, depois decida o que realmente quer — peço.

Ele balança a cabeça, compreensivo.

— Você disse que me queria, mas o quanto me quer? É para brincar e depois me magoar? E sobre me tornar a sua esposa, o que é isso, algum tipo de brincadeira? Quais as suas intenções, Austen Knight? — eu o questiono, com o coração batendo disparado.

Ele não estava esperando por isso, mas se está afetado por minhas palavras, não demonstra.

— Eu já te disse o que quero, Mía.

Estudo a sua expressão e Austen não vacila em nenhum segundo, ele não me dá espaço para encontrar a verdade ou mentira.

— Dizer é fácil, mas e depois de conseguir o que quiser? — Umedeço os lábios. — Se em algum momento eu descobrir que está me usando para atingir o meu pai, nunca vou te perdoar, aliás, até posso, mas jamais irá me ver novamente. — Esclareço as coisas.

— Não quero te usar — diz, olhando em meus olhos, que se enchem de lágrimas.

— Não está mentindo para mim, Austen? — insisto, vendo-o afirmar com um meneio de cabeça.

— Estou disposto a oferecer tudo o que você quiser de mim, Mía. — Volta a tocar em meus quadris.

— Até mesmo o seu coração?

Ele joga a cabeça para trás e fecha os olhos.

— Isso você deve conquistar — brinca, em um tom bem-humorado.

— Achei que já tinha feito isso. — Rio baixinho.

— E o seu, já conquistei? — Devolve a pergunta, curioso.

— Acho que fico com a sua resposta anterior. — Rimos.

— Vamos com calma, tudo irá se resolver. — Ele aproxima o seu rosto do meu e me observa. — O que importa é que não consigo tirar você da minha cabeça, bird. O que adianta negar algo que todos já perceberam, mas que estou relutando desde o começo para não admitir? — Segura uma mecha de cabelo meu e enrola em seu dedo.

— Por que está me chamando de pássaro, o que significa para você? — Guardo tudo o que me diz, mas o apelido atiza a minha curiosidade.

— Porque você me lembra um — diz, com a voz baixa, enquanto acaricia a lateral do meu rosto com a mão.

— Como assim?

— Você me faz lembrar um pássaro aprisionado na gaiola, sem poder fazer parte do mundo lá fora. — O sorriso dele deveria me confortar, mas algo dentro de mim se contorce a ponto de me fazer sentir frio na barriga.

Eu vou confiar em você, Austen.

Não me quebre.

Não me engane.

Não destrua os sentimentos que estou construindo.

— O.k. — digo, por fim, pegando a mão que machuquei e vendo que está úmida de sangue. — Me perdoe por isso, fiquei fora de mim e...

— Primeira regra, Mía, nunca peça perdão quando machucar um inimigo — me interrompe.

Meu coração martela no peito por não entender o que ele quer dizer.

— Mas não somos inimigos, nunca fomos... Ou somos e eu não sei?

Um peso se instala na boca do meu estômago ao ouvir a sua risada quase fria.

— Não somos — garante, olhando dentro dos meus olhos.

Depois dessa conversa, não tenho mais clima para putaria, acredito que muito menos ele após a cobrança que fiz.

— Quer que eu te ajude com o seu machucado? — sugiro, para afastar o clima tenso.

— Não se preocupe comigo, vou passar no consultório do médico da família.

— Tem certeza? — Mordo os lábios que lateja por conta do corte.

— Sim, Mía, pare de se preocupar comigo, já estive em piores situações. Isso foi só um arranhão — informa, sorrindo galanteador. — Quer ir até o meu apartamento? — convida.

— No seu abatedouro? Jamais.

— Se te consola, nenhuma mulher esteve em meu quarto, na minha cama. — Pega uma das minhas mãos e põe em seu coração. — Muito menos aqui. — Se ele queria me ouvir suspirar, acaba conseguindo. — Você merece mais do que um sofá de uma boate, e eu não quero que ninguém nos atrapalhe quando eu estiver dentro de você. — Ele examina o meu corpo como se estivesse me vendo nua.

Fico quente, quase queimando.

— Tudo bem, mas preciso me despedir da Kitty.

— A Katherine tem o Dean, ele cuida dela, depois vocês se falam. — Seu olhar guloso fixa no meio das minhas pernas e minha boceta pulsa de excitação.

— Antes de irmos para o seu apartamento, não seria melhor procurar o médico? — Saio do seu colo para não cometer a loucura de me entregar a ele ali mesmo.

— Ligo para ele no caminho, vou pedir para ir até o meu apartamento. — Ele se levanta e vem ao meu encontro, me agarrando pela cintura. — Você deveria ter se preocupado comigo antes de me machucar. — Ri contra a pele do meu pescoço ao afundar o rosto nele.

— Não se faça de vítima, procurou por isso — retruco, ao ser virada para a frente e abraçada por trás logo em seguida.

— Vou dizer o mesmo quando estiver dentro de você, te dando algumas palmadas nessa bunda atrevida. — Austen lambe minha orelha e roça o seu pau em mim. — Está vendo como me deixa? Só de pensar em ter você na minha cama, fico duro. — Afunda uma mão na frente do meu vestido e apalpa meus lábios vaginais.

— Austen — ofego, ficando mais molhada do que estou.

— Se eu colocar essa calcinha para o lado e afundar meus dedos em sua boceta, vou encontrar... — O desgraçado sabe que estou encharcada, então pausa a fala e faz o que detalhou, encostando a peça íntima em minha virilha e mergulhando dois dedos em meu feixe de nervos. — Lambuzada — completa, movendo os dedos para a frente e para trás, depois em círculos.

— Ahhh, céus. — Abro as pernas e rebolo em seu membro ereto, ouvindo o som molhado dos seus dedos me fodendo soar alto.

— Geme mais alto, ainda não consigo te ouvir. — Ele chupa meu pescoço e pressiona meu clitóris.

Estou quase desmoronando. Gemidos desenfreados escapam da minha boca e se misturam com a risada perversa do Austen, que me masturba habilmente. Ele vai mesmo me fazer gozar de pé, e se não me segurar, sou capaz de cair.

Ele sabe o que está fazendo, tanto que um braço rodeia a minha cintura. Austen aumenta a pressão em seus dedos e eu vibro, sendo tomada por um formigamento pelo corpo.

— Austen, Austen... E-eeu... — Um filete de suor desce na lateral da minha testa, mas ele diminui o ritmo dentro de mim.

Eu gozo, descansando a cabeça em seu corpo e tentando controlar a minha respiração pesada.

— Agora vamos para a casa. — Beija meu pescoço com carinho, me fazendo fechar os olhos.

— Acho que você vai precisar me carregar. — Faço um biquinho, arrancando uma risada dele.

— Posso fazer isso.

Ergo o rosto e ele captura minha boca em um beijo.

— Estou brincando — murmuro, entrelaçando minha mão na dele.

— Basta me pedir, que eu faço.

Ele começa a arrumar a minha calcinha e depois o vestido, logo após me confere de um modo engraçado para ver se não deixou nada fora do lugar. Sem trocarmos mais palavras, Austen volta a segurar em minha mão, e antes de sairmos da sala, ele recolhe as suas coisas e eu pego a minha bolsa.



Não nos despedimos de ninguém ao sair da boate de mãos dadas, ainda assim, chamamos a atenção de curiosos. Somente depois que Austen mencionou que as pessoas estavam olhando para o meu pescoço sujo de sangue e para a mão dele machucada, percebi o motivo dos semblantes assustados dirigidos a mim. Naquele ambiente, ninguém se atreveu a nos interrogar, mas em um local comum, e não um estabelecimento pertencente à máfia, certamente teriam contatado a polícia. Seria considerado estranho ver um homem com a camisa manchada de sangue e amarrada na mão, com uma mulher com a roupa amassada e vestígios de sangue no pescoço? Provavelmente, as autoridades seriam chamadas, resultando em complicações.

Não tínhamos um veículo à disposição, pois eu havia vindo com Kitty e Dean, e Austen, com o primo que havia desaparecido com os outros. Os soldados que vieram escoltando os primos se ofereceram para nos levar, mas ele não quis, pediu que ficassem aguardando por Dylan.

Austen, evitando ser incomodado e fugindo da irmã que, segundo ele, o questionaria incessantemente, assegurou que encontraria uma forma de chegarmos ao seu apartamento, embora eu achasse mais fácil aceitarmos que os soldados nos levassem ao nosso destino.

E, de fato, o Knight conseguiu. Ele é muito persuasivo, abordou um dos clientes do lado de fora que estava estacionando seu Aston Martin e ofereceu um ano de acesso gratuito com todas as despesas pagas em troca do empréstimo do carro até o dia seguinte. O homem não hesitou ao ver a identificação de Austen, revelando-o como um dos proprietários do local.

Foi arriscado da parte dele ceder seu veículo, mesmo considerando a reputação da família Knight. O carro é de luxo, porém, acredito que um ano de entrada gratuita e consumação ilimitada seja uma oferta mais vantajosa. Afinal, o veículo será devolvido e o cliente terá o privilégio de desfrutar de doze meses na boate mais exclusiva e cobiçada da Inglaterra.

— Ainda não acredito que aquele homem confiou em você para emprestar essa máquina. — Rio, incrédula ao vê-lo ultrapassar alguns veículos à nossa frente.

— A influência do sobrenome Knight. — Ele me encara por cima do ombro e coloca a mão na minha coxa, apertando minha pele entre os dedos.

— Todos vocês são assim, ou só você? — questiono, percebendo a potência do Aston Martin enquanto ele acelera na via, utilizando apenas uma mão para segurar o volante.

O ruído do motor poderoso ressoa alto, e uma adrenalina desconhecida me envolve a cada avanço que Austen faz em direção ao seu apartamento. Sua habilidade ao volante certamente garantirá que cheguemos lá mais rapidamente do que o previsto.

— Assim como? — Ele me lança um sorriso astuto.

— Repleto de autoconfiança. — Seguro o riso ao sentir um aperto suave em minha coxa.

— Bem, seria desonesto dizer que sou o único com uma autoestima bem alta.

Ele entra em uma rua aparentemente deserta, cercada por edifícios altos e luxuosos, mas um em particular chama a minha atenção, com alguns homens na entrada agindo como seguranças. Tenho certeza de que é o prédio onde Austen reside. Minha suspeita é confirmada quando um dos homens sinaliza para os outros, que imediatamente voltam suas atenções para nós. Não sei se é um código deles, mas Austen pisca os faróis três vezes e os homens logo relaxam, indicando que foi reconhecido.

— Estou surpresa em você se preocupar em ser honesto.

Ele ri ao estacionar o carro em frente ao prédio onde estão os homens.

— Por que está sempre pensando o pior de mim? — Gira o pescoço em minha direção e nossos olhares se encontram. Um sorriso se espalha pelo seu rosto, iluminando os seus olhos que cintilam malícia.

— A primeira impressão é a que fica. — Encolho os ombros, divertida, ao vê-lo arquear a sobrancelha enquanto desliga o carro.

Em meu colo, o meu celular vibra na bolsa. Sem tirar a sua atenção de mim, Austen estuda os meus movimentos quando pego o aparelho para conferir quem é, no mesmo instante engulo em seco. É o meu pai. Como vou o atender e dizer que estou prestes a subir para o abatedouro do filho do homem com quem ele tem negócios? Isso não vai prestar.

— Atende — aconselha, vendo-me hesitar ao encarar a tela onde mostra o nome “papá”.

— Ele não pode saber que estamos juntos, isso viraria uma bagunça — digo, nervosa.

Damián me mataria.

— Somos adultos, Mía. Atenda e fale a ele que está comigo. — Austen é firme em suas palavras.

— Não, Austen, o meu pai...

— Tem que aceitar que a filha dele não é mais uma adolescente, e sim uma mulher adulta. — Ele está tão firme que chega a me apavorar mais do que a insistência do papai para que eu o atenda.

— Eu sei que não sou mais criança, mas acha que ele vai lidar bem com a ideia de eu estar sozinha com você? Depois de tudo o que você fez? — Apreensiva, encaro o celular que para de tocar.

— Não seremos o segredo sujo um do outro, bird. — Ele toca em meu rosto e eu suspiro. — Eu te quero por inteira, e Damián precisa aceitar essa verdade. Nem ele nem ninguém vai poder afastar você de mim, se por acaso tentarem, te levo para longe de todos e mato qualquer um que ousar me afastar de você. — Seu tom é possessivo e baixo.

— Até mesmo o meu pai, Austen? — Estremeço ao vê-lo confirmar com um meneio de cabeça.

— Qualquer um, Rivera. Sem exceção.

Meu corpo se arrepia com a sua determinação estampada em sua expressão fria e sombria.

— Desde quando tem esse sentimento de posse por mim? — Limpo a garganta, notando a sombra do seu sorriso.

— Desde o dia em que decidi que você seria minha, mesmo não querendo admitir — confessa, acariciando minha bochecha com a lateral do dedo indicador.

— E quando foi isso?

Ele inclina o seu corpo para perto do meu e deixa nossos rostos próximos, nossas bocas quase se tocando.

— Três anos atrás, quando me desafiou para defender o seu pai. — Roça nossos lábios.

Inspiro profundamente.

— Então, sou apenas um desafio para você? — Afasto meu rosto do dele.

— Não — me segura pelo queixo —, você é a minha escolha, é diferente. — Ele não se limita em sua defesa.

O meu celular volta a tocar e o Austen se afasta de mim, saindo do carro. Não posso mentir para o meu pai, e depois da nossa saída triunfante daquele lugar, claro que Damián sabe que estou com o filho de Killz. Não podemos impedir as pessoas de falarem de nós, e a boate esta noite estava cheia.

— Oi, pai — atendo-o, com o coração acelerado ao perceber que Austen está abrindo a porta para mim.

— *Venha agora para casa.* — A sua ordem é fria como nunca foi.

— Eu estou...

— *Com Austen Knight* — ele me interrompe —, *já estou sabendo, todos estão.*

— Pai, escuta...

— *Mía, nem vou dizer que ele é um garoto, porque não é! É um homem astuto, e nesse jogo ele é o rei e você o peão, a peça mais fraca. E quando o rei se sente ameaçado, faz de tudo para não receber xeque-mate.* — Conforme papai me confronta, Austen me observa encostado na porta do carro que está aberta para que eu saia.

Não sei se ele consegue ouvir o que meu pai fala, mas a sua expressão está diferente, endurecida, assim como a sua mandíbula tensionada e suas íris severas e muito escuras.

— *Papá, eu vou para a casa daqui a pouco* — prometo, sem gaguejar.

— *Você tem vinte anos e te protegi a minha vida inteira, e mesmo que seja uma mulher adulta, não vou deixar de te proteger de pessoas como Austen.* — Me ignora e continua falando. — *Mía, só tenho você, querida, não posso te deixar ser abraçada pela escuridão desse homem.*

Encaro Austen, que já está com o semblante mais tranquilo.

Engolindo em seco, respiro fundo e saio do carro.

— Eu sei, pai. Prometo que vou embora, não precisa se preocupar — murmuro, me afastando um pouco de Austen, que estuda os meus movimentos.

— *Vou confiar em você.*

— Te amo, *papá.* Até mais tarde. — Desligo o celular, sem esperar a resposta dele.

— Está tudo bem? — pergunta Austen, enquanto guardo o aparelho na bolsa.

— Sim, está — minto, observando os soldados dele olharem para qualquer outro lugar, mas menos para mim.

— Tem certeza? — insiste, pegando em minha mão.

— Claro. — Sorrio, escondendo meu nervosismo.

— O.k. Vamos subir. — Ele toca em minha cintura.

— Vamos — concordo, examinando a estrutura imponente do prédio.

Adentramos no hall vazio e o som dos nossos passos ecoam pelo corredor enquanto nos aproximamos do elevador.

— Você está tensa — informa, sério.

— Um pouco — murmuro, ao entrarmos na caixa metálica.

— Ouvi o que o Damián disse e ele está errado, não sou esse monstro que pintam, Mía. — Ele acaricia minhas costas por cima do vestido e beija o meu pescoço.

— Austen, santo você não é, vamos ser sinceros. — Viro-me para a parede espelhada atrás de nós.

— Nunca fui — diz enquanto nos encaramos através do espelho.

Espero nunca me arrepender de estar indo contra o meu pai, muito menos me entregar pela primeira vez ao homem que ele tanto repudia.

Enquanto as portas do elevador se abrem suavemente, revelando o corredor impecavelmente decorado, sinto uma onda de medo percorrer meu corpo ao ouvir a voz do meu pai repetir em minha cabeça “você é o peão e ele o rei”. Deus queira que não.

— Esse prédio é abandonado ou é impressão minha? — indago, ao ser conduzida até uma porta com fechadura digital.

— Dylan mora no andar de baixo, mas ele vive mais na rua do que em casa — revela, digitando a senha.

— Hm, entendi. Mas não se sentem sozinhos sem a sua família? — A porta se abre e ele ri.

— Mía, sou um homem de vinte e cinco anos, e o Dylan é velho, trinta e um anos nas costas. Já era para ele estar se casando e com uma penca de filhos por aí. — Ele se encosta na parede para que eu entre primeiro.

O apartamento é sofisticado, o luxo do lugar nem se compara com a minha casa, embora eu more em um lugar muito bom. O piso de mármore polido reflete a luz suave dos lustres de cristal no meio da sala de estar.

As paredes brancas têm obras de arte penduradas, os móveis são modernos, adornados com tecidos luxuosos. Não contenho o sorriso ao notar que ele se importou com cada detalhe da sua morada. O tapete persa preto combina com toda a decoração, enquanto as cortinas da mesma cor estão fechadas nas janelas panorâmicas.

Nunca imaginei que Austen, com essa pose de durão, teria um ambiente tão elegante e cheiroso.

— Vejo que se encantou pela decoração, dê os créditos à minha mãe e Kitty, elas que arrumaram isso tudo — avisa, fechando a porta.

— Não estrague a minha ilusão. — Rio baixinho, ao largar minha bolsa no sofá que parece ter sido feito sob medida.

— Nunca faria isso. — Ele se põe atrás de mim e coloca os seus braços ao meu redor. — Só não me culpe depois. — Dá uma risadinha em minha orelha, me deixando arrepiada.

— Quero tomar um banho primeiro, estou me sentindo pegajosa com esse sangue — peço, erguendo o rosto para olhá-lo.

— Pode ir, vou ligar para o doutor Maison vir me atender. — Antes de se afastar de mim, ele beija o meu ombro e pega o telefone no aparador.

— Em qual banheiro posso ir? — indago, analisando ao meu redor.

— Pode ser o meu, é o primeiro quarto, a porta dele está fechada. Se quiser, pode pegar uma camisa minha no armário — recomenda, soando como se estivéssemos acostumados a fazer isso.

— Tudo bem.

Austen assente e digita alguns números no telefone, em seguida, me dá as costas e começa a falar com o médico que o atende rapidamente.

— Me machuquei no treino, acho que vou precisar de uma sutura. Não sei bem como está a minha situação, tentei estancar o sangue com uma roupa — informa, com seriedade. Qualquer um acreditaria que ele realmente se feriu em um treinamento. — O.k., te aguardo no meu apartamento.

Não espero Austen encerrar a ligação com o médico, apenas sigo para o corredor que me leva para o seu quarto.



Sentindo cada parte do meu corpo enrugado, desperto com batidas intensas na porta e percebo que perdi a noção do tempo na banheira. Um tanto confusa, observo meu corpo mergulhado na água e deixo escapar um suspiro ao perceber que cochilei. A água estava tão agradável que me perdi completamente, e se não fossem essas batidas abruptas, certamente teria ficado ali por mais tempo.

— Mía, você está bem? — Do outro lado da porta, Austen pergunta.

— Estou! — respondo após um breve instante, encarando a parede preta e dourada. É evidente que sua cor favorita é preta, já que os mesmos detalhes deste cômodo se repetem pelo quarto, conferindo uma atmosfera sombria, porém elegantemente decorada.

Saio da banheira, seco meu cabelo com uma toalha e, em seguida, me enrolo em outra antes de ir para o quarto.

Encontro Austen deitado de costas na cama, sem camisa e agora vestindo uma calça de moletom preta, com a mão descansando sobre o abdômen. Caramba, realmente demorei muito no banheiro. Parece que ele já tomou banho e o médico já veio atendê-lo, pois está com a mão enfaixada.

— Estava quase arrombando a porta — ele comenta, ainda de olhos fechados.

— Será que demorei tanto no banheiro a ponto de cogitar destruir sua porta? — pergunto, envergonhada por não ter ideia do tempo que passou.

— Te chamei três vezes e você não respondeu. Pelo que vejo, você ficou lá dentro por uma hora, impossível que alguém leve tanto tempo no banho.

Fico surpresa com a informação.

— No tempo que você passou no banheiro, o doutor Maison veio e fez uma sutura na minha mão. Ganhei quatro pontos. — Ele se senta na cama e me examina detalhadamente, como se quisesse me devorar como um lobo faminto.

— Desculpe, perdi a noção do tempo e acabei cochilando, a água estava tão agradável.

Observo os detalhes do seu abdômen tatuado, notando a cicatriz do lado esquerdo do seu quadril. Mesmo percebendo meu olhar curioso, ele não diz nada.

— Ainda bem que você acordou. Imagina se você morre no meu apartamento? Damián ficaria louco — diz com um tom de desprezo.

— Apenas cochilei, não exagere. Não dormi por uma hora inteira — afirmo, vendo-o sorrir.

— Você leva tudo muito a sério, Mía — comenta, se levantando e indo em direção ao seu armário.

— Vindo de você, preciso estar atenta a tudo, Knight — respondo, cruzando os braços, enquanto ele continua procurando suas roupas.

— Você me esfaqueia e ainda quer agir como a mocinha da história, Rivera? Coisa feia. — Examina-me por cima do ombro.

— Já pedi desculpa — declaro, me aproximando dele.

— Prefiro ser recompensado de maneira diferente. E o sangue derramado não será recuperado com o seu arrependimento.

Ele se vira em minha direção com uma camisa branca na mão direita, mas logo a devolve ao armário e se aproxima de mim com um sorriso presunçoso, causando arrepios pelo meu corpo.

— Está disposta a me compensar pelos danos causados, bird? — Austen

me agarra pela cintura com um braço, me puxando contra seu corpo grande, rígido e quente, deixando a toalha cair aos meus pés.

Arfante com a sua pegada, espalmo minhas mãos em seu peito e o vejo observar meu rosto, a boca e depois meus seios, que são esmagados contra a parte superior de seu abdômen.

— E você, está também? Já fez muitas coisas comigo e não estou aqui resmungando como uma garotinha chorona. — Passo as unhas em seu peitoral e ele se arrepia.

— Eu adoro quando você mostra sua determinação, gatinha. — Austen e inclina em minha direção e roça nossos lábios.

— Você não respondeu. — Meus mamilos se arrepiam quando ele desliza a mão pelas minhas costas e segue lentamente em direção à minha bunda.

— Posso te recompensar de diversas maneiras, mas desta vez, você ficará surpresa. — Ele dá um tapa em uma das minhas nádegas, fazendo-me gemer involuntariamente.

— Mas para que isso aconteça, preciso do seu consentimento e confiança, algo que você nunca fez antes e acredito que não estava esperando pelo meu pedido. — Seu tom é baixo e sedutor.

— Desde que não coloque minha vida em perigo.

Ele ri, mas logo fica sério ao erguer meu rosto com o dedo indicador.

— Nada do que faremos irá te machucar, pelo contrário, será prazeroso. Mas é crucial que seja tudo consensual, Mía. — Ele umedece os lábios de forma sedutora e volta a acariciar minhas costas por um tempo.

— O que é? — pergunto, curiosa com tanto mistério.

— Pratico algumas técnicas de bondage.

A confissão dele me deixa com o coração na boca. Eu não sei muito sobre o fetiche, mas uma vez ouvi uma das minhas colegas de NY comentar que estava saindo com um alemão que praticava essas coisas e ela adorava.

— Está dizendo isso para me manter aqui? Quer me dizer que é dominador?

— Bird, o BDSM é bem mais do que isso. O bondage é apenas uma parte dele, mas não me considero um dominador. O que farei hoje, se você permitir, é te amarrar, restringir seus movimentos e usar alguns brinquedos para te proporcionar prazer. Vou te mostrar cada objeto que utilizar, para que você se sinta segura.

A explicação dele me faz arrepiar, mas não por medo.

— E se eu não curtir? — pergunto, nervosa, embora sinta uma pulsação entre as pernas.

— Se concordar em ser minha *bottom*, posso ser seu *switcher* hoje à

noite, apenas para que se sinta mais à vontade. — Ele acaricia meu queixo e então me beija.

— O que isso significa? — Admito que não faço ideia, nunca me aprofundei nesse tema, nunca me chamou atenção.

— São pessoas que se submetem, chamadas de "submissas", e pessoas que alternam entre dominar e se submeter a alguém, chamadas de "dominadoras alternantes". — Sua explicação vai sanando aos poucos minhas dúvidas.

— Você se deixa ser dominado? Com sua personalidade tão... marcante? — Observo o seu semblante, incrédula com o que me propôs.

— Mía, que tipo de louco eu seria se não aceitasse ser dominado por você para desfrutar de um prazeroso boquete com esses lábios sedutores?

Ele acaricia minha boca com o polegar, um pulsar constante afeta minha boceta e meus mamilos ficam repentinamente sensíveis ao imaginar a cena de Austen deitado na cama, com os pulsos atados, implorando para ser chupado por mim enquanto o provoco.

— Eu concordo, mas e se em algum momento doer? — Solto um suspiro lento, afastando os pensamentos.

— Você tem direito a um código de segurança. A palavra de segurança deve ser usada quando o submisso sentir que seus limites estão sendo ultrapassados, e se perceber que isso está acontecendo, basta usá-la que vou entender que é para parar.

— E se você não...

— Mía, se não confiar em mim e estiver com medo, é melhor não prosseguirmos. No bondage, tudo precisa ser consentido, mas se você estiver com medo, não posso obrigá-la a aceitar apenas para me agradar. O que vamos fazer é um jogo e nele existem regras.

Como dizer que ele não é muito bom em segui-las? Mas também não posso julgá-lo, Austen está tão confiante no assunto que, apesar de todas as minhas perguntas, estou certa de que ele irá cumprir sua palavra e respeitará minha decisão se eu disser que não podemos continuar.

— Nunca imaginei que você tivesse esse tipo de fetiche — digo, em seguida, demonstro minha curiosidade em saber mais. — É evidente que confio em você, pois se não confiasse, nem estaria aqui depois do que aconteceu na boate. — Respiro profundamente. — Posso escolher uma palavra de segurança? — questiono, e ele assente.

— Sim.

— Bird.

— É uma escolha perfeita. — Ele avalia meu semblante. — Você vai se tornar completamente vulnerável ao seu predador — declara, tocando meu queixo e acariciando meus lábios com o polegar.

Austen está insinuando que sou a presa, e ele, o caçador. Estou prestes a questioná-lo sobre as possíveis conotações duplas de suas palavras, mas antes que eu o faça, ele sela nossas bocas. Sua língua encontra a minha como se estivesse agindo de forma intencional para me calar.

Ele sabe o que fazer e como me enfraquecer com o seu toque. Austen segura minha bunda e me tira do chão. Minhas pernas se enrolam em seus quadris enquanto ele nos leva para a cama e me deita nela, colocando o seu corpo pesado por cima do meu, causando-me várias sensações. Uma delas é o tremor da excitação que é tê-lo tão perto.

Com as pernas dobradas, deslizo-as por suas costas, passeio as mãos por seus ombros largos e afundo meus dedos em sua nuca, agarrando o seu couro cabeludo.

— Austen, a sua mão... os pontos podem arrebentar — lembro-o, contra sua boca, respirando com dificuldade.

— Não me importo, a dor é suportável e nada vai me impedir de saborear cada pedacinho seu, Mía. — Morde meu queixo de leve e esfrega sua ereção em minha boceta. — Só de te beijar estou de pau duro, acha que posso controlar isso por causa de um arranhão?

Ele foi treinado para ser inabalável e é o que está demonstrando ao não se importar com o ferimento em sua mão.

— Você é louco, muito mais do que eu poderia imaginar — murmuro, gemendo em sua boca ao senti-lo empurrar o seu quadril em minha virilha. Minha vagina molhada gruda no tecido da sua calça moletom.

Se ele se movimentar mais, vou acabar gozando muito antes do planejado.

— Não imagina o quanto. Coloque as mãos no alto da cabeça e abra mais as pernas — pede, com o membro pulsando em minha intimidade.

— N-não vamos mais praticar o que me disse? — Faço o que me pede. Meu coração está quase saltando pela garganta quando ele fecha uma mão em meus pulsos, unindo-os ainda mais.

— Primeiro, vou te deixar mais relaxada. — Abre um sorriso largo e selvagem. — Enquanto eu estiver te segurando, quero que você roce a boceta em mim, e quando sentir que está pronta para gozar, me avise.

Ele não contém as suas palavras explícitas enquanto me olha nos olhos, mas não sou capaz de expressar vergonha alguma, porque o que eu mais quero é descobrir qual a sensação de me esfregar nele.

— E depois, o que vai fazer? — Não sei se a minha curiosidade o irrita, mas não me contenho em querer saber.

— Te darei a noite mais inesquecível de toda a sua vida, Rivera, e vou marcar cada parte do seu corpo para que se lembre a quem você pertence. — Empurra o quadril contra o meu, me fazendo gemer, muito excitada com a

sua promessa. — Agora, seja uma boa menina e se esfregue em meu pau até não aguentar mais, bird. — Ele me estimula e eu me movimento em sua ereção.

— Oh, céus...

Austen está se movendo comigo, aumentando ritmo dos meus movimentos para que o acompanhe.

Esfrego-me nele, toda lambuzada, e minha virilha dói com a pressão, mas não me sinto pronta para parar. Abro os olhos e o flagro observando-me com a expressão carregada de desejo.

Os olhos verdes estão escurecidos e sombrios.

— Você quer gozar, não é? — sonda-me, estudando meu rosto e imobilizando meu quadril com o seu, me impedindo de qualquer movimento.

— Muito — sussurro, pigando em seu lençol sem nem ter gozado.

— Mas não vai. Não agora.

Ele me frustra ao sair de cima de mim e saltar da cama, me dando as costas em seguida.

— Austen, para onde está indo?

Continuo na mesma posição, vendo-o empurrar uma das portas do closet e ignorar a minha pergunta. Tenho a minha resposta em poucos minutos. Ele coloca sobre os ombros algum tipo de algemas em tiras, pelo formato e tamanho, serve para algo maior do que estou tentando adivinhar.

Austen pega um chicote preto que tem a ponta parecida com uma espátula. Engulo em seco com a sua seriedade, mas mantenho-me calma, até ver que a última coisa que tira do seu armário é uma venda.

Ele vai me vender.

Me prender e me chicotear com aquele negócio, que tenho certeza de que é de couro. Se eu aparecer na frente de Damián toda marcada, ele vai me enterrar viva.

Mas é um risco que quero correr. Pelo menos, vou aproveitar minhas últimas horas nos braços de Austen. Preciso conhecer esse lado dominador do Knight entre quatro paredes.

Mesmo que por dentro uma sensação angustiante queira me tomar, estou pronta para me entregar a ele e mergulhar em sua escuridão, sabendo que posso imergir nela e me asfixiar.

14



AUSTEN

Não tem como escapar de si mesmo. Talvez eu esteja interpretando um papel diferente do meu verdadeiro eu, mas estou controlando cada passo que dou. Mía me deseja tanto quanto eu a desejo, e não há nada de errado nisso. Ela concordou com tudo o que faremos esta noite e, mesmo aceitando meu convite para vir ao meu apartamento, está ciente do que está prestes a acontecer.

Não sou o príncipe encantado com um cavalo branco, pronto para resgatar a princesa em perigo. Como poderia salvá-la de algo que estou oferecendo? Mía sabe que tudo entre nós mudará após esta noite, mas nunca tentou escapar. Mesmo demonstrando insegurança e medo de se machucar, em vez de fugir, ela fez o oposto, veio para os meus braços e está prestes a dar a sua alma ao diabo.

Ela quis segurar minha mão, mas agora sou eu quem não vai soltar. Vamos dançar e queimar juntos no inferno.

Enquanto Damián age confiante, pensando que está à minha frente, eu o deixarei comandar essa situação. Ele pode se achar o maestro, porém, no final das contas, serei eu quem liderará. O homem só será um peão no meu tabuleiro. Em um jogo de xadrez, só há espaço para um rei, e Rivera não se encaixa nesse papel.

Machucar Mía não é mais minha opção, mas será inevitável quebrar seu coração quando eu esmagar o rato do seu pai de uma vez por todas. Pai é pai, não importa o que aconteça, e reconheço que apesar das falhas imperdoáveis, aquele homem possui um amor verdadeiro por ela, mesmo que ele seja uma farsa.

Não tenho interesse em usá-la como mulher para ferir seu pai. Ir além da inimizade com Damián e possuir seu corpo não faz parte dos meus planos. Utilizá-la como meio para atingir Damián é uma coisa, mas basear argumentos em nosso sexo é algo completamente distinto. Jamais serei

covarde a esse ponto, mesmo que futuramente Mía não compreenda a diferença entre os dois e me odeie.

Dylan está correto, Mía não tem culpa do pai que tem. No entanto, por causa dele, vejo-me obrigado a me aproximar dela, a fim de manter Damián alerta, furioso e ao mesmo tempo consciente de que tenho a sua filha, o seu maior tesouro.

A solicitação de meu pai a Dylan para proteger Mía, justificada pela suposta incapacidade de Dean, um dos melhores soldados de Alec em cumprir essa missão, não é mais válida. Tudo começa a fazer sentido agora, meus pensamentos e suspeitas estão se encaixando aos poucos.

Killz não tolera pessoas incompetentes em nossa organização, e embora Kitty seja a sua preferida, ele a controla com apenas um olhar. O mistério de ele omitir que Mía era a amiga da minha irmã que a estava acompanhando até a boate foi uma tolice, mas isso fazia parte de seus joguinhos. Caso meu pai realmente estivesse interessado em arranjar um casamento entre meu primo e ela, já teríamos sido informados, afinal, Dylan é um homem de trinta e um anos, não é nenhum ingênuo. Com certeza, Killz já teria comunicado o acordo com os Rivera e a cerimônia estaria sendo planejada.

Eu sou completamente diferente do meu melhor amigo. Se alguém espera que eu execute uma tarefa, tendo em vista meu padrão de conduta, geralmente recuso. Se, porventura, meu pai insistisse que eu deveria me casar com Mía contra minha vontade, certamente haveria um conflito entre nós.

As suposições de Dy podem ser precisas. Em certo momento, confundi uma situação com outra, e é possível que Katherine tenha interpretado mal ou deliberadamente distorcido a informação. No entanto, não vejo razão para buscar a verdade alternativa, considerando que ela está diante de mim, bastando apenas que eu a reconheça.

Por que o tio Ezra aceitaria que seu filho se unisse à família Rivera, quando nem mesmo mantém contato com Damián? Por outro lado, meu pai, ao me oferecer como genro para o mexicano, poderia obter benefícios e fortalecer ainda mais a aliança entre eles.

É simplesmente uma questão de lógica. O suposto casamento que Kitty ouviu falar não seria do nosso primo, mas sim o meu. Killz tentou me manipular, em diversos momentos me controlou como sua marionete, desde a contratação de Mía no cassino até o falso convite para Dylan cuidar da prima na boate.

Se ele não consegue por meio da força, utiliza a astúcia. Ele se disfarça de cordeiro quando necessário, mas irei antecipar seus planos, farei de Mía Rivera minha esposa o mais breve possível. Antes que ele tente me persuadir, eu o surpreenderei ao informá-lo de que Mía assumirá nosso sobrenome, em breve se tornará uma Knight, a esposa do futuro líder da máfia inglesa.

— Estenda os braços e estique as pernas na cama — solicito, após ter ficado em silêncio por vários minutos enquanto ela me observava pegar alguns acessórios que usarei nela.

— Essas algemas no seu ombro são diferentes, como serão utilizadas?

Mía é como uma criança curiosa, querendo saber de tudo, mas não a critico, é seu direito querer informações sobre o que vamos usar.

— É um conjunto de restrição feito para camas, serve para prender pulsos e tornozelos — respondo, sem olhar para ela, enquanto encaro a venda e o chicote em minhas mãos.

Hoje à noite vamos com calma, já que é a sua primeira vez, mas em outras oportunidades usaremos alguns brinquedos mais sofisticados. Ela é iniciante e não quero assustá-la. Usaremos o chicote de equitação, uma venda e o conjunto de restrição, embora eu tenha vontade de praticar o *Wax play* e gotejar a cera da vela derretida em sua pele macia e traçar um caminho até a sua boceta.

Uma cena se forma na minha cabeça e o meu pau volta a inchar cheio de tesão. Não haveria nada mais excitante do que marcá-la com a inicial do meu nome e sobrenome em suas costas com as gotas da vela.

Umedecendo os lábios, viro-me na direção dela e vou ao seu encontro. Ela está exatamente na posição que pedi.

Garota obediente.

Mía segue todos os meus movimentos. Os olhos dela não deixam os objetos que carrego por um segundo. O que a sua boca não diz, seu olhar entrega, ela está nitidamente nervosa, mas deseja ardentemente ter essa experiência comigo.

Aproximo-me da cama e deixo o chicote ao lado de Mía para equipar as restrições nos quatro cantos da cama. Ajusto o comprimento conforme necessário, em seguida, puxo as alças para que saiam pelas laterais do colchão. Ao dar uma última verificada nas tiras para que fiquem firmes, um som de respiração pesada atrai a minha atenção.

— Como se sente? — pergunto, erguendo o rosto para ela.

Fixo os olhos em seu rosto e vejo sua boca pequena entreaberta. Desço vagarosamente por seu colo até os seus seios lindos e percebo que os seus mamilos estão duros. Ela está excitada, a prova disso é o modo como aperta as pernas uma contra a outra.

— Um pouco de medo, isso é novo para mim. — Seu tom sai quase em um sussurro.

— Eu jamais te machucaria, não quero ter que repetir isso novamente. O objetivo do bondage não é provocar medo, mas elevar a expectativa e prolongar o tesão. — Estudo sua expressão se suavizar com o tom calmo que uso para tranquilizá-la. — É importante que você se lembre que tem uma

palavra de segurança. Se achar que está no limite, basta falar e eu vou entender, nunca vou contra o seu desejo.

— Sei disso.

— Primeiro, vou colocar a venda em seus olhos e depois te amarrar — aviso, estendendo o objeto também em couro.

— Quer que eu amarre o meu cabelo? — Nossos olhares se encontram e eu nego.

— Prefiro ele solto — revelo, mantendo o nosso contato visual, passando para ela a segurança que procura. — Preciso que se sente — instruo-a com cuidado e ela atende ao meu pedido.

Me posiciono a suas costas enquanto seguro a venda. Ela me olha por cima do ombro, então coloco o seu cabelo para o lado e beijo o seu pescoço e suas costas, fazendo-a se arrepiar e arfar baixinho. Mía encosta as costas em meu peito e inclina a cabeça para o lado, com os olhos fechados.

— Depois que eu te vender, os seus sentidos ficarão aguçados e a sensibilidade da sua pele vai aumentar. — Mordo a sua pele sensível e ela geme. — Cada palavra sussurrada ao pé do seu ouvido, toque, aroma, sabor, terá adquirido um gosto diferente — falo, raspando os dentes em sua orelha e deslizando uma mão no meio das suas pernas.

— É interessante. — Ofega, ao ser dedilhada por mim.

— Muito mais do que imagina.

Massageio seus grandes lábios com os dedos e o som da sua boceta molhada soa alto, me enlouquecendo como um macho no cio por sua fêmea. Brinco com o seu clitóris e beijo sua orelha novamente, arrancando gemidos dela, fazendo a excitação disparar até o meu pau.

— A-austen, oh... ahhh.

Pressiono o clitóris inchado e melado com força. Posso ouvir os batimentos do coração dela se sobressaindo em seus gemidos, só que esse ainda não é o momento que vou deixá-la gozar.

— Se for uma boa menina, vou te deixar gozar em breve. — Paro de tocá-la e nem dou tempo para que reclame, rapidamente passo a venda em sua cabeça. — Está pronta para conhecer um pouco do meu mundo? — Volto a sussurrar em seu ouvido.

— Estou — murmura.

— Qual a sua palavra de segurança, Mía? — reforço, antes de descer a venda em seus olhos.

— Bird. — A sua respiração é trêmula quando me afasto dela.

— Deite-se na cama.

Ela tenta encontrar a minha voz em meio à escuridão, virando a cabeça de um lado para o outro, já com os seus sentidos aguçados.

— Deite-se na cama, Mía, e não tente tirar a venda. — Uso um tom mais autoritário e firme, e sem demora ela me obedece.

Pego as algemas de restrição e começo a prendê-la à cama, primeiro os pulsos e depois os tornozelos. Sinto a sua respiração acelerar e sei que a excitação está tomando conta dela. A sensação de poder e controle é incrivelmente excitante para mim também.

Com ela devidamente presa, pego o chicote e começo a traçar linhas suaves em sua pele, testando a sua reação. Intencionalmente, desço até os seus pés, deslizando a ponta do couro por sua perna e subindo lentamente, atento às suas reações. Ela estremece e se arrepia e eu ainda mal comecei.

— Dobre mais as pernas e me deixe ver direito essa boceta — ordeno, vendo-a não hesitar e se abrir para mim, me dando a visão da sua boceta que brilha de tão encharcada que se encontra. — Boa menina, bird. — Desço o chicote até a sua virilha e ela geme quando encosto a ponta dele em seus lábios vaginais, esfregando o couro em sua carne lambuzada.

— Austeen... — Inclina a cabeça para trás e geme deliciosamente, me chamando.

— Vamos testar algo, preciso que me diga se está no seu limite.

Não espero que me responda, chicoteio sua boceta e o barulho dos seus gemidos e das suas dobras molhadas se mistura, reverberando pelo quarto. Ela não reclama, mas suas mãos se fecham e seus lábios se comprimem. Meu pau se contrai ao vê-la pingar em meu lençol.

— Está gostoso, Mía? — pergunto, salivando com a imagem que tenho do seu clitóris inchado e a sua boceta avermelha por conta dos golpes de chicote.

Dou outro tapa ao não ouvir a sua resposta, apenas gemidos.

— Te fiz uma pergunta. — Chicoteio-a.

Um estalo.

Dois.

Três.

— S-sim... É-é bom. Arde um pouco, mas é suportável.

Gosto da sua sinceridade.

— Esses golpes estavam te estimulando a gozar? — Subo a ponta do objeto na altura do seu umbigo e ela se contorce, trêmula, louca de tesão.

— Sim — confessa, sua respiração soa arfante. — A minha boceta estava latejando e a cada vez que batia em mim, fiquei molhada, formigando e se continuasse, eu gozaria. — Morde a boca e o seu gesto afeta meu pau violentamente.

Passeio o chicote por sua barriga e Mía se cala, mas entra em alerta com o caminho que faço por sua pele arrepiada.

Fixo meu olhar em seus mamilos duros. Um sorriso de satisfação e soberania aparece em minha boca ao notar que ainda nem a toquei, mas já tenho o poder sobre o seu corpo, que está sensível a um toque feito por um objeto que manuseio.

Tão vulnerável e tão minha... ratinha.

A excitação pulsa em minhas veias. Brinco com o bico de um mamilo e depois o outro, antes de dar dois estalos na lateral dos seus seios. Ela arqueja e arfa, surpresa.

— Céus, Austen!

Inclino para perto dos seus mamilos e abocanho um deles, sugando o biquinho e rodeando a minha língua, faminto para colocar a minha boca em outro lugar.

Mía tenta me agarrar, mas esquece que está imobilizada. Solto um riso perverso, então monto nela, colocando uma perna de cada lado do seu corpo. Seguro o seu pescoço, beijo os seus lábios entreabertos e enfio a língua dentro da sua boca, dando a ela o que tanto quer.

Ela me lambe. Eu a mordo. Ela me chupa, eu faço o mesmo. Nos devoramos como dois animais enjaulados, demonstrando a nossa fome pelo outro através de um beijo repleto de conexão. A nossa entrega é conjunta, não há nada desproporcional.

— Me solta, quero tocar em você — me pede, quando paro de beijá-la ao ter outro propósito nesse momento.

— O nosso combinado não foi esse, ainda estamos brincando. — Lambo seus lábios e desfiro um golpe em sua coxa com o chicote.

— Bird. — Ela usa descaradamente a sua palavra de segurança só porque quer me tocar.

— Assim não é válido. — Rio, maldoso, e saio de cima dela, ouvindo-a resmungar.

— Você me disse que eu poderia dizer quando estivesse no limite, e eu estou. — Suspira.

— Mía, ainda nem te mostrei o significado de limite. — Largo o objeto de couro na cama e me coloco de joelhos no meio das suas pernas, passando os braços por baixo dela e subindo o seu corpo até a cabeceira.

Abaixo-me o suficiente para enfiar a cabeça ali. Beijo a parte interna das suas coxas carinhosamente e subo por sua virilha. Ela se derrete ao meu toque, me entregando os seus gemidos baixos. Passo os dedos por seus lábios delicados, massageio o seu clitóris e cuidadosamente penetro um dedo em seu interior. Ela arqueia o corpo ao ser masturbada, mas não força muito a sua entrada.

Substituo meu dedo pela boca, apoiando suas pernas em meus ombros. Sugo os lábios melados, invadindo suas entranhas com a língua e

provocando muito mais gemidos de Mía do que antes. A maneira como ela geme, implora por mais ao empurrar seu quadril em meu rosto, só prova que nenhum homem esteve aqui.

Isso é novo para ela.

— Ai... ai... Oh, Austen! — grita, rouca e trêmula.

Sorrio contra sua pele, lambuzando meu rosto com os seus fluidos. O meu lado possessivo e obcecado adora essa confirmação, mesmo que Mía jamais vá admitir que sou o primeiro a estar chupando a sua boceta virgem.

— A-aahh... Céus...

Intensifico os movimentos e agarro a sua bunda, afundando meu rosto em sua boceta, fodendo-a sem parar, sem dar a ela o direito de poder me tocar como tanto está ansiando. Permito-a degustar do prazer que estou proporcionando a ela antes de chegarmos à sobremesa, deixando-a gozar em minha boca.

A primeira vez que Mía Rivera será tão inesquecível a ponto de ela mal conseguir andar no outro dia de tão assada que vai ficar da surra de pau e língua que vou dar nela.



Sentir o toque experiente de Austen é uma das coisas mais prazerosas que eu já tive. É uma sensação inexplicável; você não sabe o que vem depois e fica em alerta. No começo, um receio de me ferir me assolava, mas depois me senti cuidada e venerada, com ele entre as minhas pernas me chupando, e os seus dedos me penetrando.

Meu corpo reagia intensamente a cada contato, provocação, beijo e chicotada. Austen, mesmo me vendo à beira do limite, persistia, pois ele se deleita em me dominar, possuir cada parte de mim, ciente de que cada ato audacioso seu desencadeia um anseio desesperado por mais.

— Ainda não acabamos. — Sua voz me arrepia ao afastar minhas pernas.

— M-mas... eu já...

Recebo um tapa na boceta e sinto a sua respiração quente contra minha intimidade melada.

— Vou te fazer gozar até você realmente não suportar mais, *ratinha*.

Que diabos aconteceu com o “bird”? Filho de uma mãe. Ele conhece bem o poder que exerce sobre mim, e não se resume apenas ao desejo sexual, vai além do prazer que está prestes a me proporcionar. Não posso falar por ele, mas por mim, mesmo em meio ao caos que somos, estou me apaixonando por cada faceta dele e eu não sei se isso é correto. Ter esses sentimentos vai de encontro aos desejos de meu pai, que ficaria enfurecido ao descobrir que o inimigo dele tem o coração da sua filha.

— Se for uma boa garota e não me questionar, logo vai estar gozando no meu pau.

Escuto sua voz distante e os passos se afastando.

— E se eu for uma garota má, o que acontece? — Testo-o, com o coração disparado.

Sua risada despreziosa se sobressai ao som da porta de seu armário

sendo deslizada. O que ele está fazendo? Sinto um arrepio percorrer a minha espinha enquanto aguardo ansiosamente pelo que virá.

— Bem, acho que teríamos que descobrir juntos, não é mesmo? — Soa confiante.

Sinto-me um tanto desorientada com a ausência de resposta dele, porém, excitada com o seu mistério. A escuridão provocada pela venda nos meus olhos aguça os meus outros sentidos, consigo perceber cada movimento dele, mesmo que pareça distante.

— Já usou algum vibrador, Mía? — ele me questiona.

— E-eu tenho um, usei algumas vezes... um bullet, por que...

Ele ri maliciosamente, me cortando.

— Vou usar um sugador de clitóris em você, mas na próxima vez, usaremos algo que talvez seja novidade. Não vou subestimar você a esse ponto. — O quarto volta a ficar em um silêncio ensurdecedor.

Sinto uma onda de calor revirar meu estômago ao ouvir seus passos. As pisadas de Austen se aproximam, muito perto.

Meu coração acelera e consigo ouvir suas batidas.

— Quero te ver, Austen — decido, sentindo o colchão ao meu lado afundar.

— Quer estragar a nossa diversão? Bird, não está se divertindo? — sussurra de maneira provocante na minha orelha.

— Estou gostando, mas sinto a necessidade de olhar você me tocando. — Viro o rosto na direção de sua voz, como se pudesse vê-lo.

— Prometo não demorar muito, ratinha. Logo você poderá ver meu pau entrando e saindo da sua bocetinha molhada. — Ele toca na venda, me deixando esperançosa, mas logo volta a se afastar novamente.

Sua promessa me deixa ainda mais excitada.

— Bird ou ratinha? Decida-se, Knight.

— Os dois. Vou usá-los conforme necessário — rebate. — Pronta para gozar novamente, Mía? — Seu tom é lento e sensual.

Se eu disser não, irei contra meus desejos.

— Sim. — Balanço a cabeça e mordo o lábio.

Não tenho ideia do que virá a seguir. Austen roça seus lábios em minha orelha e mandíbula, revelando um sorriso enquanto acaricia meu rosto.

— Me dê acesso ao seu pescoço para que eu possa beijá-lo — pede, com voz baixa e dominante.

Dou o que ele me pede. Ele suga minha pele e a marca com seus dentes. Meu gemido escapa involuntariamente diante de sua intensidade, deixando claro seu desejo de me marcar. Ele deixa uma calorosa e úmida sucessão de

beijos em meu pescoço, depois faz uma trilha lenta e quase torturante em direção à clavícula, para logo em seguida sugar um dos meus mamilos por breves instantes.

— Esse aroma de baunilha me enlouquece, me sinto como um cão no cio sempre que sinto esse cheiro em seu corpo — afirma, despertando em mim o desejo de ter as mãos livres para tocá-lo.

Minha respiração acelera ao ouvir um zumbido indicando o início de algo.

— Sinta o quanto pode ser delicioso. — Ele estimula meus mamilos com o sugador, desce pela minha barriga, deslizando ao encontro da virilha até a parte interna das minhas coxas. — Você gosta? — pergunta.

— S-sim — Contorço-me a ponto de cerrar os punhos ao notar que estou sendo apenas provocada.

— Você está tão molhada. Porra, que delícia! — rosna. Jogo a cabeça para trás ao sentir seus dedos tocarem em minha vagina. — Escute como meus dedos se afogam em sua bocetinha encharcada.

Choramingo com a velocidade que coloca ao me masturbar e o som da minha vagina sendo penetrada.

— Austen... Oh, meu... por favor, oh... — Solução, meus olhos ardendo ao ser dedilhada sem pausa, os espasmos estão quase me atingindo.

— Não se desgaste tanto, não fique rouca antes da hora. — Ele para de me tocar, e eu juro que se estivesse sem essas algemas o socaria muito.

— Por que não termina o que começa? — Fico brava, com meu peito subindo e descendo.

— Porque é mais excitante ver assim, louca por mais. Saber que sou o único que pode dar isso a você me dá um prazer imenso — declara, descaradamente.

— Sádico do caralho! — xingo-o, ouvindo a sua risada.

— Mía, Mía, essa boca suja merece uma punição com o meu pau, que é tão sádico quanto o seu dono. Você não disse há minutos que não aguentava mais?

O desgraçado se afasta, ele conhece bem como me levar ao limite em todos os sentidos.

— Imbecil, não ponha palavras na minha boca — resmungo.

— Claro que não, a única coisa que vou colocar é o meu pau. — O colchão afunda de novo, agora entre as minhas pernas, e sou novamente tomada pela expectativa.

— Você não está aberta o suficiente para mim. Ouvi falar que você fez balé na Julliard, então por que não usa seu talento comigo, Rivera? Me mostre o quão flexível você pode ser.

— Somente se você me deixar gozar e parar com esses joguinhos — rebato.

— Você está adorando esses joguinhos, admita.

Ele ativa o estimulador de clitóris.

— Não discordo. — Sorrio, imaginando sua expressão safada.

— Mostre sua flexibilidade e eu te permito gozar.

— Depois que me soltar, eu mostro — proponho, sentindo uma intensa excitação, desejando mais orgasmos.

Sem avisar, ele abre meus lábios vaginais e posiciona meu clitóris no brinquedo.

— Oh... — Arfo, surpresa.

— Vou te foder com a mão enquanto o estimulador te massageia bem gostoso.

Ele vai me enlouquecer.

Minha pele vibra e pulsa intensamente, meus quadris se movem involuntariamente e um gemido abafado escapa da minha garganta. Não sei como ele tem tanta habilidade, mas está me penetrando com os dedos e estimulando meu clitóris com o brinquedo.

— A-austenn... Ahh, por favor, por favor, aahh... — Minha voz começa a falhar e lágrimas escorrem pelo meu rosto. Para respirar melhor, preciso abrir a boca e recuperar o fôlego.

O som molhado vindo da minha boceta fica cada vez mais intenso com os ruídos dos dedos deslizando em minhas dobras encharcadas. Sinto uma explosão de sensações ondulantes, todo meu interior treme. Minha pele arde como se estivesse em chamas. Ele me estimula vigorosamente e aumenta a velocidade do sugador.

— Oh... d-droga... Oh, céus... A-austen... Me d-deixa eu go-gozar! — Solução.

— Goze, Mía. — O tom é imperativo, carregado de desejo.

De forma sensível, soluços escapam de mim. Engasgo-me e choro ao atingir um nível de prazer nunca experimentado.

— Preciso de uma pausa — sussurro, recuperando o fôlego.

— Vou te soltar e tirar a venda.

Recebo um beijo na parte interna da minha coxa, logo a falta da sua presença entre as minhas pernas me traz uma sensação de vazio. Não consigo pensar em mais nada exceto nos passos de Austen. As algemas são removidas dos meus tornozelos, sinto alívio ao poder mexer minhas pernas. Em seguida, ele tira as algemas dos meus pulsos, e minha felicidade fica completa... até certo ponto, pois a venda ainda cobre meus olhos. O colchão

afunda ao meu lado, confundindo-me.

Levanto as mãos para tirar a venda, mas ao ser segurada pelo pulso, paro no meio do movimento.

— Venha para o meu colo com ela — ele diz.

— Como vou? — questiono.

— Confie em seus instintos, sinta minha presença — instrui, transmitindo segurança. — Você não vai cair, eu não permitiria isso — completa, afastando meus pensamentos negativos.

É essa loucura dele que me fascina.

Ajoelho-me diante dele, guiada pelo calor do seu corpo à minha frente. Espalmo minhas mãos em algo sólido e resistente, deslizando os dedos para cima até encontrar seus ombros largos.

— E agora? — pergunto.

Sem responder, ele me puxa para mais perto e meus mamilos roçam suas costas.

— Eu cuido do resto. — Sinto sua respiração quente perto da minha orelha.

Austen me surpreende, girando seu corpo e envolvendo-me em seus braços, me colocando em seu colo em questão de segundos. Sinto meu coração acelerar a ponto de quase saltar do peito, tornando inevitável a sensação de que minha morte será provocada por ele.

— Austen! — exclamo, nervosa, enquanto ouço sua risada baixa e rouca.

— Você é tão leve que poderia quebrar facilmente — exagera.

Dobro minhas pernas sob meu corpo para ficar mais confortável, causando um gemido quando me movo sobre seu pau. Meus lábios sensíveis se encaixam perfeitamente em seu comprimento por cima do moletom.

— Tire isso dos meus olhos. — Lambo o lábio enquanto minhas mãos vão para seus ombros.

— Já te disseram que é muito ansiosa? — Ele toca meu rosto suavemente. — Não abra os olhos de uma vez — avisa, removendo a venda.

A luz me cega brevemente, mas logo consigo enxergar ao redor. Olho para ele, suas íris brilham com desejo e mistério.

— Ainda consegue me dar a boceta? — A sua pergunta direta envia calafrios pela minha espinha.

— Adoro sua delicadeza, seu cretino arrogante — retruco, fazendo-o rir antes de me beijar com fervor, sua língua invadindo minha boca.

Com mãos fortes e ásperas, ele acaricia minhas costas e eu faço o mesmo em sua nuca. Assumo o comando do nosso beijo, explorando sua boca

deliciosa. Arranho suavemente seu pescoço e deslizo lentamente por suas costas, provocando arrepios e despertando uma ereção pulsante nele.

— Quero muito te comer essa noite, Mía, vai me deixar gozar nessa sua boceta? — indaga contra meus lábios, pressionando seu membro duro contra minha intimidade.

— Sim, vou deixar — respondo num sussurro.

Ele vira nossos corpos, me colocando por baixo dele.

— Vai me deixar foder o seu cu também? — Sua proposta inesperada me ruboriza e ele percebe, porque seu olhar ganha uma malícia ainda maior.

— Você não fez nada para merecê-lo. — Pisco, vendo-o sorrir e acariciar a lateral da minha bunda.

— Está me dizendo que devo conquistá-lo? — Examina meu rosto.

— Exatamente. — Confirmo com a cabeça.

— Eu conquisto tudo o que desejo — assegura, logo em seguida sua boca envolve meu mamilo direito e desce pela minha barriga, beijando e chupando. A sensação da sua língua me causa leves arrepios.

Fecho os olhos com força e agarro o lençol macio entre meus dedos esperando que ele volte a me torturar com sexo oral, mas nada acontece.

Levanto a cabeça para encará-lo e o vejo se livrar da calça de moletom diante de mim. O sorriso safado dele é lindo, assim como seu corpo, com músculos firmes que provavelmente foram conquistados com muito treino ao longo dos anos.

A peça cai para os tornozelos dele e eu preciso puxar ar para os pulmões ao ver seu pau ereto, molhado e cheio de veias protuberantes. Não sei quantos centímetros ele tem, mas é com certeza grosso e grande.

— Você é realmente lindo.

— Esse elogio é para mim ou para o meu pau? — pergunta, convencido. Seu membro lateja, melado.

Um gemido suave escapa de mim enquanto olho para o seu abdômen definido e as tatuagens espalhadas pelo peitoral, braços e coxas. Eu já as tinha visto antes, mas sinto como se fosse a primeira vez.

— Para os dois — continuo avaliando-o. Mordo o lábio ao fixar o olhar nas tatuagens em forma de raios que sobem do joelho até a virilha.

— Vou gozar só de ver você me comendo com esses olhos pidões — avisa, charmoso.

Abro as pernas e ele geme, lançando-me um olhar faminto.

— Venha gozar em outro lugar. — Mostro a ele minha flexibilidade prometida ao me abrir a ponto de sentir dor nos quadris.

— Puta que pariu, Mía. — Austen agarra seu pau e começa a se

masturbar vindo em minha direção. — Você quer mesmo foder o meu juízo, sua safada? — Apoia um joelho entre minhas pernas e com uma mão segura meu joelho.

Austen movimenta a mão rapidamente para cima e para baixo, sem desviar a atenção da minha vagina que volta a ficar molhada.

— Se toque, mas primeiro molhe os dedos na boca — ordena, não pede.

Minha boceta palpita, sem resistência ao seu desejo que se tornou meu também. Molho os dedos e os levo ao meu clitóris escorregadio, esfregando em movimentos circulares, chamando por Austen sem articular as palavras. Estou tão sensível que posso chegar ao orgasmo antes dele, que observa enquanto movo os dedos para cima e para baixo.

— Pare de se tocar, vou gozar em cima de você — diz, acelerando os movimentos.

— Austen, também estou quase lá. — Desobedeço-o, tocando um dos meus mamilos e brincando com a minha excitação. — Você vê como fico molhada tão rapidamente para você? — Solto gemidos, arqueando o quadril em sua direção.

— Porra, Rivera. — Ele se inclina em minha direção e seu membro lubrificado toca a parte inferior do meu abdômen. — Me dê uma razão para não esquecer da droga da camisinha e te comer agora — diz entre gemidos, liberando jato de esperma em minha barriga, sujando minha pele. — Mesmo louco para te comer, não vamos transar sem proteção.

Ele se levanta e admira sua "obra de arte".

— Transa com as outras sem camisinha, por isso quer se proteger? — questiono.

Sua risada sarcástica aumenta minha curiosidade.

— Nunca tive relações sem preservativos, Mía, não sou louco a esse ponto. — Contorna a cama e pega um envelope preto no colchão, que eu não havia notado antes.

— Mas as beija, não é? — Contenho um ciúme que brota em mim.

— Não beijo. Sexo é sexo, e eu não beijo as vadias que todos comem.

Sinto meu coração batendo mais rápido.

— E por que me beijou? — Pressiono os lábios enquanto ele tira a camisinha da embalagem.

— Você não é como as outras. — Austen protege o membro com o preservativo e me encara. — Se sinta especial, nenhuma mulher toca a minha boca, você é a única depois de muitos anos.

— Eu sou especial, não preciso me sentir o que já sou — sussurro, e ele se aproxima.

— Gosto de ver você confiante. — Ele segura minhas pernas e me move para a borda da cama.

— Minha ousadia te excita? — Roço meus pés em sua virilha.

— Não imagina o quanto. — Ele recua do meu toque, segurando firme minhas pernas.

— E por que ainda não está me comendo, Austen? — Ergo a sobrancelha de modo desafiador.

— Você vai implorar para receber uma surra do meu pau, safada. — Seu corpo se junta ao meu, assim como seu rosto.

— O único que vai implorar aqui é você para me foder mais vezes. Vai se viciar a ponto de não parar de pensar em mim. — Cravo minhas unhas em seu ombro.

— Ah, é isso mesmo? — Suas pupilas se dilatam e ele sorri de maneira sombria.

Anuo com a cabeça em concordância.

— Isso é um desafio? — Captura meus lábios e me beija, ainda sorrindo.

— Se você acha que sim, então pode ser — respondo, entre nosso beijo, gemendo baixinho quando ele roça a glândula na minha entrada.

— Só não se apaixone por mim, Rivera. Nada dói mais do que um coração partido. — Austen encaixa o pau em mim e eu mordo seu lábio ao sentir ser alargada por seu tamanho.

— Oh, merda, e-eu... Céus, você é tão... — Meus olhos lacrimejam.

— Ainda nem coloquei tudo. Respire fundo e relaxe, se contrair os músculos será pior, vai doer mais. — Ele beija meu queixo gentilmente e acaricia meu braço. — Posso ir mais fundo? — Ele solta um gemido.

— Sim. — Respiro pela boca e quase me engasgo quando Austen se afunda em mim.

Agora entendo o significado de sentir-se partida ao meio. Ele inicia com movimentos delicados em meu interior, buscando relaxar-me, então beija a curva do meu pescoço de forma branda. Tremendo, enlaço minhas pernas em suas costas e tento acompanhar o ritmo dele.

— Não vou despedaçar, pode ir mais rápido. Acho que a parte mais difícil já passou. — Toco seu rosto para que ele me encare.

Austen assente ao morder meu ombro. Com uma mão, segura minha perna enquanto investe em movimentos cada vez mais profundos. Ele suga meu pescoço e penetra com firmeza, suspiro suavemente ao sentir meu corpo reagir às suas investidas.

— Que boceta gostosa, Mía. — Mete mais rápido, empurrando seu quadril contra o meu, fazendo meus seios saltarem. Minhas pernas tremem,

gememos juntos como se estivéssemos sem ar.

— Me segure pelo pescoço — pede, me comendo lentamente. Envolver meus braços ao redor de seu pescoço e Austen gira nossos corpos, colocando-me por cima. Ele acaricia as minhas nádegas e as afasta. — Prefiro essa vista. Agora, cavalgue em mim, bird. — Seus olhos me percorrem, ávidos e necessitados.

Coloco as mãos em seu peito e meu cabelo cai para a frente, o que parece agradar a Austen, que exibe um sorriso preguiçoso por breves instantes. Começo a rebolar suavemente, compassado, e ele geme satisfeito, encorajando-me a continuar. Subo e desço, alternando entre movimentos frenéticos e pausados. Inclino a cabeça para trás, gemendo sem fôlego enquanto recebo seu apoio, permitindo-me movimentar com mais agilidade ao segurar minha cintura.

— Austen... Estou tão sensível, não consigo me segurar por muito mais tempo. — Tremendo, movimentamos nossos corpos em sintonia, enquanto cravo minhas unhas em sua pele firme.

— Porra, eu sei, não se segure, também estou quase lá. — Volto a olhar seu rosto e meu corpo todo se incendeia com a sua expressão deliciosa, contorcida de prazer.

Pego sua mão e entrelaço nossos dedos. Deito-me em seu peito e movo o quadril para cima e para baixo, nosso suor se misturando e deslizando mais facilmente, tornando a penetração mais rápida.

Escondo meu rosto em seu pescoço e uma névoa de cansaço me toma, seguida por um espasmo intenso. Fui forte, mas Austen me fez gozar tanto que não imaginava que teria mais chances de suportar outro orgasmo.

Chego primeiro ao ápice e ele depois, uivando como um animal feroz.

— Na nossa segunda rodada vamos deixar a camisinha, quero comer a sua boceta sem nenhuma barreira. Preciso saber qual a sensação de jorrar a minha porra dentro de você — murmura com dificuldade para respirar, traçando os contornos das minhas costas suadas com a ponta dos dedos.

Estou tão exausta que mal consigo articular uma resposta, apenas balanço a cabeça e bocejo, deixando os olhos se fecharem lentamente.

— Sem segunda rodada. Hoje não consigo mais, estou sem energia e cada músculo do meu corpo dói — digo, sem rodeios.

Ele profere algumas palavras que não entendo direito, mas não me importo com isso. Deixo-me levar pela escuridão acompanhada das carícias dele.

16



AUSTEN

Mía está dormindo desde ontem, o sono dela segue profundo. Depois que fizemos sexo, ela adormeceu em meus braços e nem sequer acordou quando a limpei e a vesti com uma das minhas camisas de botão.

Após tomar banho, voltei para o quarto para me deitar ao lado dela na cama e Mía continuava inerte, cheguei ao ponto de verificar sua respiração para ter certeza de que realmente estava dormindo. Ela passou a noite toda colada a mim, e quando acordei, horas atrás, saí da cama sem movimentos bruscos. A exaustão realmente a dominou, agora é quase uma da tarde, mas não tenho coragem de acordá-la, é importante que ela descanse para recuperar as energias gastas ontem à noite.

— *Mais tarde irei ao Las Chichas, soube que Damián viajou ontem de madrugada e levou o seu braço direito. O local está mais vulnerável para acessar e colocar escutas em seu escritório* — informa Dylan do outro lado da linha, trazendo-me de volta à realidade.

Estamos em ligação há alguns minutos para resolver algumas questões antes da festa no Las Chicas acontecer. Acredito que obteremos muitas informações sobre os planos de Damián para a apresentação da nova droga que ele quer fornecer. Dylan está encarregado de instalar algumas escutas no escritório do pai de Mía, pois foi ele quem sugeriu essa ideia ao me ligar para informar sobre a saída de Damián do país.

De acordo com meu primo, é mais seguro do que interrogar Mía e correr o risco de que ela desconfie das minhas intenções, e concordo plenamente. Quanto mais ela confiar em mim, melhor. Essas súbitas viagens dele não me parecem nada boas, especialmente considerando que sua filha está comigo. O que pode ser mais importante do que o seu bem mais precioso? Parece que minhas desconfianças estão longe de estarem erradas.

— Dylan, seja cauteloso. Se algo der errado, estaremos fodidos. É importante que ninguém saiba da instalação de escutas com microcâmeras na sala do Damián — falo em um tom discreto ao mencionar o Rivera. Mesmo meu quarto estando distante, do outro lado do corredor, muito longe de onde

fica Hades após a área de serviço, eu não posso correr o risco de Mía ouvir o nome do pai dela sendo mencionado.

— *Confio plenamente no que faço, Austen, e a pessoa que está me ajudando não vai trair a minha confiança.* — Sua voz transparece malícia.

— Quantas mulheres do bordel você precisou enganar para ter informações sobre Damián? — Sorrio, encarando Hades à minha frente que aguarda sua próxima porção de carne ensanguentada. — Aqui está, garoto. — Assobio, equilibrando o celular descartável no ombro e lançando um pedaço de bife para o rottweiler faminto.

— *Enganar é uma palavra bastante forte, primo. Essa é a segunda. A outra era muito “inocente”, não seria interessante lidar com uma garota boba. A qualquer momento ela poderia me delatar e eu teria que me livrar dela* — revela, de forma fria.

— Sem mortes, Dylan. Nossa prioridade é agir sem derramar sangue de inocentes — menciono, lavando as mãos na pia ao meu lado e me observando no espelho. As unhas de Mía me causaram estragos, meus ombros exibem as marcas.

— *Estou surpreso e orgulhoso. Você está agindo com responsabilidade, acredito que é a primeira vez que te ouço sendo tão sensato. Esse chá estava tão bom assim, é? Acordou inspirado hoje.* — Ele ri maliciosamente.

— Chá é o meu pau, porra — resmungo.

— *Por que está agindo assim, primo? Antes compartilhávamos até mesmo as garotas, mas você está se ofendendo com um simples detalhe ao me dizer se Mía te deu um chá de boceta?* — Dylan me desafia, ele está me testando.

— Você não vai conseguir arrancar o que quer de mim — murmuro baixinho, deixando Hades comendo e seguindo em direção à sala.

— *Eu? Não fiz absolutamente nada.*

Cínico do caralho.

— Você é insignificante. — Bufo, ouvindo-o rir.

— *Somos mesmo* — debocha, enquanto me sento em um dos sofás.

— Quando terminar o trabalho, me avise pelo outro celular, mas utilize palavras cifradas — recomendo, olhando na direção do corredor que leva ao meu quarto.

— *O.k. Envie cumprimentos para a Mía, ela conseguiu se superar. Além de ter te acertado com uma facada, te deixou de bom humor.* — Soa irônico.

— Não ouse cruzar o meu caminho nas próximas horas, não posso me responsabilizar pelos meus atos. — Cerro os punhos, apertando a mandíbula.

— *De fato, não estarei disponível nos próximos dias, pois minha avó me pediu para ir até a Rússia visitá-la. Parece que um político está*

causando problemas e o inútil do Brends só sabe se embriagar e agredir a mulher. Quanto a Dimitri, é um homem idoso que nunca teve credibilidade na organização, não será agora que a terá. — Percebo a sua respiração pesada. — Viktoria quer que eu assuma o controle dessa situação. Ela me pressionou, Austen, dizendo que está idosa e não consegue mais lidar com os negócios, pedindo para nos encontrarmos pessoalmente.

Embora tio Ezra e tia Alessa tenham se recusado há muitos anos a assumir o poder na Rússia, Dylan, como primeiro neto legítimo de Viktoria Ivanov, é o mais adequado para se tornar o novo *pakhan* da máfia russa. Desde os seus vinte anos, meu primo tem evitado falar sobre o assunto com a avó. Viktoria não quer que o neto do marido ocupe o seu lugar, e com razão, o homem é um alcoólatra sem futuro, destinado a afundar a organização rapidamente.

— Você é quem decide se deseja assumir essa responsabilidade ou não, Dylan. Nem seu pai, sua mãe ou qualquer outra pessoa pode te forçar a fazer uma escolha que é exclusivamente sua. — Suspiro e inclino a cabeça para trás.

— *Eu sei, mas isso tem me perturbado. Tenho trinta e um anos, Austen, preciso tomar uma decisão. Mas o que minha avó quer impor para me tornar o líder não me interessa muito. —* Respira profundamente.

— Mas você disse que ainda vão conversar, não disse? — Franzo a testa, confuso.

— *Viktoria exige um herdeiro de mim, além de um casamento. Eu, me casar? Ter filhos? Segundo ela, serei mais respeitado se tiver uma família com a mulher certa, a que ela quer escolher.*

Minha risada é nervosa.

— Desde quando guarda essa informação? — Aperto os lábios, preocupado com ele.

— *Desde a noite passada. Ela me ligou assim que cheguei em casa e revelou tudo de repente. Você sabe, minha avó não fica enrolando e, por ser mais velha, não tem filtro mesmo. —* Pigarreia.

— O que está pensando em fazer? Casamento e um herdeiro... Nem sei o que te dizer sobre essa situação complicada. — Engulo em seco.

— *Que tipo de vida teria se me casasse com uma mulher estranha e tivesse um filho só para mostrar para os outros? Os russos deveriam me respeitar pelo que sou, não por ter uma família planejada pela minha avó.*

— Deixe que o Chris assuma seu lugar, ele é o filho mais velho da tia Alessa — aconselho, observando Hades entrar na sala e se deitar no tapete.

— *O Christopher ainda é uma criança, Austen. Ele mal viveu a vida, se comparado a mim. Que tipo de homem serei se permitir que nosso primo carregue esse fardo? Ainda é um adolescente, levará tempo até amadurecer e estar pronto para liderar. Até lá, nossa avó já vai estar morta e a*

organização estará um caos.

— Você é tão altruísta, Dy, esse é o seu problema. Entenda, se meu pai estivesse morto, eu precisaria assumir o controle da máfia inglesa, independentemente da minha idade. Pare de se preocupar tanto com o futuro de Christopher e pense no seu próprio. Ele tem o nosso sangue, mas carrega também o dos russos como você. É um dos herdeiros! Não se importe com o que os outros querem, é a sua vida, não a deles. — Aperto os olhos, puto com esse pavor dele em dizer não a avó.

— *Não posso deixar minha avó desamparada* — diz após alguns minutos de silêncio. — *Se for meu destino, aceitarei. É meu dever honrar minha família, mesmo que signifique me sacrificar no processo.*

— Não seja passivo! — reclamo com sua resignação.

— *Estou longe disso, você sabe. Apenas quero honrar o legado da família.*

— Só o da Viktoria, não é? Porque o resto dos Ivanov são uns ratos. — Esfrego a nuca.

— *É isso mesmo. A Viktoria lutou demais para manter o seu legado até hoje, não vou arruiná-lo por um capricho* — ele decide, e nada mais posso fazer.

— Boa sorte, primo — murmuro, descontente.

— *Não me julgue, se estivesse em meu lugar, faria o mesmo* — se defende.

— Dessa vez você errou feio. Nunca colocaria meu rabo em risco por conta dos desejos dos outros. — Em um gesto de mão, chamo Hades, que se aproxima de mim e encosta em minha perna. — Vou te dizer uma coisa, Dylan — faço uma pausa e acaricio o pelo negro e brilhante do rottweiler —, meu pai, durante todo esse tempo, controlou meus passos e ações porque me conhece muito bem. Ele sabe que se me forçar a um casamento, eu entrarei em guerra com ele.

— *O que você quer dizer com isso? Como chegou a essa conclusão?* — ele gagueja, algo que nunca vi Dylan fazer antes.

Isso confirma minha teoria sobre o possível casamento entre mim e Mía? Será que vou finalmente descobrir a verdade? Meu primo está claramente tenso com minha revelação.

— Kitty ouviu errado, ela estava bastante nervosa naquele dia. Tivemos um desentendimento e, ao espiar pela porta, acabou confundindo nossos nomes. Meu pai nunca pretendia casar você com Mía, o alvo dele era eu. Mas para que isso acontecesse, ele precisava me preparar primeiro. — Faço um leve movimento de sobrancelhas ao ouvir que ele se engasgou e começou a tossir.

— *Você já sabe de tudo, não é mesmo?* — continua conversando

enquanto tosse.

Ele sabe de algo que eu não sei, com toda certeza. Dylan estaria jogando nos dois times?

— Achou que eu era tão ingênuo a esse ponto? Todo esse tempo a verdade estava bem diante de mim. — Me levanto, controlando meu tom de voz.

— *Assim como você conhece seu pai, ele também te conhece! Não me acuse de traição. Tio Killz prometeu que se encarregaria de tudo quando você descobrisse que nunca foi intenção dele fazer com que eu me casasse com a filha de Damián.*

Dylan James Knight está se tornando a peça mais frágil no jogo do meu pai. *Xeque-mate!* Lancei o queijo e o rato traidor está roendo.

— Jamais mentimos um para o outro. — Ando de um lado para o outro.

Já suspeitava, mas ter a confirmação muda tudo. Tudo.

— *Toda vez que você abordava esse assunto, eu dava dicas, mas sua sede de vingança não permitia que enxergasse nada* — ele se defende, furioso. — *Você teria que ser muito ingênuo para não perceber os sinais. Por que diabos meu tio iria me casar com a filha do Rivera, sabendo que você é o futuro chefe da organização? Isso não faz sentido.*

— E só agora você me fala isso? — Rio amargamente, cedendo à fúria.

— *Não te falei diretamente, Austen, mas insinuei.* — Eleva a voz.

— Não, você não me disse isso, seu traidor desgraçado! Me conte como meu pai chegou até você para elaborar esse plano diabólico.

— *Austen, somos melhores amigos, mas isso é algo que não me cabe contar. Encontre o tio Killz e pergunte a ele.*

— Agora você vai fugir? Quando o circo está pegando fogo? — Passo a mão pelo cabelo. Ruído de passos ecoando no corredor dos quartos me deixa em alerta.

— *Não estou fugindo de nada, apenas não vou me meter em uma briga que não é minha* — retruca.

— Vou cobrar caro por essa traição, Dylan, pode acreditar. — Respiro fundo ao ver Mía aparecer à minha frente descalça, usando outra camisa minha, com o cabelo molhado e solto. Daqui posso sentir o cheiro do meu sabonete que ela deve ter usado no banho. — Depois conversamos. — Encerro a ligação, jogando o celular no sofá e focando na melhor vista após ter me estressado.

Hades é o primeiro a se manifestar, latindo e avançando em direção a Mía como se ela fosse uma ameaça. Ela quase fica pálida achando que será atacada, mas o cão reconhece seu cheiro e se acalma. O safado começa a pular nela e deixa a língua para fora. Sorrindo, Mía acaricia a cabeça do

rottweiler e ri ao ser lambida na coxa.

— Pensei que ia ser expulsa daqui aos pedacinhos, garotão! — comenta, ignorando minha presença enquanto o safado late, apoiando as patas em suas pernas. — Austen, peguei uma escova no seu armário para escovar os dentes, e o resto você já viu. — Ela aponta para minha camisa em seu corpo e volta a se concentrar no Hades.

— Só ele ganha toda a sua atenção? — pergunto, me aproximando dela, que levanta o rosto e sorri para mim. Observo-a atentamente, quase se perdendo dentro da minha camisa preta de botões, mas isso não diminui o quão gostosa ela está.

— Ah, com ciúmes? Tem Mía para os dois — brinca, sorrindo.

— Ainda bem que está falando do meu cachorro. — Examino o rosto dela, então sua boca inchada e com um hematoma da mordida de ontem. Não estamos tão diferentes.

— E com quem mais eu estaria, seu ciumento? — Ergue a sobrancelha.

— Talvez outra pessoa que eu tenha que matar. Não suporto concorrência, e descobrir que há alguém interessado no que é meu me deixa furioso ao extremo — respondo, com calma. Ela joga a cabeça para trás rindo, exibindo a marca que deixei em seu pescoço. — *Hades*. — Estalo os dedos e o rottweiler se afasta dela ao meu comando.

— Algo seu? Não sabia que era *sua*. — Coloca a mão na cintura, atrevida, e seus belos olhos brilham.

Ela está apaixonada por mim.

Me aproximo dela e seguro seu queixo para manter nossos olhares fixos um no outro.

— Sim, Mía. Ontem, deixei claro que te desejava e não mudei de ideia. Se achou que depois de ter se entregado a mim eu iria te descartar, se enganou. — Deslizo o polegar por seu queixo e ela demonstra surpresa com minha confissão. — Quando quero algo, eu vou lá e pego para mim. — Envolver sua cintura com o braço e a trago para perto do meu corpo.

— Não fale como se eu fosse um objeto ou seu brinquedo. — Ela olha nos meus olhos.

— Você não se encaixa em nenhuma dessas opções. — Aproximo minha boca da dela e roço nossos lábios. — Sabe o que você representa para mim?

Sua respiração acelera e a minha também, ao ouvir a voz de Dylan ecoar em minha mente, admitindo que meu pai havia o usado para me confundir.

— Não tenho poderes de adivinhação. — Sorri contra minha boca.

— A futura esposa do líder da máfia inglesa, Mía Rivera. Em breve, iremos governar a Inglaterra juntos — expresso com firmeza, e ela afasta o

rosto do meu.

— Está brincando comigo? — Analisa meu rosto.

— Nunca faria piada com algo tão sério. — Toco seu rosto e beijo seus lábios. — Lembra quando mencionei sobre nosso casamento?

Ela balança a cabeça.

— Sim, mas não levei a sério.

— Deve levar cada palavra que digo. — Arrumo uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

— Isso não é um tanto repentino? — questiona, com o cenho franzido.

— Você acha? — Sorrio ao ouvir a campainha tocar.

— Vou ver quem é. Vá para o quarto, pode ser alguém da minha família, e se for o meu primo, sou capaz de arrancar os olhos dele só por te olhar. — Afasto-me dela.

— Vim procurar a minha bolsa, preciso do meu celular. Meu pai deve estar louco atrás de mim. — Ela olha ao redor e a campainha continua tocando.

Nenhum dos soldados me alertou sobre alguma visita inesperada.

— Te levo depois — insisto, gentilmente.

Ela concorda e deixa a sala sem olhar para trás, logo depois Hades a segue.

Ao vê-la sumir da sala, substituo o sorriso por uma expressão dura e fria. Dirijo-me até a porta e pelo olho mágico identifico quem está me procurando com tanto desespero. Meu pai está cercado de soldados. Ele é o único capaz de entrar sem aviso prévio.

— Por que demorou tanto? — sonda-me, ao entrar em meu apartamento seguido por seus soldados que não me encaram, apenas acompanham os passos do chefe, que se acomoda no sofá.

— Estava ocupado — respondo ao me sentar no outro sofá em frente ao meu pai, que me observa desconfiado. — A que devo a honra da visita do homem mais ocupado do país? — Estico os braços no sofá e cruzo as pernas.

— Vim buscar a Mía a pedido do pai dela. Fiquei sabendo que saíram juntos da boate e arrumaram confusão por lá — repreende-me, respirando fundo.

— Ela não vai a lugar algum, pai. — Ergo o queixo, desafiando-o.

— É mesmo? — Ele ri, passando a mão em seu cabelo grisalho e ajustando seu terno preto.

— Que venha o Primeiro-Ministro, a Rainha, o Rei da Inglaterra ou até mesmo você. Ninguém vai tirar minha futura esposa daqui. — Tamborilo os dedos na perna, causando uma reação inesperada em Killz, que não esperava

tal resistência de minha parte, embora sua satisfação seja visível.

Meu pai acredita que conseguiu manipular com sucesso a situação.

— Você vai se casar com a Mía da noite para o dia, Austen?

Ele finge muito bem seu espanto.

— Antes eu do que outro, não é mesmo? Dylan tem suas obrigações com o povo russo, e eu, como seu primogênito e futuro chefe da organização, tenho um dever a cumprir. — Mantenho minha postura firme.

— É apenas por dever ou existem sentimentos envolvidos? — Meu pai observa minha mão enfaixada.

— O que acha? — desafio.

— Acho que você não a levaria para casa após ter levado uma facada dela. — Aperta os lábios, meio pensativo.

— Sem dúvida. Quero a Mía como minha esposa, e se Damián se recusar, ele vai ter que encarar as consequências.

— Não se preocupe com ele, posso lidar com isso. — Sorri, determinado.

— Claro que pode. — Eu também sorrio. — Depois do casamento, quero algo de você. — Faço um gesto para que os soldados saiam da sala, deixei a porta aberta com esse propósito.

— O quê? — Ele se inclina, curioso.

— A liderança. Você vai me entregar o comando da máfia. — Minha expressão séria reflete a dele.

— Austen... — Ele hesita muito rápido.

— Estou pronto, pai. Após meu casamento, você me dará o que prometeu há muito tempo.

— Um casamento não determina muita coisa. — Ele se levanta.

— Vou ser marido da filha do homem que desprezo, não acha que estou sendo maduro o bastante para deixar meu sentimento de lado por Damián? — Também me levanto.

— Se case primeiro e depois lidamos com o resto — fala, aproximando-se e estendendo a mão. — Estamos de acordo?

— Sim, estamos — confirmo com um aceno de cabeça e apertando sua mão.

— Posso anunciar para todos? — Me testa.

— Fique à vontade para comunicar o meu casamento — respondo, com um sorriso forçado.

— Vou aguardar a volta de Damián para informar a família — decide.

— Como preferir — murmuro, distraído ao perceber uma sombra no

corredor.

Mía estava nos observando, mas ajo como se nada tivesse acontecido para não a alarmar. A passividade é o meu objetivo, mesmo que não seja o que realmente desejo. Minha ambição em conquistar meu lugar na máfia está acima de tudo nesse momento.

— Você tem alguns dias para reconsiderar, pois se eu descobrir que está usando a garota para benefício próprio, sua chance de ser meu sucessor será aniquilada e Katherine assumirá o controle dos negócios da família — ameaça, mal conseguindo conter o riso.

— Fique tranquilo, não estou usando-a.

— Espero que sim. — Ele se vira e sai do meu apartamento, encontrando os soldados no corredor.

Killz não desconfia que estou por dentro de suas ações, por isso, não agirei conforme suas expectativas. Preciso ser cauteloso. Mía Rivera Knight. Em breve, o sobrenome Rivera será eliminado e sobrá apenas Knight.



Remexo-me na cama sem conseguir parar de olhar para a porta que deixei aberta para ficar atenta à chegada do Austen. Faço um movimento brusco e volto a ter sensação de incômodo entre as pernas, uma leve careta aparece ao me lembrar que assim que acordei, fui tomar banho e o desconforto estava maior, precisei usar uma pomada que encontrei em uma das gavetas. Mas isso não importa agora, o que está me perturbando é o que ouvi minutos atrás.

Não segui o pedido de Austen para ir ao quarto, em vez disso, fiquei escondida na entrada do corredor ao ouvir a voz de seu pai, e Hades cooperou comigo. Tive que acariciar o pelo dele para evitar qualquer movimento que pudesse chamar a atenção dos dois homens na sala.

Acompanhei a conversa entre Killz e Austen, mesmo sabendo que não era correto, porém, isso esclareceu muitas coisas para mim. Fui tomada de surpresa e desilusão quando Austen deixou claro para seu pai que despreza o meu. Para piorar, ele afirmou querer me ter como esposa, mas em troca, exige a liderança da organização inglesa. Parece ser tudo um jogo de poder para ele, onde pai e filho desafiam um ao outro com arrogância e solidez.

Quando o pai questionou se a base da nossa união envolvia sentimentos, percebi a falta de firmeza em suas palavras. Ele apenas respondeu de forma fria que sim, os sentimentos existem. Contudo, a culpada sou eu, por ser ingênua demais e esperar que ele confessasse ao Killz que se apaixonou por mim.

O poder é a sua prioridade. Austen deseja estar acima de todos e de tudo, manipulando simples mortais como se fosse um deus. Antes que pudessem me pegar ouvindo algo que não deveria, voltei ao quarto, porém, minha mente continua sendo povoada por vários pensamentos.

Killz assegura que se seu filho se casar comigo, meu pai não será um problema. Será que eles pretendem matá-lo caso se oponha a esse acordo, ou estou sendo deixada de fora dessa trama e eles têm um acordo secreto do qual não faço parte? Espero que não.

A relação entre meu pai e Killz é um mistério para mim, mas o fato de meu pai confiar a ele a tarefa de me buscar na casa de seu filho é um indício de que minhas suspeitas talvez estejam certas. Meu pai claramente não gosta de Austen, então seria muito estranho ele aceitar nosso casamento, ainda mais considerando que ele me vê como seu tesouro mais valioso. Ontem, quase suplicou para que eu voltasse para casa, mas devo tê-lo aborrecido um pouco, pois nem me avisou sobre sua viagem. E se tentou, meu celular deve estar cheio de chamadas não atendidas.

Não me arrependo da noite passada. É uma experiência que nunca vou esquecer, porém não vou permitir que Austen me engane com sua proposta de casamento apenas para alcançar seus objetivos mais rapidamente. Ter sentimentos por ele não implica em me deixar levar por seu jogo de sedução, não sou do tipo de mulher que esconde seus sentimentos. Assim que ele entrar neste quarto à minha procura, eu o confrontarei para que me diga a verdade e, dependendo de sua resposta, iremos decidir nosso futuro juntos. Se ele realmente me deseja como sua mulher, terá que ser muito convincente em seus argumentos.

Ao ouvir passos se aproximando no corredor, observo Hades dormindo aos meus pés. Não sei o que fiz para o rottweiler gostar de mim, mas dizem que os animais são muito sensíveis, percebem quando as pessoas são boas ou não.

— Mía, era meu pai, mas ele já se foi. — Seu tom é surpreendentemente suave para alguém que há minutos estava enfrentando o pai como se estivessem em guerra.

Levanto o rosto e vejo-o encostado no batente da porta, com os braços cruzados, analisando minha expressão.

— Sim, eu sei que era — afirmo com firmeza. Seu rosto não demonstra surpresa alguma, apenas balança a cabeça e dobra as mangas de sua camisa branca até os cotovelos.

Ele sabe que eu estava lá, não sei como, mas sabe.

— Precisamos conversar. — Seus lábios formam uma linha rígida e o seu olhar transmite frieza.

— Estou te ouvindo. — Cruzo os braços, e ele vem em minha direção.

— O meu interesse em ocupar a liderança da máfia não tem nada a ver com a nossa relação. — Seguro meu queixo para que eu o encare. — Eu te vi ouvindo a minha conversa com meu pai, não sei até que parte chegou a escutar, mas saiba que não sou o tipo de homem que retira as palavras que diz. Eu assumo tudo o que faço, erros ou acertos, Mía. — A sua sinceridade é nua e crua.

— Sabia que eu estava ouvindo, ainda assim, se manteve em silêncio? Fingindo que nada estava acontecendo? — Meus olhos ardem e ele respira fundo.

— E o que mudaria se eu viesse atrás de você? Começaríamos uma briga e o meu pai iria presenciar tudo, isso só confirmaria que não estou capacitado para ser o novo chefe. Killz quer enxergar maturidade em mim, e eu não poderia colocar tudo a perder por algo que poderia ser resolvido depois. — Soa calculista.

— Não me trate como a sua última opção, Austen — meus lábios tremem —, porque pelo visto, é isso que me parece ser a sua intenção. — Com o dedo em riste, aponto para o seu rosto impassível. — Escute bem o que vou dizer. — Sorrio, contendo minhas lágrimas. — Nunca vou ser escada para que você alcance os seus sonhados degraus na organização da sua família, muito menos para ter o meu pai em suas mãos. — Afasto-me dele e sigo para o banheiro a passos largos sem olhar para trás.

Preciso sair urgentemente daqui para não explodir. Essa postura implacável dele é o que me enfurece.

Entro no banheiro e pego o meu vestido que está no mesmo lugar que deixei ontem. Começo a abrir os botões da camisa dele para vestir a minha roupa, mas mãos fortes me impedem.

— O que pensa que está fazendo? — Ele me vira de frente para ele e nossos olhares se cruzam, o dele como de um tirano.

— Tentando trocar de roupa para ir embora. — Saio do seu toque e seguro meu vestido em um punhado firme.

— Você não vai a lugar algum, Mía, ainda estamos conversando. — Sua mandíbula fica rígida e sua pupila dilata raivosamente.

— Ela acabou de terminar, Austen. Não vou ficar à mercê das suas vontades só porque acha que as coisas só terminam quando você quer. — Ignoro a sua fúria, passo pela porta sem que ele me impeça e sigo para a sala.

Largo o vestido no sofá e procuro por minha bolsa em cada maldito canto, e nada de encontrá-la. Recordo-me que ontem a deixei por aqui, não teria como uma bolsa sumir dentro de um apartamento onde se encontram apenas duas pessoas.

— Porcaria — resmungo, colocando a mão na cintura e olhando ao meu redor.

Ouçõ passos se aproximando pelo corredor. Reconheço a silhueta de Austen de imediato, ele surge com um semblante sério. Dessa vez está com outra camisa, uma de botões preta e exibe uma arma na cintura, e na sua mão direita uma chave de carro.

— Guardei a sua bolsa e saltos naquele aparador. — Ele aponta com o queixo para o móvel ao lado. — Vou te levar em casa. Não demore, tenho um compromisso importante — avisa, me dando as costas e saindo do apartamento sem olhar em meu rosto.

A frieza dele congela todos os meus ossos, assim como as lágrimas

idiotas que querem ser libertadas. Não vou chorar. Me proíbo de derramar uma lágrima sequer por essa atitude escrota do Austen. Se ele vai agir de modo frio, vai receber o mesmo tratamento ou pior.

Mesmo sabendo que alguém pode me ver, porque Austen a deixou aberta, me livro da camisa dele do meu corpo e substituo por meu vestido, sem colocar a calcinha. Pego a bolsa e saltos onde ele indicou e guardo a peça íntima nela.

Penduro a bolsa no ombro e coloco os saltos. Hades surge na sala e se aproxima de mim, esfregando a cabeça em minha perna. Sorrindo, agachome e o acaricio.

— Estou indo para a casa, garotão, mas espero que logo possamos nos ver novamente. — Os olhos negros e ferozes do animal estão fixos em mim. — E se o cretino do seu dono continuar sendo um escroto comigo, pode fazer um favor para mim? Arranca as mãos dele — peço, mesmo sabendo que o cão não vai entender, ainda assim, rio sozinha.

Levanto-me sob o olhar atento do Hades, respiro fundo e guio-me na mesma direção que Austen se foi. Penso em deixar a porta aberta, já que o prédio é apenas dele e de Dylan, mas ao olhar para o cão mudo de ideia.

Há câmeras em cada canto do corredor. Não existe um ponto cego que permita a pessoa respirar. Rumo até o elevador, consciente de que cada movimento meu está sendo observado pelas câmeras.

— Você demorou — diz Austen, a poucos metros de distância do elevador, mexendo no celular.

Em silêncio, passo por ele e aperto o botão do térreo. Austen parece estar muito ocupado digitando algo no aparelho. Provavelmente é a pessoa do seu compromisso importante. Comprimindo os lábios, entro na caixa metálica, antes que as portas se fechem, ele entra já sem o celular nas mãos e me encara por alguns instantes, mas não fala nada.

Sem querer manter contato visual com ele, pego meu celular na bolsa e começo a mexer nele, encontrando mais de dez ligações do papai. Quando chegar em casa ligo para ele. Entre as tentativas do meu pai falar comigo, acho algumas mensagens da Kitty me perguntando se estou viva, já que saí com o irmão dela.

Sorrindo, respondo a mensagem da minha amiga dizendo que estou ótima enquanto ouço Austen pigarrear, parecendo incomodado.

— Posso saber o motivo dessa risadinha?

Ergo o rosto, fingindo confusão.

— Risadinha? — Arqueio a sobrancelha, olhando para sua expressão amargurada.

— Não se faça de maluca, Mía. É o seu amiguinho de Nova Iorque? — indaga. As portas do elevador se abrem no térreo, então aproveito a

oportunidade para deixá-lo se enfurecer muito mais ao não ter minha resposta. — Mía, estou falando com você! — Seu tom é duro enquanto tenta alcançar meus passos no hall do prédio, onde estão quatro soldados assistindo ao show do chefe deles.

— E se for, Austen? Que problema teria? Você também não tem os seus amigos, as suas amigas? — Viro-me, determinada para mandá-lo para o raio que o parta, mas ele é mais rápido ao me puxar para perto.

— Deem o fora daqui! — ordena aos soldados, que saem enfileirados para fora do prédio. — Quer mesmo testar a minha paciência, não é? — Me pega desprevenida ao tomar meu celular e se afastar de mim com um sorriso macabro.

— Não passe dos limites, me dê agora o meu celular! — Estendo a mão, puta com a sua atitude.

— Responda a minha pergunta primeiro. Quem estava te fazendo sorrir tanto? Foi aquele merdinha de ontem? — Ele segura o celular entre dois dedos, quase o deixando cair.

— Agora estou proibida de usar o telefone ou sorrir? Faça-me o favor, Austen! — Gargalho, revoltada com o seu cinismo.

— Só vou te devolver depois que me responder. — Decide.

— Você não tem um compromisso importante? Por que não vai para ele? — questiono-o, fechando os punhos.

— O meu compromisso era te levar para ver a minha mãe, mas mudei de ideia. — Sua resposta faz meu coração disparar.

— Acha que sou alguma idiota, Austen? Em seu apartamento você não tinha me incluído nesse seu plano, agora me diz que me levaria para visitar a Aubrey? — Vou até ele como quem não quer nada para conseguir meu celular de volta.

— Eu ia sozinho, mas depois decidi te levar. Não posso mudar de ideia? Mas não tente mudar o foco da minha pergunta. — Ele aperta o objeto entre seus dedos e quase o esmaga.

— Você é tão patético...

Meu celular vibra e eu me calo ao ver Austen olhar para a tela.

— Tem alguém te ligando. O número não está em sua agenda, mas o código é de Nova Iorque. — As íris dele escurecem ao me encarar e depois ao celular. — Devo atender e descobrir quem é essa pessoa tão insistente que te liga, Mía? — Seu tom é baixo e intimidador.

— Você não tem direito algum de invadir a minha privacidade — aviso, mas ele ignora ao levar o aparelho à orelha e sorrir perverso para mim.

Austen não diz nada, afasta o celular e o coloca no viva-voz, logo a voz do Cole soa alta. Em choque, levo a mão à boca ao notar o olhar

ardiloso do homem diante de mim.

— *Princesa, que bom que me atendeu. Consegui o seu número com a sua amiga, a Katherine, ela me deu ontem na boate. Eu estava preocupado com você, ainda mais que ficou sozinha com aquele cara maluco e...*

— Espero que você esteja bem longe da Inglaterra, para o seu bem e para que possa viver mais alguns anos — Austen interrompe a fala de Cole, esboçando um sorriso cruel e soando com uma falsa tranquilidade.

— Austen...

Ele me ignora e continua.

— Hoje não estou em um dos meus melhores dias, e às vezes, acabo me descontrolando um pouco. Seria muito triste para a sua família receber os seus restos mortais dentro de várias embalagens de presente. Não ligue para a Mía nunca mais, se eu souber ou sonhar que a chamou de princesa outra vez, arranco a sua língua e os seus dentes — finaliza.

Só ouço a respiração falhar do outro lado da linha. Empalideço com a ameaça descarada do Austen. Céus, Katherine enlouqueceu quando deu o meu número para Cole. O que ela tinha na cabeça? Mas não posso culpá-la, o irmão dela não poderia ter feito isso.

— E se você pisar novamente na Inglaterra, saiba que é um homem morto. Se ainda estiver por aqui, você tem exatamente uma hora para voltar de onde veio.

— Por que fez isso?! — grito para ele, furiosa com o que fez, mas sem ter muita força para reagir. Jamais imaginei que fosse chegar a esse nível de loucura.

— Com a Katherine me resolvo depois, mas com você, dê adeus ao contato do seu amigo novaiorquino.

Não entendo até ver meu aparelho ser lançado no chão com força e ele tirar sua arma da cintura e disparar vários tiros nele. Assustada, grito por ter sido pega desprevenida enquanto Austen segue destruindo meu telefone. Ele só para quando suas balas acabam e o hall é tomado por soldados.

Se eu não sentisse o cheiro da pólvora em meu nariz, diria que estava sonhando, mas não é mentira, Austen deixou meu celular em fragmentos. Desacreditada com a sua atitude vil e desequilibrada, levo a mão à boca. Eu tinha coisas importantes armazenadas ali e ele simplesmente, em um ataque de ciúmes, o destruiu. Nem se eu quisesse recuperar, conseguiria.

— Voltem para os seus postos, não chamei vocês aqui. — Ele olha para os seus homens, que abaixam a cabeça e saem de nossas vistas quase correndo, com medo.

— Você é doente, Austen! — Avanço nele com toda raiva que consigo reunir dentro de mim e esmurro o seu peitoral. Em resposta, ele dá uma risada crua e levanta os braços, me permitindo fazer o que quiser. — Aliás,

você é um maníaco! — grito, batendo em seu peito com toda a minha força e sentindo meus punhos doerem.

Tremendo de raiva, afasto-me dele e as lágrimas deslizam por minhas bochechas. Ele não expressa qualquer sentimento de dor ou culpa, só guarda a arma descarregada na cintura e massageia o pescoço.

— Isso não vai ficar assim — prometo, dando as costas para ele e saindo do prédio sem ser seguida.

Na calçada, encontro os soldados espalhados e um carro cinza esportivo luxuoso parado a poucos metros perto do meio-fio. Trata-se de um Bugatti Chiron, um automóvel raro e caríssimo. Se Austen destruiu meu celular, ele também merece que eu revide à altura.

Mesmo cercada por soldados, pego duas pedras que acho no chão e atiro com força no vidro do carro, quebrando uma e depois a outra.

— Puta merda — alguém murmura.

Insatisfeita, tiro o pequeno canivete que sempre carrego na bolsa e me dirijo ao carro, pronta para retribuir o estrago causado pelo chefe deles.

— Senhora, pare com isso — fala um dos homens, mas finjo não ouvir, me agachando em um dos pneus e afundando a lâmina afiada até rasgá-lo.

Com determinação, repito o gesto várias vezes até conseguir destruir o pneu. Ergo-me e deslizo o canivete pelo capô fazendo um caminho pela lateral do carro, ouvindo o ruído dos arranhões, mas alguém me imobiliza pelo braço.

— Senhora, não faça isso — diz o cara alto, mas não tanto quando Austen, com uma cicatriz enorme de queimadura no lado esquerdo do rosto, enquanto me impede de terminar a minha vingança.

— Connor, mantenha a porra das suas mãos longe dela se não quiser perdê-las. — A voz de Austen soa tão afiada quanto a lâmina do meu canivete.

Então ele está assistindo tudo.

A muralha que é o soldado me impossibilita de enxergar o chefe dele, mas mesmo sabendo o que fiz, se mantém passivo e me defende.

— Senhor, ela estava... — O homem nem consegue falar antes de se afastar de mim como se estivesse recebido uma descarga elétrica.

Olho para o rosto de Austen, deixando claro que não vou perdoá-lo pelo que fez. Mas ao contrário de mim, ele sabe conter as suas emoções e um brilho sádico cintila em seus olhos.

— Mía pode colocar fogo na porra desse prédio, explodir todos os meus carros na garagem, mas nunca, em hipótese alguma, você ou qualquer outro toque nela. Ela é um problema meu. — Ele dá passos pesados e confiantes até a calçada, apontando para cada soldado.

Meu coração traidor bate mais rápido com o modo como Austen é implacável em me tornar intocável para os seus soldados.

— Estamos entendidos? Se essa cena ocorrer novamente, não vou ser tão misericordioso quanto agora.

— Sim, senhor. — Todos respondem como se estivessem no exército.

— E você, venha comigo. — Sou puxada pelo pulso por Austen. — Sabe o valor do prejuízo que me deu? — Ele toca em meu queixo, me obrigando a olhá-lo nos olhos.

— Barato sei que não foi, mas agora estamos quites, não é? — Passo a mão em seu ombro como se estivesse tirando poeira e suas narinas inflam.

— É um Bugatti Chiron avaliado em quase quatro milhões de libras — Ele mostra os seus dentes cerrados como um cão raivoso, e rosna como um.

Todo esse dinheiro compraria milhares de celulares iguais ao meu, mas foi Austen que começou, agora arque com as consequências.

— Que bonitinho! Essa sua expressão está me lembrando ao Hades quando ele quer atacar alguém. — Toco na ponta do seu nariz, mesmo que por dentro esteja insegura com o que pode acontecer.

— Bonitinho, é o caralho. — Ele me agarra na cintura e eu seguro firme minha bolsa. — Você vai me pagar outro carro, e eu vou dizer como. — Me ergue no ar antes de me colocar em seu ombro, por sorte, a minha bunda não estava virada para o lado dos seus soldados, ou eles teriam uma visão completa da minha nudez.

— Estou sem calcinha, Austen! — revelo, sem perceber que sai em voz alta.

— Porra, Rivera, um dia desses eu te mato ou você me mata.

A mão grande dele tapa a parte de trás e segue novamente para dentro do prédio. E é claro que os soldados estão cabisbaixos, eles não ousariam olhar na nossa direção depois da minha confissão ao possessivo do chefe deles.

— Para onde está me levando? — pergunto, ao vê-lo traçar um caminho diferente do elevador.

— Para colocar a calcinha que não é — retruca, grosseiro.

Entramos em local escuro onde as luzes se acendem uma por uma, através dos sensores.

— Eu nem tinha a intenção de subir para fazer isso, não pense que esqueci a merda que fez. — Fecho os punhos, querendo socar as costas dele, mas me seguro em meu ato infantil.

Já causamos muito caos tão cedo, chega por hoje. Mesmo sem muito privilégio de conseguir visualizar as coisas direito pela posição que estou, vejo alguns carros espalhados, estamos na garagem.

Austen me coloca no chão e noto que o seu semblante está carrancudo, ele deve estar se segurando para não me estrangular. Embora esteja com raiva pelo meu celular, o prejuízo que lhe causei foi maior.

— Fique longe dos carros — avisa, me dando as costas e seguindo até uma salinha que parece ser um escritório.

Cruzo os braços e olho ao redor. São muitos carros enfileirados, e de várias cores, todos novos e de marcas diferentes. Não é segredo para ninguém que os homens Knight são fascinados por carros. Além de terem um negócio bem-sucedido com vendas de motores e peças modificadas para automóveis esportivos, eles dominam o maior mercado de venda na área automotiva. É a família mais poderosa da Inglaterra, tanto em negócios lícitos como ilícitos. Os Knight são o topo da cadeia alimentar da sociedade, eles controlam muitas coisas dentro e fora dela.

— Vamos.

Meus pensamentos são cortados com a voz de Austen atrás de mim.

— Posso escolher o...

— O seu direito de escolha acabou quando arruinou o meu carro, Mía — me interrompe, puto, passando por mim e indo até um carro vermelho.

— Não posso dizer que vou te devolver outro ou pagar o conserto, e nem que vou vender a minha virgindade para conseguir a metade desse valor, já que ontem você a tirou...

— Mía, não me irrite mais. O meu humor foi parar no inferno com o seu ato inconsequente por causa de uma besteira. — Ele se enfurece, abrindo a porta do passageiro antes de dar a volta e se sentar ao volante.

— Ah, o meu celular não é importante, mas o seu maldito carro sim? — Consumida pela fúria, entro no automóvel e encaro o rosto cínico de Austen. — Era um celular novo, comprei há poucos meses...

— Se quiser, eu compro a porra da empresa desse bendito celular só para que você me deixe em paz. — Encosta a cabeça no banco e comprime os lábios.

— Você se acha O Todo Poderoso, né? — Rio, colocando o cinto de segurança.

— Não, mas posso ser o homem que pode realizar todos os seus sonhos, basta pedir. — Se vangloria.

Eu sinto uma vibração sob meus pés quando Austen liga o carro e o rugido profundo do motor potente ecoa pelas paredes da garagem, preenchendo o espaço com o som.

— Sonhos que você faz questão de destruir? Não, muito obrigada, Super-Homem! — Reviro os olhos.

Ele não me responde, só coloca o carro em movimento, e cada

acelerada faz meu coração retumbar mais forte.

— Você também deveria ter um pouco de dignidade, te dei um rombo de milhões de libras e ainda estou viva. — Mordo os lábios, vendo um portão se erguer do chão até o teto e a luz do dia clarear mais a garagem. É uma saída do outro lado da rua.

— Pelo seu tom, está querendo ser bem fodida dentro desse carro e não está sabendo pedir. — Ele conduz o volante com uma mão e a outra alcança minha coxa. Chego a prender a respiração com o seu gesto. — Se eu afundar meus dedos na sua boceta vou ter a minha resposta? — Ele aperta minha carne entre os dedos longos e tira o automóvel da garagem com uma velocidade que se eu não estivesse usando o cinto de segurança, estaria voando no painel.

— Não estou no clima para sexo, Austen. Para você, tudo é resolvido com ele, eu não sou assim. Um pau nunca vai estar acima do meu caráter. — Bufo.

Ele continua tentando entrar em minhas pernas, mas fecho-as com a sua mão ali.

— O sexo é só uma exceção, minha ratinha linda. — Tenta embolar meu vestido e eu dou um tapa em sua mão.

— Ratinha é a senhora sua...

— Não xingue a sua sogra, tenha mais respeito. Ela te adora — interrompe, conseguindo me calar.

Ele sabe como envolver uma pessoa, safado manipulador.

— Se acha que vamos nos casar, está enganado. Vai morrer esperando ou tentando me fazer sua mulher só para ser o novo chefe da máfia — murmuro, conseguindo me livrar do seu toque.

— Mía, não adianta tentar apagar o fogo com gasolina. Se você fugir de mim, eu te caço até no inferno e te trago de volta. Você é minha e em breve vai carregar o meu sobrenome. — A promessa dele soa como uma brincadeira, meu corpo inteiro se arrepia.

— Só me leve para a minha casa. — Engulo em seco, virando o rosto para frente e observando a rua.

Ele liga o som e *Swim de Chase Atlantic* começa tocar. Austen cantarola a letra acompanhando o cantor e não erra, chega a uma parte que me encara e faz questão de cantar mais alto.

— *You picked a dance with the devil and you lucked out...* — Austen sorri como um lobo, pronto para devorar a sua presa.

Você escolheu dançar com o diabo e teve sorte. Não tenho dúvidas disso. Austen James Knight pode ser pior do que o próprio diabo.

18



AUSTEN

Faz uma semana que não vejo Mía, e não é por falta de tentativa. Ela não quer uma reaproximação, nem mesmo aceitou o celular que comprei para substituir o outro. Enviei um dos meus homens ao Las Chicas quatro vezes, e na última tentativa, ela me mandou um bilhete: *“A confiança é como uma taça de cristal, uma vez quebrada, mesmo que tente colar os pedaços, ela nunca mais será a mesma”*.

Como pode alguém ser tão teimosa assim? Mía acha que tem o direito de me ignorar, mas parece esquecer do estrago milionário que causou ao arranhar um dos carros mais caros da minha coleção apenas para se vingar. Era eu quem deveria estar furioso com ela, mas, ironicamente, acontece o contrário.

Essa mulher obstinada dos infernos merece minha visita para entender que nunca conseguirá escapar de mim. Só preciso de um tempo para ir até o Las Chicas vê-la.

Ultimamente, tenho vivido dias muito movimentados. Desde que Dylan se ausentou, assumir o controle das operações de exportação de armas e peças de carros tem sido exaustivo. Já enviamos grandes remessas para quatro países em apenas três dias, e eu tenho a responsabilidade de garantir a qualidade de cada peça antes de entregá-las aos clientes.

Mesmo confiando em soldados para essa tarefa, meu pai nunca delega inteiramente essa responsabilidade a eles, sempre priorizando a segurança. Em nossa organização, a lealdade e o cumprimento dos juramentos são fundamentais, mas há sempre alguém disposto a trair por um benefício pessoal. Traição é punida com a morte, mas, por vezes, a deslealdade supera o medo de apodrecer debaixo da terra.

Os anos tornaram o velho Killz desconfiado, sempre vigilante, mas entendendo sua razão.

E é por isso que, mesmo que não o declare abertamente, meu pai é a minha maior fonte de inspiração. Almejo um dia me tornar um terço do homem que meu pai é. Sinto orgulho em carregar o seu sangue, o sangue da família Knight.

Sentado na poltrona do escritório do galpão, observo o vai e vem dos soldados ao concluírem o carregamento dos caminhões através dos monitores que vigiam os diversos pontos do local. Minha atenção se concentra no monitor que exibe a imagem do meu pai adentrando pela porta do galpão, carregando uma maleta e caminhando apressadamente em direção ao escritório.

Sua expressão está mais séria do que o habitual, e seu olhar denota uma determinação intensa em semear o caos. Acredito que uma das maiores fraquezas dos Knight seja o fato de nos conhecermos tão intimamente. Quando se trata do nosso sangue, tornamo-nos excessivamente transparentes.

A porta se abre e meu pai entra na sala com um semblante completamente fechado. Sem dizer uma palavra, ele fecha a porta e caminha em minha direção, sentando-se em uma das cadeiras em frente à mesa.

— É hora de falar abertamente. — Dispõe a maleta em seu colo e abre o botão do seu blazer preto.

— Imagino que sim, para o senhor vir ao galpão, ainda mais à noite. — As palmas das minhas mãos se estendem sobre a mesa de mogno enquanto encaro meu pai, que faz o mesmo comigo.

— Durante todos esses anos, você deve ter se questionado o motivo de eu ter permitido que Damián instalasse seu negócio em nosso território, mas nunca recebeu a resposta. — Ele respira fundo. Balanço a cabeça em concordância e o deixo prosseguir. — Conheço Rivera há mais de duas décadas, negociamos muito antes de ele se mudar para a Inglaterra com seu povo.

A revelação de meu pai me deixa atordoado, eu esperava tudo, menos isso.

— Não me lembro de ter visto o Damián nos galpões ou em nossa casa, na empresa. Já se passaram duas décadas desde que se conhecem, por que nunca soubemos disso? Não entendo.

— Damián só me visitava na empresa, e raramente. Vinha apenas quando era algo importante, e sua mãe e eu fizemos um acordo para não levar trabalho para casa — responde.

Agora compreendo a lógica. Eu, Kitty e nossos primos íamos apenas aos galpões para treinos, dificilmente frequentávamos a empresa.

— Mas você não disse que são amigos? Amizade não é um trabalho, ainda não faz sentido — digo, nervoso, passando a mão pelo cabelo.

— Damián e eu nos tornamos amigos depois de quinze anos. Antes de

confiarmos um no outro, houve eventos que nos levaram a nos unir e chegar aonde estamos hoje.

— Aonde o senhor quer chegar com essa revelação inesperada?

Seu rosto demonstra preocupação.

— Eu escondi algo muito sério de você, por anos. — Sua mandíbula se aperta.

— É tão grave assim? — sondo-o.

— Mía e você foram prometidos desde um período muito complicado para Damián. — Minha garganta se fecha e meu peito congela com mais uma revelação dele. — Assinamos um acordo em que a filha dele se casaria com meu primogênito, o futuro líder da máfia inglesa, e em troca, eu o ajudaria a eliminar seu maior inimigo, que também se tornara meu inimigo. — Finaliza meu pai, deixando-me sem reação.

Mía e eu somos destinados um ao outro antes mesmo de nos conhecermos ou sabermos da existência um do outro. Nossos pais mantiveram tudo em segredo ao longo dos anos, controlando nossos passos, nos transformando em marionetes. E se eu não tivesse sentimentos pela filha do Rivera, ou se tivesse, num acesso de fúria, tirado a vida da garota prometida a mim? Eu seria o assassino daquela que deveria ser minha esposa e garantido a minha entrada gratuita no inferno.

Desde que descobri que meu pai concordou em ceder uma parte da cidade de Brentford para Damián viver com sua família e abrir um bordel, venho investigando-o. Todos os contatos que fiz ao longo dos anos foram úteis, fornecendo informações precisas, no entanto, nunca chegaram a um ponto crucial. Como meu pai conseguiu manter esse acordo com Damián por tanto tempo sem que eu percebesse? Que pergunta tola. Killz é o chefe, agiu assim desde a morte de meus avós, é um manipulador nato, embora finja o contrário.

— Meu investigador, ele também trabalha para você? — pergunto.

— No começo, não, mas quando percebi que você estava perto de descobrir toda a verdade antes da hora, tive que tomar uma atitude e trouxe o homem para o meu lado.

— Filho da puta! — Sorrio com amargura, imaginando se devo dar ao traidor uma morte rápida ou lenta.

Ele apenas me passava as informações que meu pai achava necessário, se bem que na última informação sobre a festa de Damián, senti falta de mais detalhes.

— Seu colaborador não tem culpa, foi convencido a agir assim e faz parte da nossa equipe há muitos anos. Ainda sou o líder e ele deve se reportar a mim, não importa o que aconteça. Se eu decidi me abrir com você para falar a verdade, Austen, é porque estou pronto para ser honesto. Mesmo que fique contrariado, continuarei explicando até que compreenda o motivo

das minhas ações — fala com seriedade.

— Ótimo, continue agindo assim, ignorando minha autoridade, e seus subordinados nunca vão respeitar minha liderança quando eu assumir o comando. — Massageio minha mandíbula.

— Eles conhecem os limites, Austen, acredite em mim.

Respiro fundo após ouvir meu pai.

— Escute o que tenho a dizer e vamos chegar a um acordo, além de você entender o que espero de você. — Ele aperta os lábios.

— Continue — peço.

— Antes de estabelecer uma amizade com Damián, conheci o don Hector Casillas. Temos uma extensa lista de clientes internacionais, incluindo Hector, cujo cartel comprava nossas armas. Por anos, ele foi nosso principal comprador, mas sua ambição cresceu. Num certo ponto, ele começou a tentar nos roubar. — Meu pai faz uma pausa, seus olhos se perdem no horizonte, como se revivesse aquele momento, enquanto ouço sua narrativa, mergulhando na história. — Hector criou clientes fictícios, supostos amigos de cartéis vizinhos interessados em nossas armas por serem de melhor qualidade no mercado. Na verdade, sua intenção era rastrear nossas rotas e roubar nossas cargas. — Antes de termos prejuízos, apareceu Damián, seu braço direito, que denunciou o primo por estarem em conflito por uma prostituta.

Na narrativa apresentada no relatório do investigador, a versão dos eventos era diferente. Eu percebo agora que deveria ter confiado na minha intuição e optado por métodos mais seguros, como alguém da equipe de hackers, em vez daquele rato que sempre enviava os relatórios por intermediários. Ele jamais estava acessível para um encontro presencial, provavelmente para evitar me encarar nos olhos e correr o risco de ser desmascarado.

— E apenas soube que Hector estava tramando isso por causa da rivalidade entre primos? — pergunto, e Killz balança a cabeça.

— Exatamente, tudo isso porque disputavam a mesma mulher. Damián se envolveu tanto com a prostituta preferida do primo, que acabou sendo sua ruína quando ela engravidou.

— Essa mulher, ela é a mãe de Mía? — pergunto diretamente.

— Sim. Diana. A mãe de sua futura esposa — confirma.

Futura esposa.

— E por que perdoou Damián e Hector, então? Se Rivera era o braço direito do primo, ele não estaria te traindo também? Você não costuma ser piedoso nem com a sua família, mas foi com o Damián. Não acha que foi muito passível nessa situação? — Fito-o, curioso em entender o que o levou a ser tão generoso.

— Austen, as mulheres são o início da derrota de um homem quando ele está apaixonado. O homem só queria viver em paz com a família dele e, para realizar isso, precisava de um aliado para lidar com Hector — explica, enquanto eu franzo o cenho. — E no caso de Damián, não foi o mesmo. Ele amou Diana, só que ela optou pela fortuna e poder de Hector, escolhendo-o em vez do homem que lhe deu uma filha. — Meu pai detalha a história da mulher que entregou o pai de Mía ao primo para obter perdão. — Damián estava prestes a fugir com eles, mas ela o traiu, levando os homens de Hector a capturarem-no e torturá-lo. Ele quase morreu, e fui eu quem teve que ajudá-lo. — Killz volta a ponderar.

Meu pai acabou salvando a vida do homem que por anos planejei tirar, que ironia.

— Diana revelou a Hector que seu primo havia mencionado os planos dele de tomar o nosso negócio à força. Se Damián está vivo hoje, não é por que não pôde retornar ao México ou teve seus testículos arrancados, mas sim porque eu o salvei através dos meus contatos próximos a ele. Os capangas de Hector o abandonaram à própria sorte em casa, porém, sua salvação veio ao me ligar. A partir desse momento, nossas vidas se transformaram.

Não sou uma pessoa que facilmente se sensibiliza, mas sinto um nó no estômago ao saber que Rivera passou pelo pior inferno de sua vida.

— Alguns capangas eram particularmente mais leais a Damián por reconhecê-lo como um homem honesto, isso facilitou para que ele conquistasse a simpatia de algumas pessoas do cartel e ficassem do lado dele, e não do Hector. Essas pessoas possuíam famílias e necessitavam de emprego, moradia, e Damián pôde oferecer-lhes um novo começo, pois ele havia guardado dinheiro ao longo dos anos — detalha. — Saíram do México e estabeleceram-se na Colômbia, residindo por muitos anos em Bogotá. Hector só não o encontrou por acreditar que Damián havia morrido e que seus homens tinham dado um fim ao corpo dele. Só que a verdade sempre vem à tona, cedo ou tarde.

— É uma história triste, mas o que eu tenho a ver com a vingança de Damián contra seu primo? — questiono.

— Ele tinha uma filha, e eu, um filho que estava destinado a ser o meu sucessor. Anos depois, Damián veio até mim quando você tinha quase cinco anos. Foi nesse momento que ele me ofereceu a mão de sua filha para ser minha nora quando completasse dezoito anos. Ele sentia que me devia algo por ter salvado a sua vida, e, como gesto de gratidão, propôs que Mía fosse prometida ao meu filho. Para você — revela.

— O senhor mencionou anteriormente que Damián e você fizeram um acordo para enfrentar um inimigo em comum, mas agora parece que há outra versão da história? — pergunto, ainda confuso.

— Não poderia abordar você de maneira agressiva, Austen. Por favor, ouça-me e então faça o seu julgamento — pede, abrindo a maleta e retirando

um documento de lá, que joga em minha direção.

— Nosso plano para acabar com o Hector surgiu depois da visita de Damián aqui na Inglaterra. Vimos a possibilidade de manter essa aliança com o seu casamento com a Mía quando chegasse a hora, além de eliminar o Casillas — revela.

Ao pegar o documento, percebo que suas folhas parecem ser muito antigas e as letras quase apagadas.

— Este é o contrato de vocês? — pergunto, notando o destaque para a frase "contrato confidencial".

— Sim.

A primeira linha estabelece que é um acordo a ser mantido entre os dois, e caso haja envolvimento de terceiros, poderá haver quebra do contrato. Significa que minha mãe não está a par de nada, porém, meu pai não esconderia algo tão relevante dela. Eles são o casal mais cúmplice que já vi, exceto talvez pelos meus tios e suas esposas.

Não consigo ler todas as cláusulas, mas é um contrato no qual meu pai e Damián se beneficiam. Damián deu sua filha em casamento para mim e, embora meu pai não precisasse dar nada em troca, ele cedeu a Damián uma parte de nosso território, a cidade de Brentford, para que ele expandisse seus negócios conforme desejasse. Embora não estivesse escrito, dava a entender que o uso de drogas também era permitido. Entre as cláusulas, Killz não se envolve na gestão do amigo, mas concorda em dar a meu pai uma porcentagem de seus lucros mensais.

Ao encontrar uma cláusula que chama minha atenção, percebo que minha união com Mía deveria ocorrer quando ela completasse dezoito anos. No entanto, esta condição foi quebrada, já que Mía saiu da Inglaterra antes de atingir a maioridade, logo após minha visita ao bordel três anos atrás. Será que teríamos completado dois anos de casados? Ou nem chegaríamos a esse estágio? Não temos como saber.

— O que presenciei e ouvi já basta. Vamos direto ao ponto, pai. — Pela primeira vez, testemunho Killz James Knight engolir em seco diante de mim. — O que está acontecendo depois de vinte anos para que o senhor me conte sobre o passado de Damián e o fato de que o destino meu e de Mía já estivesse selado sem que tivéssemos a mínima noção? — Entrego-lhe o contrato. — De acordo com uma cláusula aí, eu já deveria estar casado, mas algo saiu errado em seus planos para que isso não se concretizasse, não é mesmo? — Solto uma risada, indignado com tamanha covardia por ser o último a saber desse acordo entre Rivera e Knight.

— Você, sua irmã e seus primos desfrutaram de anos tranquilos, porém, esse período de paz foi conquistado com muito derramamento de sangue, seja de membros da família, inimigos ou até mesmo supostos amigos. Agora que vocês cresceram, compreendem que em nosso mundo, por vezes, a honra exige ser lavada com sangue. — O olhar firme dele desperta em mim um

sentimento de inquietação. — Estamos à beira de um confronto com o cartel de Hector Casillas, Austen, uma guerra que ceifará muitas vidas, talvez a minha também. Por isso, chegou o momento de você assumir meu lugar na organização.

Surpreendido, não consigo esconder minha expressão, refletindo choque e perplexidade. Meu pai está insinuando que sua morte pode estar próxima e deseja assegurar que estarei preparado para liderar.

— Damián e Hector compartilham uma madrinha em Bogotá. Faz uma semana que don Casillas, durante uma visita a essa madrinha, descobriu que o primo sobreviveu ao atentado. Hector não visitava a madrinha há anos, mas decidiu surpreendê-la recentemente e, com isso, descobriu que seu inimigo ainda está vivo, e também ficou sabendo do casamento de Mía com você, que é filho de um homem que parou de fornecer mercadorias a ele e que fechou várias portas de fornecedores nos Estados Unidos — explica meu pai, enquanto coça a barba grisalha e bem-aparada.

— É curioso que esse homem tenha se lembrado da madrinha depois de duas décadas. Não acha que pode haver algo mais por trás disso, pai? — Começo a sentir dor nas costas, me levanto da cadeira e massajeio minhas têmporas.

Killz nega.

— Antes mesmo de Hector descobrir que seu primo está vivo, um dos frequentadores do bordel fez questão de espalhar a fofoca. O Las Chicas ganhou muita fama, atraindo clientes de todos os lugares, como você bem sabe — comenta em voz baixa, e não posso discordar, aquele lugar possui mulheres de alta qualidade. — Hector apenas quis confirmar com a madrinha, mas a senhora acabou deixando escapar a informação sem querer, revelando o paradeiro do afilhado e, ao saber que ela tinha contato com Damián, foi brutalmente assassinada. — Meu pai se levanta também. — A viagem dele foi para a Colômbia, e a essa hora provavelmente está cuidando do enterro dela. Damián só ficou sabendo da morte da mulher porque Hector arquitetou tudo, deixando a porta da casa aberta para que o cheiro do cadáver se espalhasse, de modo a chamar a atenção dos vizinhos antes que a polícia fosse alertada. Assim, a notícia se espalhou até que um dos capangas de Damián, que vive em Bogotá, passou para ele a notícia.

— Por causa da morte desta senhora, vocês supõem que o homem deseja buscar vingança?

— Damián, antes de embarcar, buscou confirmação com o seu homem de confiança, e encontrou uma mensagem endereçada a ele. — Killz retira o celular do bolso e o manipula por alguns instantes, até me mostrar uma foto contendo uma mensagem escrita com sangue, presumivelmente da vítima, dizendo “Os anos se passaram, mas a minha vingança permanece. Aguarde por mim, *cabrón*”.

— E o que te assegura que Hector também queira te eliminar? Talvez o

homem queira apenas Damián, e o senhor está interpretando de forma equivocada. — Utilizo meu lado mais racional para expressar minha opinião, nos desesperarmos por algo infundado não é sensato.

— Eu fodi os negócios do homem com apenas algumas ligações usando a minha influência, parei de fornecer armas, salvei a vida daquele que o traiu e teve uma filha com sua prostituta favorita. Muitos motivos para don Casillas desejar minha cabeça ou a de qualquer membro da Knight para satisfazer sua sede de vingança — fala mais diretamente agora.

Meus olhos se arregalam diante da linguagem crua que ele tem evitado.

— Tudo bem. Vamos encontrar uma solução para essa situação. Meus tios estão cientes disso? Sabem da sua ligação com Damián? — Estudo a situação.

— Todos estão informados há cinco horas. Convoquei uma reunião e expliquei a situação a todos — responde, e eu assinto com a cabeça.

— Como foi possível esconder algo tão sério de nós? O mais surpreendente é saber que meus tios só ficaram sabendo dessa bomba agora. — Tento me acalmar, andando de um lado para o outro.

— Eu sou o chefe, Austen, consigo esconder muitas coisas quando é necessário. Há informações que prefiro não revelar. Naquela época, parecia ser um detalhe irrelevante, não vi motivo para trazer à tona algo pessoal que não nos afetaria em nada. Meus soldados e algumas conexões externas resolveram, porém, as coisas mudaram drasticamente agora. Essa guerra pode ter impactos em toda a nossa família, desde as crianças até os adultos — explica sem hesitar.

— Claro, o senhor sempre consegue o que quer, quando quer. Como posso confiar em você, depois de anos de mentiras? E se essa história for mais uma de suas manipulações para me moldar do jeito que achar conveniente? — Sorrio, sem revelar emoções.

— Estou sendo honesto, meu filho. Tenho meus limites, e jamais colocaria minha família em perigo para alcançar algo em você que já existe há muito tempo, o poder da liderança. Saiba que nunca se tratou de manipulação te tornar uma marionete ou rir de você. Eu precisava saber se você estava adequado para assumir o meu lugar, te desafiei, testei suas capacidades para obter informações sobre o passado de Damián, avaliei sua habilidade para liderar a máfia. E você passou com louvor no teste. — Ele se aproxima de mim e coloca a mão em meu ombro. — Não quero que tenhamos o mesmo destino, Austen. Tive que assumir cedo a liderança da organização, principalmente cuidar de seus tios, que eram mais jovens. Naquela época, perdemos nossos pais e a responsabilidade recaiu sobre mim. Se em algum momento Hector conseguir me matar, desejo ter passado a liderança para você antes de partir. Acredito que Kurtz teria feito o mesmo se pudesse. — Suas palavras sobre meu avô me afetam, mas mantenho minha postura séria e firme.

Ele não está mentindo, seus olhos, suas emoções... meu pai se expõe para mim como nunca fez.

— Você deseja morrer, Killz? Nunca vi você tão desencorajado. O chefe inabalável que conheço nunca abaixaria a cabeça — digo, e apoio em seu ombro.

— Hector possui muitos homens, eu também, mas derramar sangue inocente nesse momento não é uma opção viável. Se fosse antes, eu faria sem pestanejar, mas temos seus primos, que ainda são crianças. Temos nossas condutas, não matar crianças, mas o cartel é diferente, eles matam sem se preocupar com a inocência ou não.

— E o que posso fazer para ajudar? Sei que não quer apenas me entregar sua posição na máfia. — Olho profundamente nos seus olhos.

— Preciso que se case com Mía o mais rápido possível, é uma garantia para Damián caso ele também morra, de que sua filha não ficará desamparada.

Não sou pego de surpresa com o pedido, nem estou inclinado a rejeitá-lo. Lembro-me da conversa que tive com o meu primo sobre fazermos nossas próprias escolhas.

— Qual é o prazo que temos? — Pressiono os lábios.

— Se for possível, em uma semana, e no mesmo dia da cerimônia, junto ao conselho, você será nomeado como o nosso novo líder.

Eu me afasto dele.

— Você percebe que só se preocupa em me tornar o próximo chefe e me casar? E você? Não se preocupa com a sua vida? E quanto ao Hector? — Vou até o aparador, pego uma bebida e ofereço ao meu pai, que recusa.

— Damián e eu já planejamos o que faremos com ele. Ele estará de volta amanhã, mas já deixei alguns soldados preparados — diz, voltando a se sentar.

— Vai deixar meus tios, Dylan e eu de fora? — Volto para a minha cadeira e dou um gole na bebida.

— Sim.

— Isso só vai acontecer se passar por cima do meu cadáver, pai. Você nunca deixou meus tios de fora de nada, sempre foram unidos. Mas tudo bem, vou atribuir à velhice que está chegando e te perdoo. — Aperto os dedos em volta do copo.

— Você terá a cabeça do Hector Casillas, mas não será apenas com a ajuda do Rivera. Esse indivíduo pode ser imponente lá no território dele, mas no nosso, ele é insignificante, a porra de uma formiga. O fato de ser um problema do seu passado não significa que iremos virar as costas só porque deseja isso — afirmo, batendo o copo na mesa. — Nós somos os Knight e sempre estaremos lá um pelo outro, o laço sanguíneo fala mais alto. E se for

para morrer lutando, morreremos todos juntos.

O orgulho brilha nos olhos do meu pai.

— Vou cumprir a promessa, me casar com Mía, assumir a liderança e, em seguida, traçar um plano para derrubar Hector de uma vez por todas — declaro com firmeza. — O que você e Damián planejavam para se livrar deste rato? — pergunto.

— Pretendíamos invadir o território deles antes que chegassem ao nosso.

— Vocês vão mudar o percurso — sugiro, chamando a atenção dele. — Sempre teremos a vantagem em nosso território, conhecemos cada canto aqui. No México, Hector estaria em vantagem por estar em casa, o que resultaria na perda de muitos soldados para nós. Conhecemos as rotas de fuga daqui, mas lá não, seria como pedir para sermos mortos — compartilho minhas ideias.

— Está correto — concorda, permitindo que eu continue.

— Precisamos manter a lucidez, pensar de forma clara. Jamais devemos mexer em um vespeiro. Sugiro que deixemos Hector nos visitar, ele estará em nosso território e serão nossos prisioneiros. Temos atiradores habilidosos, é só posicioná-los nos lugares certos e teremos muitos inimigos mortos antes de nos atacarem.

— Você é bom nas estratégias — ele conclui, orgulhoso.

— Sou bom em muitas coisas. Sou um Knight.

— Eu reconheço. — Inclina-se para a frente e analisa-me por um tempo prolongado.

— Há algo mais que deseja me contar?

— Não está relacionado com o que estamos discutindo agora, trata-se de você e Mía.

— Não esconda nada de mim. Pode falar, estou ouvindo — peço.

— Damián e eu tínhamos planejado falar com vocês no ano seguinte sobre o casamento, porém, o seu comportamento no Las Chicas não estava agradando o seu futuro sogro. Ele preferiu que a filha se afastasse de você por alguns anos até que você tomasse jeito, no entanto, a situação só piorava. Então, decidimos que seria mais benéfico deixar Mía fora do país e, assim, concordamos que vocês se casariam quando ela retornasse.

— Três anos mais tarde. Não sei se me tornarei o genro ideal para o Rivera — comento sem um traço de humor, mas meu pai acaba gargalhando.

— Ele até gosta de você, mesmo que às vezes sua personalidade difícil o incomode. — Continua sorrindo.

— Não, ele não gosta.

— Em breve vai ver que não estou mentindo — comenta.

— Essa merda é estranha, ainda não consigo acreditar que você e o Damián são amigos — resmungo.

— Pois é, somos.

— Preciso verificar a saída dos soldados para o envio das mercadorias, já volto. — Lembro-me ao olhar para a tela à minha frente.

— Tenho que voltar para casa, a sua mãe decidiu convidar todos da família para jantar, e você está incluso nesse convite — informa, se levantando e pegando sua maleta.

— Não sei se vou poder ir, preciso passar em Brentford para ver a Mía — aviso, passando por ele e indo em direção à porta.

— Leve-a — aconselha.

— Vou tentar. — Comprimo os lábios, saindo da sala e sendo seguido por meu pai.

— Senhor Austen, estamos prontos para despachar as mercadorias. Alguma orientação? — pergunta um soldado, se aproximando quando passo pelas portas do galpão.

— Sigam as rotas habituais, não parem para dar informações a estranhos ou ajudar pessoas na estrada. Pode ser uma estratégia para roubar as cargas — recomendo.

O soldado confirma, comunica-se com os outros pelos rádios em seus ouvidos e os caminhões partem um atrás do outro.

— Se for levar a Mía para o jantar, nos avise para colocarmos mais um prato na mesa, a Brey odeia surpresas, sabe como sua mãe é. Ah, antes que me esqueça, tenho algo para você. — Ele enfia a mão no bolso e tira uma caixinha de lá, é da minha mãe. — É um anel que dei a sua mãe há alguns anos, quero que passe para Mía, como uma tradição — ele acrescenta.

Não digo nem que sim e nem que não, pego o objeto sem abrir e guardo.

— A Kitty vai ficar com ciúme, deveria ter dado ele para a sua garotinha — brinco, ele ri.

— A minha garotinha já cresceu há muito tempo, Austen, ela vai entender.

Hm, sinto cheiro de merda sendo jogada no ventilador. O tom dele é como se acusasse algo. Espero que Dean seja tão corajoso quanto se mostra ou ele vai perder as bolas.

— Obrigado — agradeço, percebendo que fazia anos que não tínhamos um momento tão pai e filho.

— Não agradeça. Até logo. — Ele se afasta, seguindo até o seu carro estacionado a alguns metros.

Faço o mesmo, sigo para o meu. Ligo o carro e deixo o galpão em alta

velocidade. Meu destino é Brentford essa noite, aliás, é os braços de Mía Rivera. A única coisa que eu buscaria naquele lugar todos os dias.

19



AUSTEN

Estaciono o carro em uma vaga destinada aos clientes VIPs e observo alguns soldados de meu pai espalhados pela propriedade de Damián. A versão da história de Killz se fortalece ainda mais, nunca presenciei nossos homens trabalhando para o Rivera.

Os minutos que passei na estrada foram úteis para refletir e organizar meus pensamentos. Agora, mais do que nunca, estou preparado para reivindicar Mía como minha mulher. Não há mais desculpas para que ela fuja de mim, estamos destinados um ao outro desde a infância, e de alguma forma, mais cedo ou mais tarde, nos encontraríamos, fosse nos amando ou nos odiando.

Dylan está correto, é nossa responsabilidade como herdeiros honrar nossa família, e a diferença entre mim e meu primo é que a mulher com quem vou me casar me interessa profundamente, enquanto a dele será uma escolha da avó, alguém que nunca viu ou sabe o nome. Ele poderá não gostar do que vai encontrar, mas eu tive a sorte de gostar de Mía bem antes e não me sentir obrigado a essa união.

Alguém bate à minha janela e eu volto a mim, direcionando-me ao som. É um dos soldados do meu pai, segurando um celular.

Respiro fundo e abro a janela.

— Senhor Austen, é o chefe na ligação. — Ele me entrega o aparelho e se afasta.

— Estou escutando — digo, assim que coloco o telefone na orelha e observo os soldados atentamente.

— Não mencione nossa conversa para Mía, ela não sabe sobre a madrinha do pai ou qualquer história que compartilhei. A garota é tão inocente quanto você — diz Killz, num tom sério e preocupado.

— Se está preocupado que eu tenha o mesmo comportamento que você com minha mãe, não se preocupe. Não tenho interesse em repetições. Prefiro apostar na autenticidade. Mantenha a calma, Killz, não vou usar a Mía para punir o pai dela ou o senhor, garanto que posso fazer melhor do que isso.

Encosto a cabeça no banco, ouvindo sua respiração pesada do outro lado da linha.

— Eu sei disso, Austen. Saiba que nunca subestimei você. Se fiz o que fiz, foi para ter certeza de que poderia confiar a você o seu lugar na organização antes do prazo esperado. Você me surpreendeu, filho — justifica, repetindo o que já havia me dito algumas horas antes. — Se estivesse em meu lugar, permitiria que eu assumisse facilmente o controle de um negócio que vem de gerações? De alguma forma, você ocuparia meu lugar, mas antes precisaria ver o mérito, e eu vi mais do que isso, Austen.

— Compreendi o que você quis dizer, não precisa se explicar. — Saio do carro, verifico minhas armas no coldre e pego a sacola da loja onde comprei o celular para Mía no banco de trás. — Foi um teste e fui aprovado, assunto encerrado. Temos coisas mais importantes para nos ocuparmos nos próximos dias.

— Sim, temos. — Ele suspira.

— Amanhã conversamos. Marque uma reunião com meus tios na empresa, mas diga a eles para não deixarem margem para que suas mulheres descubram algo errado — instruo-o.

— Farei isso. Não se esqueça do jantar mais tarde.

— Vou tentar. — Fecho a porta do carro e caminho até o soldado que me entregou o celular.

— Está bem. Até amanhã ou mais tarde. — Deixo que ele finalize a ligação, então devolvo o aparelho ao soldado e o agradeço.

Seguindo em direção à entrada do bordel, percebo que quase todos os soldados de Damián foram substituídos pelos da minha família. Eles me reconhecem e liberam minha passagem.

Caminho em direção ao salão principal e percebo que tudo está parado. Neste horário, os funcionários já deveriam estar se preparando para receber os clientes, porém, não vejo ninguém, as luzes estão quase todas apagadas. As cadeiras estão viradas de cabeça para baixo sobre as mesas.

Ao me aproximar, ouço uma música clássica tocando em um volume moderado. Sigo o som e me deparo com o palco vazio, uma caixa de som portátil no canto e sapatilhas de cor creme espalhadas. A única pessoa que costuma ouvir esse tipo de música nesse lugar é a Mía, no entanto, ela não está presente. Procuro por ela ao redor, mas não a encontro em lugar algum.

— Precisa de alguma coisa? — Uma voz feminina chama a minha atenção.

Me viro e reconheço a bartender, a alguns metros de mim, perto da porta de onde as dançarinas saem para fazer suas performances. Ela está vestida de forma casual, diferente do que usaria durante o expediente no bordel.

— Vim ver a Mía, mas não a encontro.

— Ela foi ao escritório do pai buscar algo, logo volta — explica a mulher, apoiando-se na parede e me encarando desconfiada.

— Não vão abrir hoje? — pergunto, observando ao redor.

— O chefe ligou pedindo para não abrirmos e dispensou todos os funcionários. — Pigarreia e olha para a parede como se não quisesse me encarar por mais tempo. — Você vai demorar por aqui? — sonda-me.

Fico desconfiado com o seu súbito interesse.

— Algum problema se eu disser que sim? — Estudo sua expressão e ela empalidece.

— Não, claro que não! Quer alguma bebida? — oferece.

— Não vim para isso, obrigado — agradeço-a, pego o celular do bolso e acesso o aplicativo de monitoramento das câmeras que Dylan instalou na sala de Damián. Vamos ver por que Mía está demorando tanto.

— Tudo bem. Mía não deve demorar, com licença. — A bartender vira as costas e some ao empurrar as portas duplas.

“O que está fazendo, *cabrón*?”

Fico encarando a tela do celular ao ouvir a voz de Mía soando desesperada, atrás da mesa do pai, com o corpo quase encolhido. Ela está como eu imaginava, com o cabelo arrumado em um coque e vestindo um collant branco, como uma bailarina.

“Se chegar perto, eu grito.” Adverte ela, segurando um porta-canetas. Só então percebo para quem são suas palavras ao ver um homem baixo e mais velho se aproximando.

“Ninguém vai te ouvir. O seu pai mudou os homens de confiança dele, e esses idiotas que estão aí fora nem vão se importar se eu comer a sua boceta.” Ameaça o homem.

Esse desgraçado acaba de assinar sua própria sentença de morte. Como Damián pôde ser tão descuidado? Deixar sua filha desprotegida dessa forma? Se a câmera não estivesse instalada em sua sala, ele teria conseguido agir contra Mía sem ninguém perceber.

Deixo o celular e a sacola em cima de uma mesa, então pego minha arma no coldre e vou em direção ao escritório de Damián. Meu plano de ser romântico essa noite vai por água abaixo. O cenário tranquilo que eu queria proporcionar a Mía será substituído pela imagem do capanga do pai dela se afogando em seu próprio sangue, por ter mexido com alguém que nem

deveria olhar.

Meu primeiro impulso ao parar em frente à porta é chutá-la para abrir e já empunhar a arma. Os gritos de Mía assim que a porta é arrombada me dão mais adrenalina para acabar com o desgraçado, que encontro segurando uma faca atrás dela, pressionando-a no pescoço. O homem me encara com os olhos arregalados e o rosto pálido, como se realmente pensasse que ninguém viria para salvar a filha do seu chefe e a tomaria à força.

— Austen — sussurra Mía para mim, com lágrimas nos olhos e os lábios trêmulos.

— Quem você pensa que é, invadindo desse jeito, seu rato? — Ele me desafia, e eu rio, ao me sentar no sofá encostado na parede.

— Sou o homem que vai te matar — afirmo, percebendo que a angústia de Mía desapareceu. Ela confia em mim, sabe que nada de mal irá acontecer com ela, mesmo sendo mantida refém por um tarado de merda. — Mas serei gentil, te dou dois segundos para sair por aquela porta e correr o máximo que puder. Vou contar até dez, então te persegurei como um animal faminto, só pararei quando seu corpo perder a cor de tanto sangue que derramarei de você — rosno, controlando toda a raiva que ferve em mim. Se Mía não estivesse na frente dele, descarregaria a minha arma nesse porco.

— Você não pode exigir nada de mim, estou em vantagem, ou quer que eu mate essa vadia? — diz o sujeito cujo nome desconheço e prefiro não saber, depois de morto não terá mais importância.

— Se ela for insultada de novo, arranco suas bolas e enfio em seu rabo com tanta força que elas vão sair por sua boca. — Sorrio para ele.

Observo atentamente ao meu redor em busca de um movimento estratégico e avisto um expositor de facas do outro lado da sala. Levanto-me enquanto o capanga de Damián arrasta Mía. Ele para longe de mim, ciente do que o aguarda, mantendo uma leve esperança de escapar do seu cruel destino.

— O que diabos passou pela sua cabeça ao tocar na filha do seu chefe? Você tem ideia de que está cavando a própria cova? — Guardo minha arma no coldre e me aproximo da estante com livros enfileirados, deslizando os dedos sobre a poeira, encarando o homem que desafia minha autoridade.

— Vou matar essa piranha, saia daqui! — ele grita, mudando a posição da faca para a cintura de Mía.

Aproveito o momento para pegar a menor faca do expositor, escondendo-a habilmente na palma da minha mão junto ao punho.

— Qual é o seu nome? Pensei que não precisaria saber, mas parece que essa conversa vai ser longa e entediante. — Deixo escapar um suspiro pesado, trocando olhares com Mía, que logo entende que em breve estará livre.

— Pascual, *cabrón*! — Seu tom orgulhoso me faz rir, dando-me a

oportunidade que eu queria para me livrar dele sem muito esforço.

— Imagino que deve ser frustrante ter um nome tão feio, mas combina com você, faz jus. — Desdenho, abrindo caminho para que ele se ofenda e libere Mía, antes de me atacar. — Quem te deu esse nome? Sua mãe? Ela só pode te odiar, meu amigo. — Faço uma expressão de pena.

Alcanço meu objetivo mais rápido do que esperava, o homem se afasta de Mía e avança em minha direção com ódio evidente em seu rosto. Observo Mía pegar um objeto na mesa, mas a faço entender com um gesto que deve permanecer quieta. Seus olhos refletem o pavor diante do homem pronto para me atacar.

— Não mencione minha mãezinha, ela já faleceu!

— Deve ter sido de tristeza — resmungo, desafiador, ao notar seu rosto ficar vermelho.

— Vou acabar com você, maldito! — ameaça, e eu observo seus movimentos.

Ele deixa a faca cair no chão, e antes que possa sacar a arma da cintura, lanço a faca em seu peito, forçando-o a dobrar-se. Rapidamente pego minha arma no coldre, disparo um tiro de raspão em sua perna direita para evitar hemorragia precoce e, assim, vejo-o cair aos meus pés gemendo.

Aproximo-me de Pascual, que se contorce de dor, e o empurro com minha bota robusta, pressionando seu ombro que tem a faca cravada.

— Valeu a pena bancar o fodão, Pascual? Repare só onde você se encontra agora, aos meus pés, gemendo como um fraco, mesmo podendo ter evitado tudo se tivesse largado minha mulher quando eu pedi. — Me abaixo ao seu nível e seguro seu pescoço, observando o brilho de coragem em seu rosto.

— Me solte e verá do que sou capaz! — ele diz, confiante, enquanto eu o desarmo, arremessando suas armas para longe.

Esse homem pode estar em uma situação complicada, mas possui um maldito orgulho que o impede de ceder. No entanto, eu sou aquele que sabe como levar qualquer um ao limite.

— Mía, saia daqui. O que farei com esse homem não será agradável para os seus belos olhos. — Ergo o rosto para encará-la e a vejo negar com a cabeça.

— Não vou te abandonar, ele pode te ferir e... — A preocupação dela massageia meu ego.

— Bird — ergo-me, segurando minha arma e me aproximando dela para acariciar seu rosto com ternura —, o único que sairá ferido daqui será ele. Se você me prometer que cuidará de mim se eu me machucar, eu permito que ele me dê alguns socos só para receber toda sua atenção. — Pisco para ela, que fica brava ao me bater no peito.

— Você... — Ela se cala quando ouvimos um telefone tocar.

Por cima do ombro, observo Pascual tentando localizar o aparelho em seu bolso.

Quem está ligando? Damián ou algum possível mandante? Esse homem não arriscaria sua vida agindo com tanta ousadia. Qual é o seu verdadeiro objetivo? Eu vou descobrir.

— Saia agora, Mía — peço, sem deixar espaço para ela recusar. Imediatamente, a garota deixa o escritório sem olhar para trás.

O celular para de tocar, já na mão do homem, que tenta sair da sala. É tolice acreditar que poderá escapar.

— Onde pensa que está indo? Não se canse — murmuro, observando o rastro de sangue que ele deixa. Pascual geme enquanto se arrasta. Rindo de sua inútil tentativa, aproximo-me e o seguro pela gola.

— Quem está ligando? Damián ou outro chefe? — questiono, evitando mencionar Hector Casillas, que ocupa meus pensamentos.

— Vá se ferrar! — o homem responde rapidamente.

— Me dê o celular — peço, inclinando seu corpo para trás.

— Experimente pegar, maldito! — ele desafia, segurando firmemente o aparelho.

— Com esse jeito agressivo, não irá longe, embora não fosse tão longe de qualquer maneira — comento, enquanto seguro a faca e a tiro de seu corpo.

Ele grita e deixa o celular cair.

— Você vai ficar sangrando, a dor será como uma lição para que possa ser mais obediente. — Empurro-o e chuto sua costela várias vezes, provavelmente quebrando alguns ossos.

— Ahhhh — Pascual grita, e eu rio ao vê-lo se deitar de barriga para baixo.

— Você é um fraco, chorão. — Com um tom contido, pego o celular e me sento em suas costas, ouvindo-o tossir e se sufocar com meu peso. — Um celular descartável... será que há algo a esconder? — Observo o aparelho em minha mão e verifico o número que ligou alguns minutos atrás.

Touché. É um código de ligação do México. Embora não seja uma prova conclusiva por enquanto, o fato de o dono ser mexicano e usar um celular descartável indica algo importante a ser ocultado.

— Você está traindo a confiança do Damián com quem? — pergunto ao levantar-me.

O homem já respira lentamente, porém, não merece morrer dessa maneira. Seria um fim fácil demais, afinal, Pascual ainda não me compensou pelo que fez com Mía.

— Fique aí quietinho, vou descobrir quem é a pessoa que estava te ligando — digo, enquanto pressiono o número sem nome e faço a ligação.

— Então, me dê boas notícias, Pascual. Você conseguiu estuprar a filha do traidor do Damián até a morte? Espero que depois você tenha deixado a vagabunda irreconhecível para o desgraçado sofrer. — A voz pertence a um homem mais velho que fala em espanhol, e embora eu não seja fluente na língua, consigo entendê-lo um pouco. Talvez seja Hector, mas é apenas uma suspeita.

— Não foi dessa vez e nem será. O seu homem está prestes a morrer — informo, misturando meu inglês com o seu espanhol para que ele ao menos consiga compreender algumas palavras, antes de pressionar meu pé no pescoço do Pascual com força, levando-o a gritar novamente. — Está ouvindo isso? É o traidor tendo seu pescoço esmagado pelo meu pé. — Dou um sorriso gélido, observando o capanga traidor de Damián começar a sufocar e se contorcer como se já estivesse agonizando.

— Quem é você? — pergunta o homem cujo nome ainda desconheço, já falando em inglês.

Afasto-me um pouco de Pascual quase envolto em uma poça de sangue, e inspiro profundamente.

— Faça as honras e se identifique. — Fito Pascual que está tentando alcançar seu pescoço, porém ele se encontra fraco demais para resistir.

— Hector Casillas, e você, quem é? — indaga, fazendo a adrenalina percorrer minhas veias ao confirmar minhas suspeitas.

O miserável tinha um informante infiltrado entre nós.

— Austen James Knight, o futuro líder da máfia inglesa e marido de Mía Rivera, a garota que era para o seu capacho estuprar — eu me apresento, notando a dificuldade do homem em respirar.

— O famoso primogênito de Killz está prestes a se casar com a vadia da minha enteada. Você é mais famoso do que seu pai, jovem, ouvi dizer que você não hesita em agir. — Ele ri.

Repugnante.

— O que pretendia ao ordenar que Pascual matasse Mía, Casillas? Você é do tipo que sacrifica inocentes para ganhar uma guerra, não é? Mas não surpreende, especialmente considerando a espécie de pessoa que você é. — Ignoro seu tom sarcástico.

— Você não conhece nada sobre mim, garoto, e é melhor ter uma conversa civilizada comigo ou eu acabo com você antes mesmo de conseguir ocupar o lugar do seu pai traidor — ele ameaça, e não consigo conter meu riso amargo.

— Fazer ameaças é fácil, Casillas, o difícil é agir. — Apoio o celular em meu ombro, focando em Pascual que está à beira da morte. Desloco-me à

frente de seu corpo caído no chão, com braços e pernas estendidos, retirando a arma do coldre. — Mas para incentivar seus atos covardes, te ofereço meu endereço, embora você já o tenha. — Aponto a arma na direção do membro do estuprador desgraçado e disparo três vezes, estourando seus órgãos genitais, destruindo sua masculinidade.

Gritos ecoam incessantemente, Pascual chega a perder a voz. Quando ele cospe sangue e seus lábios tremem, um prazer sádico desperta. Rio, observando o homem à minha frente lutar por uma vida que lhe foi tirada no momento em que cruzou o limite do que é meu.

Com determinação, alcanço o braço de Pascual e piso firme, atirando logo em seguida entre sua axila, expondo sua carne e osso como se fosse carne moída ensanguentada.

— Diga adeus a don Casillas, ou melhor, nem tente, pois mal consegue articular uma palavra. — Com precisão, miro em seu rosto, saboreando a dor refletida em seus olhos apavorados, o que me traz conforto e satisfação.

Até breve no inferno.

Estouro um globo ocular e o sangue jorra, expelindo uma série de porcarias, repetindo o processo com o outro, mesmo sabendo que o homem já não respira. Um mar de sangue se espalha ao redor. Pascual é agora uma maldita fonte de líquido vermelho, e nada me é mais prazeroso do que contemplar o cadáver.

— Ainda aí, Hector? — Aproximo-me da mesa de Damián e ouço passos rápidos pelo corredor.

— Você é insano, rapaz, mas não se meta em algo que não lhe diz respeito. Eu só quero dois traidores, seu pai e Damián, mas você está pedindo para ser incluído na minha lista — ameaça com frieza, porém, não me abalo, ele só mostra força com seus capangas.

Dean aparece com três soldados ao seu lado, e ao se deparar com a cena, seus olhos se arregalam enquanto me encara, aguardando uma explicação. Faço um gesto para que aguarde.

— Você não me conhece, Hector, tenho um monstro dentro de mim que adora se manifestar com pessoas como você, e não duvide nem por um segundo que posso te fazer uma visita qualquer dia desses, para te fazer engolir essas ameaças inúteis. — Deixo claro, reforçando a ideia inicial que sugeri a meu pai para trazer nosso inimigo para o território da família. — Saiba que nem você nem seus homens podem me deter quando estivermos cara a cara.

Ele ri do outro lado.

— Tenho sessenta e cinco anos de vida bem vividos, não adianta me desafiar para uma batalha que só resultará na sua derrota, garoto. Já eliminei muitos inimigos, um jovem de vinte e cinco anos não conseguirá me destruir.

Desta vez, sou eu quem ri ao guardar a minha arma.

— Não temo você, Hector, nem ninguém. Estou aqui esperando por você, sabe onde me encontrar — murmuro ao perceber que os soldados estão entrando na sala a pedido de Dean para arrumar a bagunça que fiz.

— Você assinou sua própria sentença de morte, rapaz.

— Faço das suas palavras as minhas, Casillas. Você mexeu com algo muito precioso para mim, se atreveu a tentar tirar a mulher que eu queimaria o mundo inteiro por um fio de cabelo. — Minha mandíbula se contrai. — Agora, pode me considerar como seu pior inimigo. Não serão o seu primo nem meu pai quem irá te matar, serei eu. E quando esse dia chegar, desejará já ter partido desta vida.

Não espero sua resposta, encerro a ligação, deixo o telefone cair e o esmago sob meus pés até não restar nada.

— O que aconteceu aqui? — pergunta Dean, com o cenho franzido.

— Ele tentou atacar Mía — digo, avaliando minha calça suja de sangue.

— Com quem falava? — indaga o soldado, irritando-me com sua curiosidade.

— Devo confiar em sua lealdade ou também está do outro lado? — rebato sua pergunta com outra, deixando-o confuso.

— Não entendi. — Ergue a sobrancelha.

— É preferível assim. Você veio sozinho ou está com a Kitty? — pergunto, vendo os soldados erguerem o corpo ensanguentado. — Por acaso esqueceram como se trabalha? Pretendem sair deixando rastro de sangue pelo local? Estão com preguiça, porra? Tomem providências para fazer um trabalho bem-feito — repreendo-os.

— Sim, senhor — respondem os soldados, com expressão abaixada.

— Encontrem um saco para o corpo e limpem o sangue, não devem deixar vestígios desse imundo aqui dentro — ordeno, passando por Dean e saindo pela porta destruída.

— Sua irmã está com Mía. Quando chegamos, encontramos a garota chorando, logo depois ouvimos gritos e tiros. Ela queria vir, mas Mía disse que você não queria ninguém no escritório. — O namorado da minha irmã me segue pelo corredor.

— Estou realmente surpreso que você e Kitty não vieram antes, são bem intrometidos quando querem — comento, enquanto me encaminho em direção ao salão principal.

— Pelos gritos daquele homem, parecia bem claro que não precisa de companhia — diz, posicionando-se ao meu lado.

— Com medo de mim, Dean? — Rio, chegando ao salão ao seu lado e avistando as duas mulheres sentadas a uma das mesas.

Minha irmã está abraçando Mía e sussurrando algo em seu ouvido.

— Às vezes você consegue ser assustador, Austen — ele admite, sem traços de ironia.

— Tenho que concordar — murmuro.

Quando Mía levanta o rosto em nossa direção, larga minha irmã e se joga em meus braços, surpreendendo não só a mim, mas todos os presentes.

— Obrigada por ter me salvado, se não fosse você, eu... eu... — Soluça, apertando-me contra seu corpo e escondendo o rosto em meu peito. Sem hesitar diante da sua fragilidade, retribuo o abraço e deixo um beijo em sua cabeça, sentindo o perfume de seu cabelo cheiroso.

— Não precisa agradecer, apenas cumpra com meu dever. — Levanto seu rosto para que me encare nos olhos.

— Não, Austen. — Nega, com os olhos vermelhos.

— Sim, Mía. Vamos nos casar, serei seu marido, meu dever é proteger minha mulher de tudo e todos.

De repente, sua tristeza dá lugar a um brilho de felicidade.

— Você está perdoado mesmo que não mereça — diz Mía, mordendo os lábios.

— Se eu soubesse que precisaria matar alguém para ter o seu perdão, já teria feito uma trilha com vários cadáveres até a sua casa. Além de ser perdoado, aceitaria o meu pedido de casamento rapidinho. — Sorrio, e a minha futura mulher faz uma careta.

— Céus, meu irmão está sendo carinhoso, ainda que de forma estranha. Isso é um milagre! — diz Katherine, suspirando.

— Kitty, vamos dar um tempo para o casal, deixá-los conversar sozinhos — intervém Dean, prestativo.

— Tudo bem. Mía, Dean e eu vamos embora, mas passo aqui amanhã para conversar, combinado? Não posso voltar mais tarde porque tenho um jantar em família hoje — fala minha irmã, enquanto Mía concorda com a amiga.

— Não se preocupe, Kitty, obrigada por ficar comigo — agradece Mía, olhando para minha irmã.

— Te adoro, até amanhã! — diz Katherine, segurando a mão de Dean. Ele parece congelar com isso, como se eu pudesse impedir a minha irmã de fazer algo.

O casal nos deixa sozinhos e Mía se abraça mais em mim.

20



AUSTEN

O coração dela bate forte e seu corpo pequeno treme. Acaricio suas costas e decido levá-la para uma cadeira, então a coloco em meu colo, deixando-a sentada em uma das minhas pernas.

— Essa foi a primeira vez que ele tentou algo ou houve outras tentativas? — pergunto.

— Pascual nunca se aproximou de mim. Sempre foi reservado, conversava com todos, mantinha seu respeito. Em todos esses anos, nunca o vi olhar de forma estranha para mim até semana passada. — Ela respira fundo e os olhos se enchem de lágrimas.

— Ele mexeu com você, Mía? — Minha garganta seca e minha respiração fica irregular. Se pudesse, mataria o desgraçado duas vezes.

— Não, Austen, ele ficava me rondando pelo salão, me observando de forma estranha, estava em todos os lugares onde eu estivesse, mas nunca me dirigia a palavra. — Sua expressão é de desconforto. — Os dias foram passando e os olhares continuaram, até que fui pega de surpresa hoje, quando ele invadiu a sala do meu pai e começou a falar coisas estranhas sobre me achar bonita... — Sua voz vacila.

— Está tudo bem, eu entendi. Não precisa relembrar esse momento ruim. — Acalmo-a, tocando seu rosto com delicadeza.

— Quando te vi à minha frente, me senti tão protegida. Pode parecer loucura, mas naquele instante, quando você olhou nos meus olhos, soube que nada de ruim iria me acontecer, mesmo com o Pascual segurando a faca contra o meu pescoço — confessa, com um olhar encantado.

— Você pode ter certeza de que eu nunca permitiria que aquele homem te machucasse. Ninguém, na verdade. — Acaricio suavemente a lateral do seu rosto.

— Apesar de você não achar necessário, devo agradecer e perguntar

como soube o que estava acontecendo lá dentro para chegar arrombando a porta.

Não posso contar que monitorei o escritório do pai dela com as câmeras implantadas pelo Dylan.

— Aquela garota do bar me informou que poderia te encontrar lá, e ao me aproximar da porta, ouvi suas vozes. — Não revelo a verdade, mas também não minto.

Ela apenas balança a cabeça.

— O que veio fazer aqui?

— Trazer duas coisas para você. — Acaricio sua coxa exposta e ela se arrepia.

— Acredito que uma delas seja o celular. — Mía sorri, travessa e mais relaxada.

— E por que pensa isso? — Sorrio, segurando-a pela cintura.

Ela gargalha, jogando a cabeça para trás.

— Você é tão persistente, enviou esse bendito celular através do seu soldado várias vezes, e conhecendo você, jamais acreditaria que desistiria tão facilmente. — Espalma a mão em meu peito.

— Que sorte que me conhece, ratinha. — Uso o apelido para provocá-la e levo um tapa no peito. — Nos últimos dias, você tem sido bem malvada comigo — brinco, arrancando o mais lindo sorriso dela.

— Você é que está pedindo! — retruca, tentando soltar-se dos meus braços.

— Primeiro, você me feriu com a minha própria faca, destruiu meu carro caríssimo e passou uma semana me evitando. Mereço isso? — digo, diante da sua expressão envergonhada. — Pelo menos minha mão já se recuperou. — Ergo-a no ar, exibindo a pequena cicatriz da sutura recém-removida.

— Usando os mesmos argumentos? Não retiro o que disse sobre merecer tudo isso. — Ela arrebita o nariz.

— Criei um monstrinho. — Levo a mão ao coração, fingindo dor.

— Dos piores — concorda, saindo do meu colo.

Aproveito para dar um tapa na bunda dela, e ela reclama com um “ai”.

— Você merece uma lição por ser uma garota má. — Eu me ergo também, e ela não entende até ser colocada em meu ombro e receber outro tapa.

— Ai, Austen, isso dói! — ela resmunga, batendo em minhas costas e balançando as pernas.

Passo pela mesa onde deixei a bolsa. Pego meu celular, que está no

mesmo lugar, e o coloco na sacola de Mía, caminhando em direção a um dos corredores.

— Para onde está me levando? — Mía pergunta, cínica, sabendo que o corredor que estou seguindo leva ao anexo de sua casa que se conecta ao bordel.

Damián deveria se envergonhar e construir uma mansão ou comprar uma, deixar a casa deles conectada ao bordel não é seguro para a Mía. Homens mal-intencionados podem invadir a privacidade deles facilmente.

— Para o seu quarto — respondo, após alguns minutos em silêncio.

— O que faremos lá? — ela pergunta num tom baixo e sedutor, sabendo exatamente o que faremos, mas querendo ouvir de mim.

— Eu irei comer, e você? — Entro em seu joguinho, enquanto rumo para seu quarto, já vendo a porta fechada poucos metros à frente.

— Mas estamos indo na direção errada, a cozinha não fica por aqui. — Finge inocência, mal contendo o risinho na voz.

— Mía, o que vou comer não precisa ser na cozinha, nem com talheres. — Sinto meu membro endurecer na boxer, imaginando-a de quatro enquanto a fodo sem piedade. — Apenas vou precisar da minha boca e do meu pau. — Paro em frente ao seu quarto e a coloco no chão, percebendo sua respiração ofegante.

Mía abre a porta e entra primeiro, virando-se para mim cheia de expectativas.

— Seja bem-vindo ao meu quarto. — Ela morde os lábios, me chamando com o dedo, e é claro que eu a sigo, fechando a porta atrás de mim.

Faço uma rápida avaliação e percebo que sua preferência é a cor roxa, presente tanto na pintura quanto nos móveis, que são em tons de branco e roxo. Até mesmo o espelho grande na parede em frente à cama e a poltrona no canto seguem essa mesma paleta de cores. O quarto é arrumado e perfumado, o ar impregnado com sua fragrância.

Deixo a sacola e o coldre com as armas no aparador ao lado da cabeceira da cama de casal, enquanto observo Mía soltando o coque e deixando seu longo cabelo negro cair.

Linda, incrivelmente sexy.

Desde o momento em que a vi pela primeira vez vestida de bailarina ao voltar de Nova Iorque e dançando no palco com as outras bailarinas do bordel, fiquei fascinado, mesmo que não tenha demonstrado naquele momento.

— Vou tomar um banho. — Ela começa a despir o collant, mantendo os olhos em mim. Sinto a excitação crescer ao vê-la deslizar as alças pelos ombros. — Quer me fazer companhia? — Mía desce a roupa até a metade de sua barriga, expondo os seios.

— Claro que não recusaria um convite desses. — Subo o olhar por seu corpo esguio, mas com curvas perfeitas, enquanto aprecio cada detalhe lentamente.

— Pode me ajudar a tirar o resto? — Ela se refere à roupa, ao morder o lábio inferior.

— Se morder os lábios novamente, não vou me responsabilizar por mim — digo ao segurar sua cintura.

— E o que fará, hmm? — Além de morder os lábios, ela os lambe e me lança um sorriso malicioso.

Sinto meu corpo reagir à provocação, uma eletrizante corrente percorre meu abdômen e chega à virilha, enviando uma deliciosa excitação para o meu pau, que engrossa e lambuza com a imagem que projeto em minha cabeça, com a Mía de joelhos à minha frente, me chupando.

— Te foder antes do banho e depois. — Seguro-a pela nuca, trazendo sua boca para a minha.

Ela sorri, roçando os lábios nos meus.

— A ideia me agrada. — Morde meu lábio inferior e o suga em seguida.

— A mim ainda mais. — Sugo de volta seus lábios e ela geme. — Vamos tirar essa roupa. — Duro, excitado, removo o restante do collant de Mía, deslizando-o por suas pernas até cair em seus calcanhares.

Encaro o seu corpo despido e sinto que se ficasse mais alguns dias sem Mía, iria ser um castigo do caralho com tanto tesão acumulado. Não transo há uma semana e isso é um acontecimento inédito. O máximo que já fiquei sem trepar foram dois dias, na época em que eu beirava meus dezenove anos.

— Eu quero tirar as suas roupas. — Ela toca a bainha do meu suéter. — Só para enfatizar, você está gostoso com esse suéter de gola alta, ele passa uma vibe de playboyzinho. — Com uma risada encantadora, ela sobe a camisa até o abdômen, depositando um beijo ali. — No entanto, prefiro quando você veste jaqueta, estilo bad boy é mais sexy e combina melhor com a sua personalidade. — Mordendo minha pele, ela desce, causando arrepios por onde passa. De modo atrevido, seus dedos alcançam o cinto da minha calça e o desafivelam.

— Bom saber. Vou comprar mais jaquetas, especialmente para usá-las para você — murmuro, quase gemendo, quando ela tira meu cinto e o coloca em seu pescoço, despertando meu lado selvagem que deseja transformá-lo em uma coleira.

— Você faria isso por mim? — Ela abre o botão da minha calça, me encarando de forma safada, pedindo para ser fodida.

Mía se ajoelha, exibindo seus peitos redondos e tentadores em um ângulo que me tenta a bater uma e gozar neles. Derramar minha porra ali seria a coisa mais excitante que poderia acontecer.

— Na sua posição atual, eu faria qualquer coisa — digo, ouvindo sua risada se juntar à minha.

— Então, bastaria eu ficar de joelhos para ter tudo o que desejo de você? — Mía desce minha calça até os tornozelos, observando minha ereção empurrando a boxer. — Me responda, Austen. — Apalpa meu volume com seus dedos finos, fazendo-me gemer, totalmente à mercê dela.

— Sim, porra, só de olhar com esses olhos pretos pidões já me deixa louco.

Ela sorri de uma maneira fria e perversa como nunca vi antes, suas íris brilham.

— O que eu quero você pode me dar, mas esse meu pedido pode mudar a nossa vida para sempre. — Mía desce minha boxer sem quebrar nosso contato visual e envolve meu pau melado com pré-goço com sua mão macia.

Conheço esse tipo de pedido. Mía Rivera usa comigo um tom manso e manipulável, ela quer me enfeitiçar para depois lançar a sua proposta, que tentará fazer de tudo para ser irrecusável.

— O que você quer de mim, bird? — Ergo o seu rosto ao tocar em seu queixo e ela inicia um movimento lento em meu membro, me masturbando aos poucos para me laçar em sua rede como uma maldita sereia.

— Só prometa que não vai surtar e me achar louca — pede, passando a língua por toda minha extensão, olhando diretamente em meus olhos até encontrar a minha glândula e sugar.

— Não vou, mas deixei isso para depois, estamos tendo uma reunião muito importante nesse momento.

Aperto a mandíbula, cheio de tesão quando ela engole meu pau pela metade com a sua boca quente, sua língua traçando a parte inferior do meu membro.

Porra.

Nunca me chuparam sem camisinha, sempre exigi proteção no ato, mas com ela é diferente, muito mais do que eu imaginava que pudesse ser.

— Caralho, Mía...

Minha respiração fica irregular, assistindo-a me chupar. Já recebi muitos boquetes, mas mesmo que digam que todo sexo oral é a mesma coisa, me recuso a concordar e acreditar. De todas as mulheres com que transei, nenhuma me despertou a sensação que estou sentindo agora ao ser chupado por Mía. Vai além do prazer, é uma conexão inexplicável que causa uma movimentação estranhamente gostosa dentro do meu peito.

Ela agarra minha coxa como apoio e crava suas unhas em minha carne. Sua cabeça balança para cima e para baixo enquanto me suga, girando a língua e bombeando com a mão em um ritmo mais rápido e mais forte. Movo o quadril para a frente, fodendo a sua garganta, gemendo, prestes a explodir

de tanto prazer.

— Oh, merda. — Com a respiração pesada e o peito arfante, observo Mía tirar meu pau da sua boca e a baba, misturada com a minha lubrificação, escorre pela lateral dos seus lábios. — Você vai me matar, garota, isso não estava em meus planos. Oh, porra. — Minha pelve se contrai ao vê-la beijar minha glândula e me lançar um sorrisinho diabólico, como se dissesse “você está em minhas mãos”. E se isso fosse emitido em voz alta, eu diria “e aos seus pés também, sua diaba”.

— Nunca imaginei que um dia ia dizer isso, mas eu gosto de chupar... — Faz uma pausa e traça a língua por uma veia do meu membro.

— Que bom, Mía, porque o único pau que essa boca vai ter é o meu — murmuro, gemendo ao vê-la me engolir com sua boquinha gulosa novamente.

Sua mão envolve com força o meu membro, apertando a base, e ela me masturba ao mesmo tempo que usa a sua língua atrevida para me provocar. E eu não sou capaz de me segurar por mais tempo, minhas bolas se apertam e minhas pernas fraquejam.

— Vou gozar e você vai engolir cada gota, sua safada provocadora. — Estremeço, quase em êxtase. Reunindo forças, tiro meu membro da boca dela. Em completa confusão, Mía em encara com aqueles olhos escuros e ansiosos. — Abre a boca, você vai receber a minha porra de um jeito diferente, sei que será inesquecível. — Sorrindo, perverso, seguro-o ainda ereto e pesado, vendo a mulher à minha frente atender ao meu pedido.

— O que vai fazer? — Sua voz é de pura excitação.

— Te dar uma surra com ele. — Mía arregala os olhos ao me ver encostar o pau em seu rosto.

Bato em sua bochecha e um gemido escapa dos meus lábios, assim como dos dela, depois repito o mesmo gesto na outra, sujando sua linda pele com o gozo que não consigo segurar.

Mía agarra meu pau e me surpreende ao guiá-lo até a sua boca, em seguida, colocar a língua para fora, me pedindo para derramar a minha porra ali.

Sinto como se o inferno estivesse sob meus pés com o seu pedido. Porra, não há como dizer que estou no céu, essa diaba me levando ao meu limite nunca poderia ser considerada um anjo.

— Você adora uma putaria, não é? Safada, gostosa do caralho. — Agarro sua nuca e inclino sua cabeça levemente para trás, então movo a mão em meu membro, gozando na boca dela e depois em seus seios deliciosos, que estão com os bicos durinhos.

Uma obra de arte ter Mía Rivera toda lambuzada com sêmen.

— Se levante, mas não saia do lugar — peço.

Largo seu cabelo e fito o cinto ainda intacto em volta do seu pescoço.

Tiro-o dali, enrolando-o em meu punho e afasto-me dela um pouco. Mía segue cada movimento meu quando giro a poltrona felpuda e roxa para a frente do espelho, desejando que ela não se quebre com o que faremos a seguir, então me sento ali.

Através do espelho, Mía e eu nos encaramos, de onde estou posso sentir o quanto ela me quer dentro dela.

— Você tem algum lubrificante? — pergunto, ao me lembrar que ela havia comprado um vibrador, com certeza tem outras coisas para se estimular.

Ela balança a cabeça.

— Então pegue ele e depois venha e se sente em meu colo — peço, ainda a encarando pelo espelho e colocando o cinto ao lado do meu corpo.

Atrás de mim, ouço o barulho de gavetas sendo abertas, e basta que eu olhe para o espelho para ter a visão dela curvada, e o rabo que tanto quero comer, empinado.

Ainda vou foder seu cu. Mordo os lábios, voltando a ter outra ereção.

— Encontrei — murmura, em um tom tímido. Essa garota é um perigo constante para mim, sabe como me manipular direitinho. — Ele tem sabor de baunilha — diz, ao se aproximar de mim e se inclinar para falar em minha orelha.

Ela comprou um lubrificante com o cheiro dela. Puta merda, estou perto de beirar a insanidade.

Seguro em seu braço e a puxo para ficar de frente para mim, então vejo duas embalagens de camisinha com o frasco do lubrificante.

— Você tem camisinhas? — Arqueio a sobrancelha.

— Comprei essa semana. — Encolhe os ombros. — Não quero correr o risco de engravidar, ainda somos muito jovens para sermos pais. — O seu rosto fica vermelho ao falar. Ela vem para o colo e se senta de frente, em minhas pernas, com nossos sexos quase se tocando.

— Esse “ainda” é planos para o futuro? — Ela coloca os preservativos e o lubrificante ao lado, em seguida, toca em meus ombros.

— Não sei, vai depender de você, Austen. — Mía olha em meus olhos com seriedade e me faz lembrar do seu pedido minutos atrás.

— O que depende de mim, Mía? — Estudo sua expressão e o seu engolir em seco.

— Você me quer como esposa, deseja ocupar o seu posto como chefe da máfia inglesa, certo? — indaga, soando nervosa, mas mantendo nosso contato visual firme.

— Sim, eu quero — respondo, e ela respira aliviada.

— Eu me caso com você a hora que quiser, te dou quantos herdeiros

desejar, mas não tão cedo. Você tem vinte e cinco anos, eu vinte, talvez possamos ser pais daqui a cinco anos ou...

— Sem enrolação, seja direta — peço, perdendo meu tesão para transar.

— Eu aceito o seu pedido de casamento, seguirei tudo o que me impor, mas tenho uma condição para me tornar a sua mulher. — Seus olhos transmitem desespero.

Ela tenta tocar em meu rosto e me beijar, mas a detenho segurando seus pulsos. Eu sabia que Mía queria algo de mim, ela só estava esperando a oportunidade certa para me abordar. E se eu não tivesse vindo atrás dela, como iria me propor esse acordo que ainda nem sei o que vai querer em troca? Ela sabe o que está fazendo, seus passos comigo estão sendo devidamente calculados.

— Fale o que precisa para ser a minha mulher. — Não expresso qualquer sentimento na voz e rosto.

— Mate um homem para mim.

Me surpreendo com o pedido. Nunca imaginei que Mía me faria uma proposta desse tipo. Logo ela, que sempre se mostrou contra a violência.

Largo seus pulsos e ela segura em meu rosto.

— Eu preciso que você elimine Hector Casillas, faça com que a existência dele seja aniquilada da Terra. — Ela está quase chorando, e um alívio particular bate em meu peito. Mía quer que eu faça algo que já pretendo fazer. — E se algum miserável lembrar daquele porco, será porque Austen James Knight, o chefe da máfia inglesa, o matou. — Usa um tom de idolatria e paixão.

Qualquer homem ficaria louco, ainda mais com a mulher nua em cima dele o tratando com tanta soberania, mas a conheço e sei que esse seu pedido é incomum.

O pai dela teria feito o mesmo que o meu? Mía sabe do verdadeiro passado dos nossos pais e da amizade deles e está jogando comigo, ou ela sabe só o que Damián contou? É difícil conseguir assimilar direito quando tenho tantas perguntas sem respostas.

— Até dias atrás, você não queria nem me ver, e agora já quer se casar comigo, bird? — Sorrio como um pregador ao vê-la desviar o olhar. — O seu pai por acaso te induziu a me propor isso? — Não vou tolerar que Damián ou qualquer outra pessoa interfira em nossa relação só para alcançar os objetivos.

Foram anos de segredo, Killz e o pai dela escondendo um segredo que deveria ter sido revelado a nós desde o princípio, para que quando crescêssemos já soubéssemos o que o nosso destino nos reservava.

— Eu não gosto de mentir, Austen, principalmente se uma pessoa confia em mim e eu estou disposta a confiar nela. — Ela encosta a testa na

minha. — O meu pai me ligou ontem e me contou umas coisas por cima que me deixou um pouco assustada. — Sua voz trava, mas ela se força a continuar. — Ele me disse que o Hector está de volta em nossas vidas, e que o homem quer se vingar, não só isso, que a madrinha dele está morta e...

— Eu sei de tudo, Mía. — Quebro a promessa que fiz ao meu pai em não revelar nada à garota. Ela também merece ter a verdade, assim como eu tive, e até que Damián volte para a casa, pode ser tarde demais. — Sei quem é Hector Casillas na vida de vocês, do acordo entre nossos pais em relação a nós dois e muito mais.

Ela afasta o rosto do meu e me encara com confusão.

— Como assim um acordo em relação a nós? — Empalidece.

— Aquele homem não te atacou naquele escritório à toa. Ele foi enviado para isso, o Pascual era um aliado do Hector, e certamente meu pai e nem o seu sabiam, se soubessem, o filho da puta já estaria morto. — Aperto os lábios.

— Isso ficou evidente nas falas estranhas dele, Austen, mas o que isso tem a ver com a gente, acordo e nossos pais? — Estreita os olhos, confusa.

— Killz e Damián se conhecem antes mesmo de você ter nascido — revelo, vendo-a arfar, perplexa. — Eles têm uma amizade de anos que nunca imaginei, mesmo que desconfiasse dessa aliança deles, mas depois que ouvi meu pai, tudo fez sentido, e sei que vai fazer para você também. — Acaricio suas costas.

— Jamais poderia imaginar... Não faz sentido — murmura. Ela está do mesmo jeito que fiquei ao ouvir meu pai contar sobre o seu passado com Damián.

— Eu pensava o mesmo. — Toco seu rosto e ela fecha os olhos.

— O que mais você sabe...

Somos interrompidos pelo toque do meu celular, em seguida, por batidas à porta. O aparelho toca insistentemente e as batidas ficam mais fortes.

— Senhor Austen, precisamos evacuar o lugar urgentemente. Todos correm perigo — diz um homem do outro lado da porta.

Que merda está acontecendo? Tiro a Mía do meu colo rapidamente e recolho minhas roupas no chão, vestindo-me rapidamente.

— Mía, se vista, agora! — Tiro-a do transe, ela está paralisada, em choque.

— Austen, eu estou toda suja, meu rosto, meu corpo...

— Não importa agora, não temos tempo para um banho — falo, colocando meu coldre.

Ela corre até o seu armário, puxa um moletom de lá e vai até o

banheiro, então abro a porta.

— O que está acontecendo? — Olho para o rosto do soldado que está diante de mim, acompanhado por mais dois.

— O chefe ligou e avisou que tem bombas implantadas em todos os cantos da propriedade. — O homem está pálido. — Ele pediu para que evacuássemos o local.

— Que diabos! Já tem soldados tirando os funcionários do outro anexo? — indago, ouvindo os passos de Mía atrás de mim.

— Sim, senhor. — Balança a cabeça.

— O.k. Temos quanto tempo? — Pego meu celular no aparador, que volta a tocar com o nome do meu pai na tela.

— Não sabemos ao certo, senhor, o chefe só nos deu a ordem para esvaziar o local rapidamente — fala o soldado.

— Se certifiquem em tirar todos daqui e levar para um lugar seguro — instruo. Atendendo a ligação, e o soldado com os outros se retiram para seguir à minha ordem.

— *Austen, o filho da puta do Hector colocou bombas na propriedade do Damián, ainda não sabemos onde estão, mas...*

— Ele tinha um infiltrado, que está morto — interrompo-o, virando-me para Mía, que tem o rosto sem resíduo do que fizemos minutos atrás. — Você, saia daqui, pegue o meu carro e vá encontrar minha mãe na casa dela. — Puxo a chave do veículo do bolso e estendo para ela, que nega.

— Não vou te deixar aqui, Austen! — Comprime os lábios, com o rosto assustado.

— *Austen, não temos tempo para detalhar tudo, apenas me escute. Não temos como comprovar que o Hector colocou bombas aí dentro — informa meu pai. — Mas ele deixou claro ao Damián iria transformar o local em pó em poucos minutos, então aconselho a não duvidar da capacidade de um homem sedento por vingança. Pegue Mía e saia daí, deixei os soldados cuidando do restante. — Ele encerra a ligação.*

Damián tem câmeras espalhadas por todo local, não é possível que ele não tenha alguém monitorando a segurança do negócio dele.

— Mía, saia daqui agora mesmo. — Coloco a chave do carro em sua mão sem dar a ela a chance de recusar. — Não é um pedido, é uma ordem! — Seguro em seu braço e a puxo para fora do quarto, em seguida, entrego o celular que comprei. — Vá para a casa dos meus pais e fique com a minha mãe, depois te encontro lá — prometo, vendo seus olhos se encherem de lágrimas.

— Austen, esse lugar vai explodir, e você quer brincar com fogo? — me repreende, teimosa.

— Que porra, Mía, estou tentando salvar a sua vida, mas você não facilita! — Uso um tom alto, travando a mandíbula e a fitando com a expressão dura.

— Se você vai ficar, eu também vou! — Ela se aproxima e toca em meu braço.

— Um caralho que vai, Rivera! — Trinco os dentes, notando que a garota não vai ceder, então vejo dois soldados a alguns metros de distância passando. — Vocês dois, tirem ela daqui! — ordeno, chamando a atenção deles, que vêm ao nosso encontro a passos largos.

— Austen... — fala Mía, com a voz embargada.

Guardo meu celular no bolso, sentindo a caixinha do anel que meu pai me deu ali.

— Leve isso com você, mas só abra quando eu voltar. — Pego a caixinha e entrego a ela, que arregala os olhos, surpresa. — Sem perguntas, agora vá com eles, por favor. — Falo calmamente e ela balança a cabeça, soltando um soluço.

— Tem chance de isso ser mentira? Meu pai trabalhou tanto nisso, aquelas pessoas precisam de emprego e...

— Não podemos arriscar, Mía — eu a interrompo. — Levem-na.

Eles assentem e acompanham os passos de Mía, cabisbaixos.



Parado no meio do corredor, me vejo diante das portas fechadas. Essa casa que Damián destinou à filha não proporciona o mínimo de conforto; parece mais com um hotel, com suas múltiplas portas dispersas, sem indício de uma sala ou cozinha sequer.

— Deve haver por aqui a sala de monitoramento — murmuro, deslocando-me entre as portas, inspecionando-as com atenção, até que me deparo com uma delas que exhibe a placa "acesso restrito".

Giro a maçaneta e constato que está trancada. Pego a arma e disparo algumas vezes, rompendo a tranca. Empurro a porta e adentro na sala, onde me deparo com múltiplas telas exibindo imagens de vigilância, monitorando cada canto do bordel.

Em uma das telas, confirmo a partida de Mía do local. Os soldados seguiram minhas instruções, garantindo sua segurança até o meu veículo, onde entra logo em seguida.

Sento-me na cadeira à minha frente, começo a operar alguns comandos na tela principal do sistema de vigilância e acesso as imagens registradas mais cedo. Ao reproduzi-las rapidamente, noto a pouca movimentação de funcionários no local, porém, consigo identificar três indivíduos que podem ter alguma ligação com o ocorrido. Na verdade, seriam quatro, mas um deles está morto.

As câmeras capturam a imagem de duas mulheres e o homem carregando bolsas de forma suspeita, sempre atentas e olhando diretamente para as câmeras em cada passo que dão. Atrás delas, um homem, um dos comparsas de Hector também carrega uma bolsa. Decido ampliar a imagem para registrar como evidência e, para minha surpresa, reconheço a bartender de mais cedo. Ligando os pontos, recordo que ela e a outra mulher possuem alguma relação com Mía. Esse fato reforça minha interpretação de que Hector já estaria à nossa frente se eu não fosse mais astuto. Este lugar maldito está repleto de traidores, algo que Damián só perceberia após

encontrar sua filha já sem vida.

Estou em busca de mais informações e minha suspeita se torna realidade. Pascual surge com um homem, o mesmo das imagens anteriores, e as duas mulheres no corredor do anexo dos funcionários. Não consigo ouvir o que estão dizendo, mas a linguagem corporal dele indica que está dando ordens aos outros. O sujeito era apenas o testa de ferro, e suspeito que os demais tenham se corrompido por dinheiro.

Pascual aponta para as câmeras e sorri, em seguida pega um explosivo de uma das bolsas da bartender.

Este lugar realmente será reduzido a pó. O homem guarda o objeto e as duas mulheres assentem e se afastam, logo em seguida as imagens começam a falhar. Cada movimento do inimigo foi calculado. Ele pode tentar ser inteligente, mas ainda tenho três de seus colaboradores vivos e posso tentar salvar a casa de Damián.

Saio da sala e me afasto rapidamente. No segundo corredor, não vejo sinais de pessoas. Passo pela porta que separa o corredor do escritório de Damián e o salão do bordel, onde vejo os soldados do meu pai escoltando as dançarinas para fora, causando agitação e claramente deixando todas assustadas com a movimentação. Identifico entre as mulheres as duas que estavam com Pascual de manhã, então me aproximo da porta de saída onde elas estão. Basta um olhar em seus rostos para ver que estão inseguras.

— Vocês duas vem comigo — digo, sendo observado por todos.

— O quê? — pergunta a atendente do bar, fingindo não entender. Vamos ver até quando essa encenação vai durar.

— Tirem imediatamente essas mulheres daqui, mas essas duas ficam! — ordeno.

Eles concordam, acelerando a saída delas.

— Não iremos a lugar algum com você — fala a outra mulher, colocando-se ao lado da bartender e segurando sua mão.

Com um sorriso, aceno com a cabeça para elas e faço um gesto para dois soldados se aproximarem.

— Todos já foram retirados do anexo? — pergunto.

— Sim, senhor, só faltam essas duas.

— Elas ficam. Fechem a porta e depois solicitem a uma equipe para levar todos os funcionários do Damián para o galpão em Wells. Ofereçam abrigo e assistência a todos — instruo. — E avisem aos demais para manterem distância das garotas, caso alguém ultrapasse o limite, terá problemas comigo.

— Entendido, senhor — o soldado assente. — Alguma outra orientação, chefe?

— Certifique-se de tirar Mía Rivera de Brentford— falo ao pegar meu celular e desbloquear a tela. — Levem esse homem para o galpão do leste e deem uma lição nele, torturem-no, mas não matem. Preciso dele ainda vivo. — Mostro a foto do cúmplice de Pascual que deve estar do lado de fora com os outros homens.

— Iremos fazer isso, mas a ordem de seu pai é para evacuar, pois este local será destruído, não podemos deixá-lo aqui — interfere o outro soldado.

— Apenas sigam minhas ordens e não questionem. — Aperto os lábios e encaro as duas mulheres aflitas diante de mim. — Se apressem antes que ele escape. — Os dois soldados saem e fecham a porta conforme solicitado.

— O que deseja de nós? Não somos prostitutas e não gostamos de homens, somos namoradas, então nos deixe ir embora! — fala a mulher mais baixa, com um olhar raivoso.

— Rosa, controle-se, vamos ouvir o que ele tem a dizer — sussurra a outra, me lembrando o nome da mulher que já ouvi algumas vezes quando vim aqui.

— Esse garoto vive causando problemas para nós — rebate Rosa, visivelmente nervosa.

— Hector Casillas. Vocês reconhecem esse nome? — Ignoro o comentário provocativo da mulher e volto a mexer no celular, ampliando o rosto delas na tela. — Estas são vocês com bolsas que supostamente contêm explosivos, que provavelmente já foram espalhados por aqui. — Mostro a foto delas e seus olhos se abrem em surpresa. — Portanto, não se cansem tanto, teremos uma longa conversa, procurem um lugar para se sentar. — Indico uma das mesas atrás delas.

— Não podemos ficar aqui! Este lugar vai explodir! — Rosa entra em desespero.

— E você também, se não colaborar. Acharam que podiam enganar Damián e sair impunes? — rosno e elas se encolhem.

— O Pascual disse que não faria mal a ninguém, era só para assustar o Damián. — Rosa entrega-se mais rapidamente do que eu imaginava, gaguejando.

— Sim, exatamente. Nós estamos buscando uma casa só para nós, precisamos de dinheiro, viver em quartos aqui não é o que sonhamos. Ele nos ofereceu mais do que precisamos e, apesar de ser um bom trabalho, não recebemos o bastante — Leah tenta explicar, com lágrimas nos olhos.

— Deem-me uma única razão para eu não dar um tiro na sua cabeça. — Guardo o aparelho.

— Nós gostamos do Damián, da Mía, temos muito carinho por eles, mas foi a necessidade que nos fez concordar com isso e...

Alguém abre a porta.

— O que está acontecendo aqui, Austen? — É a voz de Mia, e atrás dela estão os soldados inúteis. — Por que Leah e Rosa estão detidas com você? — Ela entra e nos encara, desconfiada.

— Não se meta, Mía, essas duas são traidoras, foram elas que colocaram os explosivos no local. — Aponto para as duas mulheres e Rosa começa a chorar, se solta da namorada e vai em direção a Mia, mas eu a impeço. — Não a toque, não a abraça depois de tê-la traído. — Puxo-a pelo braço.

— Austen, elas não agiriam dessa forma... — Mía passa por mim em direção às garotas. — Ele está enganado, não é verdade? Vocês são minhas amigas, cuidam de mim desde que cheguei aqui e nunca desejariam nos prejudicar. — Ela luta para não aceitar a realidade, porém, ficará desapontada.

— Pedimos desculpas, Mía, mas Austen não está mentindo — responde Leah, a mais sensata.

Mía se afasta dela e ouço um soluço.

— Lamentamos desapontá-la, princesa, mas é a realidade. Não podemos ser leais a um homem que nos paga pouco enquanto lucra milhões com seus negócios! — Rosa avança em direção a Mía e ficam frente a frente.

— Rosa! — Leah interrompe.

Eu analiso a cena para descobrir até onde a mulher irá.

— Mas é verdade, Leah. A Mía sempre foi mimada, todas as mulheres da casa poderiam ser dançarinas, se envolver com os clientes, mas ela jamais tinha permissão sequer para frequentar o salão. — Rosa encara Mía com um olhar incisivo. — A garotinha Rivera intocável, agindo como se fosse superior a todas nós, mas não é! Só tem a sorte de ser filha do chefe, caso contrário, estaria no mesmo barco que todas. — Sua afirmação desperta minha ira.

— Chega. — Minha voz sai em tom baixo e ameaçador.

— Sempre considereí vocês minhas amigas, Rosa! Nunca quis me destacar em nada.

Sinalizo para os soldados à porta.

— Vocês dois, levem-na daqui, agora! — Os homens chegam e agarram Mía pelos braços. — Levem-na para a casa dos meus pais, mas não a machuquem.

— Sim, senhor — responde um deles, levando Mía para fora enquanto ela protesta, chamando por mim.

— Não costumo ser tão piedoso, mas desta vez farei uma exceção. — Caminho até a porta e a fecho. — Vou oferecer a oportunidade de me contarem a verdade. — Me sento à mesa e puxo minha arma.

— Não quero confusão, Austen, estou disposta a colaborar, contanto que prometa poupar nossas vidas — Leah diz, com a voz embargada. — Nunca justificaria nossa falta de dinheiro com o comportamento desleal que tivemos. Damián nos ajudou quando mais precisávamos e agora o traímos. Entendo tudo isso, mas a necessidade superou a moralidade — A mulher baixa a cabeça, enquanto a outra aparenta estar pronta para me provocar.

— Por que está se explicando para ele, Leah? Ele é o último indivíduo apto a compreender alguém, sempre tumultuando este lugar como se fosse o dono — retruca Rosa, visivelmente irritada. — Quer saber a verdade, Austen? Leah relutou, mas eu quis e a convenci a aceitar a proposta de Pascual! — Ela sorri desafiadoramente, e eu respondo com um sorriso ao me levantar da mesa e avançar em sua direção.

— Você só vai sair daqui com vida se eu permitir, entendeu? — Seguro seu queixo e forço-a a olhar nos meus olhos.

— Por favor, Austen — Leah pede, apavorada por sua namorada.

— Não sei como funciona para vocês, mas no meu mundo, traição é punida com a morte, Rosa. — Minha mão desce até seu pescoço e o aperto. — Vocês tinham tudo, um lar, um emprego, um chefe disposto a protegê-las. E como retribuem? Traindo-o por algumas notas. — Rio sombriamente e Rosa engole em seco.

— Não fizemos por mal, Austen, por favor. — Leah toca em meu braço, chorando.

— Vocês estavam prestes a matar todos! Pessoas inocentes. Achem que isso não é maldade? — grito, indignado, e a mulher se retrai. — Agora me digam, onde estão os explosivos e quem iria ativá-los. — Solto o pescoço de Rosa e, virando as costas, observo ao meu redor.

— Sou eu mesmo, *cabrón*! — A voz de Rosa ressoa em meus ouvidos, acompanhada pela dor que sinto ao perceber algo sendo enfiado em minhas costas.

— Porra — rosno, vendo uma pequena faca cravada em mim, enquanto o sangue se espalha.

Cambaleante, seguro minha arma e me viro para disparar contra ela, mas levo uma pancada na cabeça com uma cadeira, seguida por outra, caindo em cima da mesa. Gemendo, fecho os olhos, e os abro a tempo de ver Leah com a cadeira na mão. Era de se esperar que se defendessem.

— Sugiro que corram o máximo que puderem, mas creio que não terão escapatória. Lá fora estão os soldados da minha família, e aqui dentro, caçarei vocês até no próprio inferno — digo, entredentes, retirando a faca das minhas costas e sentindo o suor gelado escorrer pela testa.

— Amo você, Leah, mas não vou morrer para essas pessoas sujas! — Ouço a voz furiosa de Rosa enquanto tento me levantar da mesa.

— Rosa, o que pretende fazer? — pergunta Leah.

Me viro e vejo a mulher segurando um pequeno dispositivo com um botão vermelho. Sem hesitar, disparo diversas vezes contra o peito dela.

— Prefiro morrer aqui dentro queimada e levar esse maldito comigo, do que ceder a eles! — Rosa aperta o botão e ouvimos os sons de explosão vindos de outras salas, além da fumaça se espalhando com o fogo.

São explosões uma atrás da outra. Arrasto-me até a porta, sentindo a dor pulsante, e deixo Leah no chão, aos prantos, sacudindo a namorada. Tento alcançar a saída, mas a explosão chega e o fogo consome tudo. Tudo acontece muito rápido, meu corpo é arremessado contra a porta e o impacto me joga para fora. Depois, não ouço mais nada, apenas um zumbido, e meus olhos escurecem em seguida.

O som que alcança meus ouvidos é um grito ecoando ao longe, alguém me chamando, até que por fim tudo se torna um vazio escuro.



Não tinha ideia do quanto temia perder Austen até vê-lo ser atingido pela explosão no bordel e ficar desacordado no chão, como se estivesse morto. Ele queria me proteger da explosão e da decepção com as duas pessoas em quem confiava, e mesmo contra minha vontade, me retirou de lá à força, pois do contrário, agora estaríamos em uma situação ainda pior. Leah e Rosa perderam a vida, engolidas pelo fogo que consumiu o Las Chicas inteiro.

Sob escolta de dois soldados no veículo do chefe deles, ouvimos a explosão acontecer em sequência. Algo dentro de mim sussurrava para não o abandonar. A cada passo que dava para longe dali, meu coração apertava e os olhos marejavam, revelando sentimentos confusos até compreender o significado daquele pressentimento. Se eu tivesse partido, jamais me perdoaria.

A cena se passa na minha mente como um filme de terror...

Uma mistura de gritos ecoando, principalmente os meus, ao observar o lar que meu pai com tanto esforço construiu longe do nosso inimigo, ser destruído em questão de minutos.

Alguns soldados partem rapidamente do local com as últimas dançarinas, outros permanecem, cientes de que o filho de seu chefe está lá dentro e se saírem sem ele, enfrentarão o mesmo destino.

Observo através do espelho do carro de Austen os soldados que iam me conduzir até a mansão da família Knight se aproximarem, mas antes que me alcancem, saio do veículo e corro em direção à porta do bordel, que ainda se mantém íntegra. Corro, ainda ouvindo as explosões e vendo as chamas se alastrarem no teto. Sei que o que estou prestes a fazer é um suicídio, mas uma parte do meu coração se recusa a ser covarde, pois a outra está lá dentro com Austen, pronta para enfrentar a morte ao seu lado.

— Precisamos contê-la! — alguém grita.

Estou tomada pelo medo, pela dor que se antecipa.

Descalça, corro em direção às chamas que destroem não apenas meus sonhos, mas os de todas as famílias que deixaram nosso país em busca de paz e refúgio em terras estrangeiras.

Corro incansavelmente, mas parece que estou cada vez mais distante, até que decido acelerar, porém, antes de alcançar os vinte metros restantes para chegar à porta, alguém me segura por trás.

— Senhorita, não podemos permitir sua entrada! — diz o homem, me segurando.

— Não tem o direito de me impedir, solte-me agora mesmo! — Minha voz sai trêmula, um soluço sufocado na garganta diante da porta fechada. — Ele deveria ter saído de lá! Não apenas ele, mas Leah e Rosa também! — Lágrimas escorrem por minhas bochechas enquanto tento me desvencilhar do soldado que me segura com firmeza e me afasta.

— O chefe pediu para te proteger, e é isso que faremos. Por favor, colabore — pede o soldado, ignorando-me.

— O Austen não manda em mim! Me deixe ir! — Choro, empurrando o soldado com todas as minhas forças para me soltar dele. — Eles estão lá dentro, precisam sair! Algo aconteceu, eu sei. — Meu peito dói e meus lábios tremem ao ouvir outra explosão vindo do anexo onde os funcionários do Las Chicas viviam.

— Desculpe, mas ordens são ordens. — O homem faz o que eu esperava, tenta me erguer.

— Não estou vestindo a parte de baixo da roupa, se o Austen sair de lá e descobrir que você estava me segurando por trás com os corpos colados, considere-se em apuros.

Faço a ameaça, sabendo que estou usando um argumento sujo, já que o homem está apenas cumprindo seu trabalho, mas não posso deixar Austen e as meninas lá dentro, mesmo que tenham traído meu pai. Todos merecem uma segunda chance.

— Se prometer cooperar, eu te solto. De qualquer forma, prefiro morrer a te deixar ir atrás dele. — Ele suspira, nervoso.

— Eu não vou, me solte, por favor — peço, sem desviar os olhos da maldita porta.

O soldado acaba cedendo e me liberta.

— Vamos, volte para o carro — ele insiste.

Eu o ignoro e corro o mais rápido que posso, sem me importar com a dor nos pés, que não se compara à do meu coração despedaçado só de imaginar uma desgraça.

Estou quase lá, em minha mente, sim. Calculo a proximidade, faço as contas dos metros e... Uma explosão é o meu veredicto final, ela vem para me punir. O impacto lança meu corpo ao chão e minha pele queima ao tocar o solo. Com minha cabeça doendo, olho e só vejo fumaça, ouço gritos e tosses que se misturam a um zumbido em meus ouvidos.

— Meu Deus... — Começo a tossir e tentar me levantar, porém meus joelhos latejam, então abaixo a cabeça e vejo que estão machucados.

Confusa, observo soldados caídos ao meu lado e outros prestando ajuda, depois meu olhar se fixa na ausência da porta, que desapareceu no momento do impacto. Ao lembrar de Austen, arrumo força para ficar de pé. Mesmo cambaleante, firmo meus pés e arrasto-me na direção da entrada do Las Chicas, que agora aparece em meio a neblina da fumaça.

— Austen! — exclamo, tossindo, com os olhos lacrimejantes e a mão sobre o coração. — Austen! — Minha garganta arde e as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Por favor. Por favor. Não o tire de mim.

Deixe-o comigo... Um corpo. O mesmo suéter, as mesmas costas largas e ensanguentadas... É ele... e está ferido. Chorando, apresso meus passos em direção a Austen, que está de bruços com os braços estendidos para os lados e o rosto virado.

— Austen... Abra os olhos, não faça isso comigo... — Toco em seu ombro e me sobressalto ao perceber a estranheza de seu rosto. Soluçando, levo a mão à boca e me sento ao lado de seu corpo ao notar que sua respiração é fraca, mal parece estar respirando. — Socorro! Alguém ajude! Ele vai... Ele vai... — grito, chocada e em prantos. — Austen, levante-se agora, por favor... — Inclino-me em direção ao seu rosto para ouvir sua respiração e constato que está fraca, e os seus lábios estão pálidos.

Ele não vai morrer. Não vai.

— Eu te proíbo de partir... Não pode me deixar sozinha. Quem vai me provocar, me fazer misturar seu inglês com meu espanhol para xingar? Ou ter ciúme do Hades comigo? — Minhas lágrimas escorrem pelo meu rosto ao vê-lo inconsciente, tento sacudi-lo, mas nada acontece.

Levanto-me e olho ao redor enquanto puxo meu cabelo para trás. Procuro um soldado, mas todos ajudam os colegas.

— Que inferno! Alguém me ajude aqui! — Observo o tumulto e os homens machucados sendo levados para longe. — Vocês vão deixar o filho do chefe sufocar até a morte? — grito a plenos pulmões, como se estivessem cravando facas, até que dois homens se aproximam, sem sinais de terem sido afetados pela explosão, com rostos carregados de pavor.

— Senhorita Mía, o que aconteceu? — pergunta um deles, então olham para um Austen desacordado.

— Ainda pergunta? Providenciem um socorro com urgência para ele!

Não podemos usar um carro, pois não sabemos sua condição. — Minhas mãos e pernas tremem. — Se houver demora, ele pode morrer. — Choro novamente e o homem se aproxima de Austen para verificar seu pulso.

— Está vivo, mas não podemos perder tempo, não sabemos a gravidade. — O óbvio é dito. — Vou informar ao chefe e solicitar um resgate por helicóptero. — Ele retira o celular do bolso e liga para alguém.

Ansiosa, abraço meu corpo e observo o soldado dialogar ao telefone.

— Senhor Knight, fornecemos todas as orientações para Austen, porém ele permaneceu lá dentro com duas mulheres e acabou sendo uma das vítimas da explosão... — O soldado se interrompe, engolindo em seco. — Não, ele não morreu, mas precisa de assistência médica. Pegar a estrada não é aconselhável, vai demorar; o helicóptero aeromédico é a melhor opção. — O homem se levanta, pálido.

— A senhorita Mía está aqui, e bem... Sim, chefe, vamos aguardar. — O soldado me entrega o telefone.

— K-killz, e-ele não pode morrer... — Choro, levando a mão à boca ao me aproximar do corpo de Austen, focando no sangramento em suas costas. — Ele está ferido, sangrando muito... E se não der tempo? — Soluço, caindo de joelhos, sentindo as pernas doerem, mas nada se compara à angústia de perder alguém amado.

— *Mía, meu filho não está destinado a morrer assim, principalmente para o inimigo.* — A voz do homem é firme, sua postura me surpreende e inspira. — *Austen é forte, ele vai superar isso, em breve estará conosco e se casando com você.* — Ele soa incerto dessa vez.

— A culpa é minha... Ele veio apenas me ver. — Apoio o celular no ombro e levanto a barra do suéter dele para examinar o ferimento em suas costas.

— *Escute, filha, há apenas um culpado e ele pagará por isso* — garante o pai de Austen.

— Tenho certeza disso. — Engulo em seco ao observar o corte, que precisará de sutura, parece ser de faca.

— *Calma, não chore, meu filho é a pessoa mais forte que você já conheceu, acredite.* — Killz me consola.

— Sim, ele é... — Sorrio, fechando os olhos e lembrando nossos momentos juntos. Por que estou me torturando tanto? Austen Knight vai voltar para mim logo.

— *Nos falamos em breve, passe o celular para o soldado* — ele me instrui, então viro-me e entrego o celular ao homem mais próximo.

Deito-me ao lado de Austen, ignorando minha roupa, e acaricio seu rosto.

— Sim, chefe, estou ouvindo. — Os passos se afastam.

Alguns minutos se passam, a agonia me consome cada vez mais.

— A-cho b-bom que não demore para acordar, você tem um anel para colocar em meu dedo. — Seguro meus lábios com os dentes, tentando conter as lágrimas, mas elas fluem. — Não seja egoísta, você é amado por muitas pessoas. — Beijo sua testa, sentindo sua pele ainda quente, um bom sinal.

Preocupada com a posição do rosto de Austen, enfio meus dedos por baixo, mas algo me faz parar; o cheiro de sangue impregna minhas narinas. Afasto as mãos de seu rosto e vejo meus dedos sujos com o líquido vermelho. É o sangue de Austen. Ele machucou o rosto.

Tremendo, limpo meus dedos em meu moletom quando um som de helicóptero chama a minha atenção; o vento forte das hélices faz alguns estilhaços voarem. O helicóptero está a uma distância considerável, mas a força de suas hélices é imponente. Alguns homens descem e trazem uma maca consigo. Seus passos são firmes, e entre eles está Killz, que passa por todos sem notar ninguém além do filho.

Ele cai de joelhos sem se importar com seu terno caro. Killz toca no rosto do filho, e custo a acreditar no que estou vendo; o chefe da máfia conhecido por sua implacabilidade está chorando.

— Por que você é tão teimoso, porra? A Brey vai enlouquecer se souber que você está nessa situação. — Sua voz está embargada.

— Killz, afaste-se, precisamos colocá-lo na maca — diz um homem de roupas brancas, aparentemente o médico.

— Salve meu filho, Dr. Maison — pede Killz, levantando-se e limpando o rosto, antes de me encarar com olhos vermelhos.

— Farei o possível, mas não pense no pior agora, ainda não o examinei — responde o médico, enquanto os outros homens colocam Austen na maca.

— Vamos, quanto mais rápido chegarmos, melhor — recomenda o Dr. Maison, enquanto os homens empurram a maca para longe de nós, sendo acompanhados por ele. Ficamos eu e Killz.

— Venha, vamos juntos. Vou te deixar na mansão com a Aubrey e depois seguirei para ver o Austen — diz o Killz, tocando minhas costas.

— Não quero. Me leve com você, por favor — peço. Não vou ficar em paz sem saber do Austen.

— Você está machucada, precisa tomar um banho, com a...

— Eu preciso ficar perto dele, senhor Knight. É um direito meu, e mesmo que me diga não, vou continuar insistindo. — Sou firme, e mesmo diante da dor, vejo seus olhos brilharem de orgulho.

— Tudo bem, venha comigo. — Ele me deixa seguir na frente e me guia até o helicóptero.

Por pouco, Austen não se foi. Faltou uma fração de segundos para que

eu o perdesse para sempre, o homem por quem estou completamente apaixonada. Me dei conta dessa necessidade louca de expressar meus sentimentos ao vê-lo jogado naquele chão, parecendo sem vida. Se ele morresse, nunca me perdoaria. Austen estava ali por mim. Salvou minha vida duas vezes, e por minha causa, quase perdeu a dele.

— Mía, você precisa descansar um pouco. São três da madrugada. Qualquer notícia, eu te aviso. — Aubrey toca meu ombro.

Me assusto por estar perdida em lembranças. Olho ao redor e vejo a família Knight reunida. Os tios, as esposas dos irmãos do pai de Austen e os primos estão todos presentes. O único que não veio foi Dylan, disseram que ele está na Rússia.

O helicóptero pousou no prédio e entramos no hospital, e assim que a porta do elevador se abriu para o corredor, encontramos todos os Knight com a expressão tensa, sentados um ao lado do outro. A única que chorava e precisou ser sedada foi a Katherine, que agora está em uma das salas sendo consolada pelo pai.

— Estou bem aqui. — Ao olhar para o rosto da mãe de Austen, tão parecido com o dele, tenho vontade de chorar novamente.

Austen foi levado por uma equipe médica para uma sala há cinco horas e ainda não tivemos notícia. Como todos podem estar tão serenos? Kitty só entrou em desespero porque é o gêmeo dela, eles têm uma conexão inexplicável, nem mesmo a Aubrey está como ela.

— Não está. — Aubrey se senta ao meu lado e pega em minhas mãos. — Vá se deitar um pouco em um dos quartos. Você também está machucada, precisa de um descanso. — Ela olha para meus joelhos, que estão com curativos, e meus braços arranhados.

A senhora Knight tem sido extremamente atenciosa comigo, tratando-me como sua própria filha. Seu cuidado é o de uma verdadeira mãe, algo que não sei o que é por não ter tido uma. Assim que seu filho foi levado pelos médicos, ela me encaminhou a uma acomodação hospitalar e me ajudou com o banho. Parece que Killz já havia informado a ela sobre a minha situação, pois trouxe roupas para eu vestir. Logo em seguida, uma enfermeira veio tratar dos meus ferimentos.

— Não vou conseguir colocar a minha cabeça em um travesseiro com o Austen lá. — Meus lábios tremem enquanto abaixo a cabeça, percebendo que todos os membros da família agora me observam atentamente, principalmente os homens.

— Querida — sinto o seu toque em meu queixo e ela vira meu rosto para que eu a encare —, em algum momento você me viu chorando desesperada?

— Não, senhora. — Lágrimas descem por minhas bochechas.

— Eu estou tão surpresa quanto você com essa força que sinto dentro

de mim, mas sabe por que não estou desestabilizada? Porque conheço o meu filho como a palma das minhas mãos. — Ela sorri e eu também. — Austen é tão forte que até a própria morte deve ter medo dele. — Os olhos de Aubrey se enchem de lágrimas, vejo o modo como expressa o amor por seu filho através das suas palavras. — Meu filho consegue superar qualquer coisa, não vai ser uma explosão que irá tirá-lo de nós.

Eu a abraço.

— Meu filho é forte — diz Aubrey, até que alguém se aproxima de nós e eu olho na direção.

— Brey, o Austen vai ficar bem — diz a mulher de cabelo ondulado e preto, que ainda não sei o nome. — Vamos pegar uma água, prima. — A mulher bonita de olhos castanhos me encara e dá um sorriso fraco.

— Vamos, Lessa — murmura Aubrey, antes de me encarar. — Você quer ir também?

— Vou ficar aqui, vai que...

— O dr. Maison e dr. Blake estão vindo — um dos tios de Austen diz, então todos se levantam para ir ao encontro deles.

Os dois homens se aproximam, cada um segurando uma prancheta, suas expressões sérias, profissionais, como esperado.

— Temos duas notícias, uma boa e a outra ruim — se manifesta o dr. Maison, fazendo minhas pernas amolecerem. — Dr. Blake, dê a boa, por favor — pede o senhor de jaleco branco para o colega de profissão.

— O paciente teve uma luxação no ombro direito. Foi feita uma radiografia e vi que não era caso de uma cirurgia porque não houve nenhuma fratura. Consegui recolocar a articulação no lugar e agora ele está usando uma tipoia, será necessário manter por pelo menos quatro semanas, e para que a recuperação dele seja boa e rápida, repouso absoluto é recomendado — explica o dr. Blake, e várias respirações de alívio são ouvidas.

— E qual a notícia ruim, dr. Maison? — pergunta Aubrey, com a prima a abraçando

— O Austen tem um ferimento nas costas, e não foi causado pelo incidente, o corte foi feito por uma arma branca — diz dr. Maison, fazendo uma pausa. As únicas pessoas que ficaram com Austen foram Leah e Rosa. Elas foram capazes de o machucar covardemente? Como puderam... — Ele teve uma hemorragia interna, foi preciso uma transfusão de sangue e uma cirurgia, mas por sorte não houve lesões nos órgãos. Podem ficar tranquilos, Austen está bem e logo poderá receber visitas. Neste momento ele está sedado.

— Mas doutor, essa é uma ótima notícia! Pelo menos conseguiram reverter a situação e o Austen está a salvo — eu me manifesto, sorridente, e meu rosto fica vermelho quando todos focam em mim.

— Sim, a Mía tem razão. — Aubrey sorri para mim.

— É uma ótima notícia para vocês, mas o paciente não vai gostar muito de saber que será preciso ficar por pelo menos um mês sem viver perigosamente — fala o dr. Maison, que tem intimidade o suficiente para dialogar de uma maneira tão informal com os Knight. — O garoto de vocês é muito forte, mas terão que ser mais do que ele para não permitir que deixe o repouso de lado — ele recomenda.

— Que horas posso vê-lo, doutor? — Sorrio, sem esconder meu alívio em minha expressão.

Killz e Katherine surgem, atraindo nossas atenções, com certeza foram avisados. Pai e filha se aproximam, sorridentes.

— Dr. Maison, como está meu irmão? — indaga Kitty, indo até a mãe e a abraçando.

— Ele está ótimo. Vocês poderão vê-lo em meia hora, mas como são muitos — fala o dr. Maison e todos riem — é melhor entrar somente os pais, irmã e a namorada. O restante pode vir amanhã. Ele precisa descansar hoje — esclarece.

— Mía vai sozinha primeiro — interfere Killz, e eu arregalo os olhos. — Quem esteve lá com ele e presenciou tudo, foi ela, acho que ele também deve estar ansioso para ter notícias dela — finaliza ele, examinando-me.

— Eu concordo, querido, a Mía precisa vê-lo primeiro. — Aubrey sai do abraço da filha e se une ao marido.

— Eu também estou do lado de vocês — murmura Kitty.

— Bom, se fosse eu no lugar do Austen, também iria preferir ver a minha bonequinha assim que acordasse do inferno. — Um homem tatuado até o pescoço fala e todos gargalham, menos a mulher que está ao seu lado, com a mão entrelaçada na dele.

— Amor, você brinca até nesses momentos de tensão? Um dia desses, o meu cunhado te dá uma surra, Spencer — ela reclama, e ele coloca a mão no coração.

— Eu digo que se eu tivesse na merda iria querer ver primeiro você e é isso que recebo, Giulia? — O homem faz drama, ele parece ser bem-humorado.

— Giulia, o Spen nunca vai mudar. Já é coroa e continua sendo um palhaço — o outro Knight se manifesta. Ao seu lado está uma mulher ruiva muito linda, com o rosto cheio de sardas.

— Hum-hum, assim que o paciente estiver pronto para receber a visita, avisaremos, nos deem licença — fala o dr. Maison antes de se afastar com o outro médico.

— Mía, quero te apresentar a nossa família, que em breve será sua também.

Meu rosto arde ao ser o centro das atenções, todos me analisam em silêncio.

Observo um por um, principalmente os homens Knight, e entendo de onde vem tanta beleza. Eles são belíssimos, mesmo que já tenham idade, são charmosos e chamam muito atenção, mas suas mulheres não ficam atrás.

— É um prazer conhecê-los — digo, sorrindo para eles, que retribuem.

— Vou apresentar cada um, somos muitos — diz Killz, sorrindo.

— Tudo bem — concordo, rindo ao perceber que de fato a família é enorme.

— Esse é o meu irmão Axl, sua mulher Alessa e o filho deles, Christopher. — Killz aponta para a família ao lado. O garoto é mais alto do que pai e tem o cabelo mais preto que já vi em toda a minha vida. Ele é lindo e mesmo se parecendo um adolescente, já tem o corpo muito atlético.

— Seja bem-vinda à nossa família, Mía — diz Axl educadamente. Sua família se aproxima e me abraça rapidamente.

— Esses são Ezra, Hailey e Amy, o Dylan é filho deles também, esse você já conhece — avisa Killz.

O irmão dele com a mulher e filha fazem o mesmo que os outros. Acho que essa família roubou toda a beleza do mundo. A garota é linda, cabelo loiro longo, parece um anjo.

— Carter, Muriel e Rowan — Killz continua suas apresentações e eles fazem o mesmo que os outros, logo se afastam. — Spencer, Giulia e as gêmeas, Aria e Arabella. — O último casal vem com suas filhas e me abraçam, nunca me senti tão acolhida quanto agora.

A maioria dos primos do Spencer é adolescente ou já deve ter dezoito anos, não sei afirmar ao certo.

— Parabéns, Mía. — Uma das gêmeas chamam a minha atenção, e eu sorrio nervosa por não lembrar se ela é a Aria ou Arabella, já que são idênticas.

— Pelo quê? — Fico confusa, encarando-a.

— O meu primo Austen é muito bonito, mas ele é problemático demais para uma mulher aguentar. Você merece um prêmio por isso — A garota comprime os lábios.

— Cala a boca, Aria! — reclama o garoto ruivo, é o Rowan.

— Estou mentindo? — A garota revira os olhos.

— Já chega! — Quem se intromete é Spencer, o pai dela. — E que história é essa de achar o seu primo bonito? — Ele faz uma careta. — Primeiro, nunca deve achar os seus primos bonitos, mesmo que eles sejam, primos são proibidos nessa família, assim como as primas! — Spencer fala de um modo desesperado e engraçado.

— Então o senhor está dando esse recado tarde demais, tio. A Aria beijou Rowan no colégio, no vestiário, depois que o time dele venceu o jogo em casa — se intromete Christopher, chocando todos.

— Puta merda, Carter, eu disse que era para manter o seu filho longe das minhas filhas. — Spencer vai até o irmão, que está sem reação.

Uma discussão vai começar...

— Que porra você fez, Rowan? Você e Aria são sangue do mesmo sangue, nunca iremos aceitar incesto na família! — Carter segura o filho pela gola da camisa e a mulher dele entra no meio.

— Parem com isso já! Para tudo tem uma explicação! — exclama a ruiva, nervosa.

— Foi só um beijo, droga, nada de mais. A Aria gosta do *running back* do meu time e ela queria aprender a beijar antes de ficar com ele. — Rowan entrega a prima e o caos começa. — Eu nunca teria sentimentos por ela, seria nojento. Só fiz isso para a ajudar. Agora parem de surtar sem motivo. Não quero a Aria, ela é uma pirralha, gosto de mulher mais velhas. — O garoto se afasta de todos e segue pelo corredor, em seguida, os pais vão atrás dele.

— Vocês duas, vamos para casa agora. E você, Aria, está de castigo. Vou trocar você de colégio, vai para um internato — diz Spencer, enquanto a mulher dele puxa as meninas pelos braços.

— Killz e Aubrey, me perdoem pela confusão. Nos deem notícias do Austen, e diga a ele que desejamos melhoras — diz Giulia, com o rosto vermelho.

— Tudo bem, entendemos — fala Killz, compreensivo.

— Parece que o único que não vai me deixar de cabelo branco é o Christopher — se gaba Axl, sorridente, mas logo recebe um tapa da mulher no braço.

— O circo pegando fogo e você colocando mais lenha? — reclama Alessa, e o filho deles gargalha.

— Hoje é a noite das revelações? — Christopher cruza os braços e se encosta na parede.

— Das suas, não é? Por que fez isso, Chris? — a mãe dele o repreende.

— O Rowan está de olho na garota que eu quero, e no amor e na guerra vale tudo. Estou indo para casa, desejo melhoras para o Austen, tio Killz e tia Brey. — O menino pisca para a mãe e se retira como os outros.

— Esse menino tem me deixado de cabelo branco desde que nasceu. Quero saber a quem ele puxou — murmura Alessa, dramática.

— Acho melhor também irmos embora — Axl se levanta, segurando a mão da mulher. — Melhoras para o meu sobrinho, e nos perdoe por essa

confusão. Você sabe como nossa família pode ser calorosa até em momentos inadequados.

— Não se preocupe com isso, Axl, conheço todos vocês — fala Killz.

Logo eles também se vão e ficamos apenas os pais e a irmã do Austen.

— Eu acho que preciso beber água depois dessa loucura que acabou de acontecer aqui — se manifesta Katherine, ao lado da mãe.

— Você vem, Mía? — inquire Kitty, atenciosa.

— Não, podem ir, o médico pode aparecer e não me encontrar aqui — justifico.

— Vou com vocês — diz Killz, se unindo à família.

— Quer que eu traga algo para você? — pergunta Aubrey, gentilmente.

— Não precisa, obrigada — agradeço-a.

Minha amiga e os seus pais seguem pelo corredor extenso e eu volto a me sentar, contando os minutos para ver o Austen e ouvir a sua voz.



Assim como havia me prometido, me deixaram ser a primeira a entrar no quarto. Encontro Austen deitado na cama, com os olhos fechados e uma tipoia que prende o seu braço e ombro. Examino-o atentamente e vejo que o lado esquerdo do seu rosto está arranhado e uma parte com um curativo pequeno.

Com as mãos trêmulas, fecho a porta atrás de mim e vou até ele com passos silenciosos, e assim que fico de frente para Austen, meus olhos voltam a arder e eu começo a repassar na cabeça a cena do que nos aconteceu horas atrás.

— Você me deu um susto, e-eu... — Comprimo os lábios ao gaguejar e seguro em sua mão que está com o acesso na parte de cima. — Pensei que te perderia para sempre. Fiquei desesperada porque nunca vi a morte de tão perto, sabia? Muito menos de alguém que gosto tanto. — Controlo minhas lágrimas e deito meu rosto em sua barriga.

— Quase virei churrasco naquele lugar e você entrega aqui me dizendo que “gosta” de mim, ratinha? Não seja ingrata, pode se declarar, não vai doer se disser “Eu te amo, Austen”. — A voz dele é rouca e baixa, ele ainda está meio grogue por conta do sedativo.

— Estava ouvindo tudo e ficou quieto? Que safado! — Choro e dou risada ao mesmo tempo.

— Claro que sim, um homem precisa descobrir as armas que tem para lutar — diz.

Eu ergo o rosto para encará-lo.

— Depois do que nos aconteceu, você não precisa de mais nenhuma arma para lutar, não por mim. — Afasto-me dele e puxo uma cadeira para me sentar. — Eu realmente fiquei desesperada em te ver naquele estado, Austen. Nunca mais, nunca mesmo, quero te ver daquela maneira. — Acabo

soluçando ao avaliar os seus ferimentos.

— Mía, estamos prestes a entrar em uma guerra com Hector, e eu não posso te garantir que não vou sangrar nela. — Ele tenta alcançar a minha mão, então facilito para ele ao uni-las. — Mas também te prometo que mais ninguém, nem o seu pai, muito menos você, irão ser alvos do Casillas. Farei o possível para garantir que fiquem seguros. — Ele esfrega nossos dedos.

— Não, Austen, você não entendeu. Eu quero que você desista do meu pedido. — Olho em seus olhos. — Fui estúpida em te pedir para matar aquele homem, olha só o que ele te fez! Eu quero me casar com você, mas sem receber nada em troca, porque estou apaixonada por você, por cada versão sua, sem exceção. — Sensível demais com o momento, acabo chorando. — Esse sentimento que tenho por você é egoísta demais para permitir que alguém te tire de mim — Ele sorri e suas íris brilham com a minha declaração.

— Será que da próxima vez vou ouvir um “te amo, Austen”? — inquire, ainda sorrindo.

— Não sou tão fácil assim, Knight, e nem pense em uma próxima vez — resmungo e sorrimos, até que ele fica sério.

— Mía, eu sou louco por você, e se for necessário me machucar para te proteger, farei isso várias vezes — se declara, mesmo não usando “estou apaixonado”, mas eu entendo o que quer dizer. — Mas preciso que saiba de algo — seu semblante fica sério demais —, sei que você disse que teve uma ligação rápida com o seu pai, mas o Hector já está na minha mira mesmo antes de você me pedir. E mesmo que me implore, não vou deixar o Casillas se safar do que fez.

Papai está fora há dias, mas não quis me detalhar muita coisa da sua viagem. Só me disse que era para confiar a minha segurança nos Knight, principalmente em Killz, que se qualquer coisa acontecesse a ele, o homem cuidaria de mim como se fosse sua filha. Esse pedido me assustou, contudo, estou segura de que nada acontecerá com ele, e logo estaremos juntos novamente.

— Austen, aquele homem está no México, depois do que te fez, não vai querer arriscar. Vai nos deixar em paz por alguns anos, ou para sempre. Ele mexeu com o futuro chefe da máfia inglesa, não vai...

— Bird, me escute — Austen me interrompe. — O Hector Casillas vai sossegar, mas por alguns meses. Ele vai querer que a gente acredite que depois do que aconteceu comigo, desistiu de se vingar, só que não é verdade. Aquele homem gosta de pegar as pessoas desprevenidas, e será essa a impressão que vamos passar para ele, para que venha até mim. — O olhar dele fica distante. — Hector é ousado, se acha inteligente, mas vamos estar dois passos à frente dele. Eu e você vamos nos casar daqui a um mês, e no mesmo dia, o conselho vai me nomear como o novo chefe. Vamos viver nossas vidas normalmente e fingir que não nos importamos com a existência

dele, mas...

— Estaremos prontos para destruí-lo — complemento a sua fala e ele assente.

— Isso mesmo. Hector virá atrás de nós quando achar que esquecemos da existência dele. — Austen desliza a ponta dos dedos em minha mão. — E vamos responder a ele de uma maneira que nem terá tempo para se perguntar onde errou — garante.

— Confio em você — murmuro. Então as garotas aparecem em minha mente. — A Leah e Rosa, elas morreram? Foram elas que te machucaram? — A decepção toma meu peito ao vê-lo confirmar.

— Sim. Austen me detalha o que aconteceu entre ele e as meninas.

Chego a me envergonhar por ter duvidado da capacidade de Leah e Rosa. E saber que Rosa, a que eu mais sentia carinho, foi capaz de quase matar Austen me traz um sentimento de rancor, mas não guardo raiva por ela. Infelizmente, ela já pagou pelo que fez, teve o pior fim que alguém poderia imaginar. E Leah sempre foi mais sensata, um amor de pessoa, nunca quis o meu mal, e eu acredito que ela se manteve assim até o final.

— Sinto muito, não imaginei que elas fossem...

— Não peça desculpas por algo que você não fez, nunca. — Sua expressão se fecha. — Cada um que assuma os seus erros, Leah e Rosa fizeram uma escolha. Hoje, elas poderiam estar vivas, mas decidiram escolher o outro lado, aquele que nunca seria como o Damián, que se importava com os seus funcionários.

Vê-lo falar do meu pai com uma certa tranquilidade me agrada muito.

— Sim, eu sei. — Balanço a cabeça e ficamos em silêncio por alguns minutos.

— Você concorda em nos casarmos daqui a um mês, em uma cerimônia simples, apenas para que aconteça logo a minha nomeação? Depois podemos fazer algo melhor. — Ele quebra o silêncio.

— Claro. E eu também não gosto de muito tumulto, basta uma cerimônia simples. O que vale para mim são os votos, o resto é detalhe. Festa podemos fazer todos os dias, um voto de casamento, não — respondo. — Em um mês, você também já estará bem, mas se seguir as recomendações médicas, claro.

— Ótimo. E quais são essas recomendações? — Franze o cenho.

— Os médicos ainda vão detalhar, mas já adianto que você não vai poder ficar se aventurando por aí.

— Isso inclui sexo? — pergunta descaradamente, olhando para o decote do meu vestido.

— Isso também — minto, vendo-o ficar puto com a ideia.

— Mía, o meu braço está ferrado, não o meu pau. Que absurdo é esse? Chame agora esses...

Alguém abre a porta.

— Como está se sentindo? — É o dr. Maison, que está com o ortopedista. — Precisamos te passar as recomendações o quanto antes, Austen. — Eles entram e eu me ajeito na cadeira, segurando o riso ao notar que alguém está muito revoltado com a possibilidade de ficar sem sexo.

— Ainda bem que o senhor veio, dr. Maison — diz Austen, quase nervoso.

— O que aconteceu? — pergunta Maison, preocupado. Pobre senhor, está sem entender nada.

— Essa cirurgia e a imobilização no ombro e braço proíbem o paciente de ter relações sexuais por quanto tempo? — indaga Austen.

Coloco a mão no rosto quando ele faz a pergunta sem rodeios.

— Já está querendo pular a recuperação, Austen? De onde veio isso? — pergunta o médico.

— De nenhum lugar. — Austen comprime os lábios. — Só estou curioso para saber da minha situação — mente, percebendo que estou a ponto de sair correndo do quarto de tanta vergonha.

— Viemos justamente para isso — diz dr. Maison, olhando para sua prancheta. — Você passou por uma cirurgia nas costas, teve uma hemorragia e... — Ele explica as mesmas coisas que nos falou momentos atrás. — Vou prescrever alguns medicamentos que devem ser tomados nos horários certos, e você vai precisar de alguém para estar te ajudando com o curativo, sozinho não será capaz de fazer. E é crucial que respeite o seu repouso para ter uma boa recuperação. Você estará liberado para ter relações daqui a três ou quatro semanas. Agora é com você, dr. Blake. — O médico mais velho se afasta.

— Austen, faço das palavras do meu colega as minhas, tenha cuidado com movimentos bruscos pelo menos por duas semanas, e a tipoia deve permanecer por pelo menos quatro semanas. Só vai poder tirar quando for tomar banho, mas depois, deve colocar no lugar. — Dr. Blake encara Austen, que o escuta atento. — Vou prescrever um anti-inflamatório e um analgésico em caso de dor.

— O.k. E quando vou ter alta? — sonda Austen.

— Daqui a dois dias, por causa da cirurgia — responde dr. Maison.

— Isso tudo? — O paciente mais impaciente fecha os olhos.

— Logo passa — digo, tocando na perna dele.

— Hum-hum, agora vamos deixar vocês — diz dr. Maison, saindo com o outro médico do quarto.

— Maldita cirurgia... — diz Austen, quase soltando fogo pelos olhos.

— Pois trate de seguir as recomendações se quiser ficar bom logo, não vai ter sexo até que se recupere — decido, cruzando os braços.

— Não brinque com algo sério.

Dessa vez sou eu que dou risada.

— Você só pensa em sexo, é? Deveria estar preocupado com a dor que vai sentir depois que passar a anestesia, não em putaria — digo, sendo má.

— O que posso fazer se só consigo pensar em você? E nem se trata apenas do sexo. — Sua declaração esquenta meu coração.

— Que romântico, Austen! — zombo, me inclinando em seu corpo e beijando seu queixo, e o descarado ri.

— Eu quero na boca, bird — resmunga, e toca em meu rosto, então nos encaramos nos olhos.

— Quantos você quer? — Sorrio, com meu coração acelerado por nem acreditar que estamos juntos novamente e ele conversando comigo.

— Todos possíveis, Rivera. — Ele olha em minha boca e umedece seus lábios.

— Ah, é? — Provoco-o ao beijar o canto da sua boca.

— Não abuse da sorte, Mía, não pode se aproveitar de um homem acamado que não pode te colocar no colo e te dar algumas palmadas por estar sendo uma garota má. — Ele agarra minha nuca e cola nossos lábios.

— Ei, vai com calma, preciso encontrar uma posição que não machuque o seu braço. — Afasto-me um pouco dele e apoio um braço ao lado do seu corpo.

— Toda dor é suportável se eu estiver com você, garota.

Austen me arranca um suspiro bobo com a sua declaração.

— Estou achando que você bateu a cabeça e está começando a delirar somente agora. — Rio baixinho, tocando em seu rosto e avaliando o seu maxilar marcado, que parece ter sido moldado com as mãos. Lindo.

— Valorize meu lado romântico. — Faz um biquinho ridículo e eu gargalho.

— Gosto dessa sua versão — declaro e beijo seus lábios. — De todas... cada versão sua me tem nas mãos, Austen James Knight — murmuro, espalmado a mão cuidadosamente em seu peito antes de aprofundar nosso beijo.

Deixo minha língua deslizar na dele e gememos com o contato. Saboreio a sua boca, mordo, sugo, cheia de saudade, como se tivéssemos ficado dias um longe do outro, mesmo que tenham se passado apenas algumas horas. Posso sentir meus olhos ardendo e o sorriso durante nosso

beijo quando minhas lágrimas caem em seu rosto.

— Você está chorando enquanto me beija? — pergunta, carinhoso, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Claro que não. — Faço-me de durona.

Alguém bate à porta e me salva de explicações longas.

— Será que podemos entrar? — É a voz de Aubrey.

Afasto-me do filho dela e volto a me sentar na cadeira.

— Claro que podem — respondo, sem tirar os olhos do filho dela.

— Austen, você quer me matar? — Katherine passa por mim e vai até o irmão. Ela quase esqueceu do braço dele quando o abraça. — Você m-me paga... Eu pensei que não teria mais o meu irmão gêmeo para tirar a minha paz. — Ela soluça e eu fico afetada com a cena.

— Não chore, Kitty, a última vez que te fiz chorar assim foi quando tínhamos oito anos e eu puxei as suas tranças. Você chorou tanto que fiquei com dó — responde Austen, e nós rimos.

Killz e Aubrey se aproximam da cama do filho e o casal se abraça, observando a interação dos filhos. A mulher chora e o marido a consola. Os filhos podem ter a idade que for, mas para uma mãe eles serão eternamente a sua criança.

— Engraçadinho você. — Kitty se afasta do irmão e toca na tipoia em seu braço. — Vai ter que ficar algumas semanas de molho, não é? Mas pelo menos está vivo, isso que importa. — Ela encara os pais e sorri para eles. Consigo ver suas pálpebras inchadas de tanto chorar, acho que estamos iguais.

— Daqui a dois dias já estou fora daqui, e descansar é a última coisa que vou fazer tendo um inimigo ainda respirando — diz Austen, respirando fundo e me encarando, depois aos pais.

— Negativo, Austen. Quero que você siga as instruções do médico e só volte à ativa daqui a quatro semanas — se manifesta Killz, determinado. — Depois dessa desgraça, aquele homem vai esperar a poeira baixar e enquanto isso...

— Iremos trabalhar enquanto ele pensa que recuamos — interfere Austen, tão firme quanto o pai, ambos usam tom de liderança. — Eu preciso que o senhor me empreste o seu celular, tenho que fazer três ligações. — Ele estende a mão na direção de Killz.

— Filho, o seu pai tem razão, você precisa se recuperar primeiro. O susto que você nos deu foi terrível, ficamos desolados — diz Aubrey, preocupada, indo até ele e tocando em seu braço.

— Mãe, a guerra é isso, uma hora você está de pé, na outra, não. Eu não posso permitir que o Casillas nos vença uma segunda vez. — Austen

comprime os lábios. — Logo vou ser oficialmente o chefe da organização, não posso ficar um mês com o rabo no sofá esperando que a minha recuperação seja rápida, deixando que o nosso inimigo continue desfrutando da nossa desgraça.

— Eu estou aqui para cuidar disso, Austen — garante Killz.

— Preciso falar com o senhor à sós.

— Vou beber água, vocês vêm comigo? — Tomo a iniciativa e as mulheres logo entendem.

— Eu também preciso tomar um analgésico, estou com um pouco de dor na cabeça — comenta Kitty, se afastando do irmão.

— Vou acompanhar vocês — diz Aubrey, mas antes de vir ao nosso encontro, vai até o filho e o olha bem nos olhos. — Respeite os seus limites. — Dá o seu recado, então deixamos o quarto sem olhar para trás.

Killz conhece o filho e sabe que Austen não vai aceitar ficar de braços cruzados. Ele tem um plano para acabar com Hector e só vai sossegar quando tiver êxito. Logo vai ser nomeado como o novo chefe, e eu acho que é uma ótima oportunidade para mostrar que tem um punho de ferro para liderar a ruína do nosso inimigo.

24



AUSTEN

Meu pai está sentado exatamente onde Mía esteve minutos atrás, me observando em total silêncio. Desde a saída das mulheres do quarto, ele permanece calado. Parece aguardar uma explicação, já que a instrução dada aos soldados foi para evacuar a área e eu decidi ficar. Quase perdi a vida, mas a sorte me acompanhou e o impacto não foi suficientemente forte para induzir um coma ou causar qualquer lesão significativa. Não me arrependo do que fiz. Se não tivesse permanecido, não teria descoberto a traição de Leah e Rosa, registrada pelas câmeras.

Minha decisão de ficar não teve influência no desfecho, pelo contrário, Las Chicas teria sido alvo do plano destrutivo de Hector de qualquer forma. Ele queria marcar seu território usando pessoas que acreditava passarem despercebidas. Rosa e Leah venderam suas lealdades, pagando com a própria vida. Elas poderiam estar vivas, permitiria que Damián decidisse o destino delas após a nossa conversa, mas fui covardemente atacado e apenas reagi.

— É ótimo te encontrar bem, principalmente vivo, Austen, mas não posso deixar de reprovar essa atitude suicida. — Ele passa a mão na barba, com alguns fios grisalhos. — Você quase morreu e ainda não compreendi a verdadeira motivação. Ordenei que os soldados retirassem todos do local, e pedi para que você também saísse, mas algo o prendeu. O que aconteceu? — Meu pai analisa minha expressão.

— Existem eventos que o senhor desconhece, pai. — Suspiro, sentindo uma pontada de dor no ombro ao tentar ajustar o travesseiro nas minhas costas. Porra. — Não sei se Dean te informou, mas seu comportamento indica que não. — Observo seu semblante confuso.

— Não tive notícia de nada mais sério — ele afirma.

— Um dos homens de Damián tentou violentar Mía, ele foi enviado por Hector para estuprá-la e depois matá-la. Se não tivesse ido vê-la ontem à

noite, ela seria encontrada já sem vida. — A revolta cresce dentro de mim só de pensar que, se não tivesse ido àquele lugar, Mía estaria morta. — Há algum tempo, Dylan e eu instalamos câmeras no escritório de Damián, e a vigilância acabou sendo útil. Foi através dela que flagrei Pascual tentando abusar de Mía.

— Você foi perspicaz. O escritório de Damián era o único lugar sem câmeras, e segundo ele, era Pascual quem monitorava a sala de segurança.

Eu sabia que algo estava incorreto naquele monitoramento, e o homem, ao dar instruções aos cúmplices, demonstrava grande confiança, mesmo ciente de que estavam sendo filmados. Ele planejava destruir as gravações, mas desmascarei todos e consegui eliminar o mal pela raiz.

— Foi o erro mais grave dele. Hector estava a poucos passos de vocês, esteve perto de se vingar. Casillas tinha cinco subordinados a seu serviço, todos empregados de Damián — revelo, vendo a surpresa em seu rosto. — Duas eram próximas da Mía, enquanto os outros dois homens, não. Um deles, que descobri o nome, está morto. E o outro foi levado pelos soldados para o galpão leste. — A mandíbula do meu pai se contrai. — As mulheres eram Leah e Rosa, uma era bartender e a outra dançarina, que às vezes atuava como garçonne. Elas estavam comigo e acabaram mortas. Rosa me feriu nas costas, e a namorada dela tentou me atacar por trás, agindo de forma covarde. Tive que me defender, mesmo que inicialmente planejasse entregá-las a Damián — esclareço.

— Damián desconfiava que alguém estava traindo-o, a festa para apresentar a nova droga era apenas uma distração. — Meu pai pigarreia, em choque com as informações recebidas. — Nos últimos dias longe da Inglaterra, não foi apenas visitar a madrinha, mas para tirar algumas dúvidas, e agora, ao me falar desses funcionários dele, consigo conectar alguns pontos. — Ele aperta os lábios. — Hector já sabia que o primo estava vivo e, com certeza, a madrinha deles esteve ao lado de Casillas todo esse tempo. E esses informantes dentro do Las Chicas vinham trabalhando para ele há bastante tempo, mas só agora Hector decidiu agir...

— Quando justamente o meu casamento com Mía chegou aos ouvidos dele — completo pensativo. — Quando você me contou sobre essa madrinha, fiquei desconfiado. Não fazia sentido essa senhora ter preferido Damián e mantido a verdade escondida de Hector. Não seria factível um cliente do bordel ter transmitido essa informação para Casillas, só poderia ser alguém próximo a ele, e a única pessoa que resta é essa mulher.

— Sim, tudo está se encaixando, mas não compreendo por que ele decidiu tirar a vida dela depois de alcançar seu objetivo, que era chegar a Damián. — Ele apoia os cotovelos nos joelhos e me encara com seriedade.

— Quando alguém deixa de nos ser útil, o que fazemos? Descartamos essa pessoa, e foi exatamente o que aconteceu. Aquela mulher não tinha mais utilidade para ele. E se a madrinha deles traiu Damián, ela também poderia facilmente fazer o mesmo com ele. — Chego a essa conclusão.

— Sim, você está certo. — Meu pai engole em seco.

— Eu preciso que confie em mim, pai, e ao falar de confiança, significa me permitir assumir a liderança nesse confronto com Casillas. Para que isso ocorra, é necessário que você me transfira a liderança o mais rápido possível. — Respiro fundo, observando-o se levantar e ficar de costas para mim. — Algumas das minhas ações podem não agradar ao conselho e, sendo eu o chefe, eles não poderão contestar minhas decisões.

Sua postura fica ereta.

— Eu confio em você, Austen, mas é importante para mim entender seus planos — diz, virando-se para me olhar nos olhos. — Estávamos combinando que sua nomeação aconteceria após seu casamento, mas surgiu esse desagradável imprevisto — continua, passando a mão no pescoço com nervosismo.

— Pretendo enfraquecer Hector ao unir nossa máfia com as de Viktoria, Maeve e minha avó. Teremos ao nosso lado a organização da Rússia, Irlanda e Chicago, formando assim quatro potências contra ele. Nenhum cartel terá coragem de se aliar a Casillas sabendo que contamos com organizações tão poderosas. Já somos fortes individualmente, mas unidos — faço uma pausa, minha voz soando fria — vamos fazer Hector Casillas desaparecer da face da Terra. Ele será aniquilado aqui na Inglaterra, com seus capangas, de modo que ninguém sequer se lembre de sua existência inútil — concluo, meus lábios se curvando em um sorriso cruel.

— Procurei diferentes opções, mas nunca cheguei a um possível acordo entre as máfias. Como planeja persuadir Viktoria, Maeve e sua avó a disponibilizarem seus soldados para nós? — Ele se senta de novo, curioso e visivelmente orgulhoso, demonstrando grande atenção às minhas palavras.

— Dando três telefonemas, teremos Hector morto antes mesmo de ele colocar os pés em nosso território. No entanto, será mais interessante permitir que nosso inimigo alimente suas expectativas e morra diante de nossos olhos. Nada é mais satisfatório do que testemunhar a ruína daqueles que nos menosprezam.

Os olhos do meu pai brilham, revelando sua capacidade de crueldade quando necessário. Será que somos semelhantes ou eu sou pior?

— Convença as três mulheres e eu te nomeio como o novo chefe — ele sugere, mas eu recuso com um movimento de cabeça.

— Me passe seu celular. — Estendo a mão.

Minha primeira missão será conquistar o apoio da minha avó, Celeste Lewis, a líder implacável da máfia de Chicago. Sendo seu primeiro neto e filho de sua única filha, sei que posso contar com seu suporte incondicional. Em seguida, conversarei com Viktoria Ivanov. Apesar da antiga rivalidade entre nossas famílias, que foi aparentemente resolvida há mais de uma década, a avó de Dylan sempre estará ao lado do neto, que ela está

preparando para assumir seu papel como o próximo *pakhan*. Dy, meu melhor amigo, sabe exatamente como persuadi-la.

Por fim, tenho planos de abordar Maeve, mãe da tia Muriel e avó de Rowan. Essas mulheres não se recusarão a me apoiar, pois nossos interesses estão alinhados – meus primos e eu somos seus herdeiros diretos. Elas se unirão à nossa causa e enfrentarão Hector Casillas. Esse velho tentará nos desafiar, buscando afirmar seu poder, mas permitirei que tenha seu breve momento de destaque em uma narrativa onde não terá papel de protagonista.

— Aqui está. — Ele retira o aparelho do bolso e o entrega desbloqueado para mim.

Eu procuro o contato da minha avó e, quando encontro, levo o celular à orelha. No segundo toque ela atende.

— *Killz, quanto tempo!* — minha avó diz do outro lado da linha com gentileza.

— Sou eu, Austen, Nan — me identifico.

— *Austen, querido, houve algum problema com seu celular para estar ligando do telefone do seu pai?* — Minha avó se preocupa.

— Está carregando. — Eu omito para não a assustar, pois é uma senhora idosa e prefiro poupá-la de certas coisas, embora o que irei propor a ela não seja algo tranquilo.

— *Do que precisa, meu neto? Não conversamos há meses, e agora você me liga a esta hora da noite?* — ela pergunta, já que em Chicago é noite enquanto aqui faltam poucas horas para o sol nascer.

— Preciso do seu apoio, é muito importante para mim. — Respiro fundo, observando meu pai cruzar os braços e se encostar na parede.

— *Foi algo que aconteceu com vocês? Mais cedo, liguei para Aubrey e percebi que a voz dela estava diferente, então acabei falando com a Alessa.* — Ela está desconfiada, sorrio com a sua perspicácia.

— Tudo está bem, apenas sofri arranhões no braço e nas costas no galpão e precisei de cuidados médicos, mas já passou. Minha mãe se preocupa muito, como você sabe. — Olho para o meu pai, que faz uma careta.

— *Foi apenas um arranhão, Austen? Não me engane, conheço você muito bem. Diga-me do que precisa e, se estiver ao meu alcance, ajudarei.*

Solto uma risada com a sua observação.

Minha família é realmente perspicaz.

— Preciso pedir emprestados alguns dos seus soldados. — Paro de sorrir, adotando um tom sério. — Estamos lidando com um pequeno problema que precisamos resolver o mais rápido possível.

Coloco a chamada em viva-voz para que meu pai possa ouvir.

— *Por favor, forneça mais informações, querido. É importante entender completamente a situação* — pede com curiosidade, enquanto olho para Killz, que me encoraja a prosseguir.

— O nome do infeliz é Hector Casillas. — Conto a Celeste minuciosamente toda a história, desde o início, incluindo o acordo entre meu pai e Rivera. Não deixo nenhum detalhe de fora, pois é essencial que ela envie seus soldados para a Inglaterra. Com cuidado, revelo a verdade sobre o incêndio, sabendo que isso provocará a revolta de minha avó. — Tive que passar por uma cirurgia e vou precisar usar uma tipoia por algumas semanas, mas fora isso, estou bem. Pronto pra outra — concluo, com tranquilidade, para que ela não se sinta pressionada a voar de Chicago até aqui para me ver. Prefiro que permaneça lá, pois estará mais segura.

— *Apenas me indique a quantidade de homens que deseja, meu neto. Se quiser todos, é só dizer, agora é questão de honra me aliar a vocês para acabar com o maldito que se atreveu a tocar em você.* — A determinação de Celeste Lewis me enche de orgulho, minha avó é uma mulher forte, uma grande inspiração para muitas outras mulheres.

— Cem homens é o bastante. Apesar de termos soldados em quantidade para destruir o cartel do Casillas, prefiro sufocá-lo, sem dar espaço para respirar, e seus soldados serão importantes para isso acontecer — digo, olhando para meu pai, que sorri demonstrando orgulho de mim.

— *Enviarei mais cinquenta dos meus homens. Confio no seu potencial, querido, mostre a todos quem é Austen James Knight.* — Ela ri do outro lado da linha.

— Já estou fazendo, pode deixar. Obrigado, Nan. — Meu sorriso se amplia.

— *Não agradeça. Preferiria que você assumisse a liderança da organização de Chicago, mas decidi não entrar em conflito com meu genro, estou indecisa entre Katherine e Christopher* — ela comenta.

— A Kitty tem potencial para ser uma chefe, mas sugiro que aposte no Chris, ele vai te surpreender — recomendo, ciente de que Katherine não tem interesse em liderar uma máfia. Conheço minha irmã e sei que ela tem outros sonhos, tornar-se chefe em Chicago só a faria sofrer. E se escolher ficar com o Dean, ele nunca poderá ser reconhecido como seu marido por ser um soldado.

— *Vou analisar todas as opções. Vou descansar agora, meu neto.*

— Certo. Preciso que você envie seus homens esta semana, não podemos perder tempo. Eles precisam de orientação, conhecer nosso território e estar preparados para o confronto. — Comprimo os lábios.

— *Eu os enviarei amanhã* — avisa.

— Aguardarei. Boa noite — desejo, antes de lembrar que já é noite lá.

— *Até breve, querido.* — Ela finaliza a ligação.

Com o celular em mãos, descanso meu braço sobre a barriga e observo meu pai respirar fundo.

— Você conseguiu. — Ele se senta e me observa.

— Sim. Eu sabia que ela não me diria não.

— Agora temos a Viktoria e Maeve — comenta.

— Viktoria Ivanov já está em nossas mãos, Dylan conseguirá isso para nós — garanto, voltando a mexer no celular e ligando para meu primo, que parece ter acordado cedo.

— *Tio Killz* — Dylan cumprimenta meu pai, achando que é ele. Ao fundo, ouço o estampido de um tiro.

— Sou eu, Dy.

— *Austen, o que houve? Perdeu o celular?* — A mesma pergunta da minha avó.

— Perdi e estou em uma cama de hospital, mas isso é detalhe. Preciso de você. — Pigarreio.

— *O que aconteceu para você estar no hospital? Não soube de nada. A Mía te deu uma surra por acaso?* — brinca ele, bem-humorado, enquanto os tiros ecoam em sua ligação.

— Quem me dera. Onde você está com esse barulho infernal? — pergunto.

— *Vim acompanhar o treino de alguns soldados da minha avó. Ela adoeceu esta semana, não pôde tomar muitas decisões, e o Brends é um imbecil, não serve para nada. E o Dimitri está cuidando de Viktoria. Só restou a mim tomar a frente* — explica, parecendo se afastar, pois o barulho se torna quase insuportável. — *Mas o que aconteceu para você estar no hospital?*

— Se quiser sentar para ouvir a longa história, é recomendável.

— *Estou ouvindo* — fala. Uma voz feminina se destaca com a dele, dizendo "*a garota que vai ficar com sua avó já chegou no escritório e está te esperando, senhor Ivanov.*" O povo russo sempre se dirige ao Dylan quando está na Rússia com Ivanov e não Knight. — *Ok. Peça para ela esperar mais alguns minutos que já estou indo.*

— Posso falar ou ligo outra hora? — pergunto.

— *Desculpe, era a assistente da Viktoria, precisei encontrar alguém para cuidar dela.* — Ele suspira, como se estivesse exausto. — *Continue.*

— O que vou te dizer deve ficar entre nós, apenas eu e mais três pessoas sabemos disso — explico.

— *Sabe que sou leal a você até a morte, Austen, agora me conte o que está acontecendo.*

— Vou começar do início, é mais lógico — murmuro, enquanto meu pai faz um gesto com as mãos indicando que vai sair do quarto. Essa conversa com Dylan será longa. — Mía e eu somos prometidos desde pequenos.... — Detalho para meu primo da mesma forma que fiz para a minha avó, a diferença é que tenho intimidade com ele e me sinto mais à vontade para expressar meus sentimentos de tudo que está acontecendo. Os minutos se passam e continuo a compartilhar com ele, até chegar ao ponto principal — minha necessidade de ter sua avó como aliada nessa guerra. Explico que não é necessário ter muitos homens.

— *Não tenho por que falar com Viktoria, eu disponibilizo esses homens para você* — decide Dylan, me pegando de surpresa.

— Mas você ainda não possui esse poder de aceitar ser nosso aliado, ou já se tornou o *pakhan* tão rapidamente? — questiono, orgulhoso de sua postura como chefe.

— *Austen, minha avó está doente, sou o único responsável no momento pelos negócios, e sei que Viktoria nunca recusaria algo que envolve seus dois filhos e netos. Confie em mim, basta me informar quando precisa dos soldados e eu os enviarei.* — Sua voz transmite segurança.

— Sim, é verdade. Envie-me cem soldados, pode ser amanhã, eles precisam estudar o mapa de nosso território para não ficarem desorientados.

— *Você me falou que pretende deixar o desgraçado desesperado, sem saída, então vou ajudar enviando duzentos dos melhores homens. E avise-me antes do embate, quero estar ao seu lado testemunhando Hector Casillas cair aos seus pés, suplicando por misericórdia.*

Esboço um sorriso e ele deve estar fazendo o mesmo.

— Será uma honra, Dylan. Lealdade mesmo além da morte. — Recorro ao nosso mantra que costumávamos proferir na época em que éramos adolescentes e treinávamos no galpão.

— *Te aviso amanhã sobre o envio dos soldados. Lealdade mesmo além da morte* — ele repete.

— Você já tomou sua decisão em aceitar a proposta de sua avó? — Minha pergunta soa mais como uma afirmação.

— *Sim, eu aceitarei.*

— Resta-me apenas desejar sorte. E torço para que sua futura esposa seja merecedora de você.

— *Não estou pensando em casamento no momento, Austen. Tenho muito trabalho para lidar com os soldados, os negócios da empresa estão uma bagunça e a desordem desse lugar está me deixando sem dormir* — resmunga.

— Parece que nossa vida tranquila acabou. — Rio suavemente e ele também.

— *E a vida de solteiros também* — acrescenta.

— Vou me casar antes de você, então você não conta. Enquanto você não fechar esse acordo com sua avó e conhecer essa suposta pretendente, aproveite seus dias de solteirice — aconselho. Afinal, Dylan não conhece a mulher, eles nem estão em um relacionamento ainda, então não é traição.

— *Minha diversão será algumas garrafas de Kvass e papéis para revisar nos momentos livres.*

— Você já está se habituando à cultura russa. E em poucos dias no país. Que orgulho, Dy — brinco para aliviar um pouco a tensão.

— *É necessário. Em alguns meses, este lugar será minha casa para sempre.*

Eu o ouço engolir em seco.

— Eu compreendo, Dylan — respondo calmamente enquanto encaro o teto branco.

— *E sobre o casamento seu e de Mía?* — Ele muda de assunto.

— Optamos por realizar apenas o ritual da máfia, sem festividades, pois não é o momento apropriado. — A porta se abre e Mía me observa. — O mais importante é estarmos casados.

— *Concordo.*

Mía sutilmente indica que vai fechar a porta.

— É o Dylan, entre, Mía — convido-a.

Ela assente e entra no quarto.

— *Vejo que está acompanhado da sua futura mulher. Falamos depois.*

— Te ligo mais tarde. Até breve. — Encerro a ligação e observo Mía se aproximando da cama.

Ao encará-la atentamente, noto seus braços arranhados, pernas e joelho com um curativo pequeno. Ambos fomos afetados, cada um à sua maneira.

— Aproxime-se mais — peço, colocando o celular ao lado do meu corpo e estendendo a mão em sua direção quando ela se aproxima. — Se machucou em algum outro lugar? — Examino seu rosto e ela nega.

— Estou ótima, até melhor do que você. — Assegura com um belo sorriso.

— Isso é inegável. — Sorrio.

— E você, está sentindo alguma dor? — pergunta com carinho.

— Não muito. Vou me machucar mais vezes, você fica maravilhosa quando está sendo carinhosa — provoco, arrancando mais sorrisos dela.

— Você não é tão louco assim — ela me repreende.

— Mía Rivera, por um sorriso sincero seu, eu pularia de um carro em

movimento — brinco, piscando para ela.

— De onde você tira essas palavras bonitas? — ela pergunta, semicerrando os olhos.

Eu rio, me divertindo.

— Está duvidando do meu potencial? Só para você saber, não sou tão ligado à internet, uso de vez em quando. E para mostrar minhas habilidades de conquistador, não preciso de sites — digo, enquanto toco em uma mecha do seu cabelo, fazendo suas pupilas dilatarem.

— Você está sendo muito romântico, acho que vou procurar um neurologista para te avaliar. — Ergue a sobrancelha.

— Estou perfeitamente bem, Rivera, acredite. — Seguro seu queixo e a encaro com seriedade. — Preciso adiar nosso casamento. — Acaricio sua pele com o polegar.

— Não íamos nos casar daqui a quatro semanas? — Ela empalidece, revelando uma expressão triste.

— Não — digo. Mía arfa, desapontada ao ver meu semblante se tornar sério. — A minha nova proposta é nos casarmos em duas semanas, faremos apenas a cerimônia da organização, indispensável para os casamentos Knight. A festa fica para depois. Se concordar, avisaremos a todos e você pede ajuda às mulheres para escolher o seu vestido.

Mía sorri, aliviada ao saber que não estou desistindo da nossa união.

— Você me assustou, pensei que...

Pegando em sua mão, interrompo suavemente.

— Mía, não pretendo ir a lugar algum. E depois de nos casarmos, somente a morte poderá nos separar. Na organização não há divórcio. Você terá que me aturar até que um de nós deixe este mundo. — Toco no dedo onde horas antes planejava colocar o anel.

— Na verdade, vim até aqui para te entregar algo que me pediu para abrir somente quando você retornasse. Como isso não aconteceu, trouxe-o para você — murmura, afastando-me e exibindo algo em minha outra mão. A caixinha do anel da minha mãe. — Um dos soldados trouxe a bolsa que eu havia deixado em seu carro, e encontrei isso. — Estende o objeto para mim.

— Você tem uma ótima memória. — Pego a caixinha de veludo e a abro, revelando o delicado anel com uma brilhante pedra de diamante azul.

— Você faz questão de ser marcante para que alguém não possa te esquecer, Austen. — Mía fixa o olhar no anel que pertenceu à minha mãe por anos.

— Quão marcante eu fui para você, Rivera?

— O suficiente para perceber que não consigo me imaginar sem você, Knight — ela declara, sorrindo, e meu coração dispara.

— Não imagine, apenas viva ao meu lado como se fosse o último dia.
— Coloco a caixinha em minha barriga e tiro o anel de lá. — Me dê a sua mão — peço, e ela a estende para mim.

Coloco o anel em seu dedo e consigo ouvir as batidas fortes de seu coração envolvendo nossas respirações enquanto ficamos em silêncio.

— Ele é lindo — sussurra Mía, apaixonada.

— Aproxime-se mais — peço suavemente, e ela atende ao meu pedido.
— Vamos precisar ajustá-lo, está um pouco grande. — Levo sua mão para perto do meu rosto e beijo seus dedos, arrancando um suspiro de Mía.

— Vamos deixar isso para depois. Sua prioridade agora é sua recuperação.

— Vou precisar ficar aqui por dois dias, serão dias bem monótonos — digo ao fechar os olhos e soltar sua mão.

— Eu vou ficar ao seu lado.

— E seu pai, você tem notícias dele? — pergunto ao vê-la sentar-se.

— Ele chegará mais tarde. Está arrasado, mas pelo menos não tivemos perdas graves, o mais importante é que conseguiram salvar tantas vidas inocentes. — Sua voz vacila e lágrimas enchem seus olhos. — Não vou esconder, Austen, a morte da Leah e da Rosa mexeu comigo. Apesar do que fizeram, convivemos juntas por anos, tivemos uma história... De certa forma, me sinto culpada. — Ela baixa a cabeça.

— Mía, o simples fato de ter dinheiro envolvido fez com que elas ignorassem tudo. Você não deve se sentir culpada, elas tinham consciência dos riscos ao se aliarem com o nosso inimigo. — Consolo-a. — Eu permitiria que elas vivessem para serem julgadas por seu pai, mas suas ações não as fizeram merecedoras. Elas me atacaram, Rosa cravou uma faca em minhas costas e Leah contribuiu com sua covardia ao me agredir com uma cadeira. Elas se aproveitaram da minha distração, e, em seguida, se recusaram a admitir que erraram. A mulher por quem você nutre pena, ao apertar o botão, destruiu cada canto do lar que seu pai construiu para que vocês tivessem um recomeço — termino de falar e minha futura mulher soluça, balançando a cabeça.

— Por que é tão desafiador para as pessoas serem leais umas com as outras? Papai não é nenhum santo, mas o que ele fez de tão grave para merecer tal traição? É isso que não consigo compreender. — Ela limpa o rosto, tentando se recompor.

— Mía, a lealdade não se baseia em nossas boas ações, todos podem prometer fidelidade a você, mas basta uma oportunidade para que ela revele o contrário — interrompo-a, percebendo sua profunda tristeza. — Nunca espere lealdade de alguém baseada no que você oferece a ela. Nem sempre conseguimos atender às expectativas do outro a longo prazo e, em algum momento, outra pessoa surge e lhes proporciona o que você não conseguiu.

Foi o que aconteceu com Rosa e Leah. Elas queriam mais dinheiro e, na opinião delas, o que Damián pagava não era suficiente, então veio o Hector...

— E as satisfez muito mais — ela acrescenta, com tristeza.

— Exatamente.

— O Hector conseguiu manter pessoas em nossa casa por muito tempo, e se ele for mais longe, Austen? Você quase morreu e não estava longe de casa. Esse homem é um monstro. Será que conseguiremos lidar com ele? Superar sua astúcia? — questiona, insegura.

— Hector já é um homem morto, Mía, mesmo que ele ainda não saiba. Vou permitir que ele desfrute de alguns dias antes do seu destino final — comento, pensando no capanga de Damián que se uniu a ele e agora está sob nossos cuidados no galpão leste.

Esse homem será fundamental para meus planos, fornecendo as informações necessárias para derrotar o Casillas. Logo Hector se reunirá com seus cúmplices no inferno. Aguardarei ansiosamente por esse momento. Será uma satisfação extinguir o cartel dele. Além de tirar a sua vida banal, farei com que todos os que o apoiaram se curvem diante de Damián e o reconheçam como o novo don.



Depois de dois dias, sou liberado do hospital e vou direto para o galpão leste, com meu pai. Mía permaneceu comigo, fiel à sua promessa, apesar de eu insistir para que fosse descansar na mansão Knight, em busca de uma noite mais confortável. Contudo, sua teimosia a fez permanecer ao meu lado.

No entanto, essa manhã, solicitei a Kitty e Dean que a levassem para ficar com minha mãe. Deixá-la sozinha em meu apartamento, por enquanto, está fora de questão. Depois do que aconteceu, não confio em absolutamente nada, e manter a minha família por perto é a opção mais segura para ela.

Damián já chegou na Inglaterra, desembarcou anteontem à noite e está hospedado em um dos prédios disponibilizados por meu pai, onde ele e seus funcionários poderão se restabelecer. O homem chegou ciente dos traidores que o cercavam, até mesmo quis confrontar o antigo capanga, para puni-lo. Mas eu não permiti, isso poderia interferir no andamento do plano, que estou moldando cuidadosamente para atingir a perfeição.

Damián teve um prejuízo de milhões de libras, e estou confiante de que meu pai o ajudará a se reerguer, já que são aliados. E também não precisará se preocupar em encontrar um novo lar, pois já estou providenciando isso.

— Você acha que conseguirá extrair alguma informação desse homem?
— questiona meu pai, ao meu lado no banco do passageiro, enquanto o soldado entra na propriedade do galpão.

— Se ele traiu aquele que o acolheu por outro que comprou sua lealdade com dinheiro, certamente alguns incentivos meus o farão trair novamente — murmuro, observando a movimentação dos soldados do lado de fora. — Todos têm um ponto fraco, e eu descobrirei qual é o dele. Será minha maior arma para fazê-lo responder todas as minhas perguntas.

— Essa é uma boa estratégia.

Utilizamos o galpão para realizar treinamentos avançados e

interrogatórios. O antigo capanga de Damián não deve estar em boas condições, mas, se necessário, eu o farei sofrer ainda mais para que coopere comigo. Ele terá que falar, quer seja de boa vontade ou à força, mesmo que eu tenha que levá-lo ao limite.

O carro estaciona em frente à porta do galpão, e dois soldados que fazem a guarda abrem um lado da porta ao reconhecerem meu pai e eu. Killz sai primeiro, em seguida contorna o veículo e segura a porta para mim, estendendo a mão em minha direção.

— Eu consigo. Obrigado — afirmo, enquanto meu pai balança a cabeça e se afasta, me dando espaço.

Ao descer do veículo, logo percebo Killz adiante, indo em direção ao galpão. Sem hesitar, decido segui-lo. Mal entro e sou recebido por um grito de dor. Dirijo meu olhar na direção do som e vejo um homem nu, de joelhos numa poça de sangue, marcado por ferimentos. Ele está acorrentado, com os braços abertos e dois soldados ao seu lado segurando baldes d'água, como se estivessem dando-lhe um “bom dia”.

— Não o molhem ainda — solicito, enquanto me aproximo e sou envolvido pelo cheiro nauseante do sangue. — Me tragam a mesa de primeiro-socorros e o pote especial com larvas carnívoras.

O homem, cujo nome desconheço, ergue a cabeça ao me ouvir mencionar os insetos, com o olhar desesperado. Os pequenos seres se tornarão o ponto alto de nossa conversa, caso ele resolva não colaborar comigo.

— N-não, por favor... — pede o ex-capanga de Damián em inglês, com evidente tremor. Observo seu rosto, que fora brutalmente agredido. Boca ferida, pálpebras inchadas e entreabertas, nariz quebrado e um lado da bochecha inchado com um corte que evidencia a carne exposta.

— Tragam-me uma cadeira. Qual é o seu nome? — pergunto, ignorando o apelo do homem.

— A-Andrés, s-senhor... — responde, banhando o seu rosto ensanguentado com lágrimas que rolam por suas bochechas.

— Muito bem, Andrés, precisamos conversar — declaro, sentando-me na cadeira que um soldado trouxe para mim, quase tentado a me livrar da maldita tipoia que tanto me incomoda, fazendo-me sentir aprisionado por ela. — Antes de mais nada, serei franco. Depois do que fez, não posso deixar você sair vivo daqui e, sinceramente, não sei se sobreviveria nas condições em que o deixarei.

O homem engole em seco.

Meu pai posiciona-se ao meu lado, observando-nos com os braços cruzados e em silêncio.

— O que quer de mim? O que eu fiz para merecer isso? — Andrés gagueja, se não tivesse a prova dele com os outros naquela captura de

imagem, acreditaria em sua serenidade e inocência.

— Ah, meu caro, você sabe o que fez. Eu nunca deixaria um inocente nestas circunstâncias. — Inspiro profundamente ao ver o soldado arrastar a mesa com rodinhas até mim.

— Não sei, juro que não sei! Fui pego e me trouxeram pra cá sem explicar o que estava acontecendo, depois me torturaram sem que eu pudesse me defender — sua voz soa firme.

Rio baixinho. Um dos hackers da equipe conseguiu acessar as fotos no armazenamento digital que tirei com meu celular e enviaram para o aparelho do meu pai que estava vindo para cá.

— Me dê aquelas fotos, pai. — Viro-me para Killz com a mão estendida.

Ele me entrega o seu aparelho com as imagens abertas. Coloco o celular na perna, amplio a imagem no zoom e mostro a tela para Andrés, que empalidece e seus lábios tremem.

— Se não for você, só pode ser um irmão gêmeo seu — digo, com ar pensativo, fazendo o homem se contorcer ao ser pego na mentira. Ele tenta falar, mas as palavras não saem. — Pascual, Leah e Rosa já estão mortos. Você é o único traidor ainda respirando. Se não colaborar e falar a verdade, prometo que sua última respiração será a mais dolorosa. A morte do seu colega foi a mais feia até agora, mas se continuar sendo teimoso, faremos a sua superá-la. — Entrego o celular ao meu pai e aponto para Andrés, claramente apavorado.

— Senhor Austen, encontramos algo que pode ser útil. — Um soldado se aproxima e me entrega um colar com relicário de prata.

— P-por favor, não. — Eu não entendo o que Andrés quer dizer até abrir o relicário e ver duas fotos, uma de cada lado. — Eles não têm culpa de nada, minha família é inocente, eu sou o culpado! — entrega-se, quase chorando. Encontro sua fraqueza sem precisar me esforçar. Esse soldado merece um bônus.

— Dois filhos e uma esposa, que família linda a sua. — Observo as fotos tempo suficiente para fazer Andrés temer pela segurança de sua família. — Essa é uma foto recente, não é? O colar parece novo. — Balanço lentamente o objeto no ar, enquanto ele afirma com a cabeça, soluçando. Ele deve achar que sou muito cruel para chegar ao ponto de pensar que eu que usaria sua esposa e filhos para que nos entregue o Hector, mas não desço a tal nível. Pelo menos minha tática é diferente, não recorro a crianças, muito menos a esposas, para atingir meus objetivos.

— M-me diga do que precisa, mas por favor, não envolva minha esposa e meus filhos nisso — pede ele, chorando e tremendo.

— Antes de mais nada, me dê uma razão para ter traído Damián — pergunto.

— Sou viciado em jogos de azar e drogas, estou devendo muito dinheiro, quinhentos mil pesos colombianos. Eles já confiscaram tudo da minha casa para cobrir parte da dívida, quase deixando minha família sem lar. Foi então que Pascual trouxe a proposta de Hector Casillas, que já foi nosso chefe. Ele me ofereceu trabalho novamente, prometendo me perdoar por ter escolhido o lado errado e ainda me pagar um bônus se eu o ajudasse com Damián. No início, era apenas para vigiar os negócios no Chicas — confessa Andrés, envergonhado. — Sempre admirei Damián, ele é um bom líder, mas eu estava sem saída. Os caras para quem devo se uniram e me deram um prazo. Don Casillas pagou a minha dívida como prometido um mês atrás e...

— Você não hesitou em trair Damián — concluo.

— Você é pai, marido? Se sim, vai entender o que estou passando — defende-se, encarando-me com olhos vermelhos.

— Não sou nem um nem outro, mas o que fez não é justificável. Se considera Damián um bom chefe, por que não foi até ele e falou da sua situação? Quem sabe ele poderia te ajudar. — Pressiono os lábios ao ouvir o homem rir.

— Um viciado sempre será viciado. Don Casillas pagou minhas dívidas, mas quando fui visitar minha família em Bogotá dias atrás, acabei indo parar numa casa de apostas, pegando mais dinheiro, usando muitas drogas e voltando para o buraco — confessa, amargurado. — E então corri para Hector de novo e descobri que não só estava devendo para aqueles caras, mas também a ele. Ele me pressionou e disse que se não fizesse o que queria, mandaria alguns de seus capangas para decapitar meus filhos e esposa. — Andrés começa a chorar.

Deveria sentir compaixão por ele, mas suas palavras não me comovem.

— Não tive escolha. Sou fraco, escravo dos meus vícios, mas amo muito minha família. — Soluça.

— Se amasse sua família, não teria se envolvido com o Casillas. — Recosto-me na cadeira.

— Diga o que quer, estou pronto para contar tudo, mas prometa que vai tirar minha família das mãos dele — implora.

— Preciso que me conte como Hector chegou até Pascual.

— A madrinha dos chefes. Meses atrás, Pascual substituiu Arturo em Bogotá, Damián estava visitando a madrinha, e em uma dessas visitas a senhora criou um elo para que ficassem em contato — conta, minuciosamente. — Aquela mulher era sagaz, lucrava dos dois lados. Hector conhecia a ambição da velha, que lhe fornecia generosas quantias para continuar obtendo informações de Damián. Esse, por sua vez, não fazia ideia de que a madrinha estava traindo-o com o primo. — Observo meu pai, que aperta a mandíbula. Eu estava certo. — Ela era a fonte de informações

deles... — revela.

— Deles quem? — sondo-o.

— Diana e Hector. A esposa de don Casillas só se interessava pela filha, enquanto Hector buscava por Damián — informa, fazendo-me ranger os dentes.

O que diabos essa mulher quer com Mía? Ela nunca a quis.

— E como você sabe de tudo isso? — pergunto, semicerrando os olhos.

— Pascual e eu nos unimos a Hector, ele me revelou tudo, não escondia nada. Éramos confidentes — murmura com sinceridade.

— E o que Diana quer com Mía? — questiono, inclinando-me na sua direção.

— Ela começou a se comunicar diretamente comigo, escondida do marido, me pagava por fora para que eu fotografasse a filha e enviasse as imagens para ela. Perguntava sobre a vida diária dela, seus gostos, amizades, tudo. Se estava namorando, queria estar por dentro de tudo — revela Andrés, me fazendo cerrar os punhos. — A última vez que passei informações sobre a Mía foi quando o Pascual contou ao Hector que um Knight se casaria com sua enteada.

— Então, nos últimos meses, o Casillas estava ciente de todos os passos de Damián? — pergunto, e ele confirma.

— Ele até pedia informações sobre os negócios do primo. As drogas, o bordel, exceto sobre Mía, apenas a Diana perguntava por ela, mas às escondidas.

— O Hector planejava fazer algo na festa que Damián iria organizar para promover a nova droga? — Examino a expressão cansada do homem.

— De acordo com ele, os explosivos seriam utilizados para esse propósito. Eles já estavam em posse do Pascual há alguns dias, mas quando ele soube do seu envolvimento com Mía, ele surtou. Ordenou que acelerássemos o plano, foi então que Pascual conseguiu garantir a lealdade de Rosa e Leah.

Meu pai e eu nos olhamos por breves instantes. Hector, o desgraçado, mataria a todos, juntamente com os clientes.

— Você sabia que Pascual tentou violentar Mía? Você também estava ciente desse plano dele? — A raiva cresce dentro de mim, mas me contenho, mantendo a voz calma, pronto para atacar.

— Não. A Diana também me pagava para monitorar o Pascual! Ela desconfiava dele, pois ele não permitia que ela se aproximasse. O Pascual era leal demais ao don Casillas, e talvez ele tenha descoberto que a esposa planejava se reconciliar com a filha. Naquele dia, o Pascual agiu de forma estranha, mencionou uma ligação do Hector sobre mudanças no plano, mas afirmou que a explosão ainda estava programada, só não entendi os detalhes.

— O homem está sendo sincero, tem muito a perder até mesmo depois da sua morte. Ele quer proteger sua família.

— Onde está seu celular? Certamente você tem um número confiável para contatar a Diana, não é mesmo? — questiono.

O que essa mulher pretende com a Mía? Quais são os segredos que ela esconde do marido? É difícil acreditar que depois de quase vinte anos ela deseje um relacionamento amoroso com a filha que abandonou.

— Meu celular está com os seus soldados, eles têm minhas coisas. Sim, ela me liga de um número d-diferente — gagueja Andrés.

— Tragam o celular dele aqui — solicito de forma firme, mantendo meu foco no homem que começa a tossir sangue, então empurro minha cadeira para trás.

— P-por favor, me dê um pouco de água... Já estou dois dias nessa situação, sem comer, sem beber água, meus joelhos estão dormentes, inchados. E se eu me sentar, vou machucar meus braços — ele implora, entre tossidas.

— Você pediu por isso, Andrés. Poderia estar agora alimentado e sem nenhum arranhão, mas preferiu seguir um caminho que nunca deveria ter considerado. — Respiro fundo, ouvindo os soluços e a tosse do homem que cospe sangue no chão.

— T-tenho mais uma coisa para dizer — murmura Andrés, com voz quase inaudível.

— Fale — encorajo-o, de forma objetiva.

— Há muitos dias, Diana me pediu o número de Damián, e eu o forneci. Segundo ela, estavam mantendo contato, ou pelo menos ela tentava. Diana buscava uma reaproximação, queria reencontrar Mía sem que Hector soubesse. — A revelação de Andrés é de fato surpreendente.

Ou seja, Damián não passou essa informação para meu pai. Eles não são amigos confidentes, afinal? Pelo que sei, Damián já viajou em contato com Diana. Isso não parece bom para mim.

— Eu achava que Damián te contava tudo. — Olho fixamente para meu pai, que se mantém rígido.

— Não posso exigir que ele compartilhe tudo, Austen, Damián sabe da nossa aliança, ele nunca faria algo para me prejudicar — responde Killz.

— É melhor esclarecer essa versão do Andrés com ele, não podemos ignorar isso — eu aconselho, enquanto Andrés tosse mais e mais.

— O homem não tem muito tempo, ele vai morrer antes de nos dar mais informações, Austen. — Papai toca meu ombro e nossos olhares se encontram. — Tragam água para ele! — Killz ordena.

— Ele não vai morrer. Não tragam nada. — Minha segunda ordem faz

com que o soldado que se aproximava para obedecer ao meu pai recue, desorientado sem saber o que fazer. — Andrés pode interpretar isso como privilégio, não é esse o nosso objetivo aqui, você sabe disso — falo, obtendo a concordância do meu pai.

— Sim, sei disso. — Killz pigarreia.

— P-por f-favor... Me tirem daqui também, já disse tudo que sei. Pascual tinha mais informações que eu. — Andrés chora alto, tremendo diante dos meus olhos, mas não consigo ter pena. Cada um colhe o que planta.

— Chefe, aqui está o celular dele. — O soldado aparece ao meu lado.

Pego o aparelho e vejo que a tela está bloqueada por uma senha numérica.

— Qual é a sua senha, Andrés? — pergunto, mas o homem permanece em silêncio. — Não gosto de repetir, não costumo ter que dizer as coisas duas vezes. — Levanto-me e ele tenta recuar, porém é impedido pelas correntes.

— 239067 — responde, soluçando.

Digito os números e o celular é desbloqueado. Pesquiso no histórico de chamadas os números com os quais ele mais teve contato recentemente, identificando um com código de discagem do México, que parece ter horários fixos, repetindo-se pelo menos duas vezes por semana, como se fossem combinações de dias e horários. Esse deve ser o número de Diana.

— Esse é o contato? — Me aproximo dele e mostro a tela do celular.

— S-sim. — Seus lábios tremem.

— Perfeito. — Faço a ligação. Não sei se vou ser atendido, mas não custa nada tentar. Chamam três vezes e nada, até que na quarta, sou atendido.

— *Andrés, seu traidor! Descobri que você estava trabalhando tanto para aquela vagabunda da Diana quanto para mim! Não me diga que se envolveu com aquela prostituta também?* — Hector fala com raiva, embriagado, mencionando a mulher no passado. — *Saiba que aquela desgraçada me contou que você fornecia informações da vadiazinha da minha enteada. Mas preciso te dizer algo, Andrés, sua segunda fonte de renda se foi.* — O homem continua desabafando sem parar, acreditando que é o seu cúmplice do outro lado da linha. — *Antes de tudo, dei uma lição nela. Eu a comi como ela merecia, e depois mandei meus homens levarem-na para fazenda, onde fiz meus leais capangas atirarem nela e, em seguida, colocar fogo naquela vadia traidora para que ela compreendesse que meu primo era página virada em sua vida desde que o traiu para ficar comigo!* — A notícia me pega de surpresa, de fato me impactou, não pela morte da mulher, mas por Mía, apesar de não terem qualquer relação maternal. — *Ela achou que poderia voltar para Damián depois de anos, depois de ter de*

implorar o perdão dele? Aquele corno perdeu os testículos, não é macho como eu! — Ri sombriamente.

Distancio o celular da minha orelha e encerro a ligação. Hector matou a mulher por ser obcecado por Damián. Se ele não estivesse falando com tanta raiva, eu não acreditaria. Em silêncio, observo uma notificação no celular, vinda diretamente do WhatsApp, o mesmo número com o qual a mãe de Mía e Andrés se comunicavam.

Ao abrir a mensagem, vejo uma mulher e com o corpo repleto de marcas, em seguida outra foto com o mesmo corpo cravado de balas, e na última foto, um corpo carbonizado à beira de uma estrada de terra.

Sem expressar emoção alguma, envio as fotos para um dos meus e-mails confidenciais.

— Diana está morta. Hector a matou — informo ao me aproximar do meu pai.

— Não esperava por isso — confessa Killz, sem alterar a expressão.

— Eu sim — digo, atirando o celular de Andrés em direção ao soldado mais próximo. — Destrua o aparelho, não quero deixar rastros dele — peço.

O homem assente, saca sua arma do coldre e destrói o objeto em segundos, com dois tiros.

— Meu Deus... O Hector vai matar minha família! Me tire daqui! — Andrés começa a gritar e se debater nas correntes. — Me tire daqui, é minha família! — Ele grita até ficar rouco.

Ignoro o homem, que chora e se debate. Ele está tão desesperado que poderia arrancar os próprios braços. Por que não pensou nas consequências antes?

— Pai, preciso conversar com você. — Com um gesto de mão em direção a Killz, saio do galpão ainda ouvindo Andrés chamando por nós. Paro na entrada do galpão, toco no ombro de meu pai e fixo meus olhos nos dele. — Andrés merece ser punido, e essa punição precisa ir além da morte. — Segurando seu ombro, ele me ouve com seriedade. — Aquele homem vai morrer, não podemos perdoar quem está acostumado a trair. Mas sua família será acolhida. Peça a um de seus contatos em Bogotá que encontre seus filhos e esposa e os leve a um local seguro. Preste toda assistência necessária a eles e, se preciso, forneceremos uma ajuda mensal até que as crianças atinjam a maioridade e possam se sustentar.

Meu pai sorri, um sorriso enorme, o orgulho estampado em seu rosto é indescritível.

— Nunca pensei o contrário, filho. Você está se mostrando como um verdadeiro líder, mesmo antes de ocupar minha posição. — Sua voz transmite admiração.

— Andrés já não tem mais utilidade, consegui o que queria dele e,

sabendo que Hector matou sua esposa, ele ficará quieto por alguns dias ou meses. Depois de atacar Las Chicas, ele vai aguardar a tempestade passar. — Me afasto de meu pai, pronto para retornar ao interior do galpão. — Tente negociar imediatamente com seu contato para garantir a segurança da família de Andrés. Não deixe a esposa dele saber o que aconteceu com seu marido, vamos evitar o sofrimento deles por alguns meses.

— Farei isso agora mesmo — Killz concorda, balançando a cabeça.

— Obrigado, pai. Sua confiança é fundamental para mim.

— Trabalhando em equipe, somos mais fortes. — Sorri, se afastando logo em seguida enquanto pega o celular do bolso.

Adentro o galpão e me aproximo do homem que está à beira das lágrimas. Ele está completamente arrasado por dentro e por fora, e vai morrer atormentado pela culpa. Ele nunca saberá o destino de sua família, pois acredita que eles podem ser os próximos a ter o mesmo fim que o dele.

— Andrés, chegou a hora de encontrar o Pascual — aviso, mas sua fraqueza é tamanha que mal consegue erguer a cabeça. Pego a maior faca da mesa coberta com instrumentos de tortura e faço um gesto para um soldado. — Segure a cabeça dele e force a boca a abrir — solicito. O soldado se aproxima de Andrés, inclinando a cabeça do homem para trás conforme instruí. — Um traidor não merece uma morte rápida, Andrés. Mas, devido à sua colaboração, tornarei a sua partida um pouco menos dolorosa — afirmo, avançando em sua direção e manchando minhas botas com seu sangue.

— Não... Não... — Ele chora, tentando desviar o rosto, porém é impedido pelo soldado com firmeza.

Coloco a lâmina de aço na horizontal em sua boca e aplico pressão, rasgando e abrindo a pele de seu maxilar, deixando a parte inferior cair. O líquido rubro jorra abundantemente aos meus pés, sujando minhas botas, minha calça, e deixando minha mão banhada de sangue. Ergo a faca e a mergulho por baixo, fazendo-a emergir em seu olho direito. Apesar da dor que sinto na região operada, não paro, repito o movimento no outro olho até vê-lo dar o último suspiro.

Deixo a faca cravada em seu rosto e o corpo tomba para o lado. Um soldado se aproxima com uma toalha, mas recuso, indo em direção à pia para lavar as mãos. Vou informar a Damián da morte de Diana e ele será responsável por comunicar à filha que sua genitora já não está mais entre nós.



Meu pai foi ver Damián onde está hospedado, enquanto eu segui diretamente para a mansão assim que saímos do galpão. Durante todo o trajeto no carro, senti dores nas costas, espero que o esforço que fiz não tenha afetado os pontos que recebi na região lombar. Tenho antipatia por hospital. Ficar dois dias naquele lugar já me incomodou bastante, não pretendo voltar tão cedo.

— Senhor Austen, quer que eu abra a porta? — pergunta o soldado sentado à frente, no banco do passageiro.

— Não, consigo sair sozinho, obrigado — respondo, fixando o olhar na mansão branca de arquitetura vitoriana.

Ontem, minha mãe comentou que estou agindo como aqueles idosos teimosos, não consigo ficar parado ou aceitar ajuda só para provar minha independência. Bem, não posso discordar dela, mas não seria eu mesmo se ficasse sendo vigiado a todo momento.

Compreendo a necessidade de descanso, porém, diante da presença de um inimigo sedento por vingança, que acaba de tirar a vida de sua esposa por ciúmes de perdê-la para o primo que o traiu no passado, repousar é a última opção que considero. É meu dever proteger o legado familiar e assegurar que minha ascensão como líder da organização seja respeitada. Desejo que meus esforços se tornem motivo de orgulho para meus primos, também herdeiros de poderosas máfias, que eventualmente assumirão o comando.

— O senhor precisará de nós nas próximas horas? — sonda o soldado.

— Se precisar, entro em contato — aviso, abrindo a porta com uma das mãos e saindo do veículo. — Podem retornar às suas tarefas — digo, virando as costas e seguindo em direção à porta da mansão.

Toco a campainha e aguardo que abram a porta para mim. Logo, Kitty aparece do outro lado com um sorriso luminoso, mas ao fixar os olhos em minha roupa, seu rosto se surpreende ao ver os respingos de sangue.

— O que aconteceu? — Ela engole em seco, me avaliando. Se tivesse me visto horas antes, ficaria mais assustada. Antes de sair, limpei minhas botas, que certamente sujariam o piso com manchas de sangue.

— Trabalho — respondo.

— Você se machucou? — Sua voz soa preocupada.

Balanço a cabeça negativamente.

— Não, Kitty, estou bem.

— Que alívio, fiquei assustada com o que vi — murmura, me abraçando e esquecendo da situação em que estou.

— Porra, Kitty, não precisava desse abraço apertado. — Rosno com o aperto que faz meu braço latejar.

— Oh Deus, me perdoe, irmão! — Ela se afasta, os olhos arregalados.

Respiro aliviado por ela me soltar.

— Não é preciso ser tão dramática, Katherine. — Suavizo minha expressão de dor enquanto ela me puxa pela mão em direção à sala e fecha a porta.

— Eu sou sua gêmea, Austen, me preocupo com você mais do que qualquer pessoa neste mundo, seu bloco de gelo — resmunga ela, passando por mim para se sentar no sofá, onde há alguns produtos de maquiagem e esmaltes.

— Kitty, Kitty, você é a irmãzinha mais irritadiça que eu poderia ter. — Vou até ela e deposito um beijo em sua cabeça.

— Sou a única! — resmunga manhosa, e eu rio baixinho.

— Sim, você é — concordo para encerrar o assunto. — Cadê nossa mãe e a Mía? — Olho ao redor.

— Mamãe foi até Chelsea visitar a tia Hailey, que está preocupada com o futuro de Dylan na Rússia, como se ele fosse um adolescente. Nosso primo tem quase trinta e dois anos, e mesmo assim a tia Hailey se preocupa — Katherine começa a tagarelar enquanto abre um esmalte. — Daqui a pouco o filho dela já é pai e nem estamos sabendo, mas não duvido nada, você e ele já devoraram quase metade da cidade nessas orgias de vocês, provavelmente alguma mulher está carregando ou criando um Knight perdido. — Encerra suas palavras sem censura.

— Quanto a mim, afirmo que não tenho nenhum filho por aí, mas quanto ao Dylan, não posso garantir, ele tem suas aventuras na Rússia. — Pigarreio, imaginando a loucura que seria meu primo descobrir que é pai. — E você não me disse onde está a Mía.

— Ela estava no quarto até horas atrás, dormindo. A coitada ficou esperando você voltar, mas nossa mãe a mandou descansar depois de ter passado esses dias com você no hospital. — Minha irmã levanta o rosto, exibindo um sorriso bobo. — Você é um cara de sorte, irmão. Cuide bem dela. Mía é um tesouro, e se você magoar minha melhor amiga, vou cobrar caro — ameaça, apontando uma lixa na minha direção.

— Essa etapa já ficou para trás, Kitty. Você fala de mim, mas e o Dean? Vocês vão manter um relacionamento longe dos olhos dos nossos pais? — sondo, minha irmã aperta os lábios.

— Não vamos ficar juntos. Dean e eu terminamos mais cedo, tivemos uma briga e ele me chamou de mimada, falou que não pode estar com alguém como eu. — Katherine soa fragilizada. — Ele me rotulou de infantil, acredita? Se Dean não aceita quem sou, que procure alguém mais maduro. Posso facilmente contar com um exército de soldados da família a meu dispor com um estalar de dedos. — Seu tom é orgulhoso e ressentido.

— Vocês vivem em constante conflito, Katherine, nenhum relacionamento sobrevive a tantas desavenças. Dean é apaixonado por você, duvido que ele desista do que tem por conta de uma discussão. — Respiro profundamente, ouvindo um soluço vindo dela.

— Ele age de forma tola por ser mais velho, mais experiente e por achar que pode me dominar — confessa, enxugando o rosto.

Espero que consigam resolver a situação. Vou verificar como está Mía, não pretendo me envolver nas desavenças entre minha irmã e Dean, eles vivem brigando e fazendo as pazes. É importante que aprendam a lidar com suas diferenças.

— Você poderia dar uma boa lição nele, irmão. — Ouço Kitty falar enquanto atravesso o corredor.

— Você tem vários soldados à sua disposição, peça a eles! — respondo em voz alta para que ela ouça.

Continuo passando por algumas portas até chegar à minha, que é a última do extenso corredor decorado com alguns quadros valiosos. Com cuidado, abro a porta, tentando não acordar Mía, e a encontro descalça, vestindo uma das minhas blusas de moletom marrom, sentada no tapete felpudo, acariciando a cabeça de Hades.

O rottweiler esperto adora os carinhos de Mía. Chuto minhas botas no canto e fico apenas de meias.

— Você demorou — ela comenta, me encarando com a mesma expressão que Katherine tinha minutos atrás. — O que aconteceu? — Se preocupa.

— Eu matei um homem no galpão. Ele estava trabalhando para o Hector. — Fecho a porta e volto minha atenção para ela.

Como ela reagirá ao saber que Diana morreu? É algo que não consigo nem imaginar, muito menos prever a proporção que isso tomará.

— Você deveria estar descansando, não matando alguém, Austen — me repreende ao se levantar. Só então Hades percebe minha presença, porém o cão nem se mexe, continua deitado no meu tapete.

— Foi necessário fazer essa parada no galpão, Mía — explico, abrindo o botão da minha calça jeans para me livrar da sujeira de sangue.

— Não vou te questionar, você sabe o que está fazendo, mas só não exagere, está operado. — Suspira, se aproximando para afastar minha mão do botão e abri-lo para mim, sem desviar os olhos dos meus.

— Acho que já abusei, vou precisar tomar um analgésico, mas antes preciso de um banho — falo, enquanto a vejo abaixar minha calça. Em seguida, afasto a peça dos tornozelos e a observo analisar a tipoia sobre minha camisa de manga longa.

— Está vendo? Você precisa parar de se portar como O Homem de Aço, você pode ser implacável, mas é feito de carne e osso, Austen — reclama ao contornar meu corpo. — Droga, sua camisa está manchada de sangue, aposto que deve ter rompido algum ponto! — diz preocupada, levantando o tecido para remover o curativo.

— Rompeu algum ponto? — inquiri ao notar seu silêncio.

— Por sorte, não. — Ela suspira aliviada. — Só machucou, os pontos continuam no lugar, mas está sangrando. Que porcaria, Austen, isso pode inflamar e se tornar algo pior! Vou buscar o kit de primeiros-socorros para limpar, o banho vai ter que esperar um pouco. — Mía se volta para mim, segurando o curativo sujo de sangue. — Sente-se na cama, eu já volto — não pede, ordena, irritada, enquanto caminha até o banheiro.

Para evitar uma discussão, me sento na beirada do colchão e baixo a cabeça ao lembrar das palavras de Hector. Ele deixou bem claro, em seu momento de raiva, que matou a mulher por não aceitar ser trocado novamente por Damián. O quanto de situações como essa acontecem mundo afora por conta de homens inseguros?

Nesse momento, meu pai deve estar conversando com Damián e, com certeza, as coisas vão se esclarecer. Espero que Damián seja honesto com sua filha sobre tudo, principalmente o acordo que fez com meu pai. Será que devo contar a Mía que sua mãe está morta ou não? Ou o mais relevante, revelar que somos prometidos ou que Diana foi vítima da escolha que fez ao abandonar sua família?

— Demorei porque a caixa estava no armário mais alto, precisei pegar um banquinho para alcançá-la — reclama. Levanto o rosto e a encontro segurando a caixa branca com o símbolo vermelho em forma de cruz. — Vou te dar o remédio para aliviar a dor enquanto troco seu curativo — diz, colocando a caixa de primeiros socorros na cama e dirigindo-se a uma das gavetas do aparador, enquanto observo seus movimentos em silêncio.

Ela enche um copo de água com a jarra que estava ali e eu nem havia

notado antes, em seguida pega uma cartela branca e volta para perto de mim.

— Você ficou calado e sério de repente — Mía observa atentamente meu rosto, desconfiada. — Está tudo bem? — Me entrega o remédio fora da cartela, depois o copo com água.

— Depois precisamos conversar — aviso, vendo-a balançar a cabeça. Tomo o remédio sob seu olhar preocupado, e logo Mía pega o copo da minha mão e o coloca no aparador.

— Aconteceu algo com meu pai? É isso? Ele não me atende desde cedo e...

— Não, Mía, ele está bem, assim espero. — Suspiro ao encará-la por cima do ombro, vendo-a sentar-se atrás de mim para iniciar o curativo.

— Podemos conversar agora — ela encoraja, visivelmente nervosa.

Não vou compartilhar algo com ela, o que é para ser feito por seu pai. Independentemente de qualquer coisa, Damián e Mía merecem viver essa dor juntos. Embora não saiba como serão as suas reações.

— Primeiro faça o curativo, bird. O que vamos discutir é muito importante, preciso que me olhe nos olhos. — Solto um suspiro pesado.

— Tudo bem, apenas não me torture tanto com esse suspense. O assunto envolve o Hector? — indaga. Sinto quando ela começa a mexer nas minhas costas.

— Sim, é.

Ficamos em um desconcertante silêncio por alguns momentos até Hades decidir subir na cama e se deitar perto da Mía. Ele grudou nela.

— Parece que perdi meu cachorro para você — comento, ouvindo sua risadinha.

— Ele é um amor, é meu leal companheiro na sua ausência — responde.

— Hades está enferrujado, mas logo estará de volta com os treinamentos — murmuro, ouvindo a caixa ser fechada e Mía se levantar da cama.

— De jeito nenhum, Austen, o coitadinho não será sua máquina assassina, prefiro ele assim, dócil. — Ela se vira de costas, vai até o banheiro descartar o material utilizado no curativo e leva a caixa consigo.

— É, garotão, você está com mais mordomia que eu, com a minha mulher — comento com o rottweiler ao me virar cuidadosamente para olhá-lo, que me observa com seus grandes olhos castanhos. — Você não vai mudar a rotina do Hades porque prefere ele fofinho, meu rottweiler é treinado para combates, Mía — afirmo, ao vê-la retornar ao quarto, sem deixar espaço para ela argumentar. Mas conhecendo sua audácia, sei que vai ignorar o que estou dizendo.

— Vou ser a sua mulher, e o que é seu é meu, não é? — Mía se

aproxima e se senta em minhas pernas, encarando-me e tocando meu rosto. — Não é? — insiste ao perceber minha hesitação.

— Sim, porra... — resmungo, notando o brilho em seus olhos.

— Vamos combinar assim, fora de casa o Hades é seu, mas em casa, ele é meu e não permitirei que você sobrecarregue nosso filho. — Tenta chegar a um acordo.

— Filho, bird? — lamento, frustrado.

— Sim. O Hades segue as ordens do papai quando está fora com ele, e em casa, tanto papai quanto Hades obedecem à mamãe. — Ela morde os lábios e depois pisca para mim.

— Além de controlar meu cão, vai querer me controlar também? — Faço uma careta, disfarçando o sorriso ao perceber que ela está se divertindo.

— Mas isso não vem acontecendo há um bom tempo? — Não é uma pergunta, ela está afirmando.

— Quando eu me recuperar, te darei essa resposta. — Rosno baixinho, e Mía ri deliciosamente.

— Vou contar os dias, amor. — Ela encosta nossos rostos e me beija sem me dar a chance de processar o seu "amor" direcionado a mim. Desliza uma mão até minha nuca e eu aprofundo nosso beijo por alguns instantes.

Enfio minha língua em sua boca gostosa e Mía geme de forma manhosa. Com a única mão livre, deslizo por baixo de sua coxa e percorro o caminho até o meio de suas pernas para alcançar sua boceta.

Putá merda, meu pau incha na boxer ao constar que Mía não está usando calcinha e seus lábios vaginais estão molhados, sujando meus dedos.

— Caralho... — Fecho os olhos, reprimindo meu tesão e parando nosso beijo. — Daria tudo agora para te colocar de quatro nessa cama e foder essa boceta até sentir meu pau doer, mas temos algo mais importante para tratar.

Só lembrar que precisamos conversar antes que o seu pai chegue para contar sobre a morte da Diana, meu tesão cai por terra.

— Pois é, trate de tirar a sua mão boba dela agora mesmo. — Ela afasta meus dedos da sua boceta e eu os estendo na direção da sua boca.

— Chupe e depois me beije — peço, e ela faz, sem tirar os olhos de mim.

O ar sai pesado dos meus pulmões e escapa por meus lábios com um forte sentimento de frustração.

— Agora só falta o beijo. — Seu tom quase sai em sussurro e ela gruda seus lábios nos meus, me beijando.

Me contenho para não esquecer a minha condição e me deitar nessa cama para que ela monte em mim, e a gente trepe forte e duro até não

sentirmos nossas pernas.

— O que vou compartilhar com você é algo que meu pai me revelou, e se quiser confirmar com o seu, será ainda melhor para que não haja dúvidas sobre o que vou te dizer. — Pousa a mão em seu quadril e recebo um movimento de cabeça dela, que já está tão séria quanto eu. — Lembra que antes do incêndio no Las Chicas eu mencionei sobre os nossos pais já se conhecerem antes de você nascer e da aliança deles?

— Sim — ela afirma.

— Vou te revelar a verdadeira versão, aquela que ainda não conhece. Eu permitiria que o Damián te contasse, assim como meu pai fez comigo, mas o seu pai tem outro assunto para tratar com você. — Disfarço minha tensão ao tocar em seu ombro. — Me ouça atentamente, está bem? Vou contar desde o início para que não se confunda... — Detalho a ela exatamente o que ouvi de meu pai, sem esconder nada, e sua expressão muda à medida que me escuta.

A parte mais pesada para Mía é ouvir sobre o Damián, que Killz foi quem o salvou e ele não estaria vivo hoje se meu pai não tivesse feito isso naquele dia. E talvez, nem mesmo iríamos nos conhecer, pois se Damián tivesse morrido, não haveria um acordo entre eles. Minha futura esposa está aos prantos, a história de vida do pai ainda a machuca, só de saber que o verdadeiro culpado das lágrimas dela ainda está vivo, anseio intensamente por uma recuperação rápida e que Hector não demore para vir ao nosso encontro final.

— Se você não tivesse ido embora para Nova Iorque, talvez já estivéssemos casados, ou não, você me odiava. — Toco em seu rosto, acariciando sua bochecha.

— Você também contribuiu para que esse ódio surgisse. — Funga, me deixando secar suas lágrimas. — Imaginei tudo... Menos que fôssemos prometidos para o outro, o meu pai nunca me deu brechas para que eu chegasse a essa conclusão, e ele teve oportunidades. Só não entendo o porquê de você chegar a cogitar que eu me casaria com o seu primo. — Faz uma careta.

— Foi um engano, mas logo percebi que meu pai estava armando desde o início. — Aperto os lábios. — A Kitty escutou uma conversa entre Damián e meu pai, onde supostamente você e Dylan se casariam. — Sinto o amargor em minha boca e o ciúme me corroendo por dentro com a maldita possibilidade se isso se concretizasse.

— Eu jamais me casaria com o Dylan, ele é bonito, mas é bem mais velho que eu, não é meu tipo.

— Apenas por isso? — Arqueio a sobrancelha e ela sorri, mais leve e recuperada do choro.

— Prefere que eu minta? — Franze a testa.

— Estou guardando todas as suas provocações para cobrar depois — informo, fazendo-a gargalhar.

— Promessas e mais promessas... — provoca.

— Não está com raiva por seu pai ter mentido para você ou por eu ter ocultado isso? — Estudo seu rosto.

— Eu não. Meu pai abriu mão de muitas coisas por minha causa. Ele quase sacrificou a própria vida para me criar, dar um lar, e que tipo de filha seria eu se o abandonasse agora, em um momento tão delicado como esse? — Seus olhos se enchem de lágrimas. — Não posso culpá-lo por ter me prometido a você ou pelas escolhas que fez ao longo dos anos. Ele tinha seus motivos, e um deles era eu. Amo meu pai, Austen, e não vejo essa omissão dele como uma mentira. — Uma jovem de vinte anos me dá uma bela lição. — E não tenho motivos para ficar brava com você, isso envolve nós dois, somos inocentes nesse pacto entre nossos pais.

— Você está certa.

— Já enfrentamos diversas situações desagradáveis nos últimos dias, que tal deixarmos um pouco de lado essas desgraças e nos concentrarmos no nosso casamento? — sugere, com um sorriso no rosto, embora eu não consiga seguir o mesmo pensamento, pois sei que em breve as coisas não serão tão simples. — Sua mãe me disse antes que essa semana uma estilista irá trazer alguns vestidos exclusivos de noiva — comenta, enquanto cuidadosamente desfaz a tira de tipoia que passa por trás do meu pescoço e para em frente ao meu peito. — E não é só isso, mesmo que tenhamos optado por uma cerimônia simples, todas as mulheres da família vão se juntar para me ajudar! Acho admirável a forma como fui recebida por elas mesmo sem me conhecerem direito — Mía revela, exibindo sua admiração enquanto desafivela a outra tira que está em minha cintura.

— As mulheres Knight são assim, elas são incríveis. Sempre unidas, mesmo quando querem fazer com que os homens da família sigam suas ordens — brinco, arrancando uma risada dela.

— Creio que agora a situação ficará um pouco desconfortável — sussurra, apertando os lábios e removendo a tipoia do meu braço. Meus lábios se mantêm retos ao sentir a pulsação do meu ombro, uma dor suportável, porém não passa despercebida. Parece que estou carregando um peso apenas de um lado do corpo.

— Merda... — murmuro.

— Está doendo muito? — pergunta, beijando suavemente meu ombro por cima da camisa.

— É suportável. — Suspiro ao vê-la colocar a tipoia ao meu lado e puxar a barra da minha camisa para cima.

— Essa parte pode ser um desafio, vou remover um lado e depois o outro, mas precisaremos trocar essa camisa, pois está manchada de sangue

— ela avisa, e eu assinto com a cabeça.

Estou com a mandíbula cerrada e esticando os braços para conter meu gemido de dor, mas Mía faz o possível para agir rapidamente. Com sucesso, ela consegue remover minha camisa, e eu respiro aliviado ao sentir o suor escorrer pela lateral da minha testa.

— O remédio vai te ajudar com as dores — sussurra ela ao beijar meu ombro, deslizando para o meu pescoço e rosto.

Quando está prestes a beijar meus lábios, batem à porta.

— Mía e Austen, nossos pais estão esperando por vocês na sala — ecoa a voz de Katherine do outro lado.

— Já estamos indo, Kitty. Avise a eles — peço. Uma sensação de apreensão toma conta de mim ao ver Mía olhar em direção à porta e depois para mim.

— O que será que está acontecendo? Será que decidiram falar sobre nós dois, juntos? Ainda não tivemos a conversa com eles sobre sermos prometidos, mesmo sabendo que são amigos. — Ela sorri, curiosa.

— Vamos descobrir. Me ajude a recolocar a tipoia, não preciso de camisa agora. A casa tem aquecedor, então não vou ficar com frio.

Mía concorda e continuamos com a mesma situação angustiante. Ela finaliza a colocação da tipoia, se levanta do meu colo e vai até o meu guarda-roupa.

— Vou pegar emprestada uma calça moletom sua — avisa, de costas para mim.

Levanto-me em silêncio e vou em direção à porta. Não demora muito para Mía escolher uma peça minha e vestir. Ela se aproxima de mim com um sorriso tão radiante que meu lado egoísta pensa em pedir a Damián para não contar à filha sobre a morte da sua mãe. Mas não farei isso, ela merece saber a verdade.



Passar os dias sem ver meu pai me deixa com muita saudade dele. Preciso buscar forças dentro de mim para poder apoiá-lo após o desastre no Las Chicas. Sei que Killz o acomodou em uma das suas propriedades com os funcionários do bordel, mas nenhum lugar se compara à nossa casa, e tenho certeza de que papai está preocupado com essa situação. Perdemos tudo, até mesmo nossos documentos não escaparam do desastre. Agora teremos que recomeçar, e essa é a parte mais difícil, aquela que mais detesto. Recomeços não são tão fáceis como dizem por aí.

Enquanto caminho ao lado de Austen até a sala, percebo que ele está agindo de forma estranha, seu corpo tenso e seu olhar diferente do habitual. Ele está escondendo algo de mim, algo mais sério do que revelar que fomos prometidos um ao outro e que nossos pais são amigos. Acho que nada mais pode me abalar depois do que aconteceu nos últimos dois dias.

Entramos na sala e vemos Killz e meu pai sentados no sofá. Procuro Aubrey e Katherine, mas elas não estão ali. Os rostos dos dois homens mais velhos se fecham ao perceberem nossa presença atrás deles. O semblante do meu pai é o mais abatido, com as pálpebras inchadas e os olhos vermelhos, indícios de que chorou.

— Boa tarde, Damián — saúda Austen seriamente, e meu pai apenas balança a cabeça.

Em um gesto de proteção e carinho, me aproximo rapidamente, e ele, ciente do que o aguarda, levanta-se e abre os braços para me receber.

— Sinto muito, papai, você lutou tanto, sofreu tanto para se reerguer — sussurro enquanto recebo seu abraço. — Não pude fazer nada para proteger o que o senhor construiu. — Com os olhos marejados, abraço-o ainda mais forte, deixando transparecer a minha dor no choro liberado.

— Vamos deixá-los a sós — Killz diz, logo ouço os passos se

afastando.

— Minha *hija*, não se culpe. Peço que pare de se culpar por algo que não fez e que não poderia lidar sozinha. — Sua voz saí em meio ao choro, me afastando de seu abraço ao tocar em meu rosto. — Coisas ruins acontecem o tempo todo, e nem sempre estamos preparados para antecipá-las. — Meu pai limpa meu rosto com o polegar enquanto meus lábios tremem.

— E-eu entendo... Mas estou tão triste por você, por aquelas famílias que com o tempo se tornaram nossas também. — Soluço. — Foram anos de trabalho para que Hector destruísse em um dia. — Choro, vendo-o apertar os lábios.

— Não chore, minha princesa, vai me fazer chorar também. Suas lágrimas sempre se transformam nas minhas — diz, acariciando meu rosto, e acabo sorrindo, ainda entristecida. — Não me importo com bens materiais. Meu único e maior medo neste mundo é te perder, Mía, o resto conquisto de novo, e tenho certeza de que os funcionários do Las Chicas que continuarem fiéis a mim serão muito bem recompensados.

— O amor incondicional que você sente por mim é o que te destrói, papai. — Tento me afastar dele, mas ele não me permite ao me abraçar novamente.

— Errado, filha, é esse amor que me fortalece a cada dia e me faz ser um homem melhor. — Ele beija minha cabeça e eu choro, segurando sua camisa xadrez. — Não se culpe pelas minhas escolhas. Quando coloquei meus olhos em você, foi amor à primeira vista. Te amei desde o seu primeiro choro, meu amor. Você nasceu para me trazer felicidade nos meus dias caóticos, e não importa o que passei para ter você comigo, foi tudo aprendizado, até mesmo as dores. — Agora ele chora ao falar.

— Não romantize suas dores, *papá*, não é justo fazer isso. Eu te amo demais para aceitar que você só pense em mim — sussurro, levantando o rosto para encará-lo.

— Querida, você é a minha razão de viver, a minha salvação. Depois do que o Hector fez com a Diana, só me restou você. Você é a minha fortaleza. — Ele sorri para mim, e é a minha vez de enxugar suas lágrimas.

— Austen me contou do seu passado com o pai dele. — Fungo, ao suspirar profundamente. — Não estou te julgando, apenas quero dizer que estou ainda mais orgulhosa do senhor.

— Não está zangada comigo? — Surpreso, ele segura as minhas mãos.

— Nunca, papai, o senhor é meu maior orgulho. Independentemente de tudo, continuo te amando e desejo ser um terço da pessoa maravilhosa que você é. E se um dia eu for mãe de um menino, espero que ele herde suas qualidades. — Rimos, então eu o puxo para se sentar comigo no sofá. — Saiba que tenho tanto orgulho de você, que nem cabe no peito. — Abraço-o

novamente e beijo seu rosto.

— Te amo, Mía. Se algo tivesse acontecido com você, eu iria atrás de Hector, e mesmo que morresse, eu o levaria comigo — declara.

— Nunca mais fale uma bobagem dessas. Estou bem, graças ao Austen... Se ele não estivesse lá naquele momento, quem sabe o que teria acontecido comigo. Ele me salvou duas vezes, foi terrível. — Fecho os olhos ao me lembrar da situação.

— Fui informado de tudo. Maldito Pascual! Algo me dizia para não deveria confiar nele — repreende-se, com tristeza.

— Coisas ruins acontecem, lembra? — Tento confortá-lo para que não se culpe. — Acabou, pai, ele já está morto, pagou por tudo.

— Sim, acabou. Muitas coisas se encerraram. — Ele engole em seco e baixa a cabeça. — Minha madrinha morreu e eu chorei por ela, mas então descubro que ela se vendeu para o Hector, colocando você em risco durante todo esse tempo ao passar informações para ele. — Pressiona os lábios, com raiva.

Traição. Por que machuca tanto? Acho que até mais do que a morte.

— Sinto muito, sei que você gostava muito dela. — Seguro sua mão e ele balança a cabeça.

— Acreditava que ela era a mãe que nunca tive — lamenta, decepcionado, lágrimas voltam a rolar por seu rosto. — Tenho algo importante para te falar, — Ele enxuga seu rosto e evita me encarar.

— O que é? — Preocupo-me.

— Não sei como você vai reagir, mas saiba que estarei sempre ao seu lado, tanto como mãe quanto como pai. Durante toda minha vida, desempenhei os dois papéis, e não importa o que aconteceu ou aconteça, isso nunca irá mudar. — Sua voz carregada de dor aperta meu coração. — Estive em contato com a Diana nos últimos dias, parece que o Andrés passou meu número, ele estava trabalhando para ela. — Meu pai olha fixamente para mim, então me recordo do Austen mencionando algo importante que queria discutir comigo.

— V-você q-quer dizer... você e aquela mulher estão conversando? — balbucio, assustada com o que ele está revelando.

— Estávamos. Diana e eu tivemos uma história juntos, apesar de sua mãe...

— Não mencione aquela maldita como sendo minha mãe, ela é a responsável por todas as nossas desgraças! O senhor quase morreu por causa das ambições dela. — Sinto um gosto amargo na boca. — Podem se passar anos, mas jamais irei perdoá-la! Jamais. Eu posso até morrer, mas levarei comigo a raiva que sinto por ela.

— Mía, às vezes, para vivermos em paz, precisamos conceder o perdão

— diz, tocando meu rosto.

— Eu levo uma vida muito boa, papai, mas só de mencionar Diana, me sinto mal. — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Como você pode me pedir para ter compaixão por alguém que só nos trouxe sofrimento? Só devemos perdoar aqueles que realmente merecem. O que ela fez para merecer nossos perdões? Me diz? — Seguro minhas lágrimas.

— A primeira vez que ela me ligou, foi para pedir perdão — ele começa a contar, e eu me calo. — Não quis ouvir, desliguei a ligação porque fiquei chocado, mas ela insistiu e foi só então que cedi, permiti que ela dissesse o que queria. — Seu olhar se torna distante.

— E o que ela desejava?

— Descobrir mais sobre você. Quando deu os seus primeiros passos, qual foi a sua primeira palavra, quando seus dentes nasceram. — Ele chora, e eu também, não sei por quê. — Eram perguntas sobre algo que aconteceu há anos. Ela queria saber tudo sobre você e eu pensei que estava sendo sincera, e realmente estava. Curioso, não é? Diana sempre foi astuta, mas nas nossas conversas senti sinceridade nela. — Engole em seco.

— O senhor nunca a esqueceu, não é verdade? Ainda a ama? Apesar de todo o sofrimento? — Examino a sua expressão.

— Não tenho certeza se é amor, mas, apesar de tudo o que me foi tirado, sou grato por ela ter dado a vida a você. Diana era vaidosa, poderia ter escolhido o aborto e não me contado, mas fez o oposto e me permitiu ser pai. — Sua voz quase falha. — Ela tinha os seus defeitos, mas jamais irei negar o que vivemos. Eu a amei e acredito que, mesmo tendo me magoado, a sua mãe sentiu algo por mim.

Ele a menciona no passado, como se não estivesse mais entre nós.

— Qual é o propósito dessa conversa? — Quando se trata de Diana, não consigo sentir nada, e não sei se isso me torna insensível.

— Hector descobriu que Diana estava falando comigo. — Sua respiração se torna pesada e a mão que seguro treme, ele está nervoso. — E ele não gostou disso. Para meu primo, eu a roubei, mas ele nunca a amou, apenas a via como uma prostituta, enquanto eu...

— A amou como nunca amou outra mulher — acrescento, lembrando-me de quando, aos quinze anos, ele me contou sobre o começo do relacionamento deles. — Ele e ela brigaram? O Casillas a machucou? — questiono, surpresa com seu sofrimento.

Como se pode sofrer por alguém que já o destruiu completamente? Que lhe tirou tudo? Meu Deus, isso me espanta.

— Desta vez, não houve perdão — diz, me deixando confusa, até que papai se levanta e coloca as mãos no rosto.

— O que quer dizer, pai? — Toco em suas costas e o ouço chorar.

— Ele a matou brutalmente. Vi as fotos. Ele as enviou para o celular do Andrés, o Killz me mostrou. Era realmente a Diana.

Fico chocada com sua revelação, mas não me abalo e não derramo lágrimas.

Não há dor.

Não há choro.

Apenas uma garota que não conheceu o amor materno. Que só conheceu a versão de uma mãe ausente que traiu o pai para viver cercada de luxo e ser a preferida prostituta de um don de um cartel.

— Diana, em uma de nossas conversas, me dizia que só contou sobre nossa fuga porque Hector ameaçou nos matar. Ela fez com que ele promettesse apenas me dar uma surra. — Soluça, quebrado. — Mas nunca poderei saber a verdade, ela está morta e os mortos não podem se defender nem falar. — Meu coração aperta pela dor dele, então o abraço por trás e encosto meu rosto em suas costas.

— Pai, sinto muito... E-eu... Não consigo sentir nada por Diana. Me perdoe. — Afasto-me, com um nó na garganta, e saio da sala sem olhar para trás. Atravesso o corredor em direção ao quarto de Austen.

A cada passo, as lágrimas escorrem pelo meu rosto. Diana foi morta por Hector. Ela morreu pelo homem que escolheu viver. E se ela tivesse nos escolhido? Estaríamos os três mortos? Nunca saberemos.

Abro a porta do antigo quarto de Austen e encontro Hades deitado no tapete. Soluçando, sento-me ao seu lado e acaricio seu pelo. O rottweiler desperta, o carinho o faz relaxar completamente. Entre lágrimas, sorrio ao ver o cão, treinado para matar, derreter-se sob meu toque.

Ele parece tão inofensivo. Por alguns instantes, me comparo a ele. Embora não consiga matar uma mosca, há momentos em que me surpreendo. Como agora. Recebi a notícia da morte da mulher que me deu a vida, soube que seu fim foi brutal, mas não consigo sentir saudade ou revolta por sua partida. No entanto, algo estranho e indescritível toma conta de mim.

— É, garotão, acho que entendo por que nos identificamos tanto. — Choro, e minhas lágrimas molham o pelo negro de Hades. Repito os gestos por minutos. — Acho que, em certos momentos, somos semelhantes. Quem nos vê jamais imagina do que somos capazes. As pessoas me veem como frágil, mas possuo uma força quase igual à sua. — Soluço no meio do choro e ouço a porta se abrir, nem preciso me virar para saber quem é, seu cheiro é inconfundível.

É o Austen.

— Eu já imaginava que você estaria aqui. — Ele fecha a porta e se aproxima de mim. — Levante-se, por favor — pede.

— Como sabia que eu estava aqui? — pergunto, virando o rosto para

encará-lo.

— Damián me indicou a direção em que você foi, então eu já sabia que viria para cá.

— Diana está morta, Austen — confesso, mas acho que ele já sabe, seu silêncio é a prova.

— Sinto muito, Mía — lamenta.

— Sabe o que é pior? — Levanto-me do chão, limpando meu rosto. — É que não sinto nada, absolutamente nada. Isso me torna um monstro? Querendo ou não, ela era minha mãe, mas nossa falta de convivência não desperta nenhum sentimento em mim. Eu até consigo entender o sofrimento do meu pai, afinal, eles tiveram uma história muito antes de mim.

Austen me abraça pela cintura e me puxa para seu corpo cuidadosamente.

— Shiu, não se torture tanto. — Ele beija minha cabeça. — Você não é um monstro, e não precisa se forçar a lamentar a morte da Diana, muito menos sofrer por isso. — Sua mão toca a minha nuca e nossos olhares se cruzam.

— Sinto um vazio imenso dentro do peito, não consigo explicar o que é isso. — Pressiono os lábios.

— Não se apresse em entender, deixe as coisas fluírem naturalmente — aconselha, piscando para mim.

— Fui rude com meu pai. Ele está sofrendo e eu nem me importei com a dor dele — sussurro, desviando o olhar para a porta.

— Damián ainda está lá, esperando por você. — Ele afasta a mecha de cabelo do meu rosto.

— Vou vê-lo... Preciso deixar claro que, independentemente de qualquer coisa, estarei sempre ao seu lado. — Me afasto de Austen, que me observa com orgulho.

— Faça o que te deixar mais confortável. — Ele senta-se na cama. — Vá ver seu pai, eu continuarei aqui, te esperando.

— Obrigada — falo sem proferir som, enquanto Austen assente com a cabeça.

Com o coração pulsante dentro do peito, saio do quarto e no meio do trajeto encontro Aubrey ao lado de Kitty, elas se aproximam e me envolvem em um abraço ao mesmo tempo.

Sinto-me tão acolhida, que lágrimas escorrem ao saber que mãe e filha têm grande apreço por mim, e em tão pouco tempo realizaram feitos surpreendentes por minha causa. O afeto dessas mulheres é indescritível, tratam-me como se eu fizesse parte da família há anos.

— Chorar libera a alma, querida, não é necessário desabafar sua dor

com palavras, deixe que suas lágrimas falem por você — aconselha Aubrey ao afagar as minhas costas.

Pelo tom dela, elas provavelmente já estão cientes do assunto.

— Mamãe está certa, Mía, o choro é libertador, é a nossa melhor forma de desabafo quando não conseguimos expressar com palavras, mas saiba que estamos aqui para te ouvir — diz Kitty, assim que ela e sua mãe me liberam do abraço.

— Em breve, seremos oficialmente uma família, mas não significa que não a consideramos como parte dos Knight — diz minha cunhada suavemente enquanto limpa meu rosto e sorri para mim, com lágrimas nos olhos.

— Nossa união é nossa maior força. Sua dor é a nossa, assim como seus sorrisos — complementa Aubrey com carinho, tocando a aliança que um dia foi dela e agora é minha. — Seu pai está na sala, muito abalado. Vá conversar com ele. Fiquem à vontade. Killz foi para o escritório, Katherine e eu daremos privacidade para vocês. Depois, quando resolverem, estão convidados para jantar conosco esta noite. — Ela pisca para mim.

— Admiro muito vocês. Obrigada por tudo — agradeço, sorrindo, tentando conter as lágrimas.

— Selo de qualidade Knight — brinca minha amiga, me arrancando um sorriso ainda maior.

— Imagino que sim — respondo, me sentindo mais leve por ter pessoas que me apoiam.

— Leve todo o tempo necessário com seu pai, é algo importante — aconselha Aubrey.

Antes de entrarem em um dos quartos, Aubrey e Katherine me dão um último abraço. Respiro fundo, abraçando meu próprio corpo, e então me encaminho para a sala.

Meus passos são quase silenciosos, contrastando com o som alto do choro de meu pai. Ele está sentado no sofá, de costas para mim, com os ombros caídos e a cabeça baixa. De longe, ouço o som devastador de seu choro, que me dilacera por dentro.

Não consigo segurar as lágrimas ao presenciar Damián Rivera desmoronar. Ele ainda ama Diana. Por que o amor tem que ser o vilão mais cruel na vida de alguém? Existem amores que curam e outros que destroem, e infelizmente, meu pai experimentou a segunda opção.

— Pai, peço perdão por ter sido muito insensível — digo, ao parar diante dele e me ajoelhar, tocando seus joelhos. — Imagino como sua mente e seu coração estão, você perdeu a mulher que amava, o lar e quase a mim. — Toco em seu rosto para que ele me encare. — Perdoe-me por agir com egoísmo, não sou assim, fui educada pelo homem mais incrível do mundo.

Meu pai finalmente olha nos meus olhos e choramos juntos.

— Mía, eu te compreendo, filha. Minha dor é diferente da sua, apenas são distintas. — Ele toca meu rosto e eu concordo.

— Sim, exatamente. — Aperto os lábios ao ver meu pai enxugar meu rosto.

— A primeira e a última vez que choro foi pela mesma pessoa. Que ironia, não é? — Sorri, abalado.

Seu semblante mostra mais cansaço do que antes, e a vermelhidão em seus olhos me causa preocupação. Ele derramou tantas lágrimas...

— Você me perdoa? E me promete que não vai mais chorar? — questiono-o.

— Querida, perdoar por quê? Você não fez nada, entenda isso — me repreende.

— Por não ter estado ao seu lado, apesar de tudo, enquanto você sacrificou seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus — digo envergonhada, soluçando.

— Mía, eu faria isso mil vezes — diz, sorrindo. — Você é minha vida, sem você, eu não seria nada.

— E nem eu sem você, papai. Eu te amo. — Seguro suas mãos e as beijo.

— Eu também te amo e prometo que em breve teremos uma nova casa, mas dessa vez sem anexos — fala, e me abraça. — O Killz sugeriu comprar uma casa em Chelsea, onde seus irmãos vivem, mas prefiro reconstruir o Las Chicas no mesmo lugar e fazer nosso lar ali perto, afinal, já estamos acostumados com a região. O que acha?

Sento-me ao seu lado no sofá.

— É uma excelente ideia. Prefiro continuarmos em Brentford. E que o meu quarto seja maior do que o outro, com uma biblioteca — sugiro, fazendo-o rir.

— Filha, em breve você estará casada e terá sua própria casa com seu marido.

— E por que isso me impediria de ter um quarto na casa do meu pai? Austen vive em um apartamento distante da mansão dos pais, e ainda assim, os pais mantêm o seu quarto. — Levanto uma sobrancelha, arrancando uma risada dele. — Sua casa será sempre a minha, papai, sempre considerarei seu lar como o meu. — Repouso a cabeça em seu ombro.

— E estarei sempre de braços abertos para receber você e o meu genro em minha casa — diz, com tranquilidade.

— Quem poderia imaginar que ouviria Damián Rivera chamando Austen de genro. — Cutuco meu pai.

— Ele não é tão terrível assim.

Fico surpresa com o seu quase elogio a Austen.

— Acho que ouvi errado. — Foco em seu rosto, que exhibe uma expressão divertida.

— Austen é um homem de honra e será um excelente marido. Tenho certeza de que o acordo entre mim e Killz não foi um erro. — Ele menciona o acordo pela primeira vez.

— Se tivesse me contado sobre essa aliança de vocês antes, já estaríamos casados, né?

Papai nega.

— Seu futuro marido precisava amadurecer mais, Mía, eu jamais permitiria que vocês se casassem com ele tão imaturo em certos aspectos — revela.

— Mas o senhor gosta dele ou não? — pergunto, curiosa.

— Apenas em proteger, cuidar de você, já é o suficiente para mim. Mas sim, eu gosto dele. Austen é uma pessoa boa.

— Sim, ele é. E me ama. Só ainda não expressou em palavras, mas sei que não vai demorar muito para que isso aconteça — digo sorrindo, imaginando esse dia.

— E você a ele. — Papai coloca o braço sobre meus ombros.

— Sim. Percebi isso quando vi que poderia perdê-lo para sempre. Foi nesse momento que entendi que era amor, e amor é diferente de paixão.

— Na vida, podemos nos apaixonar por muitas pessoas, mas amar...

— Apenas uma — completo, ao notar o silêncio dele. — A Aubrey convidou você para jantar conosco. O senhor vai ficar? — pergunto, percebendo que seu rosto está mais sereno.

— Não posso. Preciso resolver algumas questões. Esta semana começaremos a nova construção do Las Chicas. Agradeça à senhora Knight pelo convite por mim, por favor.

— Tudo bem, *papá*, farei isso.

Eu sei que ele deseja ficar sozinho para lidar com seu luto, e vou respeitar sua decisão, apesar da tristeza em saber que em poucos minutos seu sorriso será substituído novamente por lágrimas.

Papai se levanta e eu faço o mesmo.

— Vou dar uma palavra com o Killz antes de sair — avisa, beijando minha testa. — Se precisar de algo, é só ligar.

— Só preciso que esteja bem.

Ele me abraça.

— Eu estarei, querida — promete e se afasta de mim, dirigindo-se ao escritório do Killz.

Quando meu pai some do meu campo de visão, espero alguns minutos antes de voltar para o quarto.



Deitada ao lado de Austen na cama, observo silenciosamente enquanto ele dorme tranquilo. Ao entrar no quarto, já o encontrei adormecido, então, com cuidado para não o perturbar, me uni a ele. Meus pensamentos estão confusos e sei que não conseguirei pegar no sono tão cedo.

Com suavidade, passo a ponta do dedo indicador sobre a sobrancelha dele e um sorriso brota em meus lábios ao perceber que ele está em um sono profundo. A noite já chegou e logo seremos chamados para o jantar, porém, estou sem fome e presumo que Austen não acordará tão cedo. Ele está exausto após ter gastado toda sua energia no galpão, e imagino que tenha passado dos limites, visto que quase rompeu os pontos da cirurgia.

— É um tanto absurdo pensar que, há apenas alguns dias, eu estava chateada com você. Mas acho que te amo, Austen James Knight — murmuro, acariciando delicadamente a ponta do seu nariz. — Você foi a dose de loucura que faltava na minha vida. Dizem que, por vezes, é preciso um pouco de loucura para dar cor à nossa existência quando ela se torna monótona... Não que a minha estivesse assim — sorrio, sozinha —, mas então você chegou com todo esse caos e transformou a minha vida, trouxe uma adrenalina que eu nunca havia experimentado, amor. — Faço uma pausa e deposito um beijo em seu peito.

— Não sei o que é mais reconfortante, ouvir você me chamar de amor ou dizer que me ama. — A voz de Austen soa baixa e rouca.

— Isso deveria ter sido segredo — brinco, ouvindo sua risada. — Você ouviu tudo? — Meu coração acelera ao vê-lo abrir os olhos e me encarar com aqueles olhos verdes.

— Cada palavra — ele confirma.

— Ah, droga... — finjo resmungar, sabendo que na realidade não me importo que ele saiba. Se não o amasse, não estaríamos aqui agora. — Acho que mereço uma declaração à altura agora, não acha? — Sento-me, sem desviar o olhar do seu rosto.

— Você merece muitas coisas depois disso. — Examina o meu corpo coberto pelas suas roupas folgadas.

— Claro que sim. — Me inclino e beijo a sua boca, então ele agarra o meu lábio inferior com os dentes e depois o suga.

— Se me ajudar a tirar essa tipoia, podemos resolver isso rapidamente. Estou ansioso para te tocar — ele diz, antes de chupar a minha língua.

— Pare de agir como uma criança travessa, Austen — eu o repreendo ao parar de beijá-lo.

— Você é a culpada — diz, com uma carranca.

— Eu?

— Sim. Você me viciou e agora estou vivendo um inferno sem poder te ter como desejo — Austen reclama.

— Não seja impaciente. Em algumas semanas, você estará melhor e com condições...

— Malditos dias que serão como uma eternidade. — Ele respira fundo.

— Não seja um bebê chorão. A boa notícia é que em algumas semanas você terá o prazer de me ter em cima de você, proporcionando a visão do paraíso — provoço, segurando seu queixo e dando um selinho nele.

— Bird, não me provoque assim — ele geme, frustrado.

Uma batida na porta interrompe a resposta que eu estava prestes a dar a ele.

— Mía, querida, chame Austen para o jantar, nos reuniremos daqui a três minutos. — É a voz de Brey.

— Não estou com fome. Você quer comer? — pergunto a Austen.

— Não quero nada agora.

— Tudo bem. Mais tarde, posso preparar algo para nós.

— Mais tarde, vamos voltar para o meu apartamento, lá teremos mais privacidade — ele fala, e eu olho para a porta.

— Brey, não estamos com fome, mas obrigada por se importar conosco — digo alto e bom som para que ela me ouça.

— O.k., querida, mas caso prefira jantar no quarto, posso pedir para trazerem — sugere. Aubrey Knight é a sogra perfeita.

— Não é necessário, obrigada — respondo.

— Tudo bem! — ela diz do outro lado da porta, logo seus passos se

distanciam e eu volto minha atenção para o filho dela.

— Ficaremos até amanhã, os seus pais não vão gostar de nos ver partindo esta noite — recomendo. — E logo cedo, Kitty e eu iremos às compras, não tenho muitas roupas, apenas três peças que sua mãe comprou quando estávamos no hospital.

— Se quiser andar nua em nosso apartamento, não vou me importar.

— Pode sonhar, é de graça, afinal. — Dou de ombros.

— Não há chance disso — brinca, faz um gesto com os dedos e pisca para mim.

— Não.

— Mesmo depois que nos casarmos, você não poderia dar esse presente ao seu marido? — Tenta negociar, de forma cínica.

— De qualquer forma, nós vamos nos casar, então, não. — Escondo um sorriso ao vê-lo revirar os olhos pela primeira vez.

— Você não me merece, Rivera.

— Dramático safado... — Espalmo a mão em sua barriga e acaricio seus músculos.

— Mía...

Eu desço meu corpo para ficar na altura de seu abdômen e deposito alguns beijos ali.

— Não comece o que não vai terminar. — Seu tom é ofegante e ameaçador.

— Mas eu nunca disse que iria começar algo. — Deixo um beijo perto de seu umbigo.

A respiração de Austen acelera quando me aproximo de sua pélvis.

— Vou tomar banho. — Me afasto dele.

Antes que ele se esqueça que está operado, saio da cama ouvindo seus xingamentos se misturando com sua risada.

Mía 1 x 0 Austen.



3 semanas depois

Alguns imprevistos surgiram e alteraram os planos do casamento. Deveríamos ter nos casado há uma semana, mas meu pai precisou da minha presença nos últimos dias e eu não me sentiria bem escolhendo vestidos enquanto ele enfrentava sua própria dor. A perda da Diana o impactou de uma forma inesperada. Felizmente, Arturo, seu braço direito, assumiu as responsabilidades na construção do Las Chicas e compartilhou informações importantes com Killz, que estava encarregado dos investimentos.

Killz tem se revelado um aliado incrível para o meu pai, ajudando os funcionários do Las Chicas, garantindo que nada lhes falte e colaborando para a rápida recuperação dos negócios do papai. Na segunda semana, meu pai começou a se recuperar do luto e retomou suas atividades, porém, seu semblante continua sombrio e ele perdeu peso. Ele me pede para não me preocupar, mas como não me importar? É complicado me concentrar na minha própria felicidade quando vejo o sofrimento dele.

Fui eu que pedi a Austen para adiar um pouco o nosso casamento, e ele concordou. Afinal, Hector Casillas parece ter desaparecido do mapa, como se tivesse evaporado. Mas o meu futuro marido segue trabalhando com os soldados das três máfias. Hector pagará por todas as nossas dores.

Hoje, estou me encontrando com as mulheres da família para experimentar os vestidos da estilista que foram entregues ontem na mansão Knight. A cerimônia será amanhã e já estou no quinto vestido, mas nenhum me agradou, nem a elas. Tivemos um breve instante em que todas concordamos com um modelo, mas Kitty logo disse que não condizia com minha personalidade, iniciando assim a polêmica entre as garotas que queriam opinar.

— Aquele vestido anterior estava um pouco melhorzinho! — Alessa, esposa de Axl, comenta de forma descontraída do sofá, segurando uma taça de champanhe.

— Não, Alessa, por favor, você nem deveria opinar sobre o vestido da minha nora — interrompe Aubrey, provocando risos das mulheres mais velhas, e eu não entendo bem o porquê.

— Não briguem por minha causa — digo, confusa ao levantar o véu do meu rosto e ver as cinco mulheres gargalhando.

— Calma, querida, isso é coisa do passado da Alessa — diz Giulia, cruzando as pernas com elegância e pronta para me explicar a situação. — Mesmo que eu e Muriel tenhamos chegado à família mais tarde, aquele maldito vestido preto tem gerado muitas histórias. Em resumo, Alessa se casou contra a vontade com Axl, e no dia do casamento estava vestida de preto — termina de explicar, me chocando, mas para elas parece algo comum, pois caem novamente na gargalhada. Poderia até pensar que estão um pouco embriagadas, já que estão na terceira garrafa de champanhe, mas não é o caso.

— Vocês não esquecem isso, já é passado. Meu marido me perdoou, mas ele tem aversão de me ver vestida de preto — murmura Alessa, embora esteja sorrindo também.

— Ela traumatizou o homem — diz Hailey, mãe de Dylan e esposa de Ezra.

Vê-las juntas é tão bonito, essa amizade e cumplicidade só confirmam que estou me juntando à família certa. Elas nem me conhecem completamente, mas já dizem que me adoram e me convidam para eventos em suas casas.

— Eu me sinto como uma criança quando vocês ficam falando sobre esses assuntos — reclama Katherine, soando entediada.

— Mas você é uma criança, garota — responde Alessa. — Saudade dos meus vinte e cinco anos... Essa foi a minha melhor fase do casamento com Axl. — Ela se abana com um olhar malicioso.

— Sem detalhes, tia, por favor. — Kitty faz um gesto de vômito e Alessa dá um tapa em seu braço.

— Me respeita, menina! — retruca Alessa, sendo a mais animada de todas.

— Podemos experimentar o próximo vestido? — Pigarreio, observando o vestido rodado branco em meu corpo.

— Certamente, Mía — responde Aubrey, com gentileza.

— Alguém pode tirar isso para mim? — peço, apontando para o véu em minha cabeça.

Kitty se levanta e vem me ajudar.

— Ainda bem que você não gostou deste, véu é coisa do passado. Poderia usar a tiara de diamantes que a tia Giulia trouxe, ou ver as outras opções que as demais trouxeram — diz Katherine, ao remover o véu da

minha cabeça. Todas as mulheres chegaram mais cedo com presentes para me entregar. — Por favor, quando eu me casar, deixem os véus longe de mim.

— Ficamos sabendo que já tem um pretendente — comenta Alessa.

Percebo Kitty ficar tensa atrás de mim, sua respiração pesada.

— Mãe, a senhora contou para a tia Lessa? — pergunta Katherine, com a voz quase inaudível.

— Não era a minha intenção te magoar, filha, mas precisamos de apoio — fala Aubrey.

— Concordo com a sua mãe, Katherine, se os homens podem encobrir uns aos outros, por que nós não podemos? — expressa Muriel, a mulher de Carter, piscando em nossa direção. — Nós sabemos distinguir as coisas, e jamais contaríamos aos nossos maridos algo pessoal que só diz respeito a você para prejudicá-la. — Elas discutem o romance de Kitty com Dean, o soldado de Killz que em breve substituirá o homem de confiança dele.

— Eu amo vocês, mas se meu pai descobrir, ele me mata — diz Katherine, afastando-se de mim com o véu nas mãos e se sentando ao lado de Alessa, que a abraça.

— Kitty, nem precisa ser sua mãe a dizer isso, mas não quero te assustar — fala Alessa, com um olhar sério para Katherine. — Existe algo que seu pai não saiba? Ele pode estar te dando a oportunidade de ser honesta, de falar com ele ou até mesmo com o Dean.

— Se ele soubesse, já teria me repreendido, tia Lessa — responde Katherine, preocupada e engolindo em seco.

— Minha filha, evite retratar seu pai como um monstro. Desde que você atingiu a adolescência, eu exigi que ele desse a você o mesmo tratamento que dispensa a Austen. Da mesma forma que ele permite que o seu irmão namore, você também tem essa liberdade, e ele não pode se intrometer em suas escolhas. Já tive essa conversa com você antes. — Aubrey tranquiliza sua filha. — Não importa se Dean é um soldado, isso é o de menos; o essencial é que ele te ame e esteja comprometido em ter algo sério. O resto, nós conseguimos.

— Obrigada, mãe... Mas Dean e eu terminamos há quase um mês — Kitty começa a chorar.

— Se o chá for bom, ele vai voltar — Alessa diz e deixa a sobrinha com o rosto corado.

— Tia!

— Alessa! — As mulheres falam juntas e Alessa finge não as ouvir.

— Estou mentindo? A noiva só está aqui hoje, prestes a se casar com meu sobrinho...

— Kitty, pode me ajudar a vestir o outro vestido, por favor? — peço,

sentindo-me envergonhada com o rumo da conversa. Elas falam de forma explícita, sem censura, tenho certeza de que logo Austen e eu seremos o tópico da conversa delas.

— Vamos lá. A tia Lessa, quando toma algumas taças de champanhe, não consegue parar de falar. — Kitty se levanta.

— Não demorem, preciso voltar mais cedo para Chelsea, meu filho está chegando hoje e quero preparar o jantar para ele — avisa Hailey. Dylan está retornando hoje da Rússia, após um mês fora, para o casamento do primo.

— Tia Hailey, Dy já deve ter até filhos e a senhora ainda o trata como um bebê, seu garotinho já quase tem trinta e dois anos — reclama Kitty.

— Ele pode ter um time de filhos, Katherine, mas sempre será meu bebê número um — responde Hailey, sorrindo.

Este amor materno é genuíno. Como posso me sentir órfã se todas elas estão ao meu lado, proporcionando-me os melhores momentos?

— Será que o Dy já é pai? Ele nunca mencionou nada, mas gosta de aventuras... um filho, um neto... — Hailey murmura, reflexiva.

— Vamos logo, antes que comecem a falar de netos. A tia Hailey está louca para ser avó, e depois sobrará para nós. Eu não quero ser mãe agora — comenta Kitty, descontraída e confiante.

Concordo com um sorriso, deixando as mulheres conversarem. Enquanto saímos da sala, ouvimos a mãe de Dylan expressar a esperança de que ele tenha um filho. Assim, Viktoria não o forçará a se casar com alguém que não ama.

— Você ouviu? Estas mulheres têm uma imaginação muito fértil. A tia Hailey está preocupada com essa suposta noiva que Viktoria vai encontrar para o neto, pois não quer que o filho se mude definitivamente para a Rússia — explica Kitty assim que paramos em frente à porta do quarto de Austen, onde estamos deixando os vestidos.

— Não sei bem o que dizer sobre isso. Estou entrando agora na família e ainda não entendo completamente alguns assuntos — murmuro, observando Kitty passar por mim e abrir a porta.

— Não se preocupe, vamos ter bastante tempo para conversar — garante Katherine, recolocando a cauda do vestido em suas mãos enquanto eu entro no quarto logo depois dela. — Vou resumir rapidamente. A tia Alessa e o tio Ezra são irmãos por parte de mãe, a Viktoria aprontava bastante quando jovem, se envolveu com meu avô Kurtz, e depois com o pai da tia Alessa. Então, a chefe da máfia russa engravidou dos dois, que eram amigos, em anos diferentes, porque minha tia é muito mais nova que meu tio, mas após isso viveram um inferno. Exceto meu avô, que dizem que amava e preferiu minha avó, e foi ela quem criou o Ezra como se fosse seu filho.

Quase me engasgo com a revelação.

— Vocês têm muita história para contar — digo, ouvindo sua risada enquanto me posiciono em frente ao espelho.

— Se eu soubesse como meu pai e meus tios conquistaram suas mulheres, diria que renderia uma trama interessante de livros ou até mesmo filmes, mas isso nos tomaria bastante tempo. — Katherine se posiciona atrás de mim e inicia cuidadosamente a abertura do zíper do meu vestido. — Não tenho todos os detalhes porque eu era apenas uma criança na época, mas ao longo dos anos, sempre ouvi as histórias.

— Conte-me de forma resumida, pois sou curiosa — peço, sorrindo ao descer o vestido até meus pés e então cobrir meus seios com as mãos.

— Meu pai queria vingar a morte dos meus avós usando minha mãe, mas acabou se apaixonando por ela, mesmo sabendo que ela era filha do homem que tirou a vida de seus pais — relata Kitty, me encarando através do espelho. — Depois veio o tio Axl e tia Alessa, que eram prometidos, ou pelo menos foi isso que meu avô Conan os fez acreditar, não tenho certeza. Tio Axl tinha um envolvimento com outra mulher no início, antes de ser obrigado a se casar com minha tia, mas acabou se apaixonando por ela também.

Pego o vestido que estava no chão e passo para Katherine, que o guarda na caixa em cima da cama.

— Logo em seguida, vem o tio Ezra. Dizem que foi o mais problemático de todos, mas não comentam muito sobre ele. A tia Hailey era irmã gêmea da mulher envolvida com o tio Ezra, enquanto o Dylan é sobrinho dela, mas foi criado por Hailey desde que nasceu... Mesmo não sendo seu filho biológico, Hailey nunca deixou de amá-lo. — A revelação da minha amiga me surpreende. — A história do tio Ezra se cruzou com a do tio Carter, que perdeu sua amada namorada, vítima de um confronto com Lucke Ivanov. Tio Carter partiu da Inglaterra por cinco anos, viveu na Irlanda e lá encontrou Muriel. A família de Muriel a entregou como pagamento, mas meu tio não pretendia se apaixonar por outra mulher tão cedo, até que... Ele acabou se apaixonando por ela. É sempre assim, eles sempre se apaixonam.

Observo atentamente Kitty no espelho enquanto ela guarda os vestidos na caixa, já pegando o último. Ainda não tive a chance de analisar esse, mas provavelmente será minha escolha ou precisarei reconsiderar as opções anteriores.

— E por fim, há o tio Spencer. Ele era conhecido como o mais galanteador de todos. Conheceu a tia Giulia através um caso dele, já que a mulher era casada com o tio dela. Giulia estava comprometida com um homem mais velho e repugnante, então, ela decidiu se casar com o tio Spencer para se livrar desse pretendente. O interessante é que ela declarou que ele seria seu marido, e adivinha só? Assim foi. Eu admiro a tia Giulia por isso, colocou o mulherengo Knight em seu devido lugar — revela, me fazendo rir com ela.

— Acho que ela tem um pouco de mim. — Sorrio, enquanto Katherine se aproxima com a última caixa.

— Com certeza, o Austen era bem parecido com o tio Spencer, mas daí você surgiu e, veja só, num piscar de olhos já quase é a mulher do meu irmão. — Ela se coloca à minha frente e me entrega a caixa. — Estou achando esse tecido maravilhoso, talvez seja o escolhido.

Afirmo balançando a cabeça, e ao pegar a peça e seu tecido cai, revelando sua beleza.

É um vestido branco sem cauda, bordado com pedrarias, simplesmente deslumbrante e confortável, com alças finas. Perfeito.

— É este, mesmo antes de experimentar, eu sei que é ele — aviso a Katherine.

A porta se abre, mas não me assusto só porque sinto o perfume de Austen e sei que é ele.

— Austen, não se deve ver o vestido da noiva antes do casamento! — repreende Katherine, pegando o vestido da minha mão e o enrolando.

— Isso não passa de superstição, Kitty — ele rebate, virando-se em minha direção.

Fico chocada ao vê-lo sem a tipoia, segurando uma sacola marrom de couro. Ele voltou com sua jaqueta preta de sempre e aquele ar de *bad boy* em seu traje.

— Prefiro minha mulher nua do que vestida — diz Austen. Observando nossa pequena bagunça na cama dele quando coloca a sacola lá.

— Está bem. Já entendi. Vou esperar lá fora, Mía, mas não demorem. O casamento é amanhã — aconselha Katherine, se afastando, deixando o vestido na cama e saindo do quarto.

— Hoje, recebi alta do ortopedista e do dr. Maison — ele diz, trancando a porta e me encarando como se fosse um lobo faminto, pronto para me devorar. — Foram vinte e um malditos dias, Mía — resmungo, vindo em minha direção como se fosse um predador, e é claro que dessa vez a presa sou eu.

— O importante é que você já está bem. — Permaneço diante do espelho e solto meu cabelo, pois sei que ele gosta de vê-lo assim.

— Não. Bem eu vou ficar agora. — Austen examina cada parte do meu corpo, seus olhos escurecendo de desejo. — Sabe o quanto foi difícil não poder te foder? Me curvar nessa cama com você de pernas abertas e chupar a sua boceta? — Ele se aproxima de mim.

— A casa está cheia, Austen... — lembro-o, mas cada centímetro da minha pele arde e minha boceta pulsa por ele.

— Mas o quarto, não. Ninguém entrará sem nossa permissão — diz, tão

próximo que consigo sentir o calor do seu corpo sobre o meu. — Estou mentindo, bird? — Austen fica atrás de mim e fala em meu ouvido, meus mamilos endurecem e arrepios deliciosos percorrem minha nuca.

— N-não... — Fecho os olhos e solto um gemido ao senti-lo abraçar minha cintura, me puxando para trás e roçando sua ereção em mim.

— Você também deseja isso, admita. — Ele lambe meu pescoço e, em seguida, minha orelha.

— Seria desrespeitoso ficarmos aqui transando enquanto elas nos esperam na sala. — Suspiro quando meu mamilo é apertado por seus dedos.

— Todas estão felizes e distraídas com a crise emocional da tia Hailey, que acha que tem um neto perdido. Podemos até arriscar, elas nem vão notar, e a Kitty sabe que estamos ocupados. — Belisca meu mamilo e eu solto um gemido. — Agora é o momento perfeito para você me dar um presente pelos dias em que me deixou de castigo. — Ele morde meu ombro e me encara pelo espelho.

— Eu apenas queria garantir que sua recuperação fosse rápida — defendo-me, ouvindo sua risada maliciosa.

— Tire a calcinha. — Meu corpo todo vibra de desejo com seu olhar de adoração. — Agora.

Meu coração dispara e minha intimidade arde de excitação Livro-me da peça, porém permaneço com medo de que Brey venha nos chamar.

— Fique de quatro na cama, com as pernas afastadas uma da outra — ordena, se distanciando até alcançar a cama, onde mexe na bolsa de couro que trouxe mais cedo.

— Precisamos tirar esses vestidos, senão vamos acabar estragando-os. E eu preciso devolvê-los depois para a dona. — Observo os vestidos e caixas espalhadas perto da cabeceira da cama.

Austen retira da bolsa uma caixa preta, com uma insígnia em dourado. Ele a coloca na cama, em seguida pega um pequeno frasco que aparenta ser lubrificante. O que tem ali dentro?

— Compro todos, mesmo que você não os use. — Afasta-se de mim, já não me surpreendendo mais com suas excentricidades.

— Austen, são seis vestidos, cada um custando duzentas mil libras por serem exclusivos, totalizando um milhão e duzentas libras... Você perdeu a cabeça?

— Pode doar depois, agora faça o que pedi ou serei obrigado a te dar algumas palmadas nessa bunda com meu cinto, Mía. — Ignora-me com a voz rouca, percorrendo o olhar pelo meu corpo e me deixando excitada novamente, quase me fazendo esquecer da loucura que estamos prestes a cometer.

— Eu vou. — Respiro com dificuldade, ao me deitar na cama e ficar na

posição que me pediu.

— Vou te comer de quatro e, enquanto te como por trás — ele faz uma pausa, abre a caixa misteriosa e mostra para mim — esse vibrador vai penetrar sua boceta. — Exibe um objeto curvo dourado.

— Isso é de ouro? — Não consigo conter a curiosidade e ao mesmo tempo quase me perco em minhas palavras ao ouvi-lo mencionar que iremos praticar sexo anal.

— Vinte e quatro quilates, feito sob medida para você — confessa. Não sei o que me choca mais, se é o fato de Austen afirmar que é ouro, ou o fato de ele ter encomendado um vibrador para usar comigo. — Suba um pouco mais e apoie-se na cabeceira, bird. Você fica encantadora quando está curiosa, mas eu poderia estar te proporcionando muito mais prazer chupando você e te satisfazendo. — Austen devolve o objeto para a caixa enquanto eu me apoio na cabeceira, sem desviar meus olhos de seus movimentos.

Ele tira a jaqueta, em seguida a camisa branca, e depois se livra do restante de suas roupas, ficando nu diante de mim, exibindo seu corpo perfeito adornado com algumas tatuagens que eu poderia passar o dia todo admirando.

— Ainda está tomando o anticoncepcional? — pergunta, retirando a bolsa da cama e colocando no aparador, mas os dois itens ainda permanecem ali.

— Sim, faz três semanas que estou tomando — declaro, balançando a cabeça, e ele sorri em aprovação.

— Vamos transar sem proteção — avisa, pegando o frasco de lubrificante e o vibrador. — Quero poder jorrar minha porra dentro de você. — Ele sobe na cama e se posiciona atrás de mim. — Você vai me deixar gozar na sua deliciosa bocetinha, amor? — Acaricia minha bunda e a massageia com seus dedos.

— Ainda tem dúvidas? — Solto um gemido ao receber algumas palmadas.

— Mesmo sendo seu homem, preciso pedir permissão — fala.

Olho por cima do ombro e o vejo de joelhos, segurando apenas o frasco de lubrificante.

— Eu sou sua, faça o que quiser...

— Porra, Mía, preciso aprender a ser um cara mais controlado quando se trata de você. Estou com a visão do paraíso em minha frente e com a boca cheia da água para morder, chupar essa boceta. Quero fazer tantas coisas com você, que precisaria mais do que vinte e quatro horas. — Ele geme e eu encosto minha testa na cabeceira, me empinando para ele ao sentir minha boceta latejar.

— C-éus... Austen. — Arfo, com os seus dedos sendo esfregados em

meus lábios vaginais, que já se encontram melados mesmo antes de ter sido tocada.

— Você está tão molhada que faz até barulho, e olha que nem fizemos nada. — Ele mete um dedo, depois o outro. — Só algumas palavrinhas e você se excitou, amor? — Austen quer me levar ao limite antes do tempo, ele sabe que me afeta com esse “amor”.

— Uhum, sim... A-ahh.... — Sou penetrada por ele, que usa o indicador para esfregar meu clitóris.

— Estou sentindo a sua umidade em minhas mãos, Mía, que delícia. — Austen geme, move a ponta dos dedos para cima e para baixo, e eu rebolo, mordendo os lábios para não gemer alto demais. — Deixa para rebolar em meu rosto — me incentiva, mas não para de se afundar em meu interior.

— A-aahhh. — Tapo a boca com a mão para não correr o risco de me ouvirem.

— Agora, vou precisar que você gema baixinho, ou a minha família toda vai te ouvir — recomenda o safado.

Fecho os olhos ao receber um beijo em cada lado da bunda. Aperto os dedos ao redor da cabeceira ao receber mordidas na pele, e se eu estava molhada, agora me encontro encharcada, quase pingando.

Austen trilha beijos até o meu ponto sensível enquanto me controlo ao máximo para não fazer escândalo quando ele abre os lábios da minha boceta e enfia a língua. Ele chupa meu clitóris e me fode com os dedos sem dó. Meus gemidos saem baixos, mas são impossíveis de serem contidos.

Rebolo enlouquecida, imaginando que ali é o seu pau e ele gosta, porque me suga com mais força.

— Agora vou dar atenção ao que estou desejando há muito tempo. Você me disse que para tê-lo eu precisava conquistar, e é isso que vou fazer — fala, malicioso, parando de me chupar e penetrar. — Esse lubrificante que vou passar em você tem sabor de baunilha. — O líquido é derramado em minha bunda e ele espalha uma boa parte, até que vai ao encontro do meu ânus e jorra mais lubrificante. — Vou comer o seu cuzinho virgem com baunilha.

Minhas pernas tremem e ele volta a colocar seu rosto entre elas, lambendo meu feixe de nervos com aptidão. E sem que eu me dê conta, Austen desliza um dedo em meu cu e fode-o devagar, como se estivesse preparando-me. E ele está.

Seus movimentos são circulares e mais rápidos em meu ânus. Trêmula e sendo tomada por uma sensação de formigamento na pele, gemo enquanto sua boca se mantém em minha vagina. Jogo a cabeça para trás e rebolo de olhos fechados, as investidas de Austen em dois lugares me deixa em uma vulnerabilidade que não consigo segurar o gozo.

— Austen...

Ele nem me dá tempo para me recuperar, só tira o dedo do meu ânus, lambe meus espasmos e aproveita cada gotinha.

— Te vendo toda aberta, me deu uma vontade de bater uma, mas não quero desperdiçar minha porra fora de você — fala.

Olho-o por cima do ombro e nossos olhares se encontram.

Ele está com o cabelo desgrenhado e o rosto vermelho, e suas pupilas estão dilatadas, denunciando muito tesão.

— Não espere tanto — ofereço-me para meu futuro marido, que dá um sorriso safado para mim.

— Mas eu não vou — garante, segurando o seu pau e mirando em minha boceta. Ele o desliza por minha entrada, meus lábios vaginais, atijando-me como somente ele sabe fazer. — Estou tentado. — Simula uma penetração ao colocar a glândula dentro de mim, mas volta, deslizando o pênis até meu ânus. — Se segure firme na cabeceira e olhe para a frente — recomenda.

Sem que eu espere, ele me invade por trás, mas com cuidado para não me machucar.

— M-merda... Isso dói, aiii... — choramingo, desconfortável, como se fosse ser partida ao meio.

— Respira e expira, logo a dor passa e você se acostuma, vai ser gostoso — promete, carinhoso e ofegante. — Vou colocar o vibrador, ele vai te deixar mais relaxada. Você vai sentir prazer nos dois lugares e vai esquecer a dor. — Austen faz um vaivém lento, ele entra e sai, e eu estremeço, ainda desacostumada.

Um toque gelado em minha boceta me faz gemer como uma cadela no cio. Austen liga o aparelho e começa a vibrar, a sensação de cócegas é uma delícia.

— Escolha qual velocidade te agrada.

A primeira velocidade é boa, mas a quarta me arranca quase um grito e Austen entende o recado. Ele introduz o vibrador em minha boceta, me comendo com o seu pau e o objeto.

— Caralho, Rivera... A-aahh... que delícia... porra, vou gozar muito rápido. — Ele entra em mim e eu rebolo, gemendo com ele e resfolegando.

— E-eu também...

Austen aciona a velocidade máxima do vibrador e o grito fica entalado em minha garganta até que eu alcance um travesseiro para esconder meu rosto. Grito abafada, por ser preenchida por um prazer descomunal e até esqueço dos vestidos que estamos destruindo sobre o colchão.

Lágrimas se formam em meus olhos e um soluço escapa dos meus lábios.

— O-ohh... Céus, eu vou... — Mais soluços e o meu ventre é tomado

por uma onda de calor.

— S-sim... vamos juntos, amor.

Gememos, quase alcançando o clímax.

— É-é gostoso, Austen, muito. — Elogio, quase perdida e delirando de prazer.

— Eu disse que seria. — Ele solta um gemido rouco e então bombeia pela última vez, nos fazendo gozar juntos.

Como prometido, ele jorra seu jato quente em meu canal dolorido. Austen larga o objeto na cama ao parar de me penetrar com ele e sai de dentro de mim.

— Já volto — diz, beijando minhas costas antes de se afastar.

Tremendo, me deito na cama de bruços e respiro fundo. Depois de alguns minutos, Austen retorna com uma toalha na mão. Ele me limpa cuidadosamente, e por nunca perder uma oportunidade, deixa uma mordida em cada lado da minha bunda.

— Eu ainda quero comer a minha mulher — fala.

O “minha mulher” me derrete de uma maneira que ninguém poderia entender.

Ponho-me de joelhos na cama e ele se aproxima, agarrando minha nuca, cintura, e beijando-me com fervor. Nossas respirações se misturam quando sugo a sua língua e seus lábios. Austen larga minha boca para explorar outros lugares. Ele desce para meu pescoço, mordendo, beijando e chupando, enquanto minhas mãos passeiam por seu peito firme e ombros.

Voltando a despertar o fogo, com uma mão agarro seu pau e o masturbo, ele geme em minha boca e eu sorrio entre nosso beijo.

— Eu adoraria chupar o seu pau agora, mas preciso que você entre em mim novamente. Dessa vez, vai foder a minha boceta e derramar até a sua última gota de gozo nela — falo, roçando meus lábios no dele, que rosna como um animal.

— A sua sorte é que estamos na casa dos meus pais, caso contrário, você só sairia deste quarto amanhã. — Ele bate em minha bunda com uma força que o estalo soa no quarto, e o meu grito também. — Vou me sentar na cama e você vai me cavalgar, me deixar mamar nesses peitos até deixá-los sensíveis. — Minha vagina palpita e umedece.

— Sim, eu vou...

Austen segura em meu pescoço, em seguida, volta a me beijar e me empurra na cama para que eu me deite de costas. Sinto a textura dos vestidos em minha pele, quase me sentindo culpada. Ele fica entre minhas pernas e eu me abro mais para que se encaixe melhor.

— Mudei de ideia, quero te comer em uma posição que nunca fizemos e

a sua flexibilidade vai ajudar muito. — Morde meu lábio inferior e se afasta de mim. — Suba mais um pouco e me dê espaço — instrui.

Deslizo para cima com as pernas abertas para provocá-lo e para que volte a me dar prazer.

Austen sorri por saber o que estou fazendo e fica de joelhos na minha frente, então coloca uma das minhas pernas por baixo do seu corpo e a outra sobre seu ombro direito, apoiada em seu peito.

— Está desconfortável? — indaga ele, acariciando minha perna em seu ombro enquanto sua outra mão segura o pau.

Balanço a cabeça, negando. Austen fricciona o seu membro melado em meu clitóris, repete o gesto três vezes, e eu me apoio nos cotovelos para assisti-lo. É muito excitante vê-lo me possuir e essa é a primeira vez que descartamos a proteção. É um prazer inexplicável. Gememos, satisfeitos.

Ergo o olhar para o seu e ele entra em mim de uma vez só. Solto um gemido baixo e volto a mirar em seu pau me penetrando.

— Essa boceta se tornou o meu maior vício, e sem camisinha, é melhor ainda. — Ele massageia meu clitóris com o polegar e encara-me ao me estocar com ferocidade.

Mesmo sustentando o peso do meu corpo nos cotovelos e com um leve incômodo, continuo na posição porque é gostoso ver o pau grosso com veias protuberantes dele entrando e saindo de mim.

— Aiiii... — Ele mete fundo e forte, minha lubrificação facilita a penetração.

Austen me fode com velocidade e range nos dentes, segurando meu quadril.

— Está vendo como meu pau se encaixa tão bem nessa boceta? — Austen observa o membro dele sair e entrar, depois me olha com seus olhos verdes escurecidos pelo frenesi do momento. — Porque ela foi moldada para mim. Tudo é meu, a sua boceta, você... tudo. — As investidas dele são rápidas, o meu corpo sobe e desce.

— S-sim... Tudo é seu, Austen Knight, eu sou sua, somente sua... — Deito-me e seguro em meus mamilos, apertando-os entre meus dedos. — A-ahhh... Me faz gozar de novo — peço, por não estar tão longe de alcançar outro orgasmo.

Ele segura a minha perna em seu ombro e a minha cintura com força. Soca rápido em meu interior, e reveza com bombeadas lentas, e assim segue por um bom tempo. Austen goza primeiro, depois eu.

Ele tira minha perna do seu ombro e se deita por cima do meu corpo, me beijando de um modo apaixonado, e eu retribuo na mesma intensidade.



Horas antes

Há dois dias que Hector Casillas está entre nós. O mexicano acredita que nos pegará desprevenidos. No entanto, será surpreendido, pois há um exército à sua espera, com mais de mil homens contando com os reforços da Rússia, Irlanda e Chicago, altamente treinados e equipados com armas pesadas. Dentre esses homens, estão ex-militares russos.

Assim que soubemos da chegada de Casillas na madrugada, decidi não permitir o derramamento de sangue naquele dia. Meu casamento com Mía já havia sido adiado por algumas semanas por conta de Damián, e eu não quis desapontá-la ao prolongar ainda mais nossa união perante o conselho. Casillas pode aguardar até que eu coloque a aliança no dedo de Mía, pois ele não tem intenção de ir a lugar algum, assim como não tenho pressa em reivindicar algo que já está em minhas mãos – a vitória.

O velho ignorante está na Inglaterra com apenas cem homens. Certamente, sua capacidade de raciocínio está prejudicada ou ele não possui alguém para auxiliá-lo. Como pode abandonar seu país para uma batalha sabendo que será derrotado? Essa postura não condiz com a sabedoria que ele alega possuir. Enquanto ele elabora suas estratégias em território inimigo, estamos sob vigilância com atiradores e binóculos táticos, acompanhando todos os seus movimentos. Se desejar, neste exato momento posso contatar o Dean e ordenar o avanço de nossos homens contra os de Hector, sem que eu ou minha família tenhamos que nos envolver diretamente. Uma guerra pode ser evitada. Posso oferecer a Casillas a sua rendição, mas ele é obstinado, busca conflito e sangue.

Estamos reunidos no galpão desde cedo. A cerimônia dos Knight seguirá a tradição. Todos os membros da família marcam presença, e em breve chegarão os anciãos do conselho para a minha nomeação como o chefe da máfia após o casamento. Em vez de Mía se arrumar no apartamento com a ajuda das mulheres, encontrei uma forma de trazê-la conosco para cá. Agora,

ela se prepara em uma das salas do galpão, animada demais para notar o que está acontecendo ao seu redor. Prefiro assim, para evitar que entre em pânico e adie o nosso grande dia. Estou mantendo em segredo a presença de nosso inimigo. Hector está sob rigorosa vigilância, não poderá dar um passo sem meu conhecimento. Não desejo que Mía se preocupe com a presença desse parasita que em breve não fará mais parte de nossas vidas.

— Olho para você e mal consigo acreditar que vai se casar, primo.

A voz de Dylan me tira dos devaneios.

Dy retornou da Rússia ontem à noite, logo partirá novamente para Moscou. Há pendências a serem resolvidas, tarefas que parecem intermináveis. Agora, ele compreende a razão pela qual sua avó o pressionou por tantos anos a assumir o cargo de *pakhan* na organização. Se ele não tivesse ido ajudar nos negócios dos Ivanov, Viktoria estaria destinada a afundar com o legado que construiu.

— Pois é. Ontem falei para a Mía que a amava — confesso ao meu melhor amigo, que me encara com um sorriso largo.

— E é claro que ela disse que te ama também.

Passo a mão no meu elegante terno preto de três peças, limpando uma sujeira inexistente.

— Quem diria, Austen Knight declarando amor primeiro. — Ele sorri para mim.

— Faz parte — me defendo, sem esconder o sorriso.

— Sua mulher tem você na palma da mão — afirma, gargalhando.

— Não posso negar. — Pego a gravata preta e começo a fazer o nó.

— Sempre soube que vocês se dariam bem, independentemente dos planos do tio Killz — comenta.

— Não me lembre que você me traiu, seu imbecil — resmungo, apertando o nó da gravata.

— Você já me perdoou, agora pare de ser rancoroso e concentre-se no presente. — Dylan se levanta do sofá e olha para a porta quando ouve alguém batendo.

Estava me arrumando aqui enquanto os outros homens da família estão acompanhados de suas esposas. Como as crianças já são adolescentes, foram autorizadas a participarem das duas cerimônias.

— Quem será? — pergunto, levantando-me.

— *Austen, sou eu. Posso entrar?* — Damián, com sua voz séria do outro lado da porta.

— Dylan, por favor, deixe-me sozinho com ele — peço ao meu primo, que assente com a cabeça.

— Depois conversamos, Austen.

Ele se dirige à porta, abre para Damián e eles se cumprimentam com um aceno de cabeça, enquanto passa pelo pai de Mía e deixa a sala.

— Entre. — Encaro Damián, vestindo um terno da mesma cor que os demais homens no galpão, atendendo ao meu pedido, e logo trancando a porta.

— Hector entrou em contato comigo — ele revela, com a expressão dura e repleta de ressentimento. Acredito que esteja se lembrando do que o primo fez com Diana.

— Como ele conseguiu entrar em contato? Não se desfez do celular conforme eu orientei? — Solto a gravata, me acomodo na poltrona e aponto para o sofá para que ele se sente.

— Não pude — confessa, respirando fundo e baixando a cabeça.

— E por que não? — Eu tento manter a paciência. — Há duas semanas, eu o instruí a se livrar do aparelho para que o Casillas não pudesse contatá-lo e obter informações para nos atacar, mas parece que fui ignorado.

— Porque estava aguardando a ligação dele. — Damián ergue o rosto e me encara com seriedade. — Aquele homem tirou tudo de mim, Austen, você não entende.

— Damián, o que eu não compreendo é a sua falta de cautela nessa situação. Você é um homem experiente, ousaria dizer que em certos aspectos é mais sábio que eu, e agora permitiu receber uma maldita ligação do nosso inimigo? — repreendo-o, impaciente. — O que esse rato disse? — Recostome na poltrona e baixo o tom.

— Ele disse que não quer confronto com vocês, prefere um encontro pessoal sem interferências, pois temos assuntos a resolver. O Hector não suspeita de que sabemos da sua presença. Meu primo se acha mais esperto que os outros — diz, passando a mão pelo cabelo.

— Ele veio do seu país para conversar civilizadamente com o primo que o traiu roubando sua mulher? Por favor, Damián, faça uso de sua inteligência. — Limpo a garganta, percebendo o interesse do pai de Mía em encontrar o primo sozinho, seu olhar entrega sua intenção. — Não ouse me pedir ajuda para essa loucura. O Hector está armando contra você, entende? Ele sabe que com cem homens em território inimigo, enfrentando uma máfia poderosa, não têm chance de sair vivo daqui. — Cerro o punho.

— Um dia, eu sabia que teria que me encontrar com ele pessoalmente, Austen — insiste Damián, enquanto eu balanço a cabeça negativamente.

— A intenção de Casillas é te levar à morte, ele não deseja partir sem levar você junto, e eu não permitirei que dê um passo na direção daquele verme desprezível. Minha mulher não vai chorar pelo pai dela, que está sendo um teimoso do caralho — resmungo com raiva. — Exijo que aproveite nosso dia, faça sua filha sorrir e não que se curve em cima de um caixão

chorando por você estar agindo de forma irracional. Você perdeu seus malditos testículos, quase perdeu a vida também, por Mía, e agora, quando tudo está se ajeitando, decide se entregar à morte? É isso mesmo? — Aperto minha mandíbula.

— Um dia todos nós morreremos, e apenas saber que meu maior inimigo estará comigo me fará partir feliz. — Ele abre o paletó e retira um envelope branco selado, depois se aproxima de mim e estende em minha direção. — É para Mía, se algo me acontecer, entregue esta carta a ela — instrui, com lágrimas nos olhos.

— Pode rasgar, não há como você se render assim para o Hector. — Me recuso a pegar o papel e viro o rosto para o lado. — Meu casamento é daqui a duas horas, Damián, não estrague a felicidade da sua filha. — Meu sangue ferve com a sua teimosia. — Quando esse maldito te ligou? Você até tem uma carta de despedida para a Mía — repreendo-o, encarando-o.

— Ontem à noite. — Ele engole em seco e se afasta, levando a maldita carta com ele, sabendo que não vai me convencer a essa loucura.

— Deveria ter me comunicado. — Comprimo os lábios.

— Não quis te incomodar, ontem você recebeu alta, além de estar sobrecarregado com uma responsabilidade que nunca deveria ser sua, e sim minha.

— Hoje me tornarei o líder da organização, Damián, não importa. É a segurança do meu povo que está em jogo, de qualquer forma, como líder, devo zelar por cada membro da máfia, inclusive os seus. Em breve, seremos todos uma família. — Cruzo as pernas e abro os braços na poltrona. — Não tente justificar o injustificável. Você deseja matar Hector, assim como ele a você. Ambos têm o mesmo plano, mas se você seguir adiante, pode sair em desvantagem e, além de perder sua vida, deixará Mía desolada.

— Eu sei o que estou fazendo, Austen.

— Acredita que uma simples carta será suficiente para aliviar a dor de alguém que te ama profundamente? Está enganado! — Ergo-me e aproximo dele, seguro-o pelo colarinho e o trago para ficar cara a cara comigo.

— Quer se livrar desse sentimento de luto causado por uma mulher que nunca valorizou você? Não se preocupe, posso lhe proporcionar uma morte mais rápida, sem a necessidade de horas na estrada para encontrar seu algoz — falo com frieza, sacudindo Damián, que empalidece. — Acorde, Rivera! Hector só se aproximou de você porque sabia que seria fácil te manipular. Sabe qual é a maior arma de um ser humano? A mente. Então se recomponha, ponha um sorriso no rosto e daqui a duas horas entregue-me sua filha para que ela se torne minha esposa. — Cerro os dentes.

— Me solte, Austen! — Ele tenta me empurrar, mas uso toda minha força.

— Prometi a Hector que o mataria com minhas próprias mãos, mas se

esse é o seu problema, dou ele a você. — Solto-o, furioso. — Posso pedir a ele que se humilhe aos seus pés, implore seu perdão e lamba seus sapatos, mas de forma alguma perturbe a paz da minha mulher ou arruíne meus planos. Passei quase um mês planejando a queda de Casillas, proíbo que se deixe levar pelo impulso e prejudique meu casamento.

— Ele ameaçou Mía.

Fico petrificado com a revelação.

— Repita. — Uma fúria intensa percorre minhas veias.

— Hector ameaçou minha filha, Austen. Diana não merecia que eu entregasse minha vida a Casillas e abandonasse minha filha ao sofrimento. — Solta um pesado suspiro. — Se estou planejando encontrar esse homem sozinho é porque ele me advertiu que caso eu contasse a alguém sobre nosso encontro, enviaria um de seus capangas para matar Mía, e faria algo ainda pior do que fez com a mãe dela.

— Você tem certeza de que deseja matar o Casillas sem minha intervenção, Damián? — questiono, e ele concorda. — Vou entregar a cabeça daquele velho a você, não só isso, o cartel dele será seu, e os capangas que restarem dele, se algum recusar sua liderança como o novo don, será eliminado como exemplo para os demais. Seu povo poderá retornar à sua terra natal sem temer nada. Após a queda de Hector, os outros cartéis terão que te respeitar, e aqueles que desafiarem sua autoridade terão que lidar com os Knight e meus aliados, que são numerosos. — Toco em seu ombro e seus olhos brilham.

— Seu pai está certo. Você era um diamante bruto que precisava ser lapidado, estou certo de que se tornará um líder tão competente quanto Killz. — Ele bate em meu ombro.

— Minha proposta é entregar a você o cartel de Hector para que possa reconstruir sua vida lá, e quando eu assumir a organização, continuaremos seu negócio em Brentford, mas vamos expandir o Las Chicas. Além das garotas, vamos adicionar algumas salas de jogos para atrair mais dinheiro dos clientes gastadores. — Oferto ao Damián. — Você ficará com 40% do lucro, o restante é nosso.

— Estou de acordo. — Estende a mão e eu a aceito. — Vou me sentir melhor quando voltar ao México, mas para conseguir ter o cartel do meu primo, precisaremos invadir o local e fazer os peões leais a ele se renderem à minha liderança.

— Eles não terão escolha, Damián. Na próxima semana, enviarei alguns dos meus soldados e aliados para te ajudar a assumir o controle daquele lugar, você não precisará se esforçar.

— Preciso que me prometa uma coisa, Austen.

— Diga.

— Estou indo embora, mas preciso que leve minha filha para me ver

algumas vezes — declara, divertindo-me com a preocupação dele.

— Nada mudou, Damián, você é um integrante da minha família, pode ir e vir quando quiser, as portas estarão sempre abertas para você — asseguro. — Entre em contato com Hector, descubra quando vocês podem se encontrar. Ele não imagina que está sendo vigiado. Apenas por estar a alguns quilômetros daqui acha que tem alguma vantagem, deixe-o acreditar nisso.

— Ele vai insistir para que nosso encontro seja hoje. — Damián pega o celular do bolso.

— Essa é a intenção, mas para que ele não desconfie de nada, você vai agir como se estivesse com medo. Hector aprecia submissão, gosta que as pessoas o temam. Ele sabe que você daria a vida pela Mía, e está cego com essa informação, isso será o que o atrairá até nós.

— Confio em você, Austen. — Damián começa a mexer em seu telefone.

— Na atual situação em que nos encontramos, a confiança é a nossa segunda ferramenta para enfrentar o nosso adversário. Não tome decisões sem me consultar primeiro — advirto. — Vou deixá-lo sozinho para ligar para o Hector. — Viro as costas para ele e me encaminho até a porta, mas antes disso, olho por cima do ombro enquanto ele leva o celular à orelha. — Damián?

Ele me encara, curioso.

— Não quebre a minha confiança, ou eu mesmo acabo com você e não me importo se é o pai da mulher que amo.

Sem esperar pela sua resposta, saio do escritório sem olhar para trás.



Atualmente

Estou com as mãos frias e meu coração está batendo mais rápido do que nunca. Ando de um lado para o outro, observando as pessoas ao meu redor.

Segundo meu tio Axl, este é o primeiro casamento da família Knight com tantos convidados. Meus primos estão sentados em silêncio em suas cadeiras, enquanto seus pais estão acomodados do outro lado.

O único que não está presente é meu pai, que ficou para receber os Conselheiros, já minha mãe está com a Mía e Katherine em uma das salas. Damián e Dean estão conversando em um canto distante do salão, para que ninguém os ouça. Pedi ao soldado que passasse algumas instruções a ele.

Ele combinou um encontro com Hector, o homem quer se vê-lo em Brentford, lá é o lugar ideal para eu concretizar meus planos. É distante e longe da minha família, mas minha intuição me diz que Casillas também está jogando, talvez ele queira resolver duas coisas de uma vez e acabará se dando mal, estou esperando por ele há vários dias.

Nunca estivemos tão preparados para um confronto como estamos hoje. Em cada canto da Inglaterra por onde ele passar, tenho pessoas prontas para capturá-lo. O local do encontro não importa para mim, só não quero que Mía esteja presente quando isso acontecer. E nem as outras mulheres da família e meus primos.

— Desse jeito, você vai afundar o chão, Austen. Sua noiva não vai fugir e nem chegar de preto, isso já é uma vitória, então se acalme e tire essa expressão de dor de barriga.

Escuto a voz do tio Spencer, arrancando risadas de todos, menos de mim.

Meu tio é pai de duas adolescentes, mas mantém seu humor ácido intacto, nunca deixando de lado sua natureza brincalhona.

— Essa questão do vestido é algo do passado, com mais de vinte anos, deixe isso para trás, Spencer — resmunga o tio Axl, furioso.

— Mas é engraçado, irmão, me perdoe — interrompe o tio Carter, ajustando a gola de sua camisa, enquanto tia Muriel sussurra algo em seu ouvido, fazendo-o rir baixinho.

— Vão começar de novo? Dois pais de família agindo como crianças — reclama tia Alessa. — Hoje é o casamento do Austen, por favor, se comportem! — Ela cutuca Axl, e Christopher observa a interação dos pais com um sorriso enorme, admirando-os.

— É a nostalgia, irmã, faz tanto tempo que não temos um casamento Knight, e as lembranças simplesmente vêm à tona — diz tio Ezra, atraindo a atenção de todos. Ele, o mais rabugento, agora está até sorrindo.

Permito que eles prossigam com suas conversas e me apoio na mesa de madeira prestes a se tornar altar. Observo a entrada do galpão e vejo meu pai entrar primeiro, seguido pelos conselheiros, entre eles está Oliver, em uma cadeira de rodas sendo conduzido por um de seus parentes. Ele, que outrora oficiou todas as cerimônias matrimoniais de nossa família por ser o mais antigo no conselho, agora se vê impossibilitado de realizar a minha,

por conta das sequelas de um AVC que o deixaram com dificuldade na fala. Será o membro do conselho mais próximo a Oliver em tempo de serviço na organização a conduzir o ritual entre mim e Mía.

Meu pai sinaliza para os homens, que se dirigem até mim. O primeiro a me cumprimentar é Oliver, estendendo a mão, e eu retribuo. Em seguida, saúdo os demais presentes, enquanto os conselheiros se posicionam junto ao altar. Meu pai, na minha frente, toca meu braço e encara-me.

— Gostaria de ter uma breve conversa com você, que tal ali? — Ele aponta para um lugar mais reservado, assinto com a cabeça e o acompanho silenciosamente. — Tenho algo para lhe oferecer. — Ele mergulha a mão no paletó e retira de lá uma caixinha preta desgastada.

— São alianças? Já comprei. — Aponto para objeto no meu bolso.

— Não são — informa, limpando a garganta e erguendo o rosto para me encarar. — É um item que pertenceu ao seu avô Kurtz e que me foi passado quando assumi como chefe. Passei anos guardando-o e agora será seu, até que tenha um sucessor. Usei-o poucas vezes, não gostava de olhar para ele e recordar a responsabilidade deixada por seus avós para mim. Criar tios, ser pai de filhos que não eram meus, mas com o tempo, compreendi meu propósito, e hoje, sei que você também compreende o seu. — Meu pai abre a caixa e revela o anel prateado com a inicial "K" de Knight.

— Eu passo este anel para você como símbolo do meu respeito e admiração. Filho, será uma honra me aposentar e permitir que você tome conta dos negócios da família. Confiarei em você. — Se emociona, tentando disfarçar os olhos marejados.

— Prometo honrar a todos vocês, pai. Agradeço por confiar em mim. — Pego o anel de sua mão.

— Sempre confiei. Hoje marca o início de um novo ciclo para todos nós, Austen. — Ele toca meu ombro.

— Sim, eu entendo. — Coloco o anel em meu dedo.

— Agora vamos, a cerimônia deve começar para nos prepararmos para a próxima. Oliver está doente e não pode ficar muito tempo na cadeira de rodas. — Me abraça e eu retribuo.

Ao meu lado, meu pai caminha em direção ao altar. Ele se coloca ao lado dos conselheiros, e alguns soldados entram, formando filas próximas às paredes do galpão.

Há alguns instantes, meu nervosismo me fez esquecer que Dylan não estava presente em nosso círculo familiar. Procuro pelo meu primo em vão, até que ele surge pela porta do galpão, guardando o celular no bolso e caminhando em minha direção com um semblante sério e a mandíbula cerrada. Algo sério aconteceu.

— Eu preciso retornar para a Rússia ainda hoje — diz, colocando-se ao meu lado e falando em um tom baixo.

— O que aconteceu? — pergunto no mesmo tom que ele.

— A cuidadora da minha avó ligou, ela piorou. Contrair uma pneumonia em sua idade é preocupante, Austen — murmura, respirando fundo.

— Você acha que ela não vai resistir? — eu arrisco perguntar.

— Viktoria é uma mulher forte, mas não podemos ignorar a possibilidade. Se ela falecer antes de me passar o comando, terei que enfrentar uma guerra contra Brends e quem mais se opuser à minha liderança — Dylan conclui, mexendo no botão de seu paletó e me encarando.

— Estou aqui para te apoiar sempre, conte comigo. — Dou um tapa no braço dele.

— Eu sei. — Suspira, endireitando-se. — E lá vem sua noiva, vou para o meu lugar. Parabéns, irmão. — Dylan me abraça e dá uns tapas nas minhas costas.

Olho para frente e vejo Mía a alguns metros, sendo conduzida por Damián, que tem o braço entrelaçado no dela. Ela avança pelo tapete vermelho lentamente. O vestido branco cai lindamente em seu corpo e o cabelo solto levemente ondulado. Porém, nada se compara ao seu sorriso direcionado para mim e ao “te amo” silenciosamente pronunciado antes de se aproximar mais para finalmente vir para os meus braços.

Meus tios se levantam discretamente e vêm para o altar, posicionando-se dos lados dos conselheiros e deixando suas esposas com meus primos. Kitty e minha mãe se juntam à nossa família, radiantes.

Apenas mais dois passos e Mía estará ao meu lado. Sinto minhas mãos congelarem e meu coração acelerar novamente. É realmente a hora do meu casamento.

Ao observar cada rosto dos Knight, vejo apenas sorrisos, expressões orgulhosas e, não menos importante, cumplicidade, uma das virtudes que mais prezamos. Essa cumplicidade é uma característica de família.

— Não preciso pedir para que cuide do meu maior tesouro, pois sei que já o faz — diz Damián, parando diante de mim no altar, com sua filha que, antes de se afastar do pai, o abraça.

— Obrigado — digo. Ele entende a mensagem, apenas balança a cabeça.

— Seja muito feliz, *hija*, você merece. — Damián beija a testa de Mía.

— Obrigada, *papá* — ela o agradece.

Damián vai se sentar enquanto estendo minha mão para Mía, que aceita e juntos nos posicionamos diante do altar.

— Você está deslumbrante — elogio-a, ouvindo seu riso.

— E você também — ela murmura envergonhada, diante dos conselheiros que nos observam.

— Com os noivos aqui, podemos começar a cerimônia seguindo nossos

costumes. Em seguida, faremos outra para nomear meu primogênito como o novo chefe da organização — meu pai declara, enquanto os olhos de Mía se fixam na navalha e nos documentos. Entrelaçamos as mãos e sinto seus dedos gelados, mas ela conhece bem nosso ritual, não é por medo. — A maioria aqui presente sabe como é nosso costume quando um casal da família se une em matrimônio. Mía Rivera é a mais nova integrante, e como irmão mais velho e chefe, devo esclarecer algumas coisas. Os casamentos na família Knight seguem um ritual que passa de geração em geração. Oliver Pierre, sendo o mais velho, conduziria a cerimônia, mas infelizmente ele não pode fazê-lo. Um dos membros mais próximos dele irá — Killz explica, dirigindo-se aos conselheiros, e em seguida para mim e Mía.

— Austen e Mía, unam as mãos e fiquem frente a frente. Reece Pierre, sobrinho de Oliver, conduzirá o restante.

Seguimos as instruções, meu pai pega a navalha e a entrega ao homem mais velho de cabelo branco, que se aproxima de nós enquanto Killz fica ao lado da minha mãe, permitindo que Reece assuma a palavra.

— A cerimônia é uma tradição, um ritual. Dizem que não há nada mais importante do que o sangue que corre em nossas veias — declara Reece em um tom elevado. Por anos, estudamos e escutamos este breve discurso padrão para quando chegasse a nossa vez.

— A união de duas pessoas simboliza um renascimento, como a fênix que ressurge das cinzas. Queridos, Austen James Knight e Mía Rivera, vocês estão aqui para renascerem juntos. A partir do momento em que seus sangues se unirem, serão um só e estarão conectados eternamente — finaliza Reece.

Mía e eu nos encaramos, e ela sorri para mim com lágrimas nos olhos.

— Um deverá ser o escudo e a base do outro, onde o mais forte obriga-se a se colocar à frente do mais fraco, porque é disso que estamos falando: família, união, fortaleza e fidelidade — expressa Reece, tocando-me de certa forma, porém mantenho minha postura inabalável.

Reece solicita que abramos as mãos; então, eu prontamente me ofereço para ser o primeiro e as estendo para ele, enquanto Mía faz o mesmo sem hesitar. Ele pega minha mão, passa a lâmina afiada causando um corte em minha palma, até que o sangue aparece, e em seguida faz o mesmo com a outra, provocando um ardor, então repete a ação em Mía, que fecha momentaneamente os olhos, lágrimas se formando.

Ele ergue a navalha manchada de sangue, exibindo-a aos colegas e aos Knight, que consentem em silêncio.

— Entrelacem as mãos agora — pede ao voltar para nós.

Neste momento, damos início as nossas falas.

— Eu, Austen James Knight, prometo a Mía Rivera ser seu protetor, homem, escudo, fortaleza e lealdade, desde agora até o meu último suspiro — falo, vendo-a observar as nossas mãos que partilham nosso sangue.

Mía puxa o ar para os pulmões e me encara.

— Eu, Mía Rivera, prometo a Austen James Knight ser sua companheira, mulher, escudo, fortaleza e lealdade, desde agora até o meu último suspiro — diz ela, com a voz embargada.

— Com o poder a mim concedido para concretizar esta união, declaro Austen e Mía, marido e mulher. De agora em diante, Mía levará consigo o sobrenome do marido e uma posição dentro da máfia — Reece fala e nos entrega a caneta.

Sou o primeiro a assinar o documento, depois é Mía, que está radiante e busca por seu pai, encontrando-o na cadeira quase chorando.

Meu pai retorna ao altar com minha mãe e assinam também.

— Agora vamos para o momento crucial. — Introduzo a mão no bolso da calça e retiro a caixinha com as alianças. Ela estende a mão em minha direção, então coloco um anel em seu dedo, e antes que ela faça o mesmo, envolvo meu braço ao redor dela e sussurro em seu ouvido. — Sempre que você olhar para esta aliança, bird, lembre-se a quem você pertence. Agora, você é minha para sempre, Mía Knight. — Beijo delicadamente seu pescoço, e ela se arrepia.

— Nunca esquecerei, meu amor. — Ela pega a aliança da caixinha e replica o gesto que fiz momentos antes. Eu te amo... — sussurra, mordendo os lábios.

Mesmo cientes de que estamos sendo observados, aproximo nossos corpos e beijo sua testa, nariz, rosto, até alcançar seus lábios e sentir seu sorriso contra o meu ao perceber o dela.

— Eu também te amo, *ratinha* — provoco, mas para evitar discussões, abraço sua cintura e a beijo.

O silêncio é quebrado pelos aplausos e não poderiam faltar os gritos das minhas primas, instigadas por Kitty. Elas desafiam uma das normas da máfia.

— Parabéns pelo casamento, Austen, nos vemos daqui a pouco — Reece se pronuncia, e nos distanciamos para sermos cumprimentados pelos parentes.

— Agradeço — respondo, e os demais membros do conselho seguem o mesmo gesto.

No meio da agitação, Mía recebe calorosos abraços e eu troco apertos de mãos com meus tios e abraços com as minhas tias. Procuro por Damián ao redor, mas não o encontro. Cerro os punhos, disfarçando com um sorriso largo ao ser envolvido pela cintura pela minha mulher.

Meus primos e seus pais se afastam, restando apenas os meus, minha irmã e Dylan.

— Meu amigo realmente se casou! — Dy abre os braços e sorrimos um

para o outro ao nos abraçarmos. — Parabéns, primo, que você e Mía possam ser felizes, e não só isso, que deem alguns netos aos meus tios, já está na hora — brinca meu primo, me afastando e dedicando atenção à minha esposa. — E você, Mía, parabéns. Sei que conquistar o coração desse cara aqui não foi tarefa fácil, mas saiba que encontrou um homem honrado que vai te proteger como se fosse a vida dele. O amor que Austen sente por você é fortíssimo e ele enfrentaria o inferno para te ver bem, sorrindo e respirando — pronúncia meu primo, olhando para nós dois.

— Dylan, vai borrar minha maquiagem pela qual lutei tanto para ficar bonita! — manifesta-se Katherine, chorosa.

— Você não precisa de maquiagem para ser bonita, Kitty Kat — responde ele, abraçando-a pela cintura, enquanto meu pai pigarreja alto e, mesmo assim, Dylan não se afasta.

— Afaste-se da minha filha, Dylan — alerta Killz, recebendo uma repreensão suave de minha mãe.

— Não se preocupe, tio Killz, meu ponto fraco são as loiras — ele diz, soltando Katherine, que lhe dá um tapa no braço.

— Está me rejeitando, Dy? — brinca Kitty, fazendo de conta que está ofendida.

— Prima, como já te disse, se não fôssemos parentes, eu rejeitaria todas as loiras do mundo por você e ficaria aos seus pés — responde o galanteador descarado sem temer as consequências. — Mas como somos proibidos, contente-se em ter este primo charmoso — Dylan diz, enquanto toma as mãos dela e as beija.

— Dylan, vá matar a saudade de sua família! — rosna meu pai, e nós rimos de seu ciúme paterno.

— Eu irei junto! Pai, não se preocupe, Dylan não é o meu tipo! — diz Katherine, segurando o braço de nosso primo e nos dando as costas.

— Querida, nos dê um abraço — minha mãe pede para Mía.

Aproveitando a distração de Mía interagindo com meus pais, vou em busca de Dean. Com passos largos, saio do galpão ao não o encontrar lá dentro. Ao passar pela porta, sinto alguém tocar em meu ombro.

— Austen, temos um problema — diz Dean.

Ao olhar por cima do ombro, vejo sua expressão preocupada.

É crucial que Damián não tenha ido contra o combinado. Espero que não.

— Hector Casillas ligou para Damián — revela.

— Onde ele está, Dean? — pergunto, vendo o soldado engolir em seco.

— Perdemos ele de vista. — Dean mal consegue me encarar nos olhos.

Rio, incrédulo. Tantos homens treinados e perdemos apenas um de

vista.

— Então, trate de achá-lo, porra! — Seguro-o pela gola da camisa. — Faça isso sem causar alvoroço. Preciso ser nomeado como chefe hoje, e não permitirei que a falta de inteligência de Damián me prejudique, muito menos que ele faça Mía sofrer com sua burrice!

Solto o soldado, irritado com o comportamento insano do pai de Mía.

— Mudança de planos, a brincadeira de Hector Casillas acabou. Faça com que seus homens se rendam e, se alguém atirar contra vocês, eliminem todos. Tragam Hector e Damián vivos. Eu mesmo vou pôr fim a essa confusão. — Respiro fundo. — Damián pode ser capturado a caminho, encontre a equipe de hackers e envie-os para rastrear o Rivera, mas ninguém deve tocá-lo. Quanto a Casillas, ordene aos soldados que avancem. Poderão fazer cabeças rolarem se houver resistência.

— Sim, senhor. — Dean assente com seriedade.

— Aja com discrição, essa operação não pode interferir no meu casamento nem na cerimônia de minha nomeação. Conto com sua lealdade e habilidade para liderar todos aqueles soldados, Dean — afirmo com firmeza. — Estou cansado dessa merda, se esse homem veio aqui para morrer, vou conceder o que ele deseja. Tenho questões importantes para me ocupar, não desperdiçarei tempo com aquele velho.

— Vamos levá-los para o galpão leste — Dean avisa e eu assinto.

— Devem estar se preparando para a cerimônia, nos vemos daqui a algumas horas. — Verifico as horas no meu pulso. — Mas garanta que o Hector permaneça ileso até a minha chegada, e quanto ao Damián, não o trate como prisioneiro, apenas não o deixe escapar.

— Certo, chefe. Vou fazer isso imediatamente. — O soldado retira o celular do bolso e se afasta.

Dean tem grande potencial para se tornar meu braço direito. Talvez eu possa promovê-lo, dependendo de como ele se sair com aqueles dois.

30



AUSTEN

Meu pai e meus tios já estão cientes da fuga de Damián, no entanto, as mulheres estão sendo poupadas dessa informação. Para Mía, o pai alegou um problema estomacal e preferiu retornar para casa. Ela não demonstrou desconfiar de nada, apesar da preocupação, continua sem suspeitar do real motivo. Katherine está sendo prestativa como amiga, levando-a para trocar de roupa e garantir seu conforto durante minha cerimônia.

Eu desejava que o dia fosse diferente, que pudéssemos desfrutar da lua de mel após o casamento, porém, teremos toda uma vida para isso. Mais tarde, também será possível, mas antes devo garantir a segurança dela e de nossa família.

— Como esse homem conseguiu escapar? — Dylan, ao meu lado, questiona, enquanto observamos os soldados disponibilizando cadeiras para os conselheiros, que se sentam em círculo.

— Dean não me explicou bem, mas isso não importa, logo vão encontrá-lo ou, se já o fizeram, ele deve ter sido levado para o galpão leste. — Respiro profundamente, observando Reece posicionar Oliver no círculo ao lado de sua cadeira.

— Você confia no Dean. — Dylan cruza os braços e olha ao redor.

— Ele é um bom soldado, me faz lembrar um pouco do Alec, e eu preciso de um executor implacável, ele parece ser o ideal — revelo, vendo meu pai e meus tios se aproximarem.

— Está pronto, Austen? — pergunta Killz.

— Sempre estive, pai. É o meu legado.

— Vou informar ao conselho — diz meu pai, virando as costas.

— Não está nervoso? — questiona tio Ezra enquanto meus outros tios me encaram curiosos. — Você tem apenas vinte e cinco anos e terá que assumir uma grande responsabilidade. — Estuda meu rosto.

— Tio, quando meus avós faleceram, meu pai precisou assumir o cargo de chefe e ele era bem mais novo que eu. — Olho para Ezra, que sorri para mim. — E ele conseguiu, não foi? Mesmo sendo tão jovem, mesmo sendo subestimado por alguns, ele conseguiu superar todos os desafios.

— Em nenhum momento subestimei você, Austen, sei que tem a capacidade de liderar os nossos negócios. — Ele aperta meu ombro. — Estamos todos orgulhosos do homem que você se tornou.

— Obrigado, tios. — Encaro-os. — Cada um de vocês contribuiu para quem sou hoje. Suas histórias, suas personalidades, carregado dentro de mim — compartilho, fazendo-os sorrir.

— Os anos passaram rápido e agora você vai assumir o lugar do seu pai. Que a sua liderança seja duradoura e única, Austen. — Tio Carter se aproxima e aperta a minha mão.

— Não sou bom para discursos, mas sempre soube que seria um grande líder, Austen. Estou extremamente orgulhoso do seu percurso e sei que ainda terá muitas histórias para viver — fala o tio Axl, ao me abraçar rapidamente e me dar tapinhas nas costas.

— Vocês dois me devem cinquenta milhões de libras — intervém o tio Spencer, surgindo à minha frente e apontando para Carter e Axl. — Parabéns, Austen, apostei e continuo apostando em você — completa, me abraçando.

— Vocês fizeram uma aposta? — pergunto, franzindo o cenho.

— Vejo todas as situações como oportunidades para lucrar, Austen. Estou ficando velho, mas ainda me mantenho esperto. Apostei com seus tios que a garota se casaria com você mais rápido do que o esperado, mas eles duvidaram — explica Spencer, afastando-se e gargalhando. — O que eles esqueceram é que todos seguimos o famoso *modus operandi*, primeiro odiamos para depois amar.

— Exceto eu, nunca odiei a minha sereia — defende-se Carter.

— Você foi a exceção, Carter, não vale — brinca Axl, batendo no ombro do irmão.

— Vamos começar a cerimônia, venham — meu pai avisa ao se aproximar.

Observo o conselho e percebo que minha família já está de pé atrás das cadeiras, enquanto os conselheiros estão sentados. Apenas Reece está em pé, segurando um punhal. Procuro por Mía e a vejo à esquerda, acompanhada da minha mãe e de Kitty, vestindo um longo vestido branco de seda. Ela está bem cuidada.

— Vamos — Dylan se manifesta após um tempo.

Deixo meus tios seguirem na frente com Killz, depois, meu primo e eu fazemos o mesmo caminho. No centro do círculo, há uma mesinha com uma

tigela redonda em chamas.

— Por favor, peço que todos se mantenham em silêncio neste momento — Reece solicita, contornando a mesa. — Hoje, após décadas, estamos prestes a nomear um novo chefe, o sucessor de Killz — ele anuncia, fazendo um gesto para nos aproximarmos.

— Na última vez em que celebramos um evento semelhante, eu era jovem, mas ainda não tanto quanto seu pai. — Reece fixa seu olhar em mim desta vez. — A coragem de Killz, mesmo em tempos de luto, ainda está fresca em minha mente. Ele enfrentou todas as suas dores e se manteve firme pelos irmãos, sobretudo pela responsabilidade que teria que assumir após a morte de seu avô.

O galpão permanece silencioso, apenas se ouvem respirações.

— Hoje, nosso objetivo não é apenas recordar as perdas, mas destacar a trajetória de nossa organização, que por anos teve um líder exemplar e dedicado, sempre se doando ao seu povo. Esse líder é Killz James Knight, que está pronto para se aposentar e passar a cadeira da liderança para seu primogênito, Austen James Knight. — Ele percorre o olhar por todos até chegar a meu pai e a mim. — Vocês dois, posicionem-se diante da mesa e coloquem suas mãos sobre o fogo.

Nos posicionamos em silêncio, porém atentos.

— Austen, compromete-se solenemente a proteger e honrar seus irmãos até a sétima geração? — questiona o mestre do ritual, dirigindo-se a todos os membros da organização.

— Eu, Austen James Knight, diante do conselho e de minha família, prometo honrar todas as gerações e, acima de tudo, honrar o sangue Knight que corre em minhas veias. — Observo ao redor, vendo rostos orgulhosos, incluindo o de Mía. — Comprometo-me, então, a liderar a organização com firmeza e garantir sempre lealdade e proteção aos meus irmãos na máfia.

— Neste ritual, o atual chefe consagra o novo líder com seu sangue, em seguida, eles unem o sangue como se fossem um só e deixam as gotas caírem sobre o fogo, e assim Austen fará seu juramento — instrui Reece, aproximando-se de mim.

Recebo um corte profundo na palma da minha mão, o líquido cor carmim escorre entre meus dedos. Coloco a mão sobre o fogo, e o meu pai também após Reece fazer o mesmo com ele. Entrelaço minha mão com a de Killz, nossos sangues pingando nas chamas, queimando o líquido.

— Juro, diante deste punhal banhado no meu sangue, minha sétima geração e meus irmãos. — Olho ao redor do galpão, soldados testemunhando minha promessa. — Que honrarei meus deveres como chefe, darei minha vida se necessário.

— Pelo juramento de sangue, consagro meu primogênito Austen James Knight como o novo chefe da máfia inglesa — meu pai anuncia em voz alta,

nossos sangues se unindo em cima das chamas.

Um silêncio paira quando os conselheiros se levantam. Reece nos cumprimenta, seguido pelos demais, felicitando-me e ao meu pai pela cerimônia.

Quando os conselheiros partem, minha família se mobiliza imediatamente. Enquanto meus tios me cumprimentam com firmeza, minhas tias e primos me abraçam, transbordando emoção. Reúnem-se todos para celebrar minha nomeação.

A última a me parabenizar é Mía. Com um sorriso encantador e olhos brilhantes, ela se aproxima, envolve-me com os braços ao redor do pescoço.

— Você foi incrível, emocionante. Realmente se saiu muito bem — diz baixinho, só para mim. — Parabéns, amor, estou muito orgulhosa!

Abraço sua cintura, trazendo-a mais para perto.

— Obrigado — murmuro, tocando seu rosto suavemente com a outra mão, manchada de sangue seco.

— Além de ser uma Knight, sou a mulher do chefe — ela brinca, piscando para mim.

— Não, querida, você é a porra rainha da máfia inglesa e, daqui para a frente, todos devem te respeitar — afirmo ao encostar meus lábios nos seus.

— Isso soa muito bem — ela diz, me dando selinhos.

— Eu adoraria te levar para casa agora mesmo, mas surgiu um imprevisto que preciso resolver fora da cidade. Um grupo de arruaceiros está tentando roubar nossas cargas em um dos galpões e eu preciso agir — falo sério, mantendo minha voz o mais natural possível. — Vou pedir para te levarem para a nossa casa e, assim que tudo estiver resolvido, voltarei para você e poderemos desfrutar da nossa lua de mel. — Acaricio o seu rosto com o indicador.

— Temos uma vida pela frente, Austen, algumas horas não são nada comparadas a isso. Mas volte para mim sem nenhum arranhão. — Mostra compreensão, me deixando orgulhoso.

— Prometo voltar mais rápido do que o esperado. — Seguro suas mãos e as beijo.

— Estarei aguardando por você, sempre. — Nos distanciamos e um dos soldados se aproxima com um celular em mãos.

— Chefe, é o Dean na linha — diz o homem, me entregando o aparelho.

— Vou ver o que ele quer — aviso a Mía, mas antes de me afastar dela, beijo sua testa. — Estou ouvindo, Dean — digo, afrouxando minha gravata.

— *Capturamos Damián primeiro, já o deixamos no galpão, e Hector Casillas tentou resistir, uns trinta homens morreram, e os demais se renderam. Ao verem que não tinham chances, recuaram e assim conseguimos*

capturar o chefe deles — revela Dean do outro lado da linha.

Eu sempre soube que capturar os dois homens seria tão fácil quanto tirar doce de criança.

— Ótimo trabalho, Dean. O homem já está no galpão ou será levado? — pergunto.

Alguém toca em minhas costas, viro-me e me deparo com meu pai.

— *Estamos a caminho, mas, quando você chegar, já estaremos lá. Não se preocupe, seguimos as instruções para agir de forma discreta, o local já foi limpo.*

— Entendido. Aguarde-me no galpão e mantenha-me informado. Até logo. — Encerro a ligação para dar atenção a Killz. — Já estamos com o Rivera e Casillas — comunico em voz baixa.

— Excelente. Bom trabalho.

— Preciso ir até o leste para resolver essa bagunça em nosso território, você poderia levar a Mía para casa? — peço, e meu pai concorda com um sorriso de canto de boca.

— Não se preocupe, ela está em família. Vá assumir seu cargo de chefe e mostre ao Hector que o sangue Knight corre em suas veias — incentiva, prestes a voltar para o galpão.

— Pai — eu o chamo, ele se vira para me encarar.

— Obrigado por tudo. Se hoje sou o homem que sou, sou grato a você.

Ele balança a cabeça e se reúne aos outros novamente.

Com um gesto, sinalizo para um soldado encostado no carro. Ele compreende meu recado e entra no veículo, logo em seguida, eu faço o mesmo.

— Galpão leste — solicito, ajeitando a arma por baixo do paletó.

Damián tem sorte, sua fuga não será considerada uma traição, mas poderia ter despertado minha fúria se atrapalhasse meus planos para seu primo. Hoje, Hector Casillas deixa este mundo com o pior dos sentimentos. Ele morrerá como o maldito fracassado que é.



A cada soldado que passo, recebo saudações pela minha nomeação. A novidade se espalha, dispensando até mesmo a necessidade de reunião. Se antes já me respeitavam, agora o fazem ainda mais. A sensação é muito mais gratificante do que eu imaginava. O Austen que apenas buscava o poder para ter o mundo a seus pés, hoje tem uma nova perspectiva. Meu lado mais racional compreende que, a partir de agora, tenho a responsabilidade pela vida de milhares de pessoas. Não só isso, mas também a obrigação de honrar meus juramentos e superar a cada dia o legado do meu pai. Não busco competir com sua liderança, mas sei que para permanecer como líder, é crucial ter habilidade e desenvoltura.

Durante anos, ansiava por ocupar o cargo que me é de direito, e agora que o conquistei, farei tudo o que estiver ao meu alcance para ser tão determinado quanto Killz, o homem que tanto me inspirou a alcançar este patamar.

Vou comandar os negócios da família com mãos de ferro, e daqui a alguns anos, quando chegar a minha vez de me aposentar, serei lembrado por minhas ações.

— Chefe, o Dean te espera no porão. — Um dos soldados se aproxima ao me ver entrando no galpão.

— Certo. Onde está Damián? — pergunto, olhando ao redor e notando a área limpa.

— Ele está no escritório sob a vigilância de alguns soldados — responde o homem.

— Busque-o — peço, tirando meu paletó e o jogando em uma mesa próxima.

O soldado pede licença e segue em direção ao escritório, a alguns metros de distância. Em silêncio, giro em meu dedo a aliança do meu casamento enquanto observo os movimentos dos soldados entrando e saindo.

Um deles passa do outro lado fumando um cigarro e, ao me notar, tenta apagá-lo rapidamente. Com um gesto da mão, peço para que ele se aproxime de mim.

Ele me cumprimenta com um ar de medo, como se eu fosse puni-lo severamente por ter sido pego fumando, como se existisse alguma regra idiota sobre isso. Nunca tiraria a vida dele por uma besteira.

— Você tem mais cigarros? — pergunto, e ele assente nervoso.

— Sim, chefe. — O soldado tira um maço de cigarro do bolso e me entrega, com o isqueiro.

— Só preciso de dois. — Pego os cigarros que ele me oferece, coloco um na boca e guardo o outro atrás da orelha, e sua expressão assustada desaparece. — Obrigado. Agora me passe o isqueiro, vou precisar dele, depois te devolvo. Agora pode ir.

O homem balança a cabeça e se afasta. Acendo o cigarro barato e dou a primeira tragada. Ao soltar a fumaça tóxica pelo nariz e boca, formando uma neblina diante do meu rosto, percebo Damián sendo trazido pelos soldados.

Dean realizou um excelente trabalho. Damián não aparenta sentir-se prisioneiro. Ele parece calmo, mas logo essa sensação desaparecerá. Em breve, ele terá que demonstrar sua vontade de derramar o sangue do primo diante de mim. Vai assassinar Hector Casillas em questão de minutos e, se ele não o fizer, eu o farei. Esse velho desgraçado está arruinando minha lua de mel.

Eu deveria estar entre as pernas dela, levando-a ao orgasmo, mas não, estou aqui lidando com esse mexicano imbecil e estúpido. Veio apenas para morrer em um país que não é o seu e não terá direito a um enterro, pois farei com que seu corpo seja abandonado em algum lugar remoto para que os corvos possam se alimentar da carne podre de Casillas.

— Podem ir. — Faço um sinal com as mãos quando os soldados ao lado de Damián o trazem até mim.

— Austen, não pude evitar que você...

— Eu disse para me deixar resolver isso, Damián. — Pressiono os lábios, erguendo minha mão com a aliança que a filha dele colocou no meu dedo. — Mas você sequer se importou com o maldito casamento da sua filha. — Contorno o seu corpo e ele inspira fundo.

— O problema com Hector sempre foi meu, pensei bastante e...

— Não permiti que você falasse, Damián — afirmo, encarando-o com seriedade enquanto dou uma tragada no cigarro. — Acredite, eu amo sua filha, mas se você tivesse interferido com Hector e atrapalhado meu plano inicial, teria que lidar com as consequências — finalizo, virando as costas e soltando a fumaça. — Rivera, essa guerra não se resume à disputa com seu primo por uma mulher, a situação tomou proporções maiores — explico enquanto seguro o cigarro entre os dedos.

— Sei que está irritado, Austen, mas ver minha filha se casando me fez lembrar da ameaça de Hector e não pude me conter — confessa, encarando-me nos olhos.

— Eu confio em você, Damián, e acredito na sua sinceridade. — Aponto o dedo em sua direção. — Nunca pensei que diria isso, mas admiro como cuida de Mía e que está disposto a se sacrificar por ela. No entanto, não ouse desafiar minhas ordens em meu território. Família é uma coisa, negócios são outra, e o Casillas é um negócio.

Damián balança a cabeça enquanto me aproximo, apagando o cigarro com meu sapato.

— Entendo tudo, mas se fosse para morrer protegendo minha menina, faria novamente — diz, com determinação.

— Você acha que permitiria que alguém sequer tocasse um fio de cabelo dela? — indago, sombriamente. — O último que tentou, não teve um fim agradável.

— Eu sei disso.

— Então, Damián, sua encomenda está lá no porão. Vamos resolver essa situação de uma vez por todas. — Pego minha arma e a ofereço a ele. — Mate Hector Casillas da maneira que desejar. Agora é sua vez de se vingar por tudo o que ele te fez. — Damián aceita a arma e sorrio satisfeito.

— Obrigado, Austen — diz enquanto observa o objeto em suas mãos.

— Agradeça-me enviando aquele velho para o outro mundo. Ele nos deu muita dor de cabeça. Siga-me, vou te levar até Casillas.

De costas para Damián, sigo em direção ao porão. Permito que ele desça as escadas primeiro e, no último degrau, nos deparamos com Hector sentado na cadeira, preso em correntes, sem um arranhão, exatamente como sugeri. Dean está de pé à frente dele com dois soldados. Assim que nos vê, afasta-se. Damián e eu nos aproximamos.

— Finalmente estamos nos conhecendo pessoalmente — declaro enquanto coloco as mãos nos bolsos.

O homem de aparência idosa cospe no chão, quase manchando meus sapatos.

— Me desamarre, *cabrón*, vamos resolver isso como homens. — Ele se remexe na cadeira, sem notar a presença do primo.

— Você teve oportunidades para resolvermos isso, mas optou pela covardia. — Seguro seu pescoço enrugado pela idade com firmeza, fazendo-o se engasgar, porém não paro. — E sabe o que covardes como você merecem? Morrer da pior forma possível. — Solto seu pescoço e ele tosse. — No entanto, quem vai te matar não sou eu.

Encaro Damián que emerge da escuridão da escada, se revelando para o primo, que começa a rir.

— Esse frouxo? Nem um homem ele é! Ele é o mesmo covarde, quis me encontrar sozinho, mas precisou de uma criança para me pegar — debocha Hector.

— Olá, primo. — Se aproxima como uma serpente prestes a dar o bote. — Quanto tempo. E diferente de você, eu sei como ser um homem de verdade, e a ausência de um testículo não me faz inferior a você. Na verdade, sou muito superior. — Damián avança em direção a Casillas e desfere um golpe em seu rosto com toda a fúria que possui, conseguindo derrubar o homem no chão.

— Deixem-nos — ordeno, notando que os soldados e Dean estavam prestes a se envolver.

Cruzo os braços enquanto observo Damián chutar e socar Hector sem parar. Não consigo contar quantos minutos se passam, mas Damián está com os punhos manchados de sangue e a camisa igualmente suja, enquanto o primo geme de dor e, mesmo assim, não se deixa abater, chegando a rir em certos momentos.

— Isso é por tudo o que você fez com as pessoas que eu amo, e principalmente comigo — grita Damián.

Chutes. Socos. Ossos se quebrando. Gritos. Tudo isso me energiza de uma forma absurda.

— Me tragam a mesa com alguns objetos de tortura, por favor. — Sinalizo para Dean, que rapidamente passa as instruções para os soldados.

— Você acha que Damián conseguirá torturar o homem? — sonda-me Dean, ficando ao meu lado e observando a surra que Damián está dando em Hector, que agora grita de dor.

— Rivera é um lobo em pele de cordeiro, mas vamos aguardar para ver o que ele fará. Quem sabe podemos nos surpreender. — Pego o cigarro atrás da orelha e acendendo-o ao colocá-lo na boca.

— Você irá encorajá-lo a torturar o primo antes de matá-lo? — pergunta, curioso.

Eu balanço a cabeça enquanto dou mais uma tragada no cigarro.

— Que sentido haveria um inimigo morrer com um tiro na cabeça? Seria uma morte rápida, sem emoção e simples. — Solto a fumaça pelos lábios ao avistar os soldados se aproximarem com a mesa de rodinhas.

— Damián, a verdadeira diversão está apenas começando. Deixe nosso convidado respirar um pouco — comento.

Damián se levanta, seu olhar gelado. É disso que eu gosto. O monstro dentro de Damián Rivera está despertando.

— Dê a ele a mesma dor que te infligiu anos atrás. — Me aproximo da mesa e passo os dedos por uma tesoura de grama. — Faça ainda pior, arranque o pau dele e o empurre pela garganta. — Sorrio, libertando meus

demônios que vagueiam pelas correntes sanguíneas. — Você vai desistir, Damián? — pergunto, vendo-o negar, então jogo o cigarro no chão e o piso.

— Jamais. Hector tirou tudo de mim. — Damián cospe sobre o corpo do primo caído.

Sessenta e cinco anos de fraqueza. Veja só onde ele está, quase morto após receber alguns socos e chutes.

— Vocês dois, ergam o velho — ordeno e os soldados obedecem. Eles colocam Hector de volta em seu lugar e eu examino seu rosto partido em vários locais e ensanguentado.

— Consegue me ouvir, Casillas? — Eu estalo os dedos diante de seu rosto e solto uma risada sombria. — Eu te avisei. Como ousou tentar me desafiar se não aguentaria? Nem encostei em você e já está na merda, imagine se eu demonstrasse o quão implacável posso ser? — Me afasto dele e pego um soco-inglês com pontas.

— V-v-ou a-acabar com você, *cabrón* — ameaça.

Eu jogo a cabeça para trás gargalhando, em seguida afundo o objeto em sua coxa e ele grita.

— Mais alto, ainda não consigo te ouvir. — Giro a minha mão ao ouvir sua pele se abrir.

Que prazer é observar o medo, a dor em seus olhos cheios de rugas. Retiro o soco-inglês de sua coxa e o líquido vermelho jorra, sujando meus dedos.

— Removam sua calça — ordeno, e os soldados começam a trabalhar.

Damián se aproxima e percebo sua respiração ofegante, quase diria que ele está emocionado. Compreendo os anos de espera que ele enfrentou.

— Ele é todo seu. Cada grito dele será uma lembrança das dores que causou, especialmente da vida da Mía que quase conseguiu tirar. — Avanço pela última vez contra Hector, e finco o objeto entre meus dedos em seu ombro, descendo rasgando sua camisa com sua pele, que chega a fazer barulho, trazendo-me uma sensação de alívio. — Poderia ter se metido comigo, mas com minha mulher, não. Eu poderia ter feito coisas piores com você, mas é lamentável que não possa acabar com sua vidinha medíocre sozinho. — Cuspo em seu rosto e arranco o soco-inglês de sua carne.

— A-aaaa-aaahhhhh — Hector grita, sangrando e espirrando sangue pelo ombro e peito.

A situação pode parecer doentia, mas é extremamente satisfatória. Abro espaço para que Damián conclua sua vingança e me afasto do seu primo. Um dos soldados oferece uma tesoura ao meu sogro. O Casillas, que permanece de olhos fechados, sabe que o inferno está próximo.

Damián posiciona a tesoura no órgão flácido do velho e, com um golpe certeiro, o separa do corpo, fazendo-o se engasgar e expelir sangue pela

boca. Hector agoniza, sem cor, enquanto seu sangue se espalha pelo chão.

— Deveria ter permanecido em seu país, teria vivido mais alguns anos. Mas não, quis demonstrar uma força que não possuía. Agora, o Damián, o homem que tanto menospreza, se tornará o dono de tudo o que construiu — digo, cheio de adrenalina.

Antes que respire pela última vez, seguro firmemente seu membro nojento em sua coxa e o forço a abrir a boca. Empurro-o garganta adentro e, por fim, rasgo a veia em seu pescoço, arrastando o punho de metal pela sua pele até abrir a carne e quebrar seu pescoço.

Mesmo com o homem já sem vida, Damián agarra a arma que lhe dei e dispara vários tiros no abdômen do primo. Só para após esvaziar o cartucho, então Damián cai de joelhos e desaba em lágrimas. Aproximo-me e toco em seu ombro, demonstrando apoio.

— Acabou, Austen — murmura o pai de Mía, chorando.

— Não, apenas começou. Hoje é o início de um novo começo repleto de vitórias. Agora, erga-se. O pai da mulher do chefe da máfia inglesa não se ajoelha diante de um inimigo. — Ajudo-o a se levantar. — Recomponha-se.

— Serei eternamente grato — diz Damián.

— Você é parte da minha família, não agradeça. — Ele balança a cabeça, então dirijo meu olhar para Dean. — Cuide dele e o auxilie no que for necessário.

— Farei isso — responde Dean.

— Depois o leve até os capangas que restaram do Casillas, mostre a eles a quem devem obedecer agora. E se alguém se recusar, já sabe o que fazer — instruo, retirando o objeto das minhas mãos, logo um dos soldados se aproxima me oferecendo uma toalha. — Agora vou voltar para a minha mulher, que está me esperando.

Dando as costas a eles, deixo o porão com a sensação de dever cumprido. Hector Casillas está morto e Damián Rivera renasceu.



Volto para casa praticamente à noite. A sala está com a maioria das luzes apagadas e o silêncio enche o espaço vazio. Hades está na mansão, levado pelo meu pai essa manhã.

Fecho a porta atrás de mim e tiro meus sapatos, desabotoando a minha camisa enquanto caminho em direção ao meu quarto, esperando encontrar minha esposa chateada com a minha demora.

Ao empurrar a porta à minha frente e entrar no quarto, percebo que a cama está exatamente como a deixamos de manhã, arrumada. O som da água corrente me chama a atenção e percebo que a porta do banheiro está entreaberta. Mía está tomando banho.

A primeira peça que tiro é a camisa, seguida pela calça e a boxer. Nu, sigo em direção ao banheiro.

De costas, lavando seu cabelo, aprecio cada detalhe do corpo da minha mulher. Observo-a minuciosamente, dos pés à cabeça, e cada pedacinho dela me desperta desejo. O barulho do chuveiro cessa e ela percebe minha presença, olhando por cima do ombro.

— Você chegou — diz, movendo os cabelos para o lado.

— Vou te compensar pelo atraso. — Abro a porta do boxe e me aproximo dela.

— Resolveu a situação com o Hector? — pergunta ao se virar, me dando a visão dos seus mamilos.

— Como você sabia que era ele? — Sorrio, reconhecendo a perspicácia da Mía.

— Eu sou sua mulher e conheço bem meu homem. Pode tentar esconder algo de mim, mas nunca terá sucesso — diz ela, vindo ao meu encontro e pousando as mãos em meu peito. — Ouvi sua conversa com Dean pela manhã antes de irmos para o galpão, mas escolhi não pressionar você, pois sabia que logo se livraria do Casillas. — Beija meu peito sem desviar o olhar. —

Você o matou? Como foi? — Sorri contra minha pele, e suas pupilas dilatam.

— Vamos deixar os detalhes para mais tarde. — Eu a seguro pela cintura, e ela ri quando beijo seu pescoço.

— Podemos aprimorar isso — sussurra Mía em meu ouvido. — Me conte como aquele desgraçado sofreu enquanto fode sua mulher, a sua senhora Knight. — Segura meu pau e solto um gemido.

— Você é uma diabinha disfarçada de anjo, sempre soube. — Seguro-a pelo pescoço e beijo sua boca atrevida com prazer. Sorvo seus lábios e ela solta um gemido manhoso quando diz que estou com gosto de cigarro. Apenas confirmo com uma risada.

— Eu desejava a morte dele, então tenho muitos motivos para querer os detalhes. — Ela para de me beijar e desce sua boca até meu abdômen. — Conte-me, não poupe detalhes...

— Seu pai o espancou, derramou muito sangue. — Respiro fundo e fecho os olhos enquanto ela desliza sua boca até minha pélvis. — Depois me envolvi e o fiz sofrer, por fim, Damián cortou o membro daquele verme e eu o fiz engolir — murmuro, gemendo enquanto minha mulher, já ajoelhada, me chupa deliciosamente. Mas antes que ela me leve ao orgasmo, a ergo pelo cabelo e seguro em seu queixo.

— Hoje, o único que vai ficar de joelhos sou eu, para te chupar e comer — digo, enquanto a empurro contra a parede fria e beijo seu pescoço. Com habilidade, introduzo meus dedos em seus grandes lábios melados.

Ela geme, e eu também, pelo prazer mútuo.

— Aqui dentro vou te foder forte, te dar algumas palmadas na boceta, na bunda, mas na cama, vou te tratar como a rainha que é, minha rainha da máfia inglesa. Vamos fazer amor do jeito que você deseja e merece — sussurro em seu ouvido, fazendo-a derreter-se sem palavras, enquanto a tomo com minha mão.

Retiro meus dedos do seu interior e a viro de costas para mim, unindo seus pulsos acima de sua cabeça e segurando-os firmemente.

— Quer ser fodida com carinho ou amor, bird? — Beijo suas costas e ela solta gemidos.

— Os dois. — Mía treme ao sentir meus dedos tocando sua bunda empinada para mim.

— Eu te dou tudo. — Roço meu pau nela.

— Tudo mesmo? — pergunta, olhando por cima do ombro.

— Basta me pedir — encoraja-a.

— Me leve para a nossa cama e repita o que fizemos na nossa primeira vez — sugere, e meu corpo todo se aquece. — E depois, podemos fazer amor até o dia amanhecer. — Sua voz doce e sacana me excita ainda mais.

Solto-a e ela se vira para mim. Com as pupilas dilatadas, minha mulher passa os braços em volta do meu pescoço e eu a pego no colo. Mía abraça minha cintura com as pernas e saímos do boxe em direção ao nosso quarto.

Eu a coloco na cama e ela me puxa para um beijo. Monto nela e nossos sexos se roçam, gememos entre os lábios do outro. A necessidade desesperadora por mais nos faz pular os planos dessa noite. Afasto suas pernas com meu corpo e ela me coloca dentro dela em uma velocidade impressionante.

— A-aah... A-Austen...

Vou fundo, movendo-me dentro dela.

— Não, bird, você está proibida de chamar o seu marido pelo nome. — Seguro em sua perna e entro nela, gemendo. — Eu estou começando a me acostumar com esse seu “amor” e eu sou um cara mimado quando quero, então, vai gozar me chamando de amor, está ouvindo? — Estoco fundo, entrando e saindo dela.

— Sim! — Mía grita, escandalosa.

— Sim, o quê, Mía Knight? — Estapeio sua coxa.

— Sim, amor, eu entendi. — Ela se abre para mim, ficando muito flexionada e me permitindo ir mais fundo em seu interior. — Agora me come, amor, fode gostoso a sua mulher como só você sabe fazer.

Ela arranha minhas costas com suas unhas afiadas. Atendo ao seu pedido, nossos quadris batem, fazendo um barulho alto com o impacto.

— Aiiiii... Amor, isso é tão bom...

Beijo a sua boca para engolir os seus gemidos e demonstro através dele todo o meu amor por ela, sem invalidar qualquer sentimento. Mía Rivera se tornou o meu mundo sem que nem eu mesmo percebesse, e quando eu vi, estava completamente rendido por ela.

FIM



3 anos depois

Hoje, completo vinte e três anos. Pelo terceiro ano seguido, vou reunir a família Knight para celebrar. Quando entrei para a família, notei que eles não ligavam muito para datas especiais. Apenas trocavam parabéns nos aniversários e estava tudo certo. Talvez, por estarem sempre ocupados, como meu marido diz, cada nova integrante da família traz consigo novos costumes. E chegou a minha vez.

Além de festejar meus aniversários todos os anos ao lado de Austen, consegui organizar outras celebrações, como as das gêmeas Spencer e Giulia, da Kitty e até mesmo do Killz, que, apesar da imagem de seriedade, se emocionou com a festa que planejei ao lado da Brey. Os primos de Austen sempre brincam que nunca comeram tantos bolos em tão pouco tempo.

No início do ano, resolvi preparar uma surpresa especial para o meu pai, durante uma de suas visitas a Londres. Ele chegou um dia antes de completar cinquenta e nove anos. Aproveitei essa oportunidade para comemorar e organizar uma festa digna para Damián. Apesar de nem todos os Knight terem vínculo com o papai, eles generosamente aceitaram meu convite e vieram até minha casa para parabenizá-lo. Ele se surpreendeu com a quantidade de pessoas ao seu redor, demonstrando gentileza e acolhimento.

Atualmente, o meu pai é reconhecido como don Rivera em todo o México devido ao Austen, mas é claro que ele construiu sua reputação. Hoje em dia, o cartel Los Rivera é o mais renomado de Sinaloa, enquanto Hector Casillas foi rapidamente esquecido, já que ninguém mais mencionava seu nome após dois meses. Contudo, sua crueldade era tão evidente que ninguém sentiria sua falta, nem mesmo seu filho, que se aliou a Damián e tornou-se seu braço direito. Boatos dizem que o filho de Casillas o considerava um inimigo, e sua morte foi um alívio para muitos.

Diante do espelho, finalizo a aplicação do brilho labial rosa quando

alguém bate à porta.

— Senhora Knight, o senhor Knight já chegou e está aguardando no primeiro andar — anuncia Annie, a dedicada governanta que está conosco há dois anos, sendo um verdadeiro anjo em nossas vidas.

— Estou a caminho, Annie. Por favor, avise-o. — Me afasto do espelho e ajeito meu cabelo solto com a mão.

— Sim, senhora! — responde Annie antes de seus passos se distanciarem do outro lado da porta.

Sairemos para jantar, enquanto a comemoração do meu aniversário na mansão de dos pais de Austen ficará para amanhã. Seguimos essa tradição desde nosso primeiro ano de casados – jantar fora e festa em família no dia seguinte.

Embora ser esposa do chefe da máfia não seja uma tarefa tão fácil, ainda mais que Austen herdou o vício de trabalho como o pai ao assumir a organização, nos adaptamos bem a essa vida de casal, e os desafios dos últimos anos só fortaleceram nossa união.

Antes de sair do quarto, eu pego minha bolsa e a coloco no ombro. Caminho em direção às escadas, enquanto me equilibro cuidadosamente nos saltos que Austen decidiu que não devo usar durante este período delicado.

Com um sorriso no rosto, seguro no corrimão dourado da escada. O barulho dos meus saltos chama a atenção de dois pares de olhos: o primeiro do meu grande amor que murmura “mamãe” ao me ver; o segundo, do meu marido, que se levanta do sofá com Killian, nosso primogênito que nasceu dois anos atrás e quase recebeu o nome do avô.

A chegada do nosso menino não foi surpresa, Austen e eu planejamos sua vinda. Mas não esperávamos que o bebê chegasse tão rapidamente, embora, ao fazermos sexo sem camisinha, deveríamos ter previsto que uma criança estaria em breve conosco.

Agimos com rapidez para garantir nosso herdeiro, que é o motivo pelo qual o poderoso Killz James Knight sai de sua mansão três vezes por semana para visitar o neto e se derreter por ele com a Aubrey.

Killian entrou em nossas vidas no momento oportuno, trazendo-nos ainda mais alegria. Sua semelhança com o pai quando era criança faz todos os Knight mais velhos se derreterem ainda mais por nosso filho.

A única diferença está no cabelo escuro de Killian, pois seus olhos são tão verdes quanto os de seu pai, que com o passar dos anos, sua aparência física passou por significativas mudanças. Seu rosto amadureceu, o que era esperado para um homem de vinte e nove anos. Ele opta por manter a barba por fazer e seu corpo continua em melhor forma do que antes. Seu ritual matinal inclui uma corrida em volta do lago da mansão antes de sair e, e em alguns finais de semana, dedica-se a treinar em um dos galpões.

Não há do que reclamar sobre meu marido, ele permanece o mesmo de

sempre, porém mais intenso, incorporando novos hábitos, como vestir ternos para lidar com os negócios e jaquetas quando está em família, como agora.

— Quantas vezes já te pedi para abandonar esses saltos malditos? — reclama ele ao me ver chegando perto com nosso filho, que estende as mãos em minha direção.

— Só hoje, umas cinco vezes, amor. Mas não fique bravo, não vou cair nem me machucar — respondo, acariciando minha barriga, gesto que chama sua atenção, levando-o a se inclinar e depositar um beijo gentil ali.

— Como está a princesinha do papai? Já falei para a sua mãe parar de ser imprudente e abandonar esses saltos. — Austen beija novamente minha barriga de vinte e sete semanas. Nossa Willow Knight, em alguns meses, estará conosco. — Mas ela é teimosa, não muda mesmo, vai deixar papai todo grisalho antes dos trinta — continua dialogando com nossa filha, que começa a se mexer. Ele sorri derretido porque sempre reage assim ao ouvir a voz dele.

Nossa viagem há meses para a Rússia, visitando Dylan, resultou em mais um bebê. O frio intenso daquele país é capaz de congelar os ossos, e em uma das noites mais geladas de Moscou, Austen e eu decidimos nos aquecer com nossos corpos, e o resultado está a caminho. Mas já disse a ele que chega de filhos, já temos um casal, é suficiente, e se for atender aos desejos do meu marido, ele vai querer ter mais dez filhos e logo as crianças estarão fazendo fila nos degraus da escada.

— Não exagere, me sinto poderosa usando saltos durante a gravidez — resmungo, segurando Killian nos braços.

— Você fica mais gostosa quando está descalça e andando pela casa com esse barrigão lindo. — Meu marido beija meu rosto.

— Austen, cuidado com as palavras perto do Killian, ele está nos ouvindo. — Aponto para nosso filho, que agarra meu pescoço e beija minha bochecha.

— Mamãe, quero casa do vovô! — diz Killian, encostando o rosto no meu.

— Veja como esse menino puxou a você. — Semicerro os olhos, vendo meu marido gargalhar. — Ele estava me dando beijos só para dizer que quer ver os avós! — Finjo estar zangada.

Killian vai dormir na mansão Knight esta noite. Os avós corujas vão cuidar dele para que possamos aproveitar a noite. Austen e eu vamos jantar em um dos restaurantes da família localizado na Tower Bridge, o que ele comprou no ano passado para lavagem de dinheiro, mas que em ocasiões especiais ele fecha apenas para nós.

— Mamãe, eu quero vovô e ades! — repete a criança, voltando a beijar meu rosto.

Ele já sabe pronunciar "vovô" certinho, aposto que o Killz passou horas

treinando-o para isso, mas quanto ao Hades, ainda não sabe, então ele diz "ades" mesmo, pois está passando mais tempo na mansão Knight do que conosco. A Katherine ganhou uma cadela de presente do pai, e nosso rottweiler safado encheu a casa de filhotinhos, então tivemos que doar alguns para os membros da família, e agora todos têm filhotes de rottweiler, já que a Bee é da mesma raça que o Hades.

— Céus, ele é tão pequeno, mas já sabe me enganar! — Faço cócegas em sua barriga e Killian dá risadas.

— Pala, mamãe! — Meu garotinho ri, enchendo meu coração de amor, enquanto vejo o pai dele nos observar com um brilho nos olhos. — Papai, manda a mamãe palá! — Austen ri genuinamente ao tocar em minhas costas.

— Você que procurou, filho. — Austen pisca para nosso filho e eu paro de fazer cócegas nele.

— Quelo voxe — diz Killian, estendendo os braços para Austen.

— Vai com ele, seu pequeno mimado! — Sorrindo, entrego-o para o pai, que recebe muitos beijos no rosto do Killian.

— Papai, casa de vovô — pede nosso filho, e é a minha vez de gargalhar.

— Eu te disse! — Bato no braço do meu marido e ele arregala os olhos. — Vamos deixá-lo logo na casa do Killz, essa saudade está demais. — Beijo a testa de Killian, em seguida passo por ele e o pai.

— Ele não puxou a mim, bird. — Austen vem atrás de mim dando risada.

— Nem um pouquinho, amor, confia — digo, divertida ao alcançar a porta da sala.

— Killian James Knight, depois teremos uma conversa séria — diz meu marido, como se uma criança de dois anos fosse entender o que ele vai dizer.

Rindo, saímos de casa e nos deparamos com os dois carros que sempre nos escoltam, um na frente e o outro logo atrás do nosso. Os soldados que estão do lado de fora dos automóveis nos veem e imediatamente entram nos veículos prontos para nos seguir.

— Boa noite, senhores — cumprimenta o motorista ao abrir a porta do passageiro para nós.

— Boa noite — respondemos, enquanto Austen e eu nos acomodamos no banco traseiro e meu marido coloca Killian em sua cadeirinha.

— A nossa primeira parada será na mansão dos meus pais, e depois iremos para o Bird — diz Austen, olhando diretamente nos meus olhos ao mencionar o nome do seu restaurante.

Com um sorriso bobo nos lábios, lembro-me do exato momento em que

ele me revelou que daria esse nome ao restaurante.

— Sim, chefe — responde o homem, enquanto dá partida no carro.



Em poucos minutos, chegamos à mansão do Killz. Austen carrega Killian e permite que eu siga na frente. Percebo que hoje há uma quantidade maior de soldados do que o habitual fazendo a segurança da casa. Será que algo está acontecendo para justificar esse aumento nos soldados? Meu marido não mencionou nada, talvez para evitar me preocupar, no entanto, vivemos em paz há tanto tempo que é inevitável a sensação de estranheza.

— Amor, está acontecendo algo? Estou vendo muitos homens aqui. — Toco a campainha.

— Não, está tudo bem — responde ele, atrás de mim.

— Nunca vi tantos soldados assim — murmuro.

A porta se abre, revelando Katherine, cujo olhar denota desconfiança e aparência de alguém que estava armando alguma coisa.

— Boa noite! Finalmente chegaram, entrem — diz ela, abrindo espaço para nós.

— Você primeiro — diz Austen, tocando minhas costas.

Ao entrarmos na casa, percebo que as luzes da sala estão apagadas.

Desconfiada, fico em silêncio e aguardo Austen entrar. Quando Kitty fecha a porta atrás de nós, ouço palmas seguidas de "Feliz aniversário, Mía". Atônita, levo a mão à boca ao ver as luzes se acenderem e encontrar os Knight reunidos, e ao lado deles, meu pai, que me ligou essa manhã dizendo que viajaria para Bogotá. E olha onde ele está!

— Kitty, como... Vocês fizeram isso? — Meus olhos se enchem de lágrimas e desabo a chorar, a sensibilidade da gravidez me toma.

— Não passou os últimos três anos organizando nossos aniversários? Agora é a nossa vez de retribuir seu carinho — diz ela, com um sorriso no

rosto.

Há balões espalhados, os primos de Austen jogam confete e Killz e Brey seguram um bolo, enquanto os outros trazem sacolas de presentes. Chorando, olho para meu marido que, sem dizer uma palavra em voz alta, me diz "Te amo. Feliz aniversário, aproveite." Mas suas palavras silenciosas são completamente compreendidas por mim.

Observo-os com mais atenção e caio na risada, ao ver Bee e Hades também presentes com um chapéu de aniversário na cabeça.

— Eu amo vocês! Obrigada! — digo, enquanto enxugo meu rosto, olhando para cada um deles.

— Feliz aniversário, filha — meu pai parabeniza ao se aproximar.

— Obrigada, papai — respondo. Ele se aproxima, me abraça e depois beija minha barriga.

— Oi, Willow, estamos ansiosos pela sua chegada, minha neta — exclama Damián, indo em seguida até Killian, que também o chama de vovô e pede para ir para o colo dele. Nesse momento, inicia-se a disputa entre os avós para ver quem o neto prefere, e a família começa a rir da briguinha de Damián e Killz.

— Então, o jantar no Bird fica para amanhã? — pergunto, quando sinto meu marido me abraçar por trás.

— Sim. Hoje, eu precisava de um truque na manga para te trazer até aqui sem que desconfiasse — ele confessa, beijando meu pescoço.

— Você me enganou direitinho. Foi por isso que veio aqui com tanta frequência, não é verdade? — Bato em seu braço de leve e ele ri em meu ouvido.

— Somente assim para você não descobrir a verdade — murmura, afastando-se de mim ao avistar a fila se formando para me dar os parabéns. — Agora aproveite a sua noite, bird.

Sou a esposa e mãe dos filhos de Austen James Knight, o implacável chefe da máfia inglesa. Eu já tinha uma família, que era meu pai, mas nossos filhos e ele, os outros Knight apenas vieram para complementar minha felicidade. Sinto-me amada de forma indescritível. Os tios, primos e pais do meu marido agora são meus. Eles são a família que escolhi para ser minha, assim como me escolheram.